

GEHENNA

THE FINAL NIGHT™

ARI MARMELL

Em Português



VAMPIRE
THE MASQUERADE

CEHENNA

THE FINAL NIGHT

AIR LAMMALR MELL



TIME OF
JUDGMENT

Ato um do Tem-
po do julgamento

vampiro: A máscara ficção da white wolf

A saga das novelas de clã

Uma abrangente e cronológica coleção de catorze volumes da Série de Novelas do Clã de grande sucesso. Inclui material novo.

Volume 1: The Fall of Atlanta (A Queda de Atlânta) – prefácio por Stewart Wieck; material novo por Philippe Boulle

Volume 2: The Eye of Gehenna (O Olho da Gehenna) – prefácio por Eric Griffin; material novo por Stefan Petrucha

Volume 3: Bloody September (Setembro Sangrento) – prefácio por Anna Branscome; material novo por Lucien Soulban (vindouro)

Volume 4: End Game (Desfecho) – prefácio por Gherbod Fleming; material novo por Janet Trautvetter (vindouro)

A trilogia vampírica da era vitoriana

A Morbid Initiation (Uma Iniciação Mórbida) – por Philippe Boulle

The Madness of Priests (A Loucura dos Padres) – por Philippe Boulle

The Wounded King (O Rei Ferido) – por Philippe Boulle

A trilogia do clã tremere

Widow's Walk (A Caminhada da Viúva) – por Eric Griffin

Widow's Weeds (As Ervas da Viúva) – por Eric Griffin

Widow's Might (O Poder da Viúva) – por Eric Griffin

A trilogia do clã Lasombra

Shards (Cacos) – por Bruce Baugh

Shadows (Sombras) – por Bruce Baugh

Sacrifices (Sacrifícios) – por Bruce Baugh

A trilogia do clã Brujah

Slave Ring (Argola de Escravo) – por Tim Dedopulos

The Overseer (O Supervisor) – por Tim Dedopulos

The Puppet-Masters (Os Marionetistas) – por Tim Dedopulos

A série de novelas do clã da idade das trevas

Dark Ages (Idade das Trevas): Nosferatu – por Gherbod Fleming

Dark Ages (Idade das Trevas): Assamite (Assamita) – por Stefan Petrucha

Dark Ages (Idade das Trevas): Cappadocian (Capadócio) – por Andrew Bates

Dark Ages (Idade das Trevas): Setite (Setita) – por Kathleen Ryan

Dark Ages (Idade das Trevas): Lasombra – por David Niall Wilson

Dark Ages (Idade das Trevas): Ravnos – por Sarah Roark

Dark Ages (Idade das Trevas): Malkavian – por Ellen Porter Kiley

Dark Ages (Idade das Trevas): Brujah – por Myranda Kalis

Dark Ages (Idade das Trevas): Toreador – por Janet Trautvetter

Dark Ages (Idade das Trevas): Gangrel – por Tim Waggoner (vindouro)

Dark Ages (Idade das Trevas): Tremere – por Sarah Roark (vindouro)

Dark Ages (Idade das Trevas): Ventrue – por Matthew McFarland (vindouro)

Dark Ages (Idade das Trevas): Tzimisce – por Myranda Kalis (vindouro)

para todos esses títulos e mais,
visite www.white-wolf.com/fiction

GEHENNA

THE FINAL NIGHT

prólogo: :
crepúsculo

7

parte um:
Anoitecer

35

parte dois:
Meia-Noite

149

parte três:
A Hora das Bruxas

235

epílogo:
AURORA

333

© 2004 White Wolf, Inc. Todos os direitos reservados.

Arte da capa por William O' Connor. Desenho do livro por Mike Chaney. Direção de arte por Richard Thomas. Revisado por Ana Balka. Estagiário de editorial: Jonathan Laden.

Nenhuma parte desse livro pode ser reproduzida ou transmitida em qualquer forma ou por quaisquer meios, eletrônico ou mecânico – incluindo foto fotocópia, gravação, postagem de Internet, mural de notícias eletrônico – ou qualquer outro armazenamento de informação e sistema de recuperação, exceto para o propósito de revisão, sem a permissão da editora.

A White Wolf está comprometida em reduzir a perda na publicação. Por essa razão, nós não permitimos nossas capas serem “arrancadas” para retornos, mas em vez disso requer que o livro inteiro seja devolvido, nos permitindo revendê-lo.

Todas as pessoas, lugares e organizações nesse livro – exceto aqueles claramente de domínio público – são fictícios, e qualquer semelhança que possa parecer existir em pessoas reais, lugares ou organizações vivas, mortas ou defuntas é puramente coincidência. A menção ou a referência de quaisquer companhias ou produtos nessas páginas não é uma provocação às marcas registradas ou direitos autorais interessados.

White Wolf, World of Darkness, Vampire the Masquerade e Vampire são marcas registradas da White Wolf Publishing, Inc. Time of Judgment, Gehenna the Final Night, Clan Novel Saga, The Fall of Atlanta, The Eye of Gehenna, Bloody September, End Game, Victorian Age Vampire, The Wounded King, A Morbid Initiation, The Madness of Priests, Clan Tremere Trilogy, Widow's Walk, Widow's Weeds, Widow's Might, Clan Lasombra Trilogy, Shards, Shadows, Sacrifices, Clan Brujah Trilogy, Slave Ring, The Overseer, The Puppet-Masters, Dark Ages Nosferatu, Dark Ages Asamite, Dark Ages Cappadocian, Dark Ages Setite, Dark Ages Lasombra, Dark Ages Ravnos, Dark Ages Malkavian, Dark Ages Brujah, Dark Ages Toreador, Dark Ages Gangrel, Dark Ages Tremere, Dark Ages Ventrue and Dark Ages Tzimisce are trademarks of White Wolf Publishing, Inc. Todos os direitos reservados.

ISBN 1-58846-855-0

Primeira Edição: Janeiro 2004

Impresso no Canada

White Wolf Publishing

1554 Litton Drive

Stone Mountain, GA 30083

www.white-wolf.com/fiction

ESSE O tempo do julgamento

Desde a as noites mais remotas, os mortos-vivos perseguem os vivos, se alimentando de seu sangue para sobreviver. De acordo com as mais antigas histórias, esses vampiros descendem de Caim, o primeiro assassino Bíblico. Transmitindo sua maldição quando eles escolhem recriar outro, os Cainitas se tornaram uma cultura parasita existindo nas sombras da história. Nas noites modernas, eles espreitam despercebidos entre o rebanho mortal, formando seus próprios sectos e sociedades. Por séculos, a maior delas – a Camarilla – impôs a Máscara, uma grande tradição impondo sigilo e discrição sobre os mortos-vivos. Até o Sabá, o outro grande secto, construiu os preceitos da supremacia vampírica, impondo sua própria versão da Máscara, para que o rebanho mortal não se levante e destrua as parasitas entre ele.

Mas ameaças maiores emergem no horizonte para os mortos-vivos. As mesmas histórias que contam a Maldição de Caim também falam desse retorno, e dos Antediluvianos, os antigos vampiros que ele gerou primeiro e que se levantarão para consumir os novos. O *Livro de Nod*, o mais célebre de todos os textos vampíricos antigos, chama esse terrível tempo de Gehenna, e estabelece sinais que irão pressagiar sua vinda, sinais que muitos dizem terem se tornado verdade.

Essas são as Noites Finais e, por fim, o julgamento está perto.

uma questão de perspectiva

Cada ato da trilogia do **Tempo do Julgamento** adota o ponto de vista da criatura sobrenatural cuja história ele conta. Leitores astutos irão notar sinais e pequenas referências à mundos sobrenaturais maiores, mas a maioria dos vampiros, lobisomens, e até magos encontram sua atenção atraída para seus próprios problemas nesses terríveis últimos dias. Deste modo, os três atos dessa trilogia são mais parecidos à três facetas de um acontecimento maior do que as seções sequenciais de um único conto. Cada um se baseia nos outros, mas conta sua própria história.

ADVERTÊNCIA

Devido ao desejo de fãs brasileiros em obter materiais de Mundo das Trevas não traduzidos para a língua portuguesa e não haver previsão alguma deste livro ser publicado no Brasil e em língua portuguesa, decidimos por iniciativa própria efetuar a tradução do conteúdo do Gehenna - The Final Night e usando as suas artes originais, assim atendendo ao anseio de jogadores brasileiros.

Todavia, recomendamos fortemente àqueles que conseguirem uma cópia deste arquivo que venham a adquirir o produto original referente ao livro Gehenna - The Final Night, seja impresso ou em PDF, de forma a garantir a devida remuneração dos autores e produtores envolvidos nesta publicação.

Dito isto, gostaríamos de utilizar um parágrafo utilizado pela Equipe do Nação Garou Traduções Livres a qual consideramos muito pertinente ao caso, a qual é:

“Este material foi elaborado por fãs e é destinado a fãs, sendo assim, ele deve ser removido de seu computador em até 24hs, exceto no caso de você possuir o material original (pdf registrado ou livro físico). Sua impressão e/ou venda são expressamente proibidas. Os direitos autorais estão preservados e destacados no material. Não trabalhamos no anonimato e estamos abertos a qualquer protesto dos proprietários dos direitos caso o conteúdo os desagrade. No entanto, não nos responsabilizamos pelo mal uso do arquivo ou qualquer espécie de adulteração por parte de terceiros.”

Equipe do RPG Pará Traduções Livres

www.rpgpara.com

Contato: rpgpara@hotmail.com

Página no Facebook: <https://www.facebook.com/portallrpgpara>
(Nosso 2º trabalho, concluído em ????.2015)

prólogo: crepúsculo

*Silêncio! Escute o grito do corvo!
A tranquilidade do vento se levantando na rua
as torres escondem
a escuridão do dia.*

*Quando os sonhos do Lasombra se tornam verdade
no dia quando a lua passa como sangue
e o sol surge negro no céu,
este é o dia dos Amaldiçoados,
quando os filhos de Caim irão se levantar novamente.*

*E o mundo se tornará frio
e coisas impuras ferverão do solo
grandes tempestades irão se aproximar, raios irão acender
fogos, animais irão se corromper e seus corpos,
torcidos, irão cair.*

– O Livro de Nod, “A Crônica dos Segredos”



Montanhas Taurus

Sul-Sudoeste de Kayseri (e Monte Ercires), Turquia

E no topo de todo o resto, estava quente.

Não deveria estar. Nessa hora da noite, a temperatura nas montanhas e no deserto cercando-os teria caído substancialmente. Embora, hoje a noite, o calor aderiu obstinadamente nas encostas, se recusando a deixar o sol poente levá-lo para baixo, e os ventos do deserto obtiveram sucesso apenas em empurrar este calor em volta nos bolsões de ar quente, em vez de dispersar-os complos completamente.

O calor fez de uma tarefa já difícil muito mais desconfortável, e Beckett tirou um momento de suas preparações para olhar com desconfiança em alguém em particular.

Beckett realmente não se destacaria em uma multidão. Cabelo castanho só um pouco maior do que era atualmente em voga, calça jeans marrom, uma camisa branca de brim que não estava abotoada no momento, botas de caminhada e uma mochila quase grande o suficiente para esmagar um homem que tenha tentado colocá-la no ângulo errado. Sobre a única característica verdadeiramente incomum, eram os óculos escuros que ele usava mesmo tarde da noite, um chamariz que nunca teria usado se eles não tivessem servido à um propósito muito específico de esconder seus olhos inumanos de observadores mortais. Por razões similares, ele usou um par de luvas para ocultar os pelos crespos e as unhas grossas que marcaram suas mãos, um legado adicional da herança bestial de seu sangue.

Mesmo assim, com essas esquisitices à parte, ele procurou em grande parte como um andarilho, talvez um europeu viajando pelo globo para “se encontrar”. Na realidade, Beckett sabia exatamente onde ele estava. Ele estava, de fato, viajando pelo globo para encontrar algo – ou, no mais recente passado, *alguém* – mais.

O vento que estava fazendo tal pobre tarefa de resfriar a área estava se provando bem mais eficiente em levantar a sujeira e areia que cobriu a encosta rasa na qual ele se encontrava. Beckett havia abandonado o jipe que ele tinha comprado como excedente do militar turco – o que provavelmente tornou ele excedente do russo se alguém seguiu seu pedigree o suficientemente de volta – à alguns quilômetros atrás. Até um tração nas quatro rodas em ótimo estado teria se provado incapaz de escalar alguns dos declives que Beckett foi forçado a atravessar em sua rota, e o jipe estava um pouco distante do ótimo estado. Ele sabia que não havia a mínima

hipótese dele poder finalizar o que ele precisava fazer e ainda retornar à civilização antes do nascer do sol, mas ele também conhecia a área. Não seria difícil de encontrar uma caverna profunda o suficiente para se abrigar da inconveniência letal que era o sol. Claro que, em uma emergência, Beckett não iria *precisar* de abrigo; apenas um pedaço de terra profundo o suficiente para ele afundar dentro – isto era um dos benefícios de seu particular pedigree morto-vivo, e uma troca justa pelas características inumanas. Ainda assim, ele teria que deixar todo o seu equipamento do lado de fora a céu aberto, e embora a chance de qualquer um passar era remota, era um risco que ele preferivelmente não tomaria.

Embora, agora mesmo, ele tinha uma caverna completamente diferente em mente. Ele não havia retornado à ela a alguns anos, mas a rota era indelevelmente gracada dentro de sua mente. Ele provavelmente a teria encontrado com seus olhos fechados.

O vento diminuiu à medida que ele se aproximou dela, mas uma olhada para trás mostrou que ele estava soprando tão fortemente como nunca a apenas alguns metros distante. O lugar por si só pareceu de alguma forma ignorar o pior da fúria da natureza.

“Bem,” disse Beckett ao mundo em geral, “isto é conveniente”.

Ele parou por um momento

“Eu *realmente* não confio no conveniente.”

Por vários longos momentos, Beckett permaneceu imóvel – bem mais do que qualquer mortal teria conseguido – e deixou a visão à frente dele se queimar em sua mente, sobrepondo vívidas memórias com a atual realidade.

Ela não tinha mudado. Ele olhou para uma entrada de caverna que estava escancarada na encosta como a boca de alguma grande fera; teria Zeus enterrado os monstruoso Tifão debaixo desse monte, em vez do Monte Etna, isto poderia ter explicado uma boca como essa. Uma dúzia de pessoas em pé ombro com ombro teria caminhado para dentro sem tocar sequer na parede. Em um ponto no passado distante, elas teriam caminhado de olhos vendados, e estarem certos do chão liso e plano debaixo deles, mas até esse lugar não era totalmente imune ao passar dos anos, e as rochas e outros escombros agora se apresentam como obstáculos para a fácil pisada.

A partir daqui, um mortal possivelmente não conseguiria fazer uma escrita antiga através da borda da caverna. Ela era muito pequena, muito desgastada pelos séculos de areia levantada pelo

pelo vento. Beckett, entretanto, pôde lê-lo tão claramente quanto se ele estivesse de pé bem do lado dela na noite que ela havia aparecido.

De acordo com a lenda, nenhuma mão, humana ou diferente, entalhou essas palavras, palavras em uma língua que alguns vivos (ou mortos-vivos) poderiam ler. Palavras que haviam aparecido, esculpidas na pedra, mesmo quando o mestre ancião desse lugar falou deles.

Deixe nenhuma criança de Caim sequer sair através dessa passagem. Deixe nenhum filho de Seth entrar.

Beckett ficou de pé, como fizera várias vezes antes, na entrada para a Kaymakli, antiga cidade – e antiga tumba – de um clã a muito morto.

Mas dessa vez, ele pretendeu fazer mais do que apenas ficar de pé. Dessa vez, pelo bem de um vampiro chamado Okulos, um amigo – ou um companheiro tão próximo para ser um amigo quanto a natureza da Família permitiria – que ele desafiaria o poder de um Antediluviano despertado.

Assumindo que ele estava maluco o suficiente para na verdade seguir em frente com isto.

Um Ano Antes

Biblioteca Princesa Caroline

Mônaco

Beckett não estava especialmente contente em estar em Mônaco. O país inteiro sempre parece como uma extensa armadilha para turista para ele. Não havia nada à explorar, nenhum profundo segredo cultural para desenterrar. Oh, certamente a história da nação remonta centenas e até milhares de anos, desde seu assentamento pelos Fenícios, mas a Família teve muito pouca participação nisto, e isto sempre foi a primeira inquietação de Beckett.

Além do mais, a maioria das pessoas lá falava Francês.

Mas isto era onde Samir morava, e que era onde Samir queria se encontrar. Portanto este foi onde eles se encontraram.

Muhsin Samir – certamente não é seu real nome – nasceu em Moroccan, e certamente nunca pode ir para casa novamente. Ele era Tremere, um feiticeiro assim como um vampiro, e isto fez

dele mais do que um pouco impopular entre o clã Assamita que manteve um pouco de influência em Marrocos.

Ele também era um antigo associado de Beckett que estava desejando trocar informação, pelo menos quando ele podia assim fazer sem interferir com os interesses Tremere. Beckett havia ido com ele mais de uma vez sobre assuntos taumatúrgicos e arcanos, por enquanto o próprio Beckett tinha um maior domínio da magia de sangue do que a maioria, ainda fraco do lado do conhecimento de um verdadeiro estudante do oculto.

Samir providenciou o encontro, não em algum hotel caro ou casino como o Monte Carlo, como Beckett esperava, mas na Biblioteca Princesa Caroline, muito conhecida por sua especialização em literatura para crianças.

“Porque não parecerá incomum para nós estar negociando tomos”, o Tremere, vestido de Levis Americano e uma antiga camiseta do Garth Brooks, disse em resposta à pergunta espontânea de Beckett. Ele parou distante o suficiente para sair da frente enquanto um bando de crianças arrumadas passou por eles devagar o suficiente para a equipe não gritar para eles parar de correr. As crianças claramente tinham pelo menos mais uma parada que eles sentiam que tinha que fazer antes da biblioteca fechar. “E por causa disto, nos dá apenas uma pequena quantidade de tempo para fazer nossa troca, e assim evita qualquer renegociação de última hora”.

Beckett olhou com desconfiança, mas escolheu deixar o insulto implícito passar sem comentários. Ao invés disto, ele enterrou uma mão dentro da bolsa que ele carregava a seu lado – uma que não foi fácil passar pela nova segurança da biblioteca – e removeu um livro. A capa era de couro muito espesso, rachado em vários pontos mas fora isso em condição relativamente boa.

“Você não me disse”, rosnou Beckett, puxando o livro de volta para fora do alcance enquanto Samir o pegava, “que os donos anteriores estavam atrás do objeto de forma tão veemente para me fazer desistir disto”.

“Isto é um tomo sobre magia Hermética, Beckett. O que você esperava?”

“Eu esperava achar o templo abandonado, já que alguém, que deve permanecer sem nome, me disse que estaria. Eu não esperava ter que cortar meu caminho através de um mago Hermético enquanto o resto da sua capela tentava trazer o teto abaixo sobre mim, bater no meu carro ou se não explodir minha cabeça com suas várias e diversas rimas do inferno!”

“Você sabe muito bem que encantamentos Herméticos não rimam, Beckett.”

“Você quer essa droga de livro ou não?”

“O linguajar, Beckett! Há crianças presentes”. Então, quando a narina de seu acompanhante surpreendentemente se alargou, Samir decidiu que era hora de parar de brincar com seu convidado. “Tudo bem, Beckett. Você tem minhas sinceras desculpas. Eu honestamente acreditei que o templo *estava* abandonado. Eu não sabia que a ordem estava tentando recuperar os textos até você já ter estado fora de contato. Agora, eu posso por favor ficar o livro?”

Um outro momento de hesitação, e então Beckett finalmente entregou a recompensa. “Para que você quer isso, afinal? Eu pensava que vocês Tremere já tinham a coleção Hermética inteira”.

“Ah, não. Ainda existem segredos que nós não – bem, isto não importa. Nós queríamos, e você entregou. Obrigado.”

“Não me agradeça. Apenas cumpra a sua parte do acordo.”

Samir olhou de relance em volta para garantir que nenhuma criança curiosa – ou adulto – estivesse nas proximidades. “Beckett,” ele sussurrou, e toda insinuação de brincadeira se foi de sua voz, “isto me levou anos para dessenterrar esse ritual. É antigo, mais velho do que a maioria de meu clã. Não quero dizer nenhuma ofensa com isso – você é consideravelmente habilidoso para alguém que não devotou sua existência aos mistérios – mas eu tenho sérias dúvidas de que você tenha o poder ou experiência necessária para invocar esse rito”.

Beckett aproximou-se para frente, como se preparando para dividir algum grande segredo com o Feiticeiro. “Samir...”

“Sim?”

“Eu duvido, também”. Então, ele sorriu forçadamente, um riso forçado com pouco humor nele. “Acho que eu irei descobrir com certeza.”

O Tremere pode somente balançar sua cabeça. “Como você desejar. Venha comigo para fora. Os materiais estão em meu carro.”

O Presente

As Montanhas Taurus

Sul-Sudoeste de Kayseri (e Monte Ercires), Turquia

E agora que estava aqui, de pé na beira do aprisionamento eterno, olhando para baixo da boca de uma caverna e após uma barreira invisível que aprisionou sabe lá Deus quantos Membros –

incluindo dois dos companheiros de Beckett. Isto o levou a quase um ano após receber o ritual de Samir para reunir os componentes necessários. (Não era como se o sangue de lobisomem ou uma chave entalhada por alguém do povo justo fosse fácil de encontrar – e aqueles que não eram até os itens mais raros na lista). Claramente, Samir não estava exagerando sobre tanto a era quanto o poder do ritual que Beckett contemplava. O rito tinha certamente sido criado em uma era quando a magia e o mundo eram bem diferente do que eles são agora.

Beckett deu uma olhada em seu relógio. Ele precisava pelo menos de uma hora pra preparar o ritual, outras três para executá-lo. E até assumindo que isto funcionou, ele não tinha o menor indício de quanto tempo isto levaria para ele explorar o que estava além; noites, provavelmente.

Ele tinha apenas tempo suficiente antes do amanhecer para derrubar a barreira, se ele abriu caminho.

Então ele iria abrir caminho.

A mochila caiu no chão com um baque abafado, levantando uma nuvem rolante de poeira e areia em todas as direções. De dentro, Beckett puxou duas sacolas menores, armazenadas dentro da primeira para manter seu equipamento mundano separado de suas outras e mais esotéricas posses.

Na primeira sacola, a mesma bolsa de ombro na qual ele teria carregado o tomo de Samir, estava todo o equipamento a ser esperado de um arqueologista e explorador: um conjunto de ferramentas de precisão minúscula, de pinças a cinzeis a papel e lápis de cera para fazer polimentos; uma antiga Colt .45 da II Guerra Mundial com quatro carregadores extras preparados (Beckett tinha meios bem mais efetivos de lidar com qualquer Membro que se coloque em seu caminho, e ele nunca foi particularmente afeiçoado com armas de fogo, mas quando se trata de lidar com mortais hostis em grandes quantidades, ele ainda acharia nada melhor do que se levar a mover em altas, bem altas velocidades); uma lanterna pesada e vários sinais luminosos (Beckett podia ver no escuro, mas simplesmente desenvolveu o hábito de carregá-los); uma câmera de visão noturna, para que ele possa tirar fotos de quaisquer achados valiosos ou informativos sem expô-los à luz um flash; um avançado leitor de GPS, capaz de dizer ao usuário sua posição precisa (um dispositivo que Beckett *realmente* desejou que

ele, e mais apropriadamente seus companheiros tivessem trazido com eles da última vez); uma pá – não na sacola, mas atada à ela – com a extremidade do cabo partida, aparentemente devido ao forte uso (que o quebrado deu ao cabo de madeira uma extremidade particularmente pontuda não era, entretanto, coincidência). Em um tributo bem grotesco para a preparação, Beckett também incluiu uma isolada garrafa térmica cheia com algum AB-negativo fresco, algo que alguns outros arqueologistas teriam alguma utilidade. Tudo isso ele levaria com ele através da boca da caverna, assumindo que ele decidiu, quando se sentir ameaçado, que ele teria bolas suficiente e senso comum insuficiente – para dar este passo fatal.

O conteúdo da outra sacola seria, é claro, deixado para trás – aqueles que não seriam consumidos pelo ritual, de qualquer forma.

Assumindo que ele poderia fazer o ritual funcionar.

Assumindo que o ritual não consumiria *ele*.

Assumindo – *ah, foda-se. Hora de parar de assumir, Beckett, ele pensou obstinadamente. Faça a aposta ou vá para casa.*

Com tanto precisão quanto qualquer cirurgião, Beckett começou – usando o osso do dedo indicador de uma mão que foi cortada de seu dono como punição por roubar, no tempo quando tal coisa era prática comum – a desenhar símbolos na sujeira. Velas (nem todas feitas de cera) e até ingredientes mais peculiares seguiriam, e após isto...

Após isto, era hora para descarregar suas habilidades mágicas contra um vigia colocado no lugar pelo próprio Capadócio, um dos treze antepassados da inteira raça de Membros. E essas habilidades foram de repente começando a parecer bem, bem limitadas.

As Montanhas Taurus

Sul-Sudoeste de Kayseri (e Monte Ercires), Turquia

Beckett não precisava realmente de oxigênio (falar no entanto) por quase trescentos anos até agora, já os instintos a muito dormentes mas não totalmente expurgados levou ele a arfar com esforço. Nas profundezas de sua alma (ou qualquer coisa que passou

por ela nessas noites) ele já podia sentir o sol começando a se arrastar por seu caminho, a passos largos, ao longo do horizonte. O amanhecer estava a menos de uma hora de distância.

Em volta dele estão espalhados os remanescentes de seu ritual. Poças de cera, derretidas e deixadas para secar mais uma vez, formaram estranhos padrões na areia. Os ventos que surgiram de repente mais ou menos através de seu lançamento (e ele ainda esperou que aqueles eram sinais de sucesso, e não ocorrências aleatórias que podem bem ter interrompido sua concentração em um momento crucial) obliteraram completamente os sinais que ele havia tão cuidadosamente desenhado na poeira. O sangue lupino se foi, absorvido pela rocha sólida contra o que ele havia ritualisticamente respingado; a chave forjada pela fada estava enterrada no fundo, a areia sobre ela manchou de um profundo vermelho-amarronzado como se tivesse se enferrujado. O próprio Beckett estava revestido de um brilho de suor de sangue, sua outra camisa branca rebocada em seu peito e já começando a secar e se quebrar. Isto cheirava mal, quase contaminado, como se alguma coisa não natural (até mais não naturais do que o próprio Beckett) tivesse invadido seus sistema.

Já para todo o vento, para todo o sangue, para todos os acontecimentos estranhos e peculiaridades bizarras, ele não viu sinal de que o ritual havia sido um sucesso. Francamente, ele não teria esperado mais. Partes do ritual foram escritas em idiomas que ele ainda não tinha reconhecido, quanto mais compreendido. Samir foi bom o suficiente por fornecer notas fonéticas para que Beckett pudesse pelo menos tropeçar nos movimentos, mas não era substituto para o atual conhecimento para o que diabos ele estava fazendo.

Ainda assim, não obstante à seu prévio pessimismo, Beckett não podia ajudar, mas sentir um agudo desapontamento. Okulos foi um bom companheiro, um dos poucos nos vários séculos que Beckett pode chamar de amigo. Ele poderia muito bem ser destruído, ou pelo menos em torpor, mas Beckett tinha se sentido obrigado a fazer pelo menos mais um combinado esforço em manter sua promessa, de achar uma forma para seu amigo escapar de uma armadilha armada a séculos atrás por um semideus morto.

“Me desculpe, meu amigo.” Esta foi a primeira vez em algum tempo que Beckett havia pedido desculpas. Foi a primeira vez há mais tempo ainda que ele queria dizer isso. Ele se abaixou para coletar os poucos componentes ocultos que podiam ser recuperáveis, determinado a pelo menos não deixar alguma evidência de sua presença.

Quando seus dedos varreram sobre o lugar em cor de ferrugem sobre as areias, ele sentiu como se um vulcão tivesse brotado da terra – através dele. Uma explosão de poder do tipo que Beckett nunca havia sentido literalmente ter levantado ele de seus pés e o arremessado por uma meia dúzia de metros de volta para a entrada da caverna. Beckett não pôde imediatamente tentar determinar o que havia acontecido; ele estava muito ocupado lutando com a fera dentro dele, a qual pareceu determinada a levá-lo tanto para um frenesi de sangue quanto um precipitado vôo instintivo do seu lugar e qualquer coisa que lembrou ele disto. Beckett havia feito uma vez uma quantidade considerável de sua viagem na companhia de uma mulher chamada Lucita. Uma anciã no sangue e uma renegada para muitos de seus companheiros, ela havia contado à ele histórias do Sabá, e de como eles “persuadiram” a saída da informação daqueles relutantes a dá-la. Ela ficou particularmente impressionado, de uma forma perturbadora, com a criatividade de um inquisidor que tinha desenvolvido um sistema envolvendo alfinetes escaldantes, água com açúcar e uma inteira colônia de formigas de fogo. Nessa época, Beckett não podia imaginar que ser simultaneamente queimado e consumido por dentro poderia possivelmente se sentir assim.

Agora ele sabia.

Ele também sabia, entretanto, que se ele ficasse desvairado agora, ou sucumbido ao medo vermelho, ele não poderia ter a presença de mente para localizar um apropriado abrigo do sol. Ele queria escapar da dor, enquanto a Fera agia, mas não ao se imolar e se tornar-se um com o deserto.

Ele não havia ficado tão focado em superar sua própria dor, e sua própria perturbação interna, que ele pôde ver as paredes de pedra da caverna antes dele *se ondular*, como se elas fossem nada além de uma aquarela pintada no vento. Ele pôde ver as runas gravadas neste brilho de pedra com uma luz vermelha brilhantes que possivelmente não poderia vir de qualquer reação natural ou processo – e então sumir de vista, seus antigos poderes finalmente despedaçados.

Mas ele não ficou. E então foi somente quando ele se pegou mais uma vez sob controle, quando ele parou de ver o mundo em volta dele através de uma névoa vermelha, que ele olhou sobre a face da caverna – e ele *sabia*. De alguma forma, contra todas as esperanças, contra todas as lógicas, ele tinha feito. O vigia caiu.

Beckett desejou que ele pudesse ter tempo para confirmar, apesar de sua certeza. Exames com sentidos aumentado e até sobrenaturais, rituais taumatúrgicos...

Mas ele não fez alguma dessas coisas. Com a fadiga do amanhecer já rastejando sobre ele, e o sol espreitando tão próximo do horizonte leste que as nuvens estavam ficando rosas, Beckett se mexeu para juntar seu equipamento e mergulhou nas bem vindas sombras de Kaymakli exatamente antes do repouso assolá-lo.

Em outro lugar...

Acima de Kaymakli, a Estrelha Vermelha brilhou.

O vigia desmoronou, e enquanto caía, ele provocou uma explosão invisível de poder que transbordou para fora como uma onda de choque.

A Estrela Vermelha brilhou, e debaixo dela barreiras enfraqueceram. A Estrela Vermelha brilhou, uma luz infernal no fim de um túnel bem longo.

A queda da barreira do Capadócio ecoou sobre as montanhas e os desertos da Turquia, em direção do Oriente e do Oriente Médio.

Em algum lugar, muito abaixo das areias em uma caverna que somente existiu parcialmente em qualquer mundo humano ou mentes dos Membros que pudessem compreender, os ecos perturbaram os sonhos de algo que tinha repousado desde que o mundo era jovem.

Ele tinha se mexido antes, essa coisa impossível, essa relíquia do antigo que monstros temiam. Se mexido – mas nunca antes acordado.

Ele acordou agora. Ele acordou para um mundo de inconsciência, ciente de nada, ver nada, sentir nada.

Nada além de uma fome tão devoradora, tão penetrante que nada podia possivelmente existir do lado de fora dele – para qualquer coisa que fosse, fosse apenas para ser consumida.

Fome... e um único e racional pensamento, expressado em condições impossíveis de compreender, de um tempo quando o idioma não existia.

Imprecisamente traduzido para conceitos mortais, ele era simplesmente:

Chegou o momento.

E acima disto tudo, a Estrela Vermelha brilhou.

Kaymakli

Sob as Montanhas Taurus

Leste da Turquia

No escurecido corredor de entrada da grande cidade subterrânea de Kaymakli, protegida do olhar abrasador do sol, Beckett sonhou...

Ele se levantou, não dentro da caverna, mas mais uma vez do lado de fora dela. A algumas centenas de metros distante, seus rotores tendo finalmente variado para uma completa pausa, era o helicóptero das Indústrias Bell – o mesmo modelo vendido para militares e forças policiais através do globo, embora faltando muitas das mais interessantes modificações ofensivas dessas agências – que tinha trazido eles até aqui.

Nesta estranha percepção parcial que tão frequente chega aos sonhadores, Beckett desejou que ele tivesse tal meio de transporte, ou a habilidade de pilotá-lo, para essa visita. Ele também tinha a presença da mente para se perguntar de onde veio o sonho, desde que ele estava quase certo de que ele não tinha sonhado desde quando ele era um mortal.

Ele não estava sozinho, um fato para o qual ele estava profundamente agradecido. Isso – isso podia bem ser a maior descoberta arqueológica, pelo menos de uma perspectiva dos Membros, da era moderna. Beckett estava contente de ter companheiros valiosos com quem dividir isto; algumas coisas estavam simplesmente muito grandes até para ele. Não havia mortais para serem vistos por quilômetros, portanto os dois Nosferatu que viajaram com Beckett a muito tempo deixaram cair as máscaras ilusórias de humanidade que muitos de seu clã vestiam para esconder suas características monstruosas.

Korena, filha de Okulos e desta maneira, de algum modo, afilhada de Beckett, não pôde reprimir um suspiro de deleite enquanto ela traduzia as palavras que ressoavam da boca da caverna. “É realmente isto, não é?” Ela tinha em sua voz o tom de uma criança que tinha apenas recebido a única coisa que ela na realidade queria de aniversário ou Natal. “Essa é a entrada para Kaymakli.”

“Se não for,” Okulos disse à ela com uma piscada de lado para Beckett, “é a imitação mais habilidosa que eu já tenha visto.”

“Sem mencionar o maior,” Beckett adicionou.

Por centenas de anos os filhos de Caim têm procurado por esse lugar, falado em algumas das mais assustadoras das suas lendas, mas também uma fonte de grande conhecimento – e possivelmente grande poder. Pois se essas lendas forem verdadeiras, literalmente milhares de vampiros foram aprisionados atrás da guarda de seus progenitores. Embora muitos tiveram asseguradamente encontrado suas mortes finais, muitos outros podem ainda estarem em torpor, esperando apenas ávidos estudantes do passado para despertá-los – ou ávidos diableristas para drenar as almas de suas cascas já sem sangue.

Qualquer um que fez até o exame mais superficial da história de Kaymakli, sua cidade irmã Derinkuyu e o clã Capadóciós que foi senhor de ambos, sabia a localização aproximada da cidade escondida. (Claro que, isto por si só era problemático, desde que alguns Membros no mundo sabiam o suficiente de tanto dessas cidades quanto dos Capadóciós para até começar tal pesquisa, mas Beckett e seus companheiros entraram em círculos bem seletos). Embora, de alguma forma, ninguém havia sequer obtido sucesso em localizar a entrada.

“Ou pelo menos,” Okulus havia comentado à Beckett numa noite, “ninguém nunca relatou ter encontrado ela. É provável que vários Membros estejam andando por aí com esse conhecimento, mas nenhuma noção de como usá-lo. Ainda é provável que alguns dos Membros capturados pela sentinela sejam os inquilinos mais recentes do que os próprios Capadóciós.”

Eles tinham determinado que eles não iriam ser tão descuidados. Anos de pesquisa finalmente renderam a pista que os levaria à Kaymakli – escondida em um diferente manuscrito comum por um demente vampírico que havia vagado pelo Oriente Próximo e Médio alegando ser a reencarnação de uma das esposas de Muhammad – fazendo um registro detalhado de suas viagens – e então saltou impetuosamente para dentro de uma fogueira, supostamente para queimar seu exterior masculino e revelar a mulher por debaixo. Apesar da excitação ter se exaltado dentro deles todos, eles decidiram que sua primeira expedição serviria apenas para confirmar a localização da caverna, e para estudar a entrada e – se possível – a própria sentinela. Beckett tinha uma ideia, selecionada de outros relatos, para saber exatamente o quão longe dentro da caverna alguém poderia chegar antes de passar pela barreira mística. (“Não muito,” foi a conclusão geral). Eles esperavam encontrar meios de testá-la sem se colocar em perigo.

Agora que eles estavam aqui, é claro, era bem mais tentador se joga-

rem para a tarefa, aprender tudo que eles pudessem e malditos sejam os riscos, mas eles mantiveram um nível de calma profissional.

“Okulos,” Beckett disse à ele, “por que você e Korenna não examinam a boca da caverna sozinhos? Eu vou pegar algumas medidas externas.”

“Bem... Sim, Beckett, como você desejar.”

O quê? Não! O eu de Beckett de repente ficou confuso. Não foi assim que isto aconteceu! Okulos tinha insistido em ser aquele a examinar a boca da caverna, Beckett nunca quis...

Ele tinha se colocar a medir a densidade, e adivinhar a idade e a composição mineral, da face rochosa em volta quando ele foi interrompido por um par de gritos. O primeiro foi feminino, agudo, um estridente choro de insuportável agonia que foi silenciado tão abruptamente quanto ele tinha começado. O segundo foi masculino, profundo, um lamento de perda, e continuou bem além do ponto onde o outro tinha cessado até para o eco.

Quando Beckett correu de volta para a escada para dentro da caverna, focando o poder do sangue através de seus olhos, então ele pode ver claramente dentro do abismo escurecido, somente uma única figura, uma mão ainda levantada em um gesto inútil, ficou.

“Beckett...” Okulos engasgou, sua voz quase um soluço. “Korenna se foi” Você deve ter calculado mal a localização da barreira, Beckett! Minha filha está morta! Eu fui pego! E isto é sua culpa!”

Novamente, o eu de Beckett gritou em silencioso protesto. Seus cálculos não estavam em questão! E ele nunca tinha afirmado que eles eram precisos o suficiente para uso como uma maldita medida! Os Nosferatu tinham ficado descuidados com sua excitação, interpretaram mal sua localização na pálida luz de suas lanternas. Ninguém, Okulos incluído, nunca tinha culpado Beckett por isto! Não tinha sido sua culpa afinal!

Mas no sonho, Beckett se afastou da entrada, retirou um caderno de frases transcritas e cálculos – cálculos que mostravam marcas sutis de recente apagamento e reescrita – e exultou.

Kaymakli, sob as Montanhas Taurus Leste da Turquia

Beckett não era um grande fã o suficiente de clichês para se permitir acordar, gritando e sentando ereto, de um pesadelo como este. Ainda assim, a emoção foi tão poderosa que ele por muito pouco mudou diretamente do repouso diurno para o frenesi enfurecido, e apenas conseguir recuperar o controle através de um supremo ato de vontade. Quando sua visão mais uma vez se clareou, ele olhou de relance nos regatos de sangue que escorriam em seus braços de seus punhos cerrados. Sua ancestralidade Gangrel tinha suas vantagens, mas ela tinha suas desvantagens também – a principal delas era a tendência infeliz de adotar características animais quando eles entravam em frenesi muitas vezes.

Esta é a segunda em duas noites que você quase perdeu o controle, Beckett. A não ser que você queira se encontrar parecendo como um Marmaduke, é melhor você se controlar.

Uma rápida esmurrada de sua garra térmica acalmou seus nervos, embora isto tenha sido algo de um esforço para não drenar o recipiente. Ele sentiu um formigamento em seus olhos enquanto seu corpo focava o poder do sangue dentro dele. Instantaneamente, a sólida escuridão em volta dele desvaneceu como uma suave névoa, então Beckett pôde ver. Ele sabia que os outros olhos de Gangrel brilhavam quando eles faziam uso de sua visão noturna sobrenatural; os seus próprios permaneceram desta maneira constantemente. Sob a maioria das condições ele ficaria preocupado de que isso permitiria outros de localizá-lo se aproximando no escuro, mas esta foi outra razão para que ele trouxesse os óculos escuros aparentemente supérfluos. Com eles, o brilho em seus olhos foi abafado até próximo a invisibilidade, ele ainda podia claramente ver seus arredores

Rochas. Paredes de pedra. Um teto cavernoso acima. O piso de um corredor que, enquanto provavelmente ocorrer naturalmente, tinha claramente sido nivelado por meios artificiais.

Em suma, não a mais dramática primeira vista de talvez o maior achando de sua existência.

Um exame mais aprofundado revelou que o que ele inicialmente levaria para soltar rochas consistidas ao menos parcialmente de ossos. Quase todos de porcos, mas alguns de cachorro, ovelha e até um único esqueleto humano.

Beckett sorriu tristemente. Okulos era um maníaco por limpeza sobre a maioria das coisas, mas ele sempre foi um comedor

desleixado. Beckett tinha retornado para Kaymakli regularmente por meses após Okulos ter sido primeiro preso dentro, trazendo animais de alimentação para seu amigo aprisionado. Ele teria somente parado quando Okulos parou de aparecer no túnel para reivindicá-los.

Seu amigo podia estar verdadeiramente morto. Mas apenas talvez ele deite em algum lugar, faminto em torpor mas revível, e Beckett manteria sua promessa.

Primeiro, entretanto, antes dele poder seguir adiante, ele tinha que ver se ele podia voltar.

Sua mão praticamente sacudiu com o medo instintivo de chamas do vampiro – Beckett tinha chegado muito tarde para ver Korenna imolada pelo grande selo, mas ele tinha sentido o cheiro dos traços do falecimento dela no ar. Ainda assim, de uma forma ou de outra, ele tinha que saber.

Beckett deu um passo para cima do túnel, um segundo, um terceiro...

E nada aconteceu. Apesar dele, Beckett se permitiu uma única risada de alívio para subir de sua garganta. De alguma forma, somente Deus sabia como, ele tinha realmente feito isto. A sentinela tinha caído.

Quanto ao lado de dentro, ele não esperava muito. Relatos e rumores sobre lugares como esse eram sempre exagerados. Ele previu uma pequena vila, não uma cidade espalhada, e esperou que dúzias de habitantes tivessem sido infladas, como lendas geralmente faziam, para milhares. Contudo, ele estava prestes a por os olhos em um lugar que poucos tinham visto, e menos ainda tinha sobrevivido para contar. E só talvez, ele estava prestes a encontrar seu amigo. Seus espíritos se animaram consideravelmente, Beckett progrediu a passagem abaixo.

Qualquer coisa que tenha encorajado seu aparente sucesso com a sentinela pode ter levado ele a enfraquecer rapidamente.

Começou como um frio no ar. Cavernas eram sempre naturalmente mais frias do que suas imediações, e Beckett tinha cavoucado mais do que sua parte. Certo grau de frio já era esperado. Isso era diferente. Beckett tinha ficado de pé no meio de nevascas que teriam matado um mortal em minutos, mas agora ele sentiu o frio. Não atacou a sua carne; ao invés, o sangue dentro dele pareceu esfriar, o fazendo ficar apático. Incapaz de se focar, ele deixou vários minutos de progresso passar sem examinar em volta – não sendo uma proposição sábia, tanto em termos de aprender quanto segurança pessoal. Beckett sacudiu sua cabeça violentamente, e dese-

jou enfaticamente por algo para mantê-lo focado, para distraí-lo do frio anormal.

Ele devia conhecer melhor.

Isto soou como um eco do vento soprando, carregado para baixo da passagem atrás dele por algum truque de acústica. Foi incrivelmente fraco, quase inaudível até para a sua audição inumanamente aguda. Ele não estava certo de quanto tempo ele estava escutando isto. Beckett retesou, e as pontas de seus dedos começaram a comichar enquanto seu corpo instintivamente transformou suas unhas inumanas em garras que eram sua arma mais potente.

Haviam vozes no vento.

E era claro, o suficiente, de que não era o vento afinal, para elas não mais virem simplesmente de trás, mas de todas as outras direções também. As palavras, tão abafadas e distorcidas que ele não podia sequer reconhecer o idioma, ficaram mais altas e mais indistintas como se os oradores estivessem se movendo através dele no corredor. Algumas eram masculinas, algumas femininas, e todas tinham o mesmo timbre. Os oradores, seja quem e o que eles eram, eram claramente intrigados sobre alguma coisa.

Sobre ele, talvez?

“Olá? Se você tem alguma coisa para me perguntar, pergunte-me diretamente.”

Quando nenhuma resposta veio – como ele havia esperado – ele permitiu que suas garras deslizassem para sua carne e continuou a caminhar, mais lentamente, mais cautelosamente.

Pelo menos ele não estava mais focado no frio.

A caverna se ampliou ainda mais, e Beckett viu crescer sinais de antigas habitações – aqui um pequeno nicho, quase como uma sala de algum tipo, cavado na parede; lá, uma gravura da Bíblia, especialmente o salmo noventa e um: *Ele que morou no lugar secreto do mais Alto deverá seguir sob as sombras do Todo Poderoso*.

Então a passagem se abriu para uma caverna mais larga do que qualquer uma que Beckett pudesse ter imaginado, e Beckett encarou incredulamente na maravilha subterrânea – e horror – que era Kaymakli.

As lendas, os rumores, as “exagerações” – eles eram todos verdadeiros. Lá, estendendo-se diante dele como um modelo ou um mapa, estava uma inteira cidade medieval. Edificações construídas tanto da rocha nativa quanto de madeira arrastadas da superfície ocupando vastas porções do piso da caverna; elas eram até arranjadas em blocos irregulares mas perceptíveis, permitindo um sistema de ruas e estradas que se espalham através da cidade. A

maioria estava em terrível forma, evidência de que a cidade tinha jazida abandonada a muitos anos. Mesmo daqui, Beckett podia ver a madeira apodrecida, a palha despedaçada. Mesmo essas estruturas entalhadas da rocha tinham buracos escancarados onde portas e persianas uma vez repousavam, e mostraram o desgaste e rasgo de terremotos ocasionais da região.

Nos cantos distantes da cidade, quase tão distante para a visão anormal de Beckett, encontra-se a cantaria quebrada que pode uma vez ter sido um aqueduto. Beckett podia somente assumir que os antigos habitantes tinham trazido a água de cima, armazenando-a para usar quando eles não pudessem convenientemente viajar para a superfície.

As vozes ficaram mais altas quanto Beckett progrediu para a primeira das ruas estreitas, parando nas pegadas e até trilhas de carroça que foram claramente preservadas das noites antigas. Os sons agora pareciam estar vindos de várias portas e janelas, ainda nenhum movimento acompanhado das vozes. De uma vez por todas, Beckett de repente se contorceu e investiu através de uma dessas portas escancaradas, determinado a encontrar a fonte. Ele nada achou além de uma mesa quebrada e uma nuvem de poeira que se levantou devido sua chegada ligeira.

Elas não estavam apenas mais altas, no entanto. Elas estavam começando a soar furiosas. Bem, Beckett tinha lidado com fantasmas irritados antes, e ele não ia deixá-los expulsar ele agora. Cuidadosamente observando seus pés então ele pode pegar seu caminho através das pesadas sombras das edificações, ele lentamente fez seu caminho –

Sombras?

Beckett interrompeu, se guardou inerte para um deliberado piscar de seus olhos. A caverna esta completamente escura, sem o tremeluzir de uma única estrela ou chama de vela para iluminá-la. Ele era capaz de ver somente porque uma de suas características de família como um Gangrel permitiu seus olhos perfurar até a noite absoluta. Nenhuma sombra podia possivelmente existir, para não haver luz para lançá-los nem para vê-los.

Mas até quando ele olhou novamente, elas permaneceram. Escuros e confusos reflexos, estendidos através da rua diante dele como se o próprio sol brilhasse das profundezas da caverna – tudo isso lançou imagens diante dele.

Tudo tinha uma sombra, tudo exceto Beckett.

E esta realização foi seguida por outra: as vozes que ele escutou não estavam vindo das edificações, mas das sombras das edifi-

cações.

Tão lentamente, Beckett recorreu à bolsa que ele carregava e retirou a ponderosa lanterna. Sua própria visão poderia ser mais eficiente, mas ela estava vendo coisas que claramente não podiam ser, e ele queria ver se elas ainda existiriam na “verdadeira” iluminação.

Beckett clicou para acender a luz, e o mundo ficou maluco.

O parco raio de luz de sua lanterna de alguma forma bateu nas sombras em volta, como se tivesse atingido alguma barreira refletiva, até ela brilhar de volta em seus olhos e ameaçar cegá-lo mesmo com os óculos escuros. O chão debaixo de seus pés mudou do marrom escuro que ele tinha visto com sua visão noturna para um vermelho embaciado. Não era mais sólido a não ser uma espessa lama que aderiu a suas botas, e claramente não era água a não ser inúmeros galões de sangue que saturaram o piso. O fedor sepulcral de um matadouro o assaltava, forçando seu caminho através de seu nariz apesar dele não puxar a respiração, ameaçando mais uma vez desencadear a Fera dentro dele.

Beckett se assustou, tentou se afastar da luz cegante. As vozes se ergueram em volta dele, ficando mais altas, ensurdecedoras, seus gritos agora uma mistura de fúria e pânico, chorando por misericórdia, por perdão. As figuras apenas em forma vagamente humana se desprenderam das sombras das edificações e se colidiram na estrada estreita, além de Beckett, e *através* dele, e cada uma rasgou uma lasca de sua alma. Memórias o assaltaram. Somente algumas simples eram suas, e essas foram torcidas além do reconhecimento, mais como seu sonho tinha sido.

Ele era uma jovem mulher, a apenas três anos uma Cainita. Não foi sua culpa! Ele não tinha tido tempo, não tinha tido a oportunidade para fazer alguma coisa de si mesmo! Deus, por favor, não, não o deixe aqui em baixo, não no escuro, não no...

A fúria como ele nunca tinha conhecido o inundou, concedendo força para os membros que pareciam como aquelas de um velho. Imprestável, certo? Indigno do sangue? Ele mostraria este velho bastardo arrogante, mostraria um monte deles! Com a quantidade de poder aqui em baixo, ele podia tomar, e tomar, e – e o que era esta dor repentina em seu peito, e por que El não podia se mover? Não, porra! Sua alma não sairia para se alimentar de algum jovem canalha, ela iria...

Ele era Beckett novamente, agachado ao lado do Malkavian loiro, o oráculo dos horrores que se seguiam, e ouvir mais uma de

suas ruminções sobre o Livro de nod. Apenas dessa vez, quando Anatole se afastou, fazendo algum gesto dramático ou outro, Beckett investiu em sua garganta, mandíbulas boquiabertas...

Ele era ninguém, ele não podia se lembra de nenhum nome, nenhuma identidade, nada além de um esmagador medo de lugares fechados como os corpos prensados contra ele e o estrondo poderoso da entrada da caverna deslizando bloqueada enviou tremores através de suas vísceras...

“Mary? Mary, onde está você? Mary, eu não consigo te escutar, todos estão muito altos. Porque a caverna está se fechando? Mary, nós fizemos alguma coisa errada?”

Com a voz de milhares de almas condenadas, Beckett berrou. Isso continuou, bem além do ponto onde um mortal teria sido forçado a puxar fôlego, continuou mesmo quando o ar em seus pulmões estava totalmente reduzido e nenhum som afinal emergiu de sua garganta.

Beckett desmoronou, com seus joelhos batendo na estrada encharcada, e foi o respingo de lama gelada em seu rosto que o salvou. O sabor de vitae na sujeira fez surgir a Fera interior, e quando Beckett instintivamente a derrotou, se esforçou para se acalmar, ele recuperou não somente o controle sobre a Fera, mas sobre as imagens e memórias também. Em volta dele a parada de fantasmas, ou memórias, ou qualquer coisa que eles eram continuou, mas por pelo menos um momento ele era ele mesmo novamente. Ele olhou de relance em volta, procurando um abrigo, e viu somente o pequenino beco entre duas casas – e que, no início, ele tomou por pilhas de lenha, que estavam lá desde que Kaymakli foi abandonada...

Exceto que lenhas não tinham membros, não tinham olhos. Meu Deus, eles eram Membros! Membros anciões tão completamente famintos pelos anos de torpor que eles não seguraram uma única gota de umidade dentro – eram literalmente nada mais do que ossos e carne endurecida e mumificada. Ele se perguntou, brevemente, quem tinha tomado o tempo para empilhá-los desse jeito, e então decidiu que ele provavelmente não queria saber.

Beckett tateou na lama ao lado dele, achou a lanterna que ele tinha deixado cair, e dedilhou o botão de volta tão violentamente que o plástico se quebrou.

Instantaneamente, tudo ficou em silêncio. Examinou somente com sua visão noturna sobrenatural, Kaymakli era mais

uma vez um lugar de estranhos movimentos e sombras impossíveis, mas nada mais. A estrada na qual ele se ajoelhou estava novamente apenas com sujeira antiga, ausente de qualquer traço ou odor de sangue derramado. O que quer que fosse isto se demorou aqui, reagiu mais fortemente à luz – portanto Beckett daria isto à ninguém.

Ele tomo alguns segundos para se acalmar, para recuperar sua força, para se convencer que nada estava espreitando por sobre seu ombro, preparado para rasgar sua mente em pedaços. Ele não estava mais de pé onde ele tinha estado, mas foi muito mais profundo na própria cidade. Ele se perguntou se um (ou mais) dos fantasmas tinha possuído ele temporariamente, mas não – eles tinham todos fugido dessa área, não se movendo até ela. Nem, ele imaginou, tinha ele congelado e feito seu caminho até aqui por conta própria, desde que seus instintos teriam provavelmente carregado ele *para fora* da cidade se ele tivesse. Pelo menos, ele certamente *esperou* que fosse o caso. Beckett não tinha interesse em olhar ou agir como um animal, como muitos Gangrel fizeram após a Fera tomar controle vezes demais. Assim como alguns outros do seu clã, ele tinha aprendido técnicas de concentração e meditação que lhe permitiria expurgar seu corpo morto-vivo dessas características animais, mas elas exigiam semanas ou meses de esforço que poderiam melhor ser gastos em outros em outras atividades. Nem eram as técnicas perfeitas, como os próprios olhos e mãos monstruosos de Beckett atestaram.

Então, ele podia somente assumir que ele tinha avançado empurrando contra os espíritos como um homem se afogando lutando com a maré, que seu esforço contra eles mentalmente tinha requerido alguém com físico também.

Seja como for, ele se posicionou em uma esquina que não ofereceu características particulares que ele podia usar para se orientar. Da entrada da caverna olhando para ela toda, cada rua parecia muito como todas as outras. Beckett tinha um infalível senso de direção, e se ele estivesse consciente para caminhar aqui, ele podia ter pelo menos revisado seus passos, mas como isto era...

Bem, os fantasmas desse lugar podiam muito bem *trabalhar* para ele. Quando ele os viu momentos antes, todos eles tinham surgido da mesma direção, como se fugindo de alguma coisa, e seja o que for que esta coisa era, estava certa de ser mais distintiva do que de onde ele estava agora. Beckett escolheu a direção que mais atentamente se aproximou da trilha da corrente de espíritos enquanto ele se lembrava dele, e recuar dele.

Ele logo passou por entre duas das maiores edificações que ele já tinha encontrado aqui em baixo – elas pareciam, numa inspeção casual, serem igrejas ou templos de algum tipo – e ficavam antes de uma das grandes paredes da caverna. Uma segunda caverna, menor do que a entrada mas ainda grande o suficiente para se dirigir um carro por ela, se avultou aberta diante dele. Pedacos de rocha se espalhavam na área em volta, rocha que estava estranhamente lisa nos dois lados. Após alguns minutos juntando as peças como um quebra-cabeça notavelmente pesado, Beckett decidiu que isso foi uma vez um maciço círculo de pedra, provavelmente usado para selar essa caverna. Seja o que for que estava do outro lado eventualmente o rompeu, mas foi incapaz de deixar a cidade graças à sentinela do Capadócio.

Isso, então, seria a tumba. A metafórica sala de jantar do assim chamado Banquete da Loucura. Dentro dessa caverna, milhares de Capadócius foram sepultados por seu próprio progeitor, condenados ao canibalismo e inevitável inanição pelo pecado de não corresponder a seus ideais

Não é de se admirar que os fantasmas estivessem zangados.

Da profundidade de dentro da menor caverna, uma luz cintilou. Uma fogueira? Beckett ficou tenso, não muito sobre o pensamento da chama – ele tinha que estar bem perto de uma labareda antes de seus instintos fugirem ao seu controle – mas sobre a noção de que alguém tinha se movimentado lá dentro recentemente o suficiente para que qualquer fogo que ele acendeu ainda estava queimando.

Seja qual for a fonte, os fantasmas não pareciam estar reagindo à esta luz como eles tinham à sua. Talvez eles estivessem acostumados à ela. Talvez alguma coisa sobre a luz “artificial” de uma lâmpada, em vez de chama, enlouqueça-os.

Ou talvez o que for que estava se movendo em volta lá assustou eles.

Alguns passos à frente, a visão noturna de Beckett desapareceu, enquanto que por outro lado seus sentidos aumentados exigiam apenas a luz fraca da distante fogueira para trabalhar. Num breve momento ele teve que olhar em volta, ele viu o mobiliário da pedra quebrada, manchas de sangue tão antigas e completamente empapadas dentro da pedra que elas estavam permanentemente adicionadas à decoração, mais montes de corpos dessecados como madeira, alguns outros corpos espalhados como se descartados por uma criança zangada...

Então alguma coisa dura e pesada bateu violentamente na

lateral de Beckett como um touro enfurecido.

Beckett rolou, sua mandíbula trincou de dor enquanto ele sentiu os ossos em seu braço se separarem com o impacto inicial, seu outro quadril quebrou enquanto ele atingiu o chão. Somente sua resiliência sobrenatural o salvou de coisa bem pior.

Instintos marciais afiados na melhor das escolas – brigas de rua e combate real, ao invés de qualquer dojo ou arena – lhe mandou rolando sob o impacto. Até mesmo a sujeita se esmigalhou debaixo de seus ombros quando ele colocou um pé contra seu atacante e empurrou. Ele não tinha o ângulo ou o momento para mandar o adversário voando, mas ele foi capaz de atirá-lo para longe e dar a si mesmo espaço para se levantar. O sangue escorreu através de seus membros, fortalecendo sua carne, tencionando os músculos para forçar os ossos quebrados a se juntarem de volta com um estalo audível. Suas unhas se endureceram e deslizaram vários centímetros das pontas de seus dedos com o som de carne se rasgando. Os dentes se revelaram em um rosnado, as mãos aumentaram e a Fera a espreitar bem atrás de seus olhos, Beckett girou para o rosto de seu atacante.

E sua mandíbula ficou boquiaberta.

“Ah, merda. Okulos...”

O Nosferatu estava quase irreconhecível. Sua pele cinza-granito estava mais pálida do que Beckett já tinha visto, e grudada a seus ossos como algodão molhado. Suas várias cicatrizes e manchas estavam mais evidentes, em alguns casos abertas e gotejando. Vários de seus dentes torcidos e irregulares estavam faltando; os outros se projetavam diretamente do osso, a pele de suas gengivas tinham se apodrecido completamente. Seu casaco pesado e calças estavam esfarrapados, sua camisa se foi completamente exceto pelo punho ainda abotoado em torno de seu pulso esquerdo. Sua bandoleira de couro que se pendurava em seu ombro esquerdo era do tipo que uma vez foi chamada de suporte, usada por piratas a muito tempo atrás para carregar várias pistolas de uma vez. Quando Okulos tinha pela primeira vez desaparecido nas profundezas de Kaymakli, esta bandoleira estava cheia de pistolas de sinalização, a arma favorita de Okulos para usar contra outros Membros. Agora apenas duas permaneciam, mas elas ainda eram mais do que suficientes para causar à Beckett algum ferimento sério. Felizmente – se tal estado pudesse sequer ser chamado de fortuito – Okulos pareceu muito muito abalado pela Fera para pensar em usá-los.

“Okulos, sou eu. Você se lembra de mim? Eu não quero machucá-lo. Eu *com certeza* não quero que você me machuque. Eu –”

Beckett não esperava realmente que suas palavras penetrassem o frenesi de fome induzida de seu amigo, mas ele ainda apenas se arremessou para o lado enquanto Okulos guinchou e saltou sobre ele. Beckett recuou furiosamente, procurando por uma forma de proteger sua própria pele sem destruir a única pessoa que ele tinha vindo salvar. Ele sabia que ele era mais rápido do que seu amigo, e capaz de absorver muito mais punição, mas Okulos era inegavelmente o mais forte dos dois. Beckett bloqueou golpe após golpe, e em cada vez seus braços doíam como se atingido por uma britadeira. O osso recém curado em seu cotovelo esquerdo começou a se separar mais uma vez, e quando o enfurecido Okulos deu seguimento a um soco com um repentino golpe de seu joelho, Beckett sentiu várias custelas cederem e furar órgãos que, felizmente, ele não mais usava.

Cuspindo sangue ele não pode se permitir perder tempo e permanecer erguido por absoluta teimosia, Beckett sabia que ele não podia se permitir se segurar mais. Mas porra, ele *não* estava indo destruir aquele pelo qual ele tinha passado por todo esse trabalho! Pelo menos, era ineficiente.

Usando uma técnica que ele tinha aprendido de Lucita, Beckett retesou um ombro como se planejando arremessar um soco e então, enquanto seu adversário se contorceu para longe do ataque, mandou num devastador chute giratório de calcanhar na outra direção. Não foi a técnica mais precisa; qualquer oponente um tanto habilidoso poderia evitá-lo ou bloqueá-lo. O ponto, entretanto, foi levar o adversário de voltar um passo ou dois, tanto através do impacto quanto por sua própriaesquiva. E, de fato, Okulos cambaleou de lado mesmo que seus porosos braços tenham absorvido a maior parte do golpe.

Isto deu à Beckett somente espaço suficiente para mergulhar. Permitindo à seu impulso carregá-lo, e fazendo caretas de dor enquanto as rochas e a sujeira raspava uma camada de pele de seu peito, ele deslizou por entre as pernas de Okulos.

Eu espero que você me perdoe por isso depois, Beckett pensou obstinadamente enquanto ele chicoteou para trás, cortando ambos os tendões de seu amigo com suas garras.

Com um guincho de dor e fúria interminável, Okulos tomou para a frente. Não foi um ferimento permanente para um vampiro, mas feito como ele foi com as garras anormais de Beckett, iria requerer muitas noite, e muito sangue, antes de Okulos poder caminhar mais uma vez.

Isto foi uma marca de sua fome insana à que ele tentou, mesmo com duas pernas inutilizadas, se arrastar atrás de Beckett, rastejando-se braço a braço, rosto torcido e mandíbula boquiaberta. Por sua conta própria, Beckett deixou suas unhas afundarem de volta para a carne de seus dedos, apanhou a bolsa que tinha caído

quando Okulos o golpeou, e retirou a pesada pá com o cabo quebrado.

“Maldito seja mesmo assim, Okulos. Melhor você se desculpar por me fazer passar por isso.”

Okulos guinchou mais uma vez enquanto a haste de madeira mergulhou através de sua costa, estalando as costelas enquanto ela passava, e penetrou seu coração. Então ele ficou mole, paralizado pela intrusão do mundo natural através do seu centro de poder.

Beckett se ajoelhou cautelosamente, seu corpo dolorido, ao lado de seu amigo paralizado, e colocou uma mão surpreendentemente gentil sobre sua cabeça cinza e cheia de crostas de ferida. “Justo como você me fez carregá-lo para fora daqui, seu desgraçado preguiçoso.”

“Ah. Você deve ser Beckett.”

Ele girou, incapaz de esconder seu choque diante do som de uma voz onde nenhuma voz deveria estar. Uma mão se enfiou dentro de sua bolsa, se aproximando em volta do cabo da Colt. A outra começou a comichar enquanto suas garras mais uma vez começaram a surgir das pontas de seus dedos.

O recém-chegado não aparentava especialmente imponente, no que se remete aos Membros. (E Beckett não tinha dúvida de que ele *era* um Membro; mesmo se sua mera presença por trás da sentinela que “nenhum filho de Seth” deveria entrar foi suficiente, as sensíveis orelhas de Beckett não puderam detectar algum traço de respiração ou batida de coração). O estranho era baixo, menos do que cinco centímetros acima de 1,5 metros. Seu cabelo era mais escuro do que o de Beckett, e mais longo. Ele usava uma barba grossa que era apenas uma tímida largura de polegar de qualificação quanto desgrehado. Ele vestia uma simples túnica até o joelho, aparentemente feita dos materiais salvos da própria Kaymakli.

Não, ele não parecia muito, mas Beckett não era tolo. O vampiro praticamente irradiava um senso de poder controlado. Além disso, suas características sozinhas sugeriam que ele podia bem ter sido Abraçado a algum tempo atrás. Elas eram sutilmente diferentes daquelas de um homem moderno, em formas que nenhum mortal e alguns Membros pudessem ter notado. Beckett manteve seu olhar focado no nível do queixo e pescoço do outro, relutando encontrar seu olhar fixo por temer que sua vontade pudesse ser esmagada pelo olhar do ancião.

“Quem diabos é você? E como você me conhece?”

“Meu nome,” o vampiro baixo disse, “é Kapaneus. E eu conheço você porque seu amigo falava de você frequentemente. Lá atrás,” ele adicionou, sua voz ficou triste, “quando ele ainda era capaz de falar.”

Kapaneus. Era um nome Grego, mas o sotaque com o qual

ele falava não soava Grego. De fato, Beckett não conseguia identificar o sotaque afinal; ele soou como uma mistura, provavelmente adquirida através de viagens substanciais. Claro que, o fato de que ele estava falando Inglês afinal era mais estranho do que qualquer sotaque.

“Okulos me ensinou seu idioma,” Kapaneus continuou, como se lendo os pensamentos de Beckett. “Ele me falou de muitas maravilhas da era moderna que eu podia pouco compreender, quanto mais acreditar. Ele e eu nos tornamos muito amigos nos anos que nós passamos, Mestre Beckett, e seus amigos são meus. Não lhe quero fazer mal. De fato, eu estava esperando que você aparecesse.”

Beckett retirou sua mão de sua arma, mas ele permaneceu alerta. “Como você chegou aqui em baixo? Quanto tempo você ficou preso?”

“Eu passei pela sentinela do Capadocius no ano de 1401. Eu estava procurando um lugar onde eu sabia que as preocupações do mundo não me perturbariam, pois eu tinha muito a contemplar.”

“O que?!” O queixo de Beckett caiu. “Você *voluntariamente* se prendeu aqui?!” E então, de repente, ele pensou que ele compreendeu. “Que ótimo, justo o que eu precisava. Mais um. Você é Malkavian, não é?”

Kapaneus sorriu, então, um som alto e escandaloso para alguém tão pequeno. “No, eu não sou da prole do Malkav – embora eu tenha, às vezes, desejado que eu fosse. Isto deve tornar esse mundo tão mais fácil, ser louco, ver coisas somente enquanto você desejar.”

Beckett lembrou brevemente de Anatole, o profeta Malkavian da Gehenna com quem ele geralmente viajava, com quem aprendeu, o qual ele ainda considerava, às vezes, um senhor adotado. Anatole tinha gastado vários de seus anos declamando profecias que ninguém queria ouvir, e tinha devotado sua existência para encontrar respostas mesmo que suas visões não as pudesse oferecer.

“Não esteja tão certo,” ele sussurrou suavemente. Então, em voz alta, “Como você sobreviveu aqui em baixo por tanto tempo?”

“Eu convoco animais para mim quando eu preciso deles,” o ancião respondeu. “Qualquer um ficaria cansado de ratos, lagartos e similares, mas eles servem. Eu adormeci bastante em torpor. E eu dominei certas técnicas de meditação que me permitiram continuar mais tempo do que o normal sem me alimentar, se eu for cuidadoso em conservar minhas energias. Eu tentei ensiná-las a seu amigo, mas isto me tomou muitas vidas mortais para dominá-las, mesmo a mais simples delas. Eu temo que Mestre Okulos perdeu-se antes que ele pudesse sequer ter aprendido.”

Beckett mais uma vez ajoelhou-se ao lado de seu companheiro paralisado.

“Ele tem sido nada além de uma fera por algum tempo,” Kapaneus disse à ele, “e meus poderes dificilmente me ocultaram dele em sua loucura. Ele ainda pode ser salvo – mas eu não ficaria terrivelmente esperançoso por isto.

“Ele pode ser salvo.” Beckett se levantou, segurando Okulos em seus braços. “Eu consegui chegar até aqui. Eu vou achar uma forma de terminar o serviço.”

“Então você conseguiu.” Kapaneus pareceu ponderar, e então sorriu. “Como você foi tão gentil porque derrubou a sentinela, talvez – com sua permissão – eu irei acompanhá-lo por uns caminhos. Eu irei ver o que o mundo se tornou, e eu irei saber que o Mestre Okulos, de fato, se recuperou completamente.”

Isto seria difícil, certamente. Kapaneus admitiu que ele nada sabia sobre o mundo moderno. Diabos, o ancião sequer sabe da Máscara? Os vampiros que desejaram sobreviver de fato ficaram muito bem escondidos nessas noites modernas.

Mas a oportunidade para conversar com um tão antigo, para fazer perguntas de alguém que na realidade tinha visto tantos anos... A maioria dos anciões modernos tinha a sua própria agenda, razões políticas pra se recusar a responder, ou responder com meias verdades. A chance para falar com Kapaneus longamente quase fez valer *qualquer* inconveniência. Diabos, se isto significou uma chance de responder à perguntas que ele tem feito por quase três séculos, Beckett podia até arriscar a própria Máscara.

Além disso, mesmo se ele quisesse, Beckett estava certo de tentar prevenir Kapaneus de que acompanhá-lo seria mais problema do que valia. Sem falar do tipo de dano que um ancião ignorante poderia causar no mundo *sem* algum tipo de orientação.

Beckett simplesmente acenou em consentimento, e começou a longa caminhada de volta ao ar livre.

parte um:
Anoitecer

*E se o dia vier quando eles estiverem tão cegos
ou possuídos pela ira enciumada
que eles erradicariam o único verdadeiro crescimento
dentre seu jardim de ervas daninhas
então será as suas próprias almas que eles destroem.*

– Os Fragmentos de Erciyes, “Lamentações”



Pousada Gota de Orvalho

Nos arredores de Los Angeles, Califórnia

O quarto era tão genérico quanto os motéis chegam. Carpete quase marrom, paredes cor de canela, um par de camas gêmeas, cômoda, televisão com um menu de filmes de pelo menos dois meses desatualizado. Cheirava como um limpador de carpete barato.

Os atuais ocupantes do quarto eram de alguma forma menos genéricos. Para começar, nenhum deles estava vivo.

O primeiro, um sujeito alto e desengonçado chamado de Ebert, usava óculos e um terno listrado cinza aberto no pescoço. Ele estava se levantando de uma posição ajoelhada, na qual ele tinha se agachado por mais de uma hora diante de alguém nas cadeiras mal acolchoadas.

O segundo, pairando por cima do ombro de Ebert, era alto, com cabelo castanho rebelde e uma barba que tinha apenas começado a ficar grisalho. Vestido com calça pesada, botas e uma camisa de flanela, ele parecia como um lenhador morto-vivo.

Ambos olhavam para o terceiro ocupante do quarto, uma jovem mulher loira que estava imóvel na cadeira, seu queixo afrouxado, sua expressão vazia.

“Isto deveria fazê-lo, Samuel”, Ebert disse, com sua voz de cavalo com fadiga.

“Eu preciso de você para estar absolutamente certo”, Samuel respondeu. “Essa é uma jovem especial.”

“Especial?”

Samuel sorriu largamente. “Seu salvador está perdido dentre os milhares”, ele citou, “E toda a sua busca não pode achar a marca secreta sobre sua carne, ou saber seu nome. Eis o semicírculo da Senhora que guarda os céus. E abaixo, inscrito na carne, marca o único caminho que vai do quarto”.

“Certo.” Ebert estava indiferente. “O *Livro de Nod*. Você acredita nesta merda? Acha que essa moça seja algum tipo de messias?”

“Messias? Não exatamente. Mas ela vai dar, Ebert, e ela vai lidar com um monte de pessoas ponderosas. Eu não posso ter qualquer um encontrando qualquer sinal de sua presença.”

Ebert olhou com desconfiança. “Você veio até mim porque eu sou o melhor, e você sabe disto. Ninguém vai encontrar sinais

de que eu fiz. Não é obvio. Ela não vai cair por sobre você, ou agir como se você fosse ligada ou nem nada. Ela apenas vai estar muito inclinada a ouvir o que você tem a contar à ela.”

“Bom. Muito, muito bom. E levará quanto tempo até ela sair do transe?”

“Pelo menos uma hora. Você deveria ter tempo suficiente para pegar a sua segunda vinda a onde ela precisa estar. E, como eu acredito que conclui nosso trato, seguirei o meu caminho.”

Samuel reteve uma mão. “Na realidade, se eu pudesse incomodar você por apenas mais um momento...”

O Samuel vestido de flanela deixou o motel momentos depois, uma jovem loira envolvida por sobre seu ombro. Todos que viram eles na rua, entrando em um carro velho surrado, assumindo que ela estava bêbada. Um jovem ainda se ofereceu para ajudar a posicioná-la confortavelmente no banco de trás.

Ninguém sequer achou qualquer traço de Ebert, mas o grupo de limpeza se espantou sobre a prevalência de cinza no piso do quarto na manhã seguinte.

O Canal de Houston

Houston, Texas

Texas. Por que tem que ser Texas?

Federico di Padua, leal arconte da Camarilla e agente do justiça Nosferatu Cock Robin, odiava o Sul e Sudoeste Americano com uma paixão que poderia, nesse caso, ser descrita literalmente como “sangrenta”. Elas tinham todas as desvantagens de seu local de origem na Itália – quente, verões úmidos e abertos demais, e espaços sem graça – com nenhum dos altos pontos culturais. Era como uma cópia preto e branco de um Rembrandt.

Para piorar as coisas, di Padua estava apenas a alguns meses acordado do torpor. Ele tinha tido a infelicidade de encarar o próprio Cardinal Polonia durante a conquista de Nova York da Camarilla em 1999, e o ancião Sabá tinha chegado dolorosamente próximo de destruí-lo. Mesmo agora, anos depois, di Padua ainda sente uma ocasional pontada em seu peito, ainda sente um pouco rígido onde seu pescoço tinha finalmente se fechado cicatrizado, e se perguntou se ele fosse retornar a sua força máxima.

Di Padua mais uma vez mandou uma série de pragas em cinco idiomas diferentes, todas destinadas à seu companheiro arconte Zack Shale. Houston era a *sua* terra, parte de seu teatro de operações regular, e os atuais rumores de que um bando de reconhecimento Sabá atravessou do México deviam ser sua preocupação, não de Federico. Federico ainda devia estar se recuperando, servindo como parte do séquito de Robin, ou do contrário empreendendo obrigações que não exigiam dele se esforçar até ele estar de volta cem por cento.

Infelizmente, Shale tinha desaparecido. Os justicars estavam razoavelmente certos de que ele não tinha sido assassinado. Parecia como se ele tivesse tomado tempo para fazer as malas e partir para alguma agenda. Ele até tinha feito o esforço de enviar uma mensagem codificada através de uma série de retransmissões de telefone, uma mensagem que significava, “Não consigo completar o serviço, mande ajuda”. Mas após isto, foi como se ele tivesse desaparecido da face da terra – não é tarefa fácil, quando está se escondendo de investigadores com as habilidades e conexões dos justicars e seus arcontes.

Isto significava que alguém tinha que assumir de onde Shale parou, e di Padua teve a infelicidade de estar disponível.

Então agora ele estava posicionado na cabine de controle de uma maciça sessão de guindaste no Canal de Houston. O poder do sangue dentro dele, aumentado pelas pesadas sombras dentro da cabine, forneceu à ele completa invisibilidade à visão mortal (e a maioria dos Membros). As anotações de shale, cuidadosamente deixadas para di Padua em um armário de estação de ônibus, e as próprias investigações de di Padua, levaram ele a acreditar que as travessias de fronteira do Sabá foram planejadas para buscar uma carga de alguma coisa de um dos cargueiros atracados aqui durante a noite. Ele não tinha ideia *do que* eles estavam recebendo, e que – combinado com o fato de que ele quis ver precisamente com quem ele estava lidando – tinha encorajado ele a estar aqui fora esta noite.

Infelizmente, embora ele tivesse localizado alguma atividade inicial em baixo pelos navios, nada de qualquer consequência estava acontecendo. Ele viu duas figuras – ele pensou que eles eram Membros, mas não pode ter certeza nessa distância – se posicionando em volta e conversando, mas nada mais.

Quando eles de repente desapareceram, não como se eles tivessem se misturado com a escuridão como ele mesmo frequen-

temente fazia, mas como se eles tivessem simplesmente desaparecido da existência, di Padua soube que ele tinha um problema.

Quando o primeiro buraco apareceu no para-brisa do guindaste, cercado por um intrincado padrão de teia de aranha e acompanhado por um sonoro estalo, ele soube que o problema tinha apenas ficado um bocado maior.

E quando ele viu mais de meia dúzia de figuras saltando ou escalando para baixo de cima de coberturas e contêineres próximos, ele soube que ele estava praticamente fodido.

Di Padua não tinha vindo equipado para uma troca de tiros. Reconhecimento furtivo seguido por uma torrente rápida de violência corpo-a-corpo, este era seu estilo. O arconte se lançou do guindaste, correu através de uma estrada aberta com balas levantando a poeira em volta de seus pés, e mergulhou por detrás de um caixote. Ele deu uma olhada por sobre o abrigo, se abaixou rapidamente enquanto um dos Sabá próximo jogou...

Uma pedra? Por que diabos eles jogariam uma pedra em mim?

A pedra atingiu o solo atrás do caixote, e dois pensamentos passaram pela mente de di Padua de uma vez só:

Um, o bando Sabá obviamente tinha um Ravnos entre eles, ou alguém que tinha esta facilidade do clã com ilusões. Foi a forma mais simples para explicar o desaparecimento das figuras que tinham retido sua atenção – uma distração planejada, aparentemente – por tanto tempo.

Dois, a pedra não tinha batido quando ela atingiu o solo próximo dele. Ela tinha retinido. Como metal.

Di Padua, em um quase pânico, enviou sangue bombeando por todo o seu corpo. Embora ele não fosse especialmente proficiente em fazê-lo, ele possuía a habilidade de se acelerar em velocidades inumanas. Isto deveria ser o suficiente para sair do alcance antes –

Nada aconteceu. Nenhuma aceleração repentina, nenhuma explosão de velocidade. O sangue fluiu através de seu corpo, e fez absolutamente nada.

Enquanto Federico di Padua foi jogado chocando-se pela explosão, seu corpo rasgou-se pelo estilhaço, sua carne queimou, ele não quis saber se ele teria a força para curar os ferimentos. Ele não queria saber como ele escaparia do bando que estava certamente neste momento se aproximando de sua forma quebrada e sangrando.

Não, somente um pensamento penetrou sua mente embebida de agonia enquanto ele permaneceu esperando por um fim aparentemente inevitável. Suas habilidades – tanto sua invisibilidade quanto sua velocidade – tinham completamente falhado com ele. E ele não sabia o *porquê*.

Fábrica de Trabalhos de Motor Aliado (Despejados) Nova Bedford, Massachusetts

“Vocês podem ter enganado os outros enviados para encontrar vocês! Vocês podem ter que correr para longe, e correr para longe do local de suas transgressões! Mas não há algum Deus da sombra que não possa vê-los! Não há lugar para se esconder de Sua raiva!”

O chicote atacou, removendo outra tira de carne da costa de um dos condenados, e os olhos do vampiro conhecido somente como Esforço Justo queimou de prazer com a visão. Ele tinha removido o paletó de cauda longa de seu terno preto estilo antigo, e permaneceu atrás dos prisioneiros vestido de calça e uma camisa branca com mangas dobradas. O chapéu de aba larga caída, o qual ele insistiu em usar como um símbolo de seu passado “sagrado”, colocado indolentemente em uma coluna sobressaltada de uma das criaturas inumanas que acompanhava ele. Esses *szachta* – poderosos e altamente treinados ghouls de guerra, moldados e torcidos pelos poderes de esculpir a carne do clã Tzimisce – serviram tanto como seus protetores quanto seus instrumentos nas tarefas tal como essa.

Tanto bruxo quanto caçador de bruxa dos dias mais sombrios de Salem, Esforço Justo tinha abandonado nem sua fé nem seu amor de “confissões” hereges e pecadores quando ele foi Abraçado. Como um sacerdote e informal inquisidor para o Sabá, ele tinha simplesmente mudado seu foco de alguma forma.

Os quatro neófitos ajoelhados diante dele eram simplesmente os últimos “pecadores” com quem ele tinha que lidar. Designada a tarefa de observar as forças da Camarilla nas cidades menores e povoados em volta de Nova York, eles ao invés tinham encontrado um xerife e seus brutamontes já preparados para a sua chegada. Eles tinham negociado com a Camarilla, trocando segredos do Sabá pela sua própria sobrevivência – uma transgressão grave nos olhos de seus superiores – e apenas tinham recentemente explorado o solo. A sala na qual eles estavam para sofrer seus destinos era praticamente inexpressiva: quatro paredes de blocos de concreto e

um piso cimentado para o qual suas correntes estavam aparafusadas. O ar estava pesado com o sabor de sangue, derramado tanto dos ferimentos quanto de suor dos poros dos Membros – literalmente o perfume da dor.

“Nós somos os instrumentos do Todo-Poderoso!” Esforço Justo continuou, trazendo o chicote para baixo de novo e de novo. “Nós somos Suas mãos!” *Crac!* “Nós somos Sua ira!” *Crac!* “A vingança é minha, ’ disse o Senhor, e nós *somos* esta vingança! A Espada de Cain é a Espada de Deus, e Deus não pode tolerar uma ferramenta que se quebra!”

Crac!

Os neófitos choraram de dor, eles ainda não se moveram para evitar as tiras de couro trançadas com cacos de vidro quebrado. Não é que eles estavam fisicamente incapazes. As correntes que os prendiam eram fracas, um pouco mais que cerimonial. Não é que eles temiam o *szlachta*, para uma morte rápida naquelas garras de feras era bem melhor do que a interminável tortura que o vociferante pregador infligia com o chicote. Não, era a aura do próprio sacerdote, um senso quase palpável de poder e malevolência e receio que tremeluzia dele como uma miragem de calor e os forçou a ficar de joelhos, mantiveram seus olhos virados para o chão e seus membros imóveis. Eles não podiam mais se forçar a levantar uma mão contra o Esforço Justo do que eles levantarem os braços contra a crescente aurora.

“Vocês são defeituosos!” *Crac!* “Vocês são fracos!” *Crac!* “Vocês estão condenados, assim como estamos todos nós, mas vocês *não* aceitam a sua maldição! Vocês fogem disto! Vocês fogem da dor e morte a serviço de Deus, portanto vocês fogem Dele!” *Crac!* Vocês se viraram para Ele! Vocês *desprezaram* Ele! E vocês o *irritaram!*” *Crac!* Colhei-vos o que vós costurastes, para que eu *seja* o forte braço direito do Senhor, eu *sou* a vingança do Senhor e da Espada de Cain, e eu digo à vós, vós sois duas vezes amaldiçoados!

“Membros do Bando Martelo de Prata”, o sacerdote Tzimisce continuou formalmente, espiralando o chicote sem se preocupar em limpar o sangue ou pedaços de carne dele, “eu considero-os culpados de heresia, contra a palavra de Deus e das leis do Sabá. Aos meus olhos, e nos olhos do Senhor, vocês já estão mortos. Em seu nome, eu assim farei.

“Exterminá-los.”

Enquanto o *szlachta* deslizou para a frente, Esforço Justo arrebato seu chapéu de volta e se afastou, contente de ouvir os sons dos pecadores sendo rasgados membro por membro.

Ele escutou sons, tudo bem – mas eles não eram o que eles esperavam afinal.

O pregador girou, olhos abertos, para ver seus precioso ghouls de guerra de pé surrado como se envenenado. O maior dos dois convulsionou uma vez, duas, e então morreu. O outro sofreu muito pior, como se os poderes que o tinham moldado para alguma coisa mais ou menos humana estava correndo furiosamente. Membros alongados e encurtados, torcidos e distorcidos. Ferimentos escancaradamente abertos, expelindo tocos de carne como línguas de bocas abertas.

Esforço Justo foi atingido quase além da capacidade de falar. Como podia isso estar acontecendo? “O que – o que...”

“Isso, seu bastardo hipócrita!”

“O pregador tombou no chão, a agonia atirando através de seu crânio. Ele olhou para cima para ver um dos prisioneiros, as correntes que tinham acorrentado ele à parede agora pairava quebrada de seus pulsos. Várias das correntes estavam cobertas de sangue.

Isso não era possível! Seu poder, o peso absoluto de sua presença sobrenatural, deveria ter os mantidos agachados como crianças mesmo com a morte de suas guardas. Bem, eles estavam prestes a aprender os perigos de interferir com o trabalho do Senhor.

Esforço Justo retesou, deixando a fúria dos anjos mais marciais de Deus fluir através dele. Isto *deveria* ter transformado ele em uma criatura apavorante, um demônio do Fosso, com espinhas e pele verde e mãos capazes de rasgar através do concreto tão facilmente quanto através da fraca carne.

Ao invés disso, o poderoso Tzimisce caçador de bruxas caiu de joelhos enquanto que seu corpo começou a se purgar do sangue dentro. Ele o vomitou em enormes gotas, até sua boca não mais ter fornecido passagem ampla o suficiente e ele o sentiu fluir através de seu nariz e até de seus canais lacrimais também.

“Meu Senhor”, ele se engasgou, sua voz quase inaudível através do sangue. “Por que você...” – outra engasgada – “me abandonou?”

“Provavelmente”, ele escutou o neófito de pé sobre ele dizer, a voz cheia de ira e ódio, “porque ele está tão cansado de suas besteiras quanto nós estamos.”

No momento que o bando do Martelo de Prata ficou entediado de seu esporte e escolheu acabar com tudo isto ao beber o que restou da alma do Esforço Justo, o pregador pode somente agradecer à Deus por isto ter acabado.

Aeroporto Hilton, Aeroporto Internacional de Los Angeles Los Angeles, Califórnia

O Membro conhecido apenas como Tara, ex-líder anarquista e agora príncipe apoiado pela Camarilla, não estava tendo um bom ano. Todas as coisas estando iguais, ela bem que teria voltado para casa em San Diego, seu verdadeiro domínio, apesar de todos os seus vários problemas e catástrofes noturnas.

Ao invés disso, ela estava agora entrando em seu terceiro mês como “regente” de Los Angeles. Os Cataianos, esses estranhos vampiros Asiáticos que reivindicaram muito da Costa Oeste para seus próprios, tinham de repente se retirado, seu pessoal em LA foi reduzido à uma fração de seu tamanho anterior. Os anciões da Camarilla não sabiam se eles foram destruídos, retornado para casa, ou o que – e eles não se importavam. Agora, várias facções de anarquistas estavam se deslocando para reivindicar LA, o que tinha uma vez sido o centro dos assim chamados Estados Anarquistas Livres. A Camarilla não queria isto também. Os justicars não estavam prestes a deixar outra facção hostil se formar em volta de LA, ou deixá-la disponível para os Cataianos poderem retornar.

Assim, quando o Príncipe LaCroix foi assassinado por volta da mesma hora que os Cataianos começaram a desaparecer, eles iriam precisar de alguém para intervir. Alguém experiente, alguém que conhecia a área, alguém que conhecia os anarquistas.

Como príncipe de sua própria cidade, eles não poderiam *ordenar* Tara a fazer isto. Mas ela conhecia muito bem que eles podiam fazer de sua existência um inferno noturno se ela não fizesse. Portanto San Diego foi mantido por sua cria agora – e ela já tinha prometido de todas as maneiras dos eternos tormentos sobre eles se eles não devolvessem o poder de volta para ela quando ela retornasse – e ela estava misturando loucamente sobre tentar conciliar numerosas facções Angelinas.

“Raymond, eu preciso de você para entregar uma mensagem”. Ela falou para o receptor de um antigo telefone. Embora pouco vestígio disto mostrou-se em sua voz, salvo pela ocasional hesitação de um uma palavra solitária aqui e ali, a expressão engessou através de seu rosto indicando apenas o quanto completamente desgostosa ela estava com o que ela tinha que fazer.

“Gentilmente informo a Conspiração dos Quatro Ventos” – Deuses, como ela *odiava* dizer os nomes Cataianos em voz alta; isto sempre a fez se sentir mais do que uma pequena pateta – “isto após a cuidadosa deliberação, o soberano domínio de Los Angeles aceita a última proposta entregue por seus mestres. Nós iremos pagar à Nova Promessa Mandarinata de Los Angeles um tributo de não menos do que cinco milhões de dólares. Em troca, a NPM promete abster-se de interferir em nosso atual esforço com o elemento anárquico, ambos assim chamados de MacNeils e Cruz dos Sangues Fracos. Diga à ele que eu espero a confirmação de que seus superiores entendam e aceitem meu acordo dentro de um mês.

Tara desligou antes de seu ghoul poder responder. O revestimento de plástico se despedaçou debaixo de seu controle enquanto a fúria ameaçou puxar sua Fera para fora dela. Os MacNeils – que tinham tomado seu nome de Jeremy MacNeil, um líder anarquista assassinado quando os Cataianos tinham tomado São Francisco de volta em 2000 – foi a principal facção anárquica em LA, e ainda agenciaram a linha do cansado grupo anarquista sobre abolir príncipes e séquitos e administrar suas próprias existências. Como se eles tivessem a primeira dica de como fazer isto! Eles eram muitos, e eles estavam bem armados, mas eles não eram sutis. Sozinha confrontada com eles, Tara sabia que ela teria que sair para por cima eventualmente.

Mas agora ela tinha esse outro grupo de anarquistas na mistura. Esses sangues fracos, vampiros tão distantes de Caim que eles eram pouco mais do que mortais afinal, eram um recente fenômeno em termos da Família, e eles eram nada mais do que uma curiosidade – até recentemente.

“Príncipe Tara?” Embora claramente relutante de encarar seu líder sob as circunstâncias, o único outro vampiro na câmara – o senescal de Tara, um ex-anarquista como a própria príncipe, o qual tinha acompanhado o mestre dela de San Diego – deu um passo à

frente. “Você está certa que isso é sábio? Uma das principais razões deles estarem aqui é para impedir os Cataianos de se recuperar –”

“*Você acha que eu não sei disso?!* ” Tara se lançou para seus pés, punhos cerrados. Os inchaços das salientes garras distenderam horivelmente os normalmente arredondados e macios contornos de sua face e mandíbula. O outro vampiro – na realidade o neto da própria Tara, como a Família avalia tais coisas – retrocedeu vários passos e se achatou contra a parede mais distante. “Maldição, Dionne, e maldita seja, eu *sei!*” A príncipe seguiu adiante, até que o Membro mais jovem provavelmente sentiu como se a força da ira de Tara, que se manifestou pela sua anormal natureza, iria pressioná-la através da parede.

“Eu sei o que eu fiz! Eu sei que se os Cataianos retornarem com vigor, eles irão ter uma boa pequena base de poder da qual irão começar a reconstruir. Eu sei que eu vou estar me humilhando para esses desgraçados feios chupadores de merda daqui até a Gehenna se eu não tiver *muita sorte!*”

“Diga-me qual a porra de escolha eu tenho? Os MacNeils botaram fogo no refúgio do Rodriguez a duas noites atrás. Jenna Cross e seus malditos lacaios mataram mais dois de meus cidadãos e tomaram outras nove vizinhanças nos últimos *três meses!* Eu mal posso lutar uma guerra em *dois frentes* com os recursos que eu tenho, Dionne. Eu possivelmente não consigo lutar um contra *três!* E a alta e sangrenta poderosa Camarilla, após a tão polidamente solicitação de que eu acalmasse LA para eles até um príncipe permanente poder se estabelecer, não pode se dar ao trabalho de enviar reforços! ‘Muitas atividades inexplicáveis em outras partes do mundo.’ Eu tenho que lidar com meus inimigos um de cada vez. Eu sei que eu posso controlar os MacNeils – eu sei como eles pensam, como eles operam – portanto neste momento a Cruz do ‘exército dos oprimidos’ é a preocupação mais imediata.”

“Houve um tempo”, Dionne disse suavemente, “quando *você* era o oprimido”. Os dentes de Tara na realidade estalaram e rangeram enquanto ela entesou sua mandíbula, e isto foi apenas com grande esforço que a príncipe se impediu de esmagar a laringe

de sua seneschal. Isto não causaria dano permanente para um vampiro, mas certamente a calaria por um tempo.

“Sim, houve”, a príncipe rosnou. “E então eu cresci.”

“Chame a primigene sobrevivente”, ela ordenou, afastando-se e andando a passos largos direto para a porta. “Eu quero todo o conselho reunido até o início da próxima semana, não importa o que eles tiverem que deixar para fazer isto. Nós vamos lidar com a Cruz, e nós vamos fazer isto agora.”

Dionne ficou imóvel, a olhar para a porta por um longo tempo após Tara a ter fechado com tanta força que a estrutura chocalhou. Então, com um suspiro bem humano, ela retirou um telefone celular – pré-pago, descartável e não rastreável – do interior do bolso de seu casaco. Sem sequer olhar, ela pressionou uma sequência de números, um que tinha se tornado completamente familiar à ela nos últimos meses.

“Sou eu”, ela se anunciou no bocal. “O esperado encontro foi convocado para a próxima semana. Sim, eu irei cuidar disto. Você tem certeza de que você está pronto para... tudo bem, a decisão é sua. Você realmente compreende que se isso azedar, eu vou ser aquela a uivar mais alto por sua cabeça, certo? Bom, desde que fique claro.”

“Boa sorte para você também, Jenna. Vejo você em uma semana.”

Palácio Aljafería Zaragoza, Espanha

“Me desculpe, o Cardial Mysancta está indisponível para falar com você no momento.”

“Sim.” Lucita, anciã Lasombra, a ruína de muitos Membros durante os séculos de sua existência, e relativamente recém nomeada Arcebispo de Aragon, praticamente sibilou na viva voz que pousou na pesada mesa de mogno. “Sim, você me disse. Várias vezes, até. Eu desejo saber o *porquê* de ele não poder falar com-”

“Me desculpe, o Cardial Mysancta está indisponível para falar com-”

Um tentáculo de pura escuridão, uma sombra ondulada que se moveu independentemente da luz ambiente, chicoteou para fora da escuridão por detrás de Lucita. Somente no último momento que ela recuperou suficiente controle, de si mesmas e do filamento de não existência que ela conjurou, para simplesmente fechar a conexão ao invés de reduzir o viva voz (e provavelmente a mesa) à muitos destroços.

Isto tomou bem mais esforço do que deveria. A manifestação de tal tentáculo – um dos assim chamados “Braços do Abismo” – foi uma simples questão para alguém tão habilidosa nas artes da manipulação das sombras quanto ela. Lucita ainda se sentiu vagamente exausta, como se ela tivesse apenas completado um exercício leve.

Não era a primeira vez que ela tinha experimentado tal variação em seu poder no passado recente. Não faz muitos anos atrás, ela tinha encontrado, e apenas dificilmente derrotado, um inimigo capaz de feitos bem maiores de concentração do Abissal do que ela – alguém também capaz de interferir com as habilidades dos ouros para fazer o mesmo. Apesar de que, isso não foi o mesmo. Então, ela tinha sentido uma ativa interferência em seus esforços. Dessa vez, e em várias outras ocasiões nas recentes semanas, ela tinha se sentido simplesmente como se ela estivesse tentando levantar um peso apenas ligeiramente mais pesado do que o esperado. Ninguém estava interferindo com ela. Foi como se as próprias sombras resistissem a seus esforços.

Isto sozinho foi o suficiente para preocupar, mas não desnecessariamente atormentar, Lucita. O Abismo foi um estranho lugar, uma estranha *entidade*, não totalmente compreendida mesmo por aqueles que tinham dominado os poderes que eles tiraram dele. Se as tendências e ideias e conceitos que foram as coisas mais próximas que o Abismo tinha de características físicas fossem mutáveis – especialmente na luz do que tinha acontecido a alguns anos atrás – isto não seria tão surpreendente.

Mas recentes irregularidades não foram limitadas a um único declínio de força da Lasombra. Lucita usou sua posição como arcebispo para manter as orelhas nos eventos acontecendo por todo o território reivindicado – ou desejado – pelo Sabá. Relatórios tinham começado a pingar, lentamente, mas gradualmente aumentando o ritmo, de Cainitas experienciando fraquezas e falhas completas de suas habilidades. Tinham eles sido mais esporádicos, Lucita podia os ter rejeitado como casualidades, vampiros tentando

fazer muito após muito tempo sem se alimentar, ou também todos delirantes que tinham começado a acreditar em seus próprios exageros.

Entretanto, eles não foram assim tão esporádicos. Na realidade, suas análises mostraram uma distinta e alarmante tendência. Vampiros Anciões estavam se expondo com mais frequência, e mais severos, variações do que foram mais jovens. Isto foi o suficiente, combinado com suas próprias dificuldades, para inspirá-las a informa os cardiais do Sabá de suas descobertas.

Sua falha em alcançar vários deles foi levando ela à uma conclusão mais desconfortável ainda – especificamente, que vários dos líderes do Sabá estavam desaparecidos. Não todos eles, nem sequer uma maioria; mas nas últimas noites, Lucita tinha conseguido a atenção devida de suficientes bajuladores que claramente não tinham alguma pista de onde seus chefes pudessem estar, e ficaram desesperados para esconder este fato, reconhecer que alguma coisa estava errada.

E a noite, as coisas tinham se deteriorado ainda mais. Relatórios estavam chegando muito e rápido, por fax, telefone e mensageiro, de violência dentro da hierarquia. Isto por si só não era incomum; a doutrina de força e poder do Sabá garantia que muitos conflitos internos terminavam em sangue e destruição. O número absoluto, entretanto, era surpreendente. Bandos inteiros tinham aparentemente eliminado uns aos outros, e vários bispos e arcebispos pareceram ter declarado guerra um sobre o outro, lançando cercos do tipo normalmente reservados para cidades possuídas pela Camarilla.

Hm... violência incomum. Anciões desaparecendo. Lucita teve um súbito pensamento, e decidiu prosseguir com ele. Deliberadamente usando o tentáculo de sombra onde ela podia então ter feito com a mão – ela estava indo manter seu nível completo de controle mesmo se isto significasse reaprender suas habilidades desde o começo – ela pressionou o botão do interfone sobre o alto-falante.

“Traga-me o Aajav Kahn.”

Por um momento, ela recebeu nenhuma resposta além do silêncio. Então, “Excelência, você poderia – umm, repetir por favor?”

“Você me escutou muito bem. Seraph Aajav Kahn da Mão Negra.”

“Excelência, eu não estou completamente certo de que eu sei como –”

“Então aprenda. E depressa.” Lucita desligou o interfone.

O sigiloso e militante subséquito do Sabá chamado Mão Negra não era fácil de alcançar – mesmo quando comprado àqueles cardiais que empregaram dúzias de camadas de transferência secretas, pacotes de dados encriptados, e múltiplas frases código, simplesmente para responder um telefone – mas ela sabia que *alguém* na hierarquia sabia como alcançar seus líderes. E se *alguém* podia fazer isto, *ela* poderia fazê-lo.

Várias horas passadas, nas quais Lucita alternou entre ler relatórios adicionais e praticar seu controle sobre as sombras – às vezes ambos, enquanto ela tentava usar pequenos tentáculos de escuridão para manipular as páginas. Estava bem até após a meia-noite quando o interfone soou.

“Você trouxe ele?” Lucita perguntou, não permitindo ao outro a oportunidade de falar.

“Eu – Eu receio que não, Excelência. *Bem* poucos de nossos contatos estavam dispostos a divulgar informação de contato para o serafim. E essas poucas conexões eu estava apto a tentar levar todos a becos sem saída. Também nenhum dos meus comandos foi preciso, ou Aajav Kahn não está atualmente acessível. Para qualquer um. Eu sinto muito, Excelência.”

Lucita praticamente silvou. “Você sabe fazer melhor do que se desculpar para *mim*. Faça melhor da próxima vez.”

Ainda assim, Lucita não pode realmente culpar seus assistentes. Não era como se ela mesma tivesse tido a maior sorte em alcançar pessoas recentemente.

Alguma coisa estava claramente acontecendo, alguma coisa com repercussões potencialmente de grande alcance. Ela teria andado pela Terra por tanto tempo, visto até muitos movimentos na Jyhad próxima e pessoalmente, para até considerar que essa convergência de eventos – uma estranha expansão de fraqueza do sangue nos anciões, um pico na violência por todo o séquito, e o desaparecimento de vários dos líderes do Sabá – poderia possivelmente ser coincidência. Alguém teria que dar uma olhada nisso, e embora ela gaste uma boa quantidade de tempo tentando levantar alternativas, a verdade era que Lucita conhecia somente uma pessoa que ela confiava o suficiente para conduzir tal investigação.

Que se dane. Ela queria um pouco mais de prática mesmo assim...

Outro clique do interfone. “Por favor, faça os arranjos para a minha ausência estendida, e tenha o avião pronto. Eu vou fazer algumas viagens.”

Hotel Os Degraus de Granito Savannah, Geórgia

“Você se dá conta, é claro”, Anatole disse calmamente enquanto ele levantava a xícara de café até seus lábios, “que isso não pode estar realmente acontecendo.”

“Oh, eu sei”, Beckett respondeu, bebericando em sua própria xícara. Ele olhou em volta, fitando as mesas vazias. Ele e seu profético amigo eram as únicas pessoas sentadas no café ao ar livre. Parecia parisiense, mas por alguma razão Beckett não podia ver o resto da quadra para confirmar sua localização. “Apesar de que, eu não estou certo de como eu sei. Por que isso não pode estar acontecendo?”

“Porque é praticamente impossível achar um café decente aberto a essa hora”, Anatole disse à ele. A xícara em sua mão se tornou um cálice, do tipo que alguém geralmente vê sendo usado para comunhão nas igrejas mais ricas da Idade Média. “E se você pudesse, ele dificilmente estaria vazio.”

“Ah.” Beckett tomou outro gole. Ainda tem gosto de café, mas o líquido em sua própria caneca – não, cálice – era espesso e vermelho. “Sabe, você soa diferente.”

“Isto faz sentido, eu acho.”

“Você sabe que você está em apuros, certo?”

“Sim, não há creme.”

“Eu estou falando sério. Veja.”

Beckett se virou, e percebeu que não era que ele não podia ver o resto da quadra; o resto da quadra não existia afinal. Mesmo que ele observasse, o nada rastejou apenas alguns centímetros mais próximo, acompanhado pelo som de mastigação.

“Mas que diabos é isto?”

“Eu irei lhe contar. Mas eu estou morto.”

Beckett acordou.

“Isto”, ele resmungou para o banheiro de hotel vazio, “foi bizarro.”

Por alguns momentos, ele simplesmente ficou deitado na banheira – a segurança adicional de uma parede extra entre ele e quaisquer janelas, para não dizer da tranca extra na porta do banheiro, fez o desconforto de acordar apertado pela porcelana valer a pena – e ponderou. Isso estava longe do primeiro sonho que ele tinha tido recentemente. Não foi sequer o primeiro que tinha envolvido seu velho amigo e mentor Anatole. Beckett estava confuso. Embora ele nunca tenha admitido isto para outra alma, ele estava também começando a se preocupar. Por toda a sua existência como um dos mortos-vivos, os dias de Beckett tinham passado em repousos sem sonhos – ou, se ele *tivesse* sonhado, eles não teriam sido memoráveis o suficiente para ele se lembrar até que o sol se pôs. Pelos últimos meses, entretanto – desde que a noite que ele passou na entrada de Kaymakli – Beckett tinha sonhado pelo menos duas vezes por semana, às vezes eram devido às memórias revolvidas e alteradas pelos fantasmas debaixo da terra, mas ele não tinha esperado que eles sumissem. O fato de que eles não achavam que estavam perturbando. Beckett tinha visto tantos profetas e profecias vindicadas no seu tempo para não acreditar em presságios, e ele não gostava daqueles que ele parecia estar experienciando agora.

O repentino chilreio de um telefone via satélite – especialmente um toque personalizado que Beckett tinha assinalado para somente um indivíduo – tirou ele do que estava ameaçando a se tornar uma noite toda de devaneio.

Beckett sorriu forçadamente já tão levemente enquanto ele dedilhava o botão de atender. “Como você está se sentindo, Velho Homem?”

“Eu sou mais velho do que você”, Okulos o informou com pompa, “por menos do que uma década.”

“Certo. Então como você está se sentindo, Velho Homem?”

A voz na outra extremidade sorriu. “Melhor, obrigado. Os ferimentos físicos estão a muito tempo curados. Inclusive”, ele adicionou, um tom amargo rastejando-se em sua voz, “alguns cortes razoavelmente desagradáveis atrás de meus joelhos”.

“Considere que a alternativa teria sido seu intestino ou sua garganta.”

“Ah. Bem, sim, as feridas físicas estão curadas. Eu ainda estou – casado. Drenado. Eu não sei quanto tempo eu passei indisposto...”

Beckett sorriu forçadamente nesta escolha de expressão. Okulos nunca gostou de pensar em si perdendo o controle, portanto ele raramente usava a palavra frenesi exceto quando se referindo aos outros.

“... mas deve ter levado um longo tempo suficiente para realmente exigir muito de mim”, Okulos concluiu.

Beckett podia somente concordar, embora ele não estivesse prestes a dizer alguma coisa. Okulos tinha estado na posse da Besta por meses, de acordo com Kapaneus. Beckett estava verdadeiramente impressionado de que seu amigo tivesse a força de vontade para reafirmar sua humanidade afinal.

“Eu acho”, Okulos continuou, “que eu estaria bem, se eu pudesse apenas conseguir algum descanso sólido, se esses malditos sonhos não estivessem me mantendo acordado metade do dia.”

Sonhos? Novamente, Beckett pensou em dizer alguma coisa, mas fechou sua boca com um quase estalo audível. Ele não estava preparado para confiar seus próprios sonhos à qualquer um, pelo menos não até ele ter resolvido o que, se alguma coisa, eles significavam.

“Mas chega de reclamações de um velho homem”, Okulos disse com um risinho. “Como estava Cairo?”

“Desapontadora. E perigosa. Alguma coisa está acontecendo lá. A guerra fria entre os Assmaitas e os Setitas da região parece ter aquecido, e nenhum dos lados está especialmente interessado em lidar com os forasteiros.”

“Eu percebo. Mas – desapontador? Eu não estive em Cairo tão frequente quanto você, mas eu nunca a achei desta maneira.

“Bem, Kapaneus pareceu gostar dela”, Beckett reconheceu.

“Ele ainda está viajando com você?” Definitiva surpresa nesta pergunta.

“Sim. Ele está no quarto ao lado enquanto nós falamos.” Beckett franziu as sobrancelhas. “Apesar de que, honestamente eu não estou totalmente certo do *porquê* Kapaneus está ainda comigo. Ele conseguiu uma forma verdadeiramente irritante de não surpreendentemente responder qualquer de minhas perguntas sobre o passado, e ele é superficial com aquelas que ele *realmente* responde. Mas toda vez que eu volto, *ele* está *me* fazendo perguntas sobre

o mundo moderno, e eu respondo à elas sem pensar. Eu não sei porque diabos eu ainda estou avançando com isto.”

Na realidade, isto não foi totalmente verdade. Beckett estava razoavelmente certo de que ele *realmente* sabia o porquê, e não eram apenas seus prolongados desejos de pressionar Kapaneus por informação. Ele não tinha feito qualquer grande introspecção recentemente, exceto no assunto dos sonhos, mas ele suspeitou que a verdadeira resposta fosse a simples solidão. Ele tinha bem poucos companheiros de viagem sobrando nestes dias, e foi legal dividir a noite com *alguém* – mesmo se este alguém fez mais perguntas do que uma criança de três anos.

(E parte dele se perguntou, dado a idade presumida de Kapaneus, se ele podia fazê-lo ir embora se ele quisesse).

“De qualquer forma, a descoberta por si só foi inútil”, Beckett explicou, mudando o tópico de volta ao Egito, e para entender que ele tinha investigado lá fora no deserto. “Somente um dos artefatos tinha a ‘escrita misteriosa’ nele, e era apenas uma passagem comum do Livro de Nod, uma que eu já tinha conseguido em três outras formas. É um achado valioso – você não acreditaria o quanto Ash estava desejando pagar por isto, para adicioná-lo a sua coleção – mas inútil tanto quanto minha própria pesquisa está envolvida.”

“Ah, a deleitável Victoria Ash. Eu estava me perguntando do porque você estava perdendo seu tempo na América do Sul. Eu acreditei que você fosse estar partindo hoje à noite, então?”

“Amanhã.” Beckett carranqueou sobre o que estava por vir. “Antes de deixar seu escritório, Ash recebeu uma ligação, perguntando por mim. Eu deveria me encontrar com o Puxa-Saco Holandês hoje à noite. Alguma coisa sobre a Camarilla estar precisando de minha ‘especialização’.”

Isto tomou de Okulos alguns minutos para parar de rir. “O Pieterzoon sabe o que você acha dele deste jeito?”

“Jan Pieterzoon é um homem do sim, uma ferramenta, e um fanático cego da Camarilla da pior ordem. Se ele não souber de como eu me sinto, eu estarei feliz de contar à ele.”

“Então por que você vai se encontrar com ele?”

Beckett sentiu um desejo bem humano de suspirar. “Porque ele também é um agente do Círculo Interno da Camarilla e uma cria de Hardestadt, um dos fundadores do séquito – e é mais fácil para eu levar algumas horas para diverti-los do que levar alguns anos esperando por sua ira em serem ignorados ao desaparecer.”

“Sensível.”

“Sensível, este sou eu. De fato, eu sou tão sensível, que eu já estou atrasado. Eu falarei com você depois, Okulos. Fico feliz que você está se sentindo melhor.”

A Plantação de Thompson Fora de Savannah, Geórgia

Beckett elevou-se para fora do Land Rover alugado e examinou seu destino com um olhar perito. A mansão ficava no fim de um longo passeio arborizado e estava empoleirado no meio de uma enorme propriedade. Ele claramente pré-datava a Guerra Civil. Se ele tivesse que adivinhar, Beckett diria que a edificação tinha provavelmente sido limpadado e restaurado pela Fundação Savannah Histórica durante sua elegante farra dos anos 50. A principal edificação por si só era grande o suficiente para abrigar uma família em torno de cinquenta, e Beckett imaginou que os alojamentos do ex-escravos tinham sido convertidos em algumas luxuosas casas de hospedes.

Um único guarda, o qual parecia ser nada mais do que um homem negro idoso e de barba branca, sentado em uma cadeira dobrável ao lado do portão, jogando uma mão de solitária sobre uma bandeja de TV. Beckett, sabendo muito bem que ele era quase seguramente mais do que ele parecia, manteve suas mãos visíveis enquanto ele se aproximava.

“Beckett, para ver a Sra. Ash. Eu estou sendo esperado.”

O velho (olhar) homem – não, vampiro, Beckett se deu conta desse close – olhou para ele atentamente. Beckett tinha tanto visto quanto efetuado suficientes exames com sentidos indisponíveis para mortais saberem o quanto minuciosamente ele estava sendo avaliado agora.

“Certo, Sr. Beckett”, o guarda disse finalmente. Ele pressionou uma rápida sequência de números em um teclado numérico escondido na parede atrás dele, e o portão se abriu. “Se você irá estacionar pela casa principal, alguém irá cuidar do seu carro. Você apenas entre imediatamente.”

Beckett procedeu com a condução, notando que vários jardineiros – Beckett se perguntou brevemente se eles eram ghouls ou meramente empregados – vagavam sobre a propriedade mesmo a esta hora tão tardia, assegurando crescer os vários jardins de flores.

No próprio solar, um amplo e raso lance de degraus de pedra levava à porta principal, a qual era bem mais alta do que ela precisa ser. Uma campainha tocou de fundo em algum lugar enquanto ele o abria.

O interior da casa era bem mais opulento até do que o exterior. Um grosso carpete criava uma passagem da porta da frente, debaixo uma sequência de candelabros maciços de cristal, para uma escada dividida que se curvava e em torno para se encontrar em um balcão do segundo andar. Pinturas e outros enfeites artísticos adornavam as paredes enquanto estátuas ocupavam expositores em cantos isolados, colocados com a precisão somente de um verdadeiro aficionado em arte poderia realizar. Embora, de alguma forma, a casa também dava uma impressão de habitação temporária, como se o ocupante, apesar da aparente insistência na beleza e conforto, não antecipou estar aqui longamente. Mesmo se Beckett não tivesse já conhecido quem residia aqui, ele poderia ter adivinhado sozinho pelo salão.

“Você tem uma bela casa, Sra. Ash”, Beckett disse à sua anfitriã enquanto ela descia a escada mais à esquerda. “Eu estou honrado em estar aqui.”

Ele estava também bem curioso quanto ao porque dele estar ali, desde que os negócios que eles tinham conduzido nas noites anteriores tinham todos ocorridos em seu escritório. Por que Pieterzoon garantiu uma sala de reuniões em seu refúgio pessoal? Também, ele estava impondo a sua força – algo que Beckett, muito do que ele não gostava de Pieterzoon, tinha que admitir era improvável – ou Ash estava simplesmente se insinuando ao conceder à ele todas as cortesias.

“Oh, Victoria, por favor. E obrigada.” Seu espesso cabelo ruivo estava preso em camadas hoje à noite, um moderno eco do estilo que uma verdadeira bela do Sul pode ter usado para dar as boas-vindas aos visitantes nesse mesmo solar a quase dois séculos atrás. Seu vestido, de um vermelho escuro, deixava seus ombros descobertos, e ela usava um xale preto sobre ele. “Eu estou feliz de que você esteja aqui, Beckett”, ela disse à ele, levando ele de volta para cima da escada. “Talvez você irá me ajudar a achar o lugar certo para exibir as peças que eu acabei de adquirir de você.”

“Eu estou certo de que eu não teria a sua habilidade em posicioná-los, Victoria”, ele respondeu, curtindo o jogo apesar de si

próprio. Victoria e ele tinham cruzado caminhos algumas vezes através dos anos, mais notavelmente em Londres a mais de um século atrás. Este negócio não tinha encerrado agradavelmente especial para ambos. “Ou o seu olho para a estética.

“Mesmo assim”, ele continuou, enquanto ela colocou um pé no patamar superior de chegada e avançou, em seu desejo de anfitriã, direto para uma porta de carvalho que provavelmente levava para um escritório, “se eu puder escapar de Pieterzoon com um mínimo de perda de tempo, talvez nós pudéssemos examinar –”

“Você não vai se encontrar com Jan Pieterzoon.” Beckett escutou justo o leve trinar na voz de Ash enquanto ela falava. Ele congelou, uma mão já estendida para abrir a porta, e lentamente virou sua cabeça para fitá-la, imperturbável. Pensando bem, estava ela um pouco mais pálida do que o normal, mesmo para ela?

A suspeita começou a se mexer no fundo da mente de Beckett, a Besta cavalgando com ela. Ele foi traído? Era isso algum tipo de armadilha?

“Victoria”, ele começou, sua voz baixa, “o que está acontecendo?”

“O que está acontecendo”, uma nova voz respondeu enquanto a porta do escritório era aberta de dentro, “é que minha cria ficou ocupada com outros assuntos. Acredito eu que irei fazer em seu lugar, Sr. Beckett.”

Beckett pode sentir a sua própria face empalidecer – uma instintiva reação na fisiologia dos Membros, enquanto concentra todo o seu sangue no corpo em preparação para a luta ou fuga – e forçou a cor de volta às suas bochechas. Ele tinha escutado esta voz antes, com seu sotaque Germânico, mas não inteiramente Alemão. Ele sabia, mesmo antes dele se virar de volta para a entrada, que ele veria. Ainda assim, ele parou por um momento, parcialmente para deixar sua carne recuperar o que a pouco cor ela normalmente possuía, parcialmente por forma não parecer tão surpreso quanto ele verdadeiramente estava.

O homem na estrada estava alguns centímetros mais baixo do que o próprio Beckett, embora ele tivesse sido considerado muito alto durante a era em que ele nasceu e foi Abraçado. Cabelo preto, olhos azuis, um queixo quase quadrado o suficiente para usar como uma régua... um terno preto Europeu insanamente caro e sob medida, com uma camisa púrpura real por debaixo dele... e uma aura de poder e autoridade tão poderosa que Beckett quase teve que entrecerrar os olhos por causa dela.

“Olá novamente, Sr. Beckett.”

Beckett *realmente* esperava que o outro não percebesse ele engolir uma vez antes de falar. “Olá, Hardestadt.”

A Plantação de Thompson Fora de Savannah, Geórgia

Agora, eles ficaram sozinhos, no escritório. O Fundador tinha rapidamente dispensado seus anfitriões de sua presença com um brusco, “Esses assuntos não dizem respeito à você, Senhorita Ash.” E enquanto a Toreador pode bem ter ficado irritada ou insultada ao ser tão casualmente mandada embora em sua própria casa, ela não quis discutir com aquele que estava fazendo a varredura. O escritório era confortavelmente mobiliado com várias cadeiras almofadadas, uma grande mesa e várias estantes – todos eles pareciam ser tão velhos quanto a própria casa – mas nem Beckett nem Hardestadt pareciam inclinados a sentar.

Beckett ficou de pé parado como uma rocha enquanto ele podia lidar, rezando que o Fundador não pudesse detectar sua perturbação interior. Sua aversão pelos oficiais de qualquer séquito – egoístas santimoniais, um monte deles, com nenhuma preocupação por qualquer coisa a não ser seus próprios interesses – se chocou com uma dose saudável de nervosismo (Beckett não foi completamente honesto o suficiente consigo mesmo para chamar isto de medo) que qualquer Membro sábio sentiria quando estiver lidando com uma figura tão poderosa quanto esse. Ele sabia, também, que parte de sua agitação era um resultado artificial da aura emocional anormal do Ventrue, mas este conhecimento não tornava o sentimento mais fácil de superar. Beckett segurou a Besta nas profundezas de sua mente e alma com um domínio de ferro.

“Tudo bem, Hardestadt, do que se trata isso? Eu estou honrado que você tenha vindo por todo esse caminho para me ver, mas...”

“Honrado?” Hardestadt levantou uma incrédula sobrancelha. “Realmente.”

“Bem, talvez não muito honrado quanto aborrecido.”

Mas que diabos você está fazendo, Becket? Ele sentiu parte de si questionar a outra, e ele na realidade não tinha uma resposta. Isto foi uma linha tênue entre mascara o medo e a excessiva bravata, e ele ainda estava abalado o suficiente para que ele não estivesse certo de que ele pudesse dizer a diferença.

Felizmente, com exceção de um breve cacoete de um dos olhos de Hardestadt, o Fundador pareceu inclinado e deixar o insulto passar sem reconhecimento.

“Diga-me, Beckett”, em vez disso ele continuou, finalmente tomando assento em uma das cadeiras, cruzando um tornozelo sobre o outro joelho em uma postura que absolutamente radiava um senso de conforto e alívio que ambos sabiam que era uma fachada. “Você notou qualquer coisa incomum nos últimos meses?”

Beckett franziu as sobrancelhas, e pôs suas mãos sobre a costa da outra cadeira, embora ele tenha permanecido de pé. Não iria machucar admitir onde ele esteve recentemente – Ash já sabia, afinal. “Eu estive em Cairo na maior parte dos últimos meses. Cairo é sempre um pouco incomum. Mas sim, haviam sinais de alguma coisa não totalmente normal. As diferentes facções do Cairo pareciam ter finalmente declarado guerra aberta. E eu acho que escutei um rumor ou dois sobre alguma doença do sangue em alguns anciões, mas eu não tive uma chance para investigar.”

Nem Beckett estava certo do que ele *queria*. Ele ainda tinha memórias assustadoras da *última* vez que alguma doença transmissível pelo sangue capaz de afetar os vampiros espalhou-se pela comunidade, e o pânico e a violência que tinha se sucedido.

“De fato.” Hardestadt acenou. “Na verdade, é de alguma forma mais severo do que isto. Essa ‘fraqueza do sangue’, como você diz, não atingiu somente alguns anciões. Ela parece ter se espalhado *substancialmente*. Nem ela é aparentemente limitada àqueles acima de uma certa idade, embora ela pareça atingir mais forte os Membros mais velhos. Os rumores estão se espalhando, Beckett, e se espalhando rapidamente. Se você tivesse passado algum período de tempo nos domínios da Camarilla – ou, eu imagino, mesmo aqueles do Sabá,” – Hardestadt praticamente cuspiu a palavra – “então eu estou certo de que você teria escutando-os por si mesmo.

“Nem isso é o único problema em mãos. A violência, tanto entre quanto dentro dos séquitos, está se elevando a uma taxa substancial. Em dois meses, nós tínhamos não menos do que onze desavenças de fronteira relatadas com os domínios do Sabá, pelo menos três batalhas abertas entre príncipes rivais da Camarilla, e a inteligência sugere que uma quantidade de anciões Sabá também foram se esconder, ou foram removidos do campo. As ocasiões mais recentes ocorreram aqui, nas Américas, mas isto está acontecendo mundialmente em maior ou menor grau.

“Por fim, Beckett, uma quantidade de nossos místicos está alegando que a Estrela Vermelha começou a brilhar mais claramente quando examinou com qualquer coisa além dos sentidos mortais.”

Beckett de repente achou que ele viu onde a conversa estava indo, mas ele não pode se levar a acreditar nisto. “Você, Hardestadt? De todas as pessoas, é um dos grandes Fundadores da Camarilla, aquele que passou os últimos cinco séculos e meio alegando que isto tudo era apenas um mito, de repente ficou com medo da Gehenna?”

“Não seja ridículo. É *claro* que isso não é a Gehenna. Infelizmente, como eu estava dizendo, rumores se espalham rapidamente. E muitos daqueles que os escutam não são tão equilibrados quanto eu.”

“Tudo bem, então por que trazer isso para mim? Eu não sou precisamente um especialista em relações públicas.”

Hardestadt fez uma careta. “Eu preciso de pessoas – especialistas famosos e respeitados no campo – para começar a assegurar às massas que isso não é algum pseudo-místico apocalipse, mas simplesmente uma propagação de febre de sangue, talvez combinada com outro ciclo de alucinação e histeria da Gehenna. Os Tremere podem ser incapazes de fornecer uma explicação satisfatória.”

“Se eles não podem”, Beckett disse, “Eu não estou certo de que –”

“Então eu estou próximo de outros ocultistas reconhecidos e Nodistas, “Hardestadt continuou, não interessado nos comentários de Beckett. “Infelizmente, isto não é uma proposição tão simples quanto ela já foi uma vez, quando a maioria dos tais especialistas verdadeiramente bem conhecidos tem o hábito de desaparecer. O Malkavian Anatole está morto. Eu tenho pessoas procurando pelo seu companheiro Aristotle de Laurent, mas nós não tivemos sorte em localizá-lo até agora.”

“*Ex-companheiro*”, Beckett rosnou baixo em sua garganta. Ele ainda não perdoou Aristotle por tentar roubar uma das relíquias que Okulos tinha passado à Beckett enquanto estava preso em Kaymakli, antes dele ter parado de se comunicar através do vigia.

“Calebros concordou em ajudar, mas sua reputação no campo ainda é a uma nova. Sua palavra carrega menos peso do que eu preciso. E por isso, Beckett, erudito do oculto, arqueologista e Nodista determinado, nós chegamos à você.”

Beckett sentiu a madeira da cadeira ranger sob seu agarramento enquanto seus punhos se apertaram. *Aqui vamos nós...*

“Só para esclarecer... você me quer para fazer o *que*, exatamente?”

“Simplesmente espalhar a notícia de que o que está acontecendo agora *não* é o presságio para a Gehenna. Acalme as pessoas. Viaje comigo por um tempo, talvez. Fale diante dos outros, onde eu disser para você falar. Faça isso, e você bem poderá impedir o pânico difundido, para não mencionar as tolices que poderiam nos expor à atenção mortal. Aqueles no controle do pânico têm um infeliz hábito de desrespeitar nossas tradições da Máscara.”

“Mas eu não sou um membro de seu Clube de Antigos Homens Mortos, Hardestadt. Mesmo se você estivesse disposto a confiar em mim para fazer isso, por que eu iria querer?”

“Todos os Membros são parte –”

“Oh, deixe isto para os neófitos, Hardestadt. Se eu escutar qualquer coisa desta merda de ‘Todos os Membros são um só com a Camarilla quer saibam eles ou não’ mais uma vez, eu juro por Deus que eu vou botar alguém em torpor.”

Ah, merda. Eu não disse justo isso...

Os olhos de Hardestadt brilharam enquanto ele se pôs de pé. Embora o maior entre os dois, Beckett de repente sentiu como se ele estivesse olhando para cima. Ondas de uma imponente majestade e fúria justa jorravam do Fundador, e ele pareceu crescer, não fisicamente maior, mas de alguma forma mais sólido, mais *real*, como se tudo mais fosse simplesmente um pano de fundo pintado. O ar na sala se acumulou e começou a comprimir os ombros de Beckett, um peso impossível que fez movimentar em qualquer direção que não diretamente para o impensável. Se Beckett pensou que ele fosse ficar abalado pela estranha presença do Fundador anteriormente, ele estaria positivamente esmagado debaixo disto agora. Seu corpo tremeu enquanto ele brigava com o desejo de se revirar e revelar sua garganta.

Não demonstre medo. Não demonstre medo. Não deixe que ele saiba o quão inteiramente ele pegou você...

“Você”, Hardestadt praticamente berrou, e até suas palavras pareceram cair com o impacto de uma torrente de balas, forçando Beckett a recuar para o canto, passo por passo, “demonstra uma perigosa falta de respeito para com seus anciões, senhor!”

Uma parte muito substancial de Beckett queria fazer o que Hardestadt claramente esperava. Ele queria engolir seu orgulho,

para permitir que seu medo se mostre, e simplesmente se desculpar, talvez até se humilhar.

Mas ao invés disso, Beckett ouviu aos seus instintos bem apurados para *nunca* assentir dominância, particularmente para um membro da hierarquia de um dos grandes séquitos. Esses mesmos instintos disseram à ele que seu medo era artificial, e para tudo que ele conhecia isto era a própria voz de Hardestadt que estava chamando a submissão de “jogada inteligente”. Portanto, ao invés de um pedido de desculpa, Beckett falou alguma coisa inconfortavelmente semelhante a ordem de sua própria morte.

“Você não é meu ancião por muitos anos quanto você leva as pessoas a acreditar, Hardestadt.”

A sala ficou completamente e mortalmente silenciosa. O peso da personalidade de Hardestadt que estava pesando sobre Beckett de repente brotou gelou. Se foi isto que causou um tremor para correr através do corpo morto-vivo de Beckett, ou se foi simplesmente a realização terrível e remexedora de intestino do que ele tinha apenas feito, ele não podia dizer.

Isto foi algo que Beckett, que teve acesso a muitas perspectivas históricas e até testemunhos em primeira mão que a maioria dos outros não teve, tinha descoberto inteiramente a algum tempo atrás. Oficialmente, Hardestadt tinha sobrevivido a uma tentativa de assassinato por um revolucionário chamado Tyler durante a Revolta Anarquista, a guerra dos Membros da era da Renascença que tinha indiretamente gerado tanto a Camarilla quanto o Sabá. Beckett, entretanto, tinha reunido a verdade, uma verdade conhecida somente por alguns seletos entre os maiores postos da Camarilla: Hardestadt o Ancião tinha de fato morrido nas mãos e garras de Tyler. Este era sua cria, Hardestadt o Mais Novo, o qual sobreviveu para essa noite, tendo tomado o lugar de seu senhor.

Isto era um segredo que Hardestadt tinha assegurado matado para manter, em mais de uma ocasião. E Beckett, a menos que ele fizesse alguma coisa *bem* rapidamente, tinha apenas organizado escrito seu nome nesta lista.

Ele podia muito perfeitamente ter dado graças de joelhos quando Ash escolheu este momento para abrir a porta.

“Minhas desculpas por perturbá-los”, ela disse calmamente, educadamente – quase como se ela realmente quisesse isto, “mas seja o que for que vocês estejam fazendo aqui, eu posso senti-lo através da casa. Essa é a minha casa, e eu apreciaria se meus convidados mantivessem as coisas civilizadas.”

Hardestadt deu à ela uma olhada irritada, mas Beckett sentiu o peso da presença do Fundador diminuir apenas um pouco.

“Olhe, Hardestadt,” ele disse rapidamente, rezando para que sua voz não soasse quase tão desesperada quanto ele se sentia, “eu não posso apenas ser um porta-voz de propaganda para você. Sem um exame aprofundado das circunstâncias, eu não estaria apto a soar crível, pelo menos não para qualquer um que tenha a menor ideia do que eu estou falando.

“No entanto, deixe-me oferecer isto. Eu irei investigar o que está acontecendo, estudá-lo. Diabos, eu provavelmente teria decidido fazê-lo de qualquer forma, uma vez que eu tenha escutado por mim mesmo alguns desses rumores que você está falando. E tão logo quanto eu descubra qualquer coisa sobre o que está acontecendo, eu irei reportá-la de volta para você, e nós – isto é, você – poderá decidir para onde ir a partir daí.”

Por vários longos segundos, os mais longos – e possivelmente os últimos – da existência de Beckett, o Fundador continuou a fixar ele. A pressão emocional martelando em sua mente, coração e alma aumentado uma vez mais. Então, com outra olhada para Victoria Ash, Hardestadt deu um único passo para trás. Ele pareceu diminuir enquanto ele o fazia, e o ar na sala palpavelmente se abrandou.

“Muito bem, Beckett. Eu tenho o meu próprio pessoal investigando isso, é claro, mas eu imagino que eles podem bem usar o conhecimento de um especialista. Investigue isto. Diga-me o que está acontecendo, se isto é uma doença do sangue, uma maldição ou alguma coisa mais.”

“Mas Beckett... *Tudo* que você descobrir virá à mim. Imediatamente. Se eu descobrir que você deixou de fora um único detalhe, ou que você entregou algo dessa informação à mais alguém, eu darei à você meu solene juramento de que você passará o resto de sua existência implorando para a Gehenna verdadeiramente chegar.”

Beckett não ficou muito impressionado com as ameaças, mas ele sabia que Hardestadt era bem capaz de fazer exatamente como ele prometeu. Ele acenou. “Como eu faço contato com você?”

“Eu estarei viajando em bastante. Você terá o seu – aparelho celular com você?” Hardestadt aparentemente não estava inteiramente confortável com a tecnologia moderna, não é uma característica incomum para um ancião.

“Uh, sim. Há um número que eu possa ligar –”

“Não. Quando você tiver alguma coisa a relatar, deixe um recado aqui, com a Sra. Ash. Ela irá me avisar, e eu irei fazer contato com você.” Ele se virou. “Eu acredito que isto seja aceitável para você também?”

Sua anfitriã acenou. “Você só tem que pedir.”

E, de repente, Beckett se encontrou trabalhando para a Camarilla. Ele se perguntava se teria sido melhor deixar Hardestadt mata-lo.

A Plantação de Thompson Fora de Savannah, Geórgia

“O que ele queria?”

Beckett não sabia realmente o que dizer disto. Ele já tinha se pego em problemas suficiente sem quebrar a confiança de Hardestadt o Fundador logo de cara. “Você esteve lá na maior parte disto, Victoria. De qualquer forma, eu achei que você sabia tudo que acontecia debaixo de seu telhado.

Ela deu à ele um sorriso azedo. “Quão grosseiro você é, Beckett. O que você disse sobre o Tremere?”

Beckett ficou honestamente confuso. Poderia muito bem ser sincero. “Não muito. Eles estão ajudando ele nesses assuntos, ou não foram capazes na realidade.

“Você não acha isso estranho? Que o Hardestadt não pode achar um único Tremere para assisti-lo no... seja qual for o assunto que traz ele aqui?”

“Eu não diria isto, Victoria.” Ela queria dizer à ele alguma coisa. Ele podia sentir isto. “Eu apenas tive a impressão de que eles estavam dando à ele um obstáculo oficial, só isso. Procedimento operacional padrão para este bando, realmente.”

Victoria não disse nada por um bom tempo, e Beckett se recusou a quebrar o silêncio. Ela estava pensando os prós e contras, tentando decidir onde ela teria vantagem. Bem, deixe ela.

Emfim, ela falou. “Beckett, eu não consigo achar os Tremere. *Qualquer um* deles. Eu não acho que ele possa também.”

Beckett engoliu. Os Membros eram dificilmente numerosos e os Tremere eram apenas uma fração disto, mas haviam capelas na maioria das cidades através do mundo pelo amor de Deus. Havia centenas, talvez milhares, deles ao todo. “O que você acha?

Eles todos se esconderam ou algo assim?”

“Não. Beckett, os Tremere não ‘se esconderam’. Haviam três feiticeiros do sangue em Savanna e quando eu notei as suas ausências eu comecei a fazer algumas investigações. Até onde qualquer um de meus amigos possa dizer, eles todos se foram completamente. Eu não consigo achar sinais deles, aqui ou em qualquer cidade onde eu ainda tenha conexões.”

Beckett inclinou-se para frente. “Eles se foram? *Todos* eles!?”

“Pelo menos é o que parece. Beckett, o que está acontecendo?”

“Victoria, quando eu descobrir, você definitivamente será a primeira a saber.”

Hotel Os Degraus de Granito Savannah, Geórgia

“Você parece estar com algum tipo de pressa.”

Beckett, suas mãos escondidas na grande bolsa de lona que ele estava carregando, praticamente saltando de sua pele. “*Maldição, Kapaneus! Pare de fazer isto!*”

A vampiro ancião – vestido agora com uma túnica e calça de algodão Egípcio, por causa dele ter expressado algum desconforto com a maioria das roupas modernas – ficou com uma mão por sobre o batente do quarto de Beckett. “Nós estamos indo à algum lugar?”

“Eu estou. E isto não é que eu esteja com tal pressa para estar em algum lugar, com tanto que eu não tenha que ficar aqui. Eu consegui arranjar outra forma de entrar em uma confusão dos infernos, Kapaneus. E é uma confusão tão grande enquanto estou aqui, que isto está começando a soar como se houvesse uma ainda mais lá fora.” Brevemente, ele repetiu a informação que ambos Hardestadt e Victoria deram à ele. Kapaneus surpreendentemente pareceu preocupado.

“Isto soa muito mais como algo das profecias, Beckett. ‘Chegará um tempo, quando a maldição Daquele acima não será mais tolerado, quando a Linhagem de Caim chegará à seu fim, quando o Sangue de Caim ficará fraco...’”

“Eu conheço as profecias, Kapaneus. O *Livro de Nod* é o meu hobby, e estive em torno da área tempo suficiente para ter escutado choros de sobra da Gehenna que se tornou em nada. Mas eu sei que *alguma coisa* estranha está acontecendo, e quando chegar à esse tipo de estranho, eu não consigo pensar em um melhor ponto inicial do que os Tremere.”

“Mas ambos Hardestadt e Ash insinuaram que os Usurpadores tivessem todos desaparecido.”

Os *Usurpadores*. Às vezes Beckett esquecia justo o quanto antigo Kapaneus deveria verdadeiramente ser. Diabos, com ele como um companheiro, talvez ele não tivesse que se preocupar tanto sobre o Hardestadt.

“Então eles fizeram. Eu não tenho ideia do *que* diabos está acontecendo, e isto me preocupa. Muito. Quando os Tremere correm para se esconder, alguma coisa desagradável vem pelo caminho. Seja como for, eu tenho o Okulos tentando chegar a seus contatos, e enquanto isso, eu sei de um lugar que eu estou quase certo de que nós ainda possamos desenterrar um feiticeiro.”

“Ah. Então ‘somos’ nós agora. Bom. O Egito estava fascinante, mas eu ainda gostaria muito de ver mais dessa era. Para onde nós estamos indo?”

“Um pequeno país chamado Mônaco.”

Dentro do navio de carga Salimah, doca Istanbul, Turquia

Seu nome era Jibril, após o arcanjo Gabriel na língua árabe. Se ele tivesse tido qualquer outro nome, ele o teria esquecido nos seus séculos de não vida – e a pele negra de Jibril demonstrava que ele tinha muitos desses séculos atrás dele.

Jibril se considerava uma Assamita do Assamita. O clã era, na verdade, muito mais profundo e variado do que sua reputação sugeria. A maioria dos estrangeiros viu isto como um pouco mais do que um bando de assassinos famintos por sangue e canibais. A julgar por Jibril, eles estavam certos. Ele amava somente a caça, apenas a matança. Quando o antigo Ur-Shulgi se levantou e demandou todos os Assamita a abandonar suas fés mortais para adorar somente Haqim, seu fundador, muitos do clã escolheram seguir seus próprios caminhos, tentando se estabelecer sozinhos ou se juntando à Camarilla ou Sabá. Jibril permaneceu leal, e tinha levado isto sobre ele para caçar aqueles que tinha se tornado traidores. Isso não estava fora de qualquer amor à Ur-Shulgi ou até Haqim, mas pelo amor da matança. A tradição Assamita proíbe a violência não autorizada dentro do próprio clã, mas Jibril agora tinha uma desculpa para caçar a maior presa de todas.

Assim tinha ele se contrabandeado aqui, para Istanbul, para a Turquia que era a casa para muitos de seus irmãos mais fracos,

aqueles que tinham jogado sua sina com a Camarilla. Ele iria derubá-los um por um, e revelar nos seus –

Isto era impossível aqui, em um minúsculo espaço no porão de um navio, mas de qualquer forma uma repentina brisa quente varreu através do espaço. Isto lembrou Jibril de um vento de deserto, carregando com ele o gosto da areia.

Ele era seguido quase imediatamente por um esmagadora odor de sangue. A câmara fedia como um matadouro, de tão intenso que era o aroma. Jibril encontrou suas presas alongadas de sua própria harmonia. A fome despertou nele tão intensamente que ele começou a suar. Ainda assim o vento aumentou, e ainda o fedor ficou mais forte.

E então houve mais. Apesar dele não ver nada, sentia nada mais do que a brisa, Jibril estava ciente de uma presença com ele no espaço, algo ocultado.

Algo terrível.

“Quem – ”

Quando ele começou a falar, Jibril estava perfeitamente bem, embora um tanto nervoso. No final da primeira palavra ele estava caindo ao chão, seu corpo totalmente drenado de sangue, sua alma sugada para alimenta alguma coisa antiga. E então ele era nada mais do que pó, derrotado em volta do espaço por um minuto ou mais antes do vento desaparecer, levando o fedor de sangue com ele.

Mais minutos se passaram, e então a porta rangeu ao abrir. A mulher que se posicionou nela era também de pele escura, e tal como no caso de Jibril, essa escuridão não era a matiz de melanina, mas a marca da idade avançada que somente os Assamita sofriam dela. Suas características eram finas, afiadas, contudo atraentes. Ela vestia roupas frouxas, calça e camisa que nenhuma forma interferiria com seus movimentos. Seu cabelo estava amarrado para trás com um pano, e ela carregava nada menos do que seis lâminas ocultadas em vários pontos nela.

Seu nome era Fatima al-Faqadi, e ela caçava algo que ela orava à Allah que ela não encontrasse. Por meses ela tinha sentido uma crescente presença em sua mente, o peso ou o eco de algo que se movia através do mundo. Às vezes ela sentia isto se aproximar, apenas para perdê-lo novamente. Toda vez ela se apressava em localizar onde ela o sentia mais fortemente, somente para encontrar

cenar tal como essa – evidência de que alguém que tinha outrora sobrevivido além da morte tinha finalmente caído.

Seja lá o que isto for. Apesar de que ela tinha seus medos e suas teorias, Fatima estava despreparada para definir quaisquer conclusões sem mais evidências.

Era, entretanto, hora para ela parar de ficar três passos atrás do que quer que fosse, mas ao invés tentado se mover à frente dele. Se vampiros estavam morrendo subitamente, violentamente, então talvez conviria à ela falar com aqueles que são especializados em matá-los.

Fatima partiu de *Salimah*, despercebidamente quanto ela tinha entrado, e começou a se arrumar para a rápida viagem à Juarez, México.

A Plantação de Thompson Fora de Savannah, Geórgia

“Eu deveria ter matado ele.”

Hardestadt sentado na mesma cadeira, atrás da mesma mesa, no escritório do andar superior do solar de Ash. Ele estava sozinho; Ash foi era uma anfitriã educada o suficiente para oferecer à seus convidados privacidade quando eles o desejavam. Mais concretamente, a maioria dos Membros sensatos também teriam se assustado com as consequências do risco de espiar o Fundador. Ele falou para seu ausente e à muito morto senhor, o Hardestadt original. Ele assim o fazia com frequência, quando estava contemplando táticas onde ninguém podia ouvir por acaso. Este era um hábito que ele tinha adquirido não fazia um ano após o ataque de Tyler.

“Mas isto teria levantado muitas questões, eu acho, pelo menos com Victoria – e ela tinha os ouvidos de muitos outros. Eu estou tentando *evitar* essa maldita histeria de Gehenna. Para eu ser diretamente envolvida na morte de um tão famoso Nodista como Beckett... a última coisa que eu preciso é para que isto pareça como se eu estivesse escondendo algo. Melhor deixá-lo viajar, estar bem longe de qualquer lugar associado comigo e meu.”

Estava muito ruim. A compreensão de Beckett sobre os atuais eventos podiam se provar fascinantes. Ele podia até se capaz de ajudar Hardestadt a determinar o que estava *realmente* acontecendo. O atual instinto de Hardestadt era culpar os Tremere, assumir que eles tinham ou se voltado contra a Camarilla ou

permitido que suas mágicas saíssem do controle – mas isto era tudo apenas teoria até ele ter evidências sólidas. Beckett seria útil em reunir as ditas evidências.

Por outro lado, Beckett era um ocultista e um declarado crente nos sinais e presságios. Era inteiramente possível de que ele pudesse começar a acreditar nessa tolice de Gehenna. E tantos problemas como o Hardestadt, o Círculo Interno e os justicars iriam passar para evitar que tais rumores de se espalhar, a última coisa que ele precisava era um respeitado erudito adicionar combustível ao fogo.

E, é claro, Beckett sabia demais acerca dele tal como aconteceu.

Estava sendo difícil de achar alguém tanto leal quanto forte o suficiente para eliminar o Gangrel. A maioria dos arcontes da Camarilla estavam atualmente designados ao controle de rumores, até – em alguns casos, silenciar aqueles que falavam muito alto. Mas isso era uma prioridade.

Hardestadt olhou o telefone no escritório, decidiu que ele não podia acreditar nos modos de Ash *assim* completamente, e, com uma expressão de extremo desgosto, removeu um antigo modelo de telefone celular do bolso de seu casaco. Ele não sabia, nem se preocupava, que o número que ele discou passou através de mais de uma dúzia de retransmissões e era misturado e remisturado quase que várias vezes, usando tecnologia de criptografia que até a CIA não tinha ainda adotado. Ele apenas sabia que seu conselheiro garantiu à ele que era seguro, e que era suficiente.

“Aqui é o Hardestadt. Eu requero um de seus arcontes, numa questão de extrema urgência para o Círculo Interno, e de fato a Camarilla inteira. Sim, eu sei que você está ocupado. Ache alguém de qualquer forma.”

“O que?” O Fundador não pode impedir inteiramente um enorme riso forçado de se espalhar através de suas características esculturais. “Sim. Sim, ele irá servir *perfeitamente*. Diga à ela fazer contato comigo diretamente, e eu irei emitir instruções adicionais.”

Hardestadt fechou o repugnante pequeno aparelho com um sonoro clique. Beckett era tão bom quanto morto.

A Plantação de Thompson Fora de Savannah, Geórgia

Pela decima noite seguida, Victoria sentou em sua mesa cômoda, usando seu pequeno espelho mão para examinar a carne por trás da linha de seu maxilar, no lado esquerdo de seu pescoço. Pelos últimos quatro anos, ela tinha escrupulosamente evitado sequer de olhar para lá, e favorecia estilos de cabelo que mantinham encoberto este pequeno espaço. Durante a queda de Atlanta para o Sabá, ela foi capturada e assumida por uma criatura monstruosa chamado Elford, o qual tinha marcado ela. Elford – *que ele apodreça no inferno!* – foi um torturador entusiasta e dotado na horrível arte que ele chamava de modelar a carne. Como muitos membros de seu clã – o Tzimisce – ele pôde remodelar o osso e pele como argila. Suas ministrações eram impossíveis para Victoria recordar sem provocar uma onda de fúria, medo e repulsa no seu coração. Este Elford não ter sobrevivido ao seu encontro foi de um pequeno conforto para ela – a nervura de carne levantada que ele deixou no pescoço dela. Como uma cobra comendo seu próprio rabo, o anormal círculo de pele era uma constante lembrança de que ela não podia nunca totalmente escapar dessas terríveis noites após a queda de sua cidade para a assim chamada Espada de Caim. A Marca tinha sido tão imortal quanto ela era.

Até agora.

Pelas últimas dez noites, ela tem observado essa *coisa* – mais do que uma marca, mais para um crescimento parasitário – empola, racha e finalmente sangra. Agora havia uma esfolada e penetrante marca em sua pele que se recusa a se curar a pesar de todos os seus melhores esforços. Somente ao usar pequenas compressas e trocá-las várias vezes por noite, tinha ela conseguido manter esse seu segredo.

Ela tinha se dignado a procurar os Tremere para ajudar, mas isto a tinha levado somente para outra descoberta preocupante.

“Boa sorte, Beckett”, ela disse, e abaixou o espelho de mão.

Aeroporto Hilton, Aeroporto Internacional de Los Angeles Los Angeles, Califórnia

A Príncipe Tara estava olhando com desconfiança enquanto ela entrava na sala de conferência no quinto andar do Aeroporto Hilton. Preocupada como ela era pelos interesses táticos de sua

crescente campanha contra Jenna Cross e seus desajustados, para não falar da destruição causada pelos MacNeils e os dramáticos arcos diplomáticos que ela tinha que atravessar com os Cataianos remanescentes, tomou dela vários segundos para reconhecer que não estava tudo certo com a sala.

Isto foi, em muitos aspectos, um típico exemplo de seu tipo, uma sala de conferência com uma grande janela (equipada com cortinas pesadas, apenas para o caso de Tara ou um dos primogênitos forem forçados a usar a câmara como refúgio para a luz do dia), uma longa mesa de madeira (carvalho polido), uma quantidade de cadeiras (precisamente nove com pernas de madeira). O carpete era grosso, as paredes e teto com isolamento acústico. Um grande centro de entretenimento em uma extremidade armazenava uma TV e um videocassete, e uma pequena porta na parede esquerda próximo da janela levava à uma sala menor para conversas privadas.

Tudo isso foi como deveria ser. O problema era que todas as cadeiras, salvo uma na qual Dionne sentava, estavam vazias.

“Onde estão todos?” Tara perguntou, com sua voz calma.

“Eu temo que os primogênitos não irão comparecer essa noite, Príncipe Tara”, disse Dionne.

“E por que isso?”

“Uma quantidade de razões, eu suponho. Eu imagino que a principal é que eu falei à eles que o encontro era amanhã.”

“Entendo.” Tara começou lentamente, mas gradualmente a fazer seu caminho em volta da mesa em direção a sua errante senescal. “Você está jogando um jogo perigoso, Dionne, e este não é um que você tenha alguma chance de vencer.”

“Tara”, disse Dionne, se colocando de pé e começando a andar a passos largos em volta da mesa (e não coincidentemente para fora do alcance imediato da príncipe). “Não faça isso. Você já esteve entre os maiores líderes anarquistas. Você sabia o que a sociedade dos Membros deveria ser. Você deveria estar trabalhando com os sangues fracos, não –”

“Oh, Deus, aqui vamos nós”, a príncipe rosnou através das presas expostas. “Maldição, Dionne, eu acreditava que você era diferente. Quando eu primeiro me declarei príncipe, todos os outros oficiais da Camarilla na região me disseram a mesma coisa. ‘Não mantenha a Caitiff como sua conselheira, disseram eles. ‘Ela nunca vai ser tão leal à você quanto ela foi ao sonho sem sentido que você alimentou desmesuradamente,’ disseram eles. Eu falei à eles que eles estavam errados. Eu *jurei* à eles que eles estavam errados! *Maldita seja!*” O punho de Tara pousou na mesa pesada como o som de um tiro. A madeira em volta de sua mão se quebrou.

Tara foi capaz, como era a maioria dos Membros, de aumentar sua força física várias vezes, de bombear o sangue através dos membros para elevar o poder e a velocidade. O único problema era, que ela ainda não o tinha feito – e na sua força normal, ela nunca deve deveria ter sido capaz de causar dano à mesa deste jeito.”

Ela estava, entretanto, muito ocupada lutando para derrubar o frenesi – e se perguntando se ela deveria se preocupar – para notar. Ela viu o olhar de medo súbito de Dionne, e atribui isto a sua fúria óbvia. Tinha ela notado o dano na mesa, e ela estava pelo menos tão perplexa quanto sua senescal parecia estar.

“Tara”, Dionne continuou desesperadamente, “você pode fazer isso. Abra a cidade para os sangues fracos e os outros párias. Fala desse um paraíso seguro para eles. Com todo o caos e esquisitez acontecendo no mundo neste exato momento, a Camarilla possivelmente não poderia gastar o esforço necessário para se objetar de forma significativa. Inferno, eles podem vir a gostar disto, pelo menos este não seria território Cataiano –”

A príncipe deixou soltar um único grito de fúria primal, levantou do chão a cadeira mais próxima e a arremessou-a através da mesa. Seu movimento foi tão rápido, o arremesso tão poderoso, que Dionne não conseguiu inteiramente saltar para o lado a tempo. O pé de uma das pernas pegou ela através da testa e jogou ela estatelada.

“Isto é o porquê de você ter arranjado para nós ficamos juntas sozinhas?” Tara rosnou, perseguindo em volta da mesa, mãos enroladas em punhos que, considerando sua força aparentemente aumentada essa noite, poderiam estilhaçar blocos de concreto. “Então você poderia tentar ‘falar sério’ comigo? Ou você está apenas se sentindo uma suicida?”

“Nenhum dos dois.” A porta para o lado da câmara se abriu, e Tara virou para encarar a boca de meia dúzia de armas de fogo. “Ela arranjou para você morrer. Ela só esperou – como uma idiota – que isto não seria necessário.”

A mulher que tinha falado se posicionou à frente do grupo. Ela era, numa inspeção casual, facilmente dispensada como alguma aspirante à *Ídolo Americana* – exceto pela maneira competente e sensata na qual ela agarrava a parte de trás da fraca Tec-9. Seu longo cabelo, caído em volta de seu rosto, era de um loiro obviamente descolorido. Ela vestia uma blusa com a barriga à mostra e calça que parecia como se ela fosse cair de seu quadril a qualquer momento.

Um observador mais metuculoso – um que olhasse profun-

damente no fogo em seus olhos, ou parou de notar a estranha marca em forma de lua crescente em seu ombro que podia ser também tatuagem ou marca de nascença – saberia melhor mesmo sem a arma.

A Príncipe Tara tinha aumentado os sentidos que geralmente a alertam ao perigo antes que qualquer mortal pudesse possivelmente ter ficado ciente dele. Hoje à noite, ou sua intuição tinha falhado com ela ou – mais provável, ela admitiu à ela mesma – ela estava muito enfurecida com a traição da Dionne para prestar atenção. Para um bando de crianças pegar ela de surpresa como desse jeito era intolerável!

Isto também era remediável. Jenna Cross podia ser um monte de coisas, mas ela, e a maioria daqueles que seguiam ela, ainda eram inexperientes. Eles ainda pensavam como mortais, ainda não tinham alguma verdadeira compreensão do que um vampiro podia fazer.

Mesmo quando as primeiras balas urraram dos canos de suas armas, Tara estava se lançando para trás a várias vezes a velocidade que até o mortal mais altamente treinado poderia se mover. Em vez de atingi-la em torno da cabeça e peito – o que dificilmente teria levado ela ao chão em qualquer forma permanente, mas podia bem a ter incapacitado por tempo suficiente para os outros terminarem o serviço – a maior parte da saraivada passou inofensivamente, para atingir a parede distante. De nenhuma forma o isolamento acústico estava abafando *isto*. Agora, eles tinham apenas uma questão de minutos antes de alguém vir investigar.

Várias das balas ainda se conectaram. Elas rasgaram através de seu braço e ombro direito, borrifando sangue e carne a muito morta pelo chão. Ela sentiu uma se alojar no osso de seu ombro, e trincou seus dentes para evitar gritar de dor. Seu corpo instintivamente começou a bombear sangue para a ferida, tentando curar; com uma concentração de instante, Tara o parou. Ela pode trabalhar em cima da dor por hora, e ela podia bem precisar do sangue antes disso ter acabado.

A príncipe caiu no chão e rolou, vindo a descansar debaixo da mesa enquanto a última das balas se consumiu contra a parede. Ela tinha apenas segundos, antes de outro enxame revestido em metal estivesse vindo em seu caminho. Ela escutou os sangue fracos se movendo através da entrada, até escutou um cair no chão para um melhor tiro nela. As veias de Tara queimaram enquanto o sangue corria através dela numa velocidade inumana. Ela girou em torno de si e chutou com as duas pernas.

Ela apenas tencionou a virar a mesa pesada, garantindo à ela cobertura bem mais efetiva ao tiroteio. Ao invés disso, a mesa se quebrou no meio onde seus pés bateram, embora mantidas juntas como uma única peça. A pesada monstruosidade de madeira efetivamente virou. Ela também colidiu através da sala, chocando Cross e um dos outros sangue fracos para trás através da entrada. A criança que tinha se jogado para atira debaixo da mesa tinha mal teve um instante para gritar antes de centenas de quilos de carvalho da borda de baixo pousar sobre sua coluna.

Um vampiro podia, dando tempo e sangue, se recuperar mesmo de um ferimento tal como este. Tara não o deixou. Ela rolou para ficar de pé, pisou uma vez firme sobre a cabeça aleijada do sangue fraco – nem sequer notando o borribo de osso e miolos que ensopou seus tornozelos – e pegou a sua arma, uma Mac-10 convertida para o automático. Ela disparou uma vez, às cegas, sobre a mesa e para a entrada. Seu objetivo não foi na realidade atingir qualquer um (embora ela certamente não se importaria), mas manter os sangue fracos recuados por mais um instante.

Além disso. Dionne estava tentando inutilmente se apertando em um canto, para permanecer despercebida. Como uma rajada de vento, Tara estava sobre ela, levantando a senescal do chão com uma mão apertando em volta de sua garganta. “Não esperava que eu sobrevivesse tanto tempo, não é, sua cadela?”

“Tara, por favor, eu —”

Uma rápida rajada de balas para o intestino fazê-la se calar e deixar ela temporariamente imóvel. Então, descartando a arma e segurando a Caitiff com as duas mãos, Tara a carregou para frente mesmo quando a Cross saltou para cima da mesa e mais uma vez abriu fogo.

O corpo de Dionne estremeceu uma vez enquanto ele atingia a janela de vidro laminado. O som de ossos se quebrando era quase tão alto quanto os tiros e o vidro se quebrando. Os cacos do último caíram para a rua quinze metros abaixo. Tara e Dionne em seguida.

Aeroporto Hilton, Aeroporto Internacional de Los Angeles Los Angeles, Califórnia

“Porra!” Jenna Cross correu para a janela, deu algumas rápidas rajadas para baixo, mas ela sabia que era inútil. Mesmo machucada pela queda e claramente mancando, a Príncipe Tara desceu a quadra e virou a esquina com uma velocidade sobrenatural. Vários

transeuntes olhavam chocados para o corpo que ficou quebrado sobre a calçada. Dionne podia não estar bem ou verdadeiramente morta, mas ela definitivamente não iria acordar por meses, senão anos.

“O que nós fazemos, Jenna?” um dos outros perguntou por detrás dela. “Isso está uma completa porcaria.”

“Não completamente, Laurence.” Jenna Croos se afastou da janela. “A cadela escapou, isto é verdade. Mas ela não vai realizar qualquer coisa lá fora, sozinha e ferida. Nós temos algumas noites antes dela poder voltar atrás de nós. Dionne me deu o endereço da maioria dos refúgios dos anciões por aqui por perto. Vamos garantir que Tara não consiga qualquer um para ela se curar mais uma vez. Alguém chamou o Samuel, disse à ele o que estava acontecendo, e arranhou um encontro.”

Os sangues fracos rapidamente limpavam as armas, apenas em caso deles terem deixado qualquer impressão digital – improvável, dado que os vampiros não têm oleosidade de pele, mas possível – e os descartaram. Então foi uma simples questão de correr para fora da edificação em quase pânico, ao longo com as vacas que tinham escutado o tiroteio.

Foi uma pena para a Dionne, Cross pensou enquanto ela corria levemente lado a lado de alguns contadores pesados com um mau aspecto. Ela podia ser útil. Mas então, Caitiff ou não, ela não era uma chamada “sangue fraco”, portanto não era como se ela fosse realmente uma de nós.

Cross deu uma olhada de lado em um beco ao lado da edificação, puxou o contador logo a frente, e se alimentou profundamente tanto em celebração quanto em preparação ao trabalho por vir da noite. Primeiro, lidar com os primogênitos e outros anciões para os quais Tara podia se voltar. Após isto, ela iria ter que começar a posicionar seu pessoal através da cidade, e tentar – novamente – chegar à algum arranjo com os MacNeils. Ela não estava certa de que tipos de reforços Tara podia arranjar quando ela descobrir sua base de poder local destruída, mas Cross estava determinada a estar pronta para isto.

Praça Trafalgar Londres, Inglaterra

“Mas isto é o fim! O fim chegou!”

“Certo você está, senhor. O fim, eu estou certo.” O policial sacudiu sua cabeça por diversão, mesmo que ele gentilmente mas

insistentemente cutucou o imundo companheiro diante dele com seu cassetete. “Embora, vai ter de ser o fim em outro lugar. Você está causando uma agitação fora daqui, e nós temos o suficiente de vocês profetas sobre como isto é. Por que vocês não apenas desistem disso com a virada do milênio, eu não —”

O instante que as luzes de Trafalgar que estavam atrás dele, o esbravejante companheiro – vestido somente de calça desbotada, Converses velhos e um sobretudo – se virou, esbofetou o cassetete do policial de lado com um golpe que quebrou o braço do homem, e cravou sobre sua garganta. Por vários longos momento enquanto eles se agrupavam nas sombras entre os postes de luz, o único som a ser escutado era uma horrível e bagunçada golada.

“À noite’, Rufus.”

Seu queixo manchado por uma gota de sangue que tinha, até agora, escapado à sua atenção, o desgrenhado vampiro se virou ao som de seu nome. No beco atrás dele, iluminado apenas pelo fraco brilho de seu cigarro, estava uma mulher desenvolvida que dá ao estivador comum valor pelo seu dinheiro. Seu cabelo preto estava amarrado em um coque firme atrás de sua cabeça, e ela vestia jeans e uma camisa de flanela de homem. Rufus não viu isso nela, mas ele não tinha dúvida de que ela também estava carregando o cassetete que ela tinha herdado de seu pai, um dos primeiros policiais metropolitanos de Londres a muitos anos atrás. A arma, a qual ela tinha entalhado para uma ponta fina, tinha desenvolvido sua própria reputação selvagem por todo submundo dos Membros de Londres.

“O que você quer, Liza?”

“Vou ter que levá-lo, Rufus. A Rainha Anne e o xerife não estão felizes com o que você tem feito ultimamente.”

“O que, isso?” Rufus deixou cair o policial. “Ele irá viver, viu? Ainda respirando e tudo. Ele irá apenas imaginar que eu o nocauteei tentando escapar.”

“Não sobre o policial, Rufus.”

Rufus piscou. Ele não tinha *feito* qualquer outra coisa! Ele não tinha feito nada nas noites anteriores que eles não estava *sempre* fazendo! Rufus se considerou algo de um profeta, e ele mesmo se encarregou de advertir seus Membros companheiros da aproximação da Gehenna – sempre se expressando em termos de modo a não dar qualquer segredo para as vacas passando, é claro. Eles

não tendem a ouvir, mas ele os alertou de qualquer forma. E nessas últimas noites, quando alguns vampiros estavam agindo todos de forma peculiar e a Estrela Vermelha brilhou, ele tinha apenas aumentado seu –

Oh, Deus. Eles estavam atrás dele porque ele *sabia*. Ele devia estar certo! E se isto era o caso, ele não podia deixá-los silenciá-lo agora!

Para seu crédito, Rufus deu à brutamontes da xerife uma boa corrida. Ele fez isto por quase três quadras, e subiu uma escada de incêndio, antes do impacto do cassete contra a parte inferior de sua costa ter feito ele cair da escada com um grito de dor. Ele não gritou por muito tempo. Mesmo quando ele se virou, a extremidade apontada da arma de madeira mergulhou através de sua caixa torácica e para seu coração.

Isto podia ter feito Rufus se sentir melhor ao saber que ele estava longe do primeiro Membro a desaparecer das ruas de uma cidade da Camarilla nas noites recentes, e que ele seria ainda mais da última.

Podia ter – mas provavelmente não.

Um armazém no Centro da Cidade Houston, Texas

“Ah, Arconte di Padua. Tão bom te ver de pé e móvel.”

A interlocutora, Karen Suadela, parecia como uma severa mulher de negócios, provavelmente nos seus quarenta. Seu cabelo preto estava amarrado para trás, e ela vestia um terno feminino bem apertado do mais profundo azul. Por décadas, Suadela foi uma força orientadora entre os primogênitos de Houston. Ela podia até ter o peso para desafiar o Príncipe Lucas Halton pelo principado, mas ela sempre esteve satisfeita em permanecer como um alvo menor.

Isto tudo mudou a algumas semanas atrás, quando Príncipe Halton desapareceu ao longo do resto dos Tremere na cidade. Suadela, decidindo que a oportunidade era simplesmente muito boa para deixar passar – e também preocupada que qualquer *outro* príncipe podia não ser tão fácil de se trabalhar quanto Halton foi – não perdeu tempo sequer em dar um passo à frente para reivindicar a autoridade, e nenhum dos outros primogênitos tinha meios

suficientes para pará-la. E foi também que Halton tinha desaparecido quando ele fez. Suadela não imaginava que ele tinha tido a força de vontade para fazer o que precisava de qualquer jeito ser feito.

Di Padua, por sua parte, retornou à saudação dela com um pouco mais do que um acenar firme. Ele se arrastou para dentro da sala, o afetado e instável passo de um homem ferido tentando mancar em ambas as pernas. Os ferimentos, completamente secos de sangue, ainda escancaradamente abertos em seus braços, e seu rosto e ombros ainda carregando tanto as queimaduras quanto as lacerações da granada. Uma semana desde o incidente, e ele ainda não tinha conseguido se curar mas salvo os menores de seus ferimentos. Seu sangue simplesmente não parecia tão potente quanto ele tinha sido – o que, se verdadeiro, também explicaria a falha de suas habilidades quando confrontado com o bando do Sabá em primeiro lugar. Se ele não tivesse alertado a Príncipe Suadela e o Xerife Reno de suas operações antecipadamente, e se eles não tivessem enviado seu próprio pessoal para apoiá-lo, o Sabá teria acabado com ele. Assim sendo, Reno e seu pessoal tinha apenas apanhado ele antes de um dos bastardos por uma machete entre sua cabeça e seus ombros.

Vampiros menos versados podiam considerar isto a boa sorte que Suadela iria se dar ao luxo de ajudá-lo se pudesse, se preparando para um refúgio seguro enquanto ele se recuperava. Agora, sem mais nem menos, ela tinha enviado um de seus ghuls em uma limusine, junto com um “convite” para se juntar à ela nesse armazém em ruínas. Ele foi levado até um lance de escadas, e agora encontrava-se sobre um balcão – mais uma larga passarela, realmente – olhando do alto o chão do armazém.

“De pé, Príncipe Suadela. Não é o que eu chamaria de móvel ainda. O que, se eu posso perguntas, eu estou... fazendo...”

Di Padua olhou para fora sobre uma cena tirada dos pesadelos de Dante. Um punhado de Membros pesadamente armados se mantinham de prontidão ou faziam patrulhas regulares através do armazém, o qual estava vazio de qualquer coisa se assemelhava à mercadorias. Ao invés disso, várias fileiras curtas de Membros se espalhavam organizadamente através do chão. Cada uma permanecia imóvel, paralisada pelos pedaços de madeira – variando entre cabos de vassoura, galhos grossos, flechas e estacas reais aparentemente entalhadas para nenhum outro propósito – projetando-se de seus peitos.

“Príncipe Suadela, o que é isso?”

“Criminosos, Arconte di Padua, todos eles. Eles foram considerados culpados de violar as tradições, e atos de sedição contra meu governo legítimo – e da Camarilla.”

“Especificidades?” Tecnicamente, di Padua não tinha o direito de demandar detalhes. Isso era, afinal, uma questão local da lei da príncipe. Mas ele estava curioso.

“Na maioria dos casos, espalhar mentiras da chegada da Gehenna e o levantar dos Antediluvianos. Dado à estranha doença do sangue movendo-se por aí agora – para a qual você parece ter sido vítima, Arconte di Padua – eu não posso me permitir de deixar os profetas causarem um pânico geral. A maioria dos neófitos são apenas ingênuos o suficiente para acreditar nisto.”

“Estou a ver. E eles estão aqui, em vez de serem exilados, laço de sangue ou se bronzear ao nascer do sol... por que?”

“Ande comigo, Federico.” Di Padua notou a súbita mudança à seu nome Cristão, mas escolheu não comentar. Ele seguiu, silenciosamente agradecido que Suadela se manteve a um passo lento enquanto ela descia os degraus direto para o andar principal.

“Você não é a única vítima da maldição, ou doença, ou o que for que isto seja que nos afligiu, em minha cidade. Vários indivíduos próximos à mim também sofreram.”

Isto provavelmente significa que ela mesma tinha sofrido, di Padua imaginou, mas absteve-se mais uma vez de comentar.

“E nós descobrimos um remédio, Federico.”

Os pés de di Padua tocaram o chão – e ele foi instantaneamente assaltado pelo odor do sangue dos Membros, enquanto ele vazava através dos ferimentos deixados pelas estacas incapacitantes. Isto o atingiu como nenhuma fome o tinha atingido. A Besta dentro dele simplesmente não se mexeu, ela se lançou à frente de sua alma sem um aviso prévio. A personalidade que era Federico di Padua desmaiou, uma mão ainda sobre o corrimão da escada. Quando sua visão se clareou mesmo levemente – quando ele pode mais uma vez ver o mundo, mesmo se isto foi através de um atordoamento de sangue e fúria e eterna necessidade – ele estava ajoelhado ao lado do primeiro dos criminosos estaqueados. Suas presas estavam totalmente estendidas, quase dolorosamente assim. Ele tremeu com o desejo de mergulhar profundo neles para a carne exposta dos vampiros imponentes.

Mas isso não era o caminho! Diablerie, o canibalismo vam-

pírico, era o pior de todos os pecados. Era tudo que um arconte como o di Padua deveria enfrentar. A destruição de não apenas o corpo de outro, mas sua *alma* – Federico não imaginava que ele pudesse sobreviver com isto em sua consciência.

Com os olhos bem abertos, lábios e queixo trêmulos, ele torceu sua cabeça para trás para encarar Karen Suadela, que estava de pé ao lado dele. “Esta é a única forma, Federico. Recupere o poder que é seu! Sinta o sangue fluir através de você, como deveria! Se você não se curar, você não poderá nos ajudar a encarar o que está por vir. A Camarilla precisa de você, Federico.”

Com sua alma se contorcendo dentro dele, Federico di Padua olhou para baixo nos Membros impotente sobre o chão ao lado dele. E lentamente, bem lentamente, ele se curvou para frente.

Isto tinha que ser feito, e se isto *tinha* que ser feito, ele tinha que encontrar alguma forma de lidar com isto e seguir em frente. Isto iria somente ser apenas dessa vez...

Em algum lugar sobre o Oceano Atlântico

Em um exame casual, o avião parecia suficientemente comum. Um General Dynamics Gulfstream modelo 400, era um dos jatos de escolha para indivíduos ricos e negócios privados que precisavam fazer voos transatlânticos sem contar com linhas aéreas comerciais. Normalmente capaz de seis sentarem confortavelmente, esse G-400 em particular contava com a vantagem de algumas modificações internas que reduziu o espaço de passageiros mas fez da viagem bem mais confortável para seu proprietário. A metade traseira do compartimento dos passageiros estava completamente isolado da frente por uma espessa parede à prova de balas e uma pesada porta que aparafusada pelo lado de dentro. Esse compartimento interno não dispunha de janelas, mas era por outro lado equipada com praticamente qualquer coisa que um distinto viajante pedia querer, até e incluindo um telefone de satélite e conexão à internet. Várias cadeiras, um sofá e uma mesa de trabalho com um computador pessoal personalizado deu à pequena sala a sensação de um escritório. O pequeno refrigerador e a televisão deram à ela um toque mais pessoa, embora as bolsas de sangue neste refrigerador podiam ser um pouco mais alarmante.

Um caixão de metal acolchoado do tipo usado para transportar corpos além-mar repousava ao longo da parede traseira, junto com um saco de dormir para o convidado de Beckett.

Beckett um tanto quanto não gostava do melodrama de dormir em um caixão. Serve à ele como um confortável Colchão Ortopédico Sealy, ou então um bom pardieiro, a qualquer dia. Entretanto, se o avião tivesse que descer durante as horas diurnas, ele queria algum meio de evitar o sol (na minúscula chance de ele sobreviver à colisão), e uma caixa de metal selada era simplesmente a melhor forma de fazer isto. Ele não queria gastar vários milhões em uma aeronave sem tomar toda a precaução possível.

Claro que, ele não queria realmente ter gasto o dinheiro em primeiro lugar. Embora quase não pobre, Beckett não tinha os tipos de recursos que muitos Membros de sua idade tinham – ele estava bem mais preocupado com sua própria cruzada pessoal para se preocupar em investir em ações ou manipular corporações. Mesmo com suas várias contas suíças, o dinheiro que tinha ido dentro desse jato o afetou bastante. Ele ainda estava fazendo vendas de seus achados arqueológicos pouco prestáveis (tal como aquele que ele tinha concluído com Victoria Ash) para reabastecer suas flácidas contas. Ainda assim, dado a quantidade de saltos de continente que ele fez, ele precisava fazer *algo*. Seus próprios dois pés (ou quatro pés, ou duas asas, dependendo de sua forma no momento) foram suficientes para viajar entre estados, mas não tão efetivo em atravessar grandes corpos de água. O voo comercial não era uma opção para alguém como ele – tudo o que ele precisava era um simples atraso para manter seu avião no ar ao passar do amanhecer para gerar toda uma confusão de problemas – e barcos, enquanto seguros, não eram particularmente rápidos. A apenas alguns anos atrás, ele tinha finalmente decidido que seria mais eficiente adquirir seus próprios meios de transporte.

O interfone tocou uma vez, como um abelhão assustado. Beckett se esticou e pressionou um botão. “O que é, Cesare?”

“Você me pediu para lhe notificar, Signore, quando as autoridades localizarem os serventes. Eles o fizeram.”

Beckett acenou, somente então se lembrando que o ghoul

não podia vê-lo da cabine. Ele e Kapaneus tinham deixado para trás um trio de bagagens cheias dentro do armário de um zelador em Savannah / Aeroporto Internacional Hilton Head. Ele até tinha roubado suas carteiras, apenas para fazer as coisas parecerem um pouco mais naturais. Os homens, quando eles se recuperarem, contariam uma história sobre ser atacado por trás e ficado inconsciente.

Se eles se recuperaram, Beckett se corrigiu internamente com um rápido lampejo de culpa. Ele tinha perdido um pouco sua cabeça quando estava bebendo do terceiro homem, e ele pode ter tomado demais. Era sempre arriscado se alimentar em público num lugar como um aeroporto – se os corpos fossem achados antes deles irem embora, para eles pode ser negado a permissão para sair – mas ainda mais arriscado embarcar em um voo de longa distância enquanto faminto, com nada a bordo para se alimentar e salvar o piloto. Verdade, ele tinha seu estoque de emergência no refrigerador, mas por que arriscar?

Sem dúvida de que o aeroporto iria parar por horas, enquanto as autoridades se esforçavam para garantir que o ataque não foi o indicativo de algum tipo de infiltração terrorista nas instalações. Beckett tinha Cesare ouvindo as comunicações por rádio do aeroporto – e Deus abençoe o amigo de Okulos que tinha lhes vendido o equipamento de escuta de longo alcance que eles usavam agora – apenas em caso de alguém ligar o ataque ao voo privado que partiu do aeroporto a umas duas horas atrás. Era muito improvável, mas Beckett não era alguém a ignorar a possibilidade.

“Muito bom, Cesare. Me avise de qualquer coisa que acontecer.”

“Claro, Signore.”

Beckett franziu a testa enquanto ele desligava a conexão. Ele nunca tinha quisto um ghoul. A própria ideia – um humano feito um escravo emocional através do consumo de sangue vampírico – sempre fez ele se sentir vagamente imoral. Ele era um predador, e ele tinha aceitado isto a séculos atrás. Matar humanos, embora alguma coisa ele evitou tanto quanto possível, era parte de sua natureza. Ele nunca tinha desenvolvido o gosto para controlá-los, embora isto era o que muitos outros Membros faziam.

Ainda assim, quando ele tinha comprado o avião, ele tam-

bém estava bem ciente de que ele precisava de alguém para pilotá-lo. Cesare era um piloto desempregado que Beckett encontrou em Veneza enquanto tentava (sem êxito) comprar um certo texto herético da coleção de um Pietro Giovanni. Cesare era muito hábil, mas ele era também um escravo na garrafa. Beckett imaginou que se o homem fosse se escravizar à alguma coisa, ele podia muito bem se fazer útil enquanto ele estivesse assim. O alcoolismo se foi agora, substituído por outro, um vício bem menos natural. Beckett não gostava da necessidade, ele não gostava das obrigações que isto colocava sobre ele, e francamente ele de todo não gostava tanto de Cesare em um nível pessoal – mas ultimamente, este ainda era a melhor de uma quantidade de decisões erradas.

“Você estava me contando”, Kapaneus o instigou quando ficou claro que Beckett estava perdido em pensamento, “sobre esse Hardestadt, e do porquê você tinha escolhido trabalhar para ele.”

Beckett piscou, então sorriu um riso forçado com absolutamente nenhum humor para isto. “‘Escolhido’ não é, eu acho, o termo mais correto, Kapaneus. Eu não tinha de escolha modo algum.”

“Poderoso? Hardestadt era um dos fundadores da Camarilla”, Beckett explicou. “Ele era também quase certamente um membro do Círculo Interno. Ou se ele não era, ele puxava os cordões de muitos que eram. Francamente, eu preferia arrancar ambas minhas presas com uma Leatherman do que trabalhar para ele, mas – bem, eu consegui falar o que não devia ao falar algo ameaçador quando estava falando com ele. É de meu interesse mantê-lo feliz comigo no momento, e se isto significa agir como um garoto de recados por algum tempo, então que seja.”

Se Kapaneus tinha qualquer dificuldade com as metáforas modernas, ele escondeu isto bem. “Por que não simplesmente se esconder? Seu alcance possivelmente pode não ser infinito.”

“Não, não infinito. Mas próximo. Para eu me esconder dele, eu teria que ir para algum lugar *realmente* obscuro, e ficar lá. E se eu tiver feito isto, eu não poderia conduzir minha própria investigação.”

“Ah.” Kapaneus se encostou para trás, com sua expressão sugerindo que isso era o ponto em direção ao qual ele esteve manobrando. “Então você não fez isso apenas pelo interesse dele,

mas também em seu próprio. Faz parte da mesma busca em que você estava no Egito, sim?”

Busca. Interessante escolha de palavras. Beckett teve que sorrir novamente. No final, muito precisa, no entanto. “Sim, eu suponho que esteja certo.”

“Então por que você faz isto? Não é como um agente de outro, obviamente. Por que você viaja assim, procura assim? O que você espera ganhar?”

Ele na realidade quer que eu responda esta pergunta? Eles têm sido companheiros de viagem há meses, mas isto não fez deles amigos. Eles eram Membros, e confiança era praticamente um conceito tão estranho para eles quanto o banho de sol.

Ainda assim, Beckett raramente teve a oportunidade de discutir suas motivações com qualquer um. Pelo menos, isto o permitiria a manter tudo em ordem em sua própria mente.

“Uma grande parte disto”, ele começou, preguiçosamente brincando com os óculos escuros que ele segurava em sua mão esquerda, totalmente inconsciente do gesto bem humano, “é o processo de resolver o problema por si só. Juntando as peças do quebra-cabeças. Eu acho a estimulação intelectual e emocional quase tão gratificante quanto uma boa alimentação. Isto me mantém esperto, me impede de me deixar exausto.” Com sua expressão levantada. “Me faz sentir útil, como eu na realidade estou realizando algo com a imortalidade.”

Kapaneus sorriu superficialmente. “Isto é sempre uma realização digna de nota. Mas esta não é sua única razão, é?”

Beckett tomou um momento para maravilhar-se com o vampiro sentado diante dele. Embora contido por padrões humanos, Kapaneus era completamente exuberante para m Membro ancião. A maioria dos anciões eventualmente chegam a parecer inumanos, não devido às mudanças físicas, mas por suas ações, seus movimentos. Eles pararam de fazer todos esses pequenos gestos incidentais que os humanos fazem, pararam de se inquietar, de piscar os olhos. Alguns ainda pararam de fazer expressões de todo, a menos que eles conscientemente se lembravam de assim fazê-los.

Beckett ele próprio tinha mais alguns maneirismos mortais do que a maioria dos vampiros de sua idade. Ele os cultivava deliberadamente, geralmente para contrapor-se às características e hábitos inumanos que ele tinha desenvolvido durante esses anos.

Mas Kapaneus estava muito próximo de tão expressivo quanto Beckett, e ele era substancialmente antigo.

“Você está certo”, Beckett finalmente respondeu, dando à si mesmo uma sacudida mental. “Não, esta não é a única razão para eu fazer o que eu faço. Eu estou procurando pela verdade de nosso passado, e de nossas origens, como um meio de nos compreender. Mais do que nós, eu mesmo.”

“O que queres dizer? Como conhecer Caim, ou a Terceira Geração, irá ajudar nisso?”

“Eu acredito”, Beckett disse, inclinando-se para frente enquanto ele se entusiasmava com seu assunto, “este ‘Caim’, como os Membros o conhecem, não existe. Os contos de Caim, e Abel, e a Gehenna – eles são todos apocalípticos. Mito e metáfora.”

Os olhos de Kapaneus se alargaram. “No meu tempo, tal coisa poderia nunca sequer ter sido considerado. Nossa história, como relatada no Livro de Nod e por nossos sacerdotes cinzentos, era tão certo quanto a alvorada da manhã.”

“Certo. E este é o problema. A maioria dos Membros que de todo se preocuparam com isto olham para isto como história. Ninguém para pra pensar sobre o que isto *significa*.”

“E você deseja saber o que isto significa.”

Beckett acenou. “Eu posso não acreditar que nós descendemos de um fazendeiro homicida, mas nós viemos de *algum lugar* – e dado à natureza bem incomum de nossas habilidades, com certeza tinha nada haver com a evolução ou seleção natural. Algo nos criou. Talvez tenha sido Deus. Talvez tenha sido algo mais. Eu não sei. Eu só sei que deva ter havido algum *propósito* por trás disto. De que nós fomos criados por uma razão, e isto foi mais do que apenas ser um flagelo colocado nas costas de humanos pecadores por uma furiosa divindade.”

“Eu tenho que compreender de onde nós viemos, Kapaneus, porque somente desta forma eu poderei compreender do *porque* nós somos. Eu honestamente acredito que essa falta de compreensão é pelo menos parcialmente responsável por nossa incapacidade de cooperar um com o outro por qualquer período de tempo, pelos constantes esquemas e maquinações e guerras de pessoas como Hardestadt. Imortalmente sem propósito deve ser a maior maldição imaginável, e esta é uma da qual eu pretendo me

libertar – e o resto dos Membros, se eles ouvirem.

“Sem compreensão, Kapaneus, tudo mais é muito cinza e soa vazio.”

Qualquer reação de Kapaneus que pudesse ter feito era rudemente interrompido pela repentina sensação de letargia que arrebatoou a ambos. Eles mal tiveram tempo para se arrastar para suas respectivas camas – Beckett em seu caixão, Kapaneus no saco de dormir – antes do nascer do sol os colocar em repouso.

Castelo Sforzesco Houston, Texas

Uma vez uma poderosa fortaleza pronta para repelir quase qualquer ataque, o Castelo Sforzesco foi cercado na era moderna por uma multidão de uma banda diferente: turistas. Contendo vários museus e livrarias, incluindo a famosa Museo d’Arte Antica, os pisos de pedra ecoavam do amanhecer ao anoitecer com as pisadas dos funcionários e de milhares de pessoas que viajaram de perto e de longe para ver essas relíquias de eras passadas.

À noite, é claro, o Castelo Sforzesco ficava completamente fechado ao público. Aqueles que se encontravam dentro de suas galerias de tetos altos agora não eram “o público”. Em qualquer outra noite, vários da população de Membros de Milão poderiam estar bem perambulando por esses salões, fingindo deleitar-se com a arte e as esculturas de forma a impressionar seus irmãos com seus gostos e cultura. O Castelo Sforzesco foi declarado Elysium, um de vários em Milão, um lugar onde os membros podiam se reunir sem temer a violência ou a hostilidade – pelo menos de uma natureza explícita. Não era onde o Príncipe Giangaleazzo mantinha a corte, mas era o local de reunião próximo mais popular da cidade para os vampiros de ascensão social.

Hoje à noite, ele estava em grande parte vazio. Giangaleazzo tinha chamado uma reunião de corte em outro lugar para começar a meia noite, e os Membros da alta sociedade da cidade estavam tomando as primeiras horas da noite para se prepararem. Isto deixou à Giangaleazzo tempo para viajar para Sforzesco para um encontro de seu próprio interesse. Ele estava agora em uma das menores galerias, ocupado principalmente com bustos e outras esculturas menores do passado da Itália, espalhados por todo

o espaço sobre pedestais que pareciam quase aleatoriamente colocados. Suas presenças interferiam com seu compassar próximo de um maníaco, mas ele controlou, contudo, suas pisadas soando uma batida regular contra o chão.

A personificação da aristocracia Italiana, Giangaleazzo manteve seu cabelo preto amarrado para trás. Ele vestia um terno azul marinho da mais fina seda. Um anel ajustado com uma pedra de ônix que lampejava mesmo na fraca iluminação da sala era o seu outro único adorno.

O outro ocupante da câmara, o qual parecia desejosamente de joelhos no compasso do vampiro e entretinha várias fantasias breves de quebrá-los, não podia parecer mais deslocado. Ele estava vestido com jeans, sapatos de corrida e uma jaqueta de couro – embora, como um sinal da formalidade da ocasião, ele tinha substituído sua jaqueta de motociclista por um casaco esportivo de couro. Pela mesma razão, ele estava sem seu costumeiro boné de baseball, e sua cabeça ficou nua sem ele. Ele carregava um saco de ginástica de lona por sobre seus ombros. Algumas coisas ele nunca viajava sem.

Finalmente, já impaciente esperando pelo príncipe para falar, ele não pode lidar com o constante compassar por mais tempo. “Batida legal”, ele disse, se colocando no caminho de Giangaleazzo, “mas eu não consigo dançar ao som dela.”

“Diga-me, Arconte Bell”, Giangaleazzo rosnou, se aproximando pouco para evitar caminhar para o vampiro maior, “o que seus superiores pretendem *fazer* sobre isso?”

Isto exigiu cada traço de força de vontade de Theo Bell, arconte do justicar Jaroslav Pascek e – parecia que nas últimas noites – garoto de recados ao redor da Camarilla, para evitar dizer “lições de música”. Ao invés disso, *modos* e *diplomacia* ecoavam em sua cabeça, ele ofereceu um sorriso pálido.

“Meus superiores estão tratando disso. Nós já lidamos com maldições e doenças do sangue antes, e dessa vez não deverá se provar —”

“Poupe-me dos chavões, Arconte! Eu não sou algum neófito ignorante para ser aplacado por promessas vazias de curas milagrosas, ou ser enganado por transparentes falsidades de praga e pestilência! Isso não é um mero patógeno e o maldito Círculo Interno sabe bem disto!

Cristo, *aqui vamos nós...* “E então o que você acha que está acontecendo, Príncipe Giangaleazzo?” Bell perguntou de dentes cerrados.

“Você está verdadeiramente tão cego, Arconte Bell? Os sinais todos se revelam. Os mais velhos no sangue estão definhando noite após noite, e se o rumor for verdadeiro, somente o sangue de outro Membro servirá para mitigar suas fraquezas. A Estrela Vermelha brilha claramente – mais ainda, foi-me dito, para aqueles com o dom da visão superior, mas isto está óbvio até para mim. Você verdadeiramente não consegue ver que a Gehenna está sobre nós?”

“A Gehenna é um mito, Príncipe. Nós estamos olhando para uma maldita grande agitação, disso eu tenho certeza, mas —”

“Bell, eu abandonei o Sabá porque eu não conseguia digerir o que ele tinha se tornado, e o que ele estava forçando a me tornar. Eu tinha assumido, entretanto, que seus superiores estivessem preparados para lidar com os Antigos quando eles tiverem levantado, que seus protestos de mito e lenda foram feitos somente para pacificar as gerações mais jovens. Se não for isto, se o Círculo Interno forem enterrar suas cabeças na areia mesmo com tal óbvia evidência permanecido diante deles, talvez eu devesse repensar minha decisão anterior. Pelo menos a Espada de Caim tinha olhos.”

Bell piscou uma vez, lentamente, uma deliberada indicação de que ele estava ponderando sobre o que ele tinha acabado de escutar. Então, lentamente igual, ele deu vários passos à frente até ele ficar de pé quase literalmente nariz com nariz com Giangaleazzo.

“Príncipe”, ele disse, sua voz lenta e calma. “Eu não queria estar aqui hoje à noite. Eu passei vários meses bem no meio de uma merda de tempestade de proporções razoavelmente épicas. Eu fui enviado para a Europa sem qualquer ideia clara de qual seria o meu trabalho, foi dito para esperar por mais malditas instruções, e *então* eles me contaram, enquanto eu estiver nisto, que eu precisava girar por Milão e lidar com suas queixas. ‘Tente mitigar suas preocupações’, eles me disseram. Bem, após o que eu acabei de ouvir, eu *não* tenho mais interesse ‘em mitigar’.

“Eu estou cansado. Eu estou acostumado ao sol estar lá em cima neste momento. Eu não tenho a mínima ideia do porque eu *estou* desse lado do oceano, exceto que todos os malditos arcontes daqui estavam muito ocupados com algo mais para fazer do que seja lá o que for que eu estou fazendo. E agora, de repente, eu tenho um príncipe da Camarilla me dizendo diretamente que ele está pensando em se voltar.”

“Então deixe-me lhe dizer como as coisas são, Príncipe. Foi um grande golpe para a Camarilla quando você veio para cá e trouxe sua cidade com você. Seria um grande choque se os justicars descobrissem que isto era na verdade um estratagema do Sabá, e que você tinha sido colocado como um espião. Muitas pessoas ficariam malvistas, e muito. *Mas – e aqui é onde isto fica divertido – isto seria menos que um choque do que se você na realidade obtivesse sucesso em retornar para o Sabá.*

“Eu fui absolutamente muito claro?”

“Você – você não pode falar comigo desse jeito!” Giangaleazzo estava na realidade gaguejando, algo raro de fato para um vampiro de sua idade e geralmente de postura perfeita. Isso foi o ancião que tinha calmamente entregado sua cidade inteira à uma seita inimiga, e teve seu o próprio povo massacrado todos os legalistas do Sabá em Milão neste momento. Para ele estar abalado desse jeito, Bell imaginou, ele deve honestamente acreditar que o fim do mundo estava perto.

Isto, ou ele também foi afetado por esse o que for do sangue que está circulando por aí. Seja como for, ele ainda precisa perceber a onde quero chegar.

“Eu posso, e eu agora mesmo o fiz. Já que eu vou lhe fazer um favor e fazer de conta que eu não escutei essa conversa – a não ser que você faça algo estúpido depois para me fazer lembrar disto – eu acho que você deve uma folga sobre os pontos mais sensíveis da diplomacia.”

Bell deu dois passos para trás do boquiaberto príncipe. “Agora”, ele continuou, “eu garanto à você que a Camarilla está analisando esse assunto cuidadosamente e seriamente, e eles apreciam a preocupação demonstrada pelo *leal e confiável* Príncipe de Milão. Mantereí você bem informado, e se você vier com qualquer coisa que possa adicionar à investigação em andamento, por favor sintase livre para avançar com isto a qualquer hora.”

Giangaleazzo rosnou uma vez, então girou sobre seu calcanhar e seguiu através da entrada mais próxima, deixando Bell se perguntar se isto tinha realmente sido o melhor jeito para lidar com a situação.

Foda-se. Isto foi o melhor jeito que eu pude lidar com a situação. Eles querem finesse, eles podem muito bem trazer outro alguém para cá. Eu tenho outras coisas para...

Somente o leve estreitamento de seus olhos, completamente invisível para qualquer um que não estivesse encarando diretamente em seu rosto, ocultou a súbita tensão de Bell. Ele se moveu casualmente por entre os bustos e esculturas, parou para examinar um em particular, ajoelhou-se para pôr sua bolsa no chão...

E a sala tremeu com o som feito pelo trovão enquanto ele se levantou, a SPAS-15 semiautomática na mão. A arma disparou, jorrando uma verdadeira nuvem de chumbo grosso no teto e através de algumas das estátuas. Bell esperava que elas pudessem ser restauradas, mas ele não ia deixar o medo de danificar os artefatos pará-lo. Não quando diante dela.

O manto das sombras que tinha fornecido à invisível mulher de cabelo preto uma visão normal se evaporou enquanto ela mergulhou no canto – onde tentáculos de sombra tinham segurado ela a alguns centímetros acima do chão – e longe da dolorosa nuvem de metal. Ela bateu no carpete em um lance e ficou sobre seus pés mais rápida do que um humano podia ter piscado os olhos. Suas mãos se levantaram em uma postura defensiva, a escuridão rodopiando por sobre seus braços e corpo, tornando difícil de puxar uma conta de qualquer parte específica dela.

“Honrada em conhecê-lo, Arconte Belle.”

“Morra, Arcebispo.”

Lucita almaldiçoou-o internamente, embora nenhum sinal disto apareceu em seu rosto, enquanto ela mergulha mais uma vez na passagem de chumbo grosso que Bell mandou colidindo-se em sua direção. Ela sabia do arconte pela reputação – o assim chamado “Killa-B” era conhecido entre os escalões do Sabá Americano, e a notícia de sua proeza tinha se espalhado até tão distante quanto Aragon. Ainda assim, ela estava bastante certa de que ele não deveria ser capaz de detectá-la, ocultada como ela estava. Isto podia ser somente outro sinal de que suas habilidades estavam se provando inconsistentes, como sua falha de controle sobre a sombra. Bell era bom para a sua idade – possivelmente o melhor – mas ela já tinha visto quase seis vezes mais anos do que ele tinha. No seu melhor, ela não tinha dúvida de que, enquanto isto *não* fosse uma luta fácil, ela poderia apanhá-lo. Entretanto, como as coisas estão agora, ela estava em grandes dificuldades.

Bell, de sua parte, tinha escutado demais sobre a temida Lucita para ter ainda a menor das chances agora. Lucita era quase uma lenda entre os arcontes: uma jogadora independente nas guerras de seitas e uma assassina fria. Agora que ela lançou sua sina com o Sabá, este respeito foi tingido com nenhuma quantidade de pequena de ódio – e medo. Bell sabia que se ele desse à ela sequer um momento para tomar a vantagem, ele estaria morto. Ele

sabia, também, que sua arma não seria quase o suficiente para destruir a Lasombra, embora um peito ou uma cabeça cheia de chumbo grosso iria retardar *qualquer um*. Mesmo quando ele atirou um terceiro tiro na mancha de escuridão de movimento rápido que era tudo o que ele podia ver da arcebispo, ele estava correndo e mergulhando em seu próprio caminho através do espaço, o poder de seu sangue acelerando-o à velocidades inimagináveis à mortais. Entretanto, Lucita era quase tão rápida, e um dos pedestais atrás dela praticamente se desintegrou enquanto a rajada da arma a atingiu.

Bell se lançou para um quarto tiro, mas Lucita de repente estava *acima* dele, levantada no ar mais uma vez sobre os membros da sombra. Um tentáculo chicoteou para fora, envolvendo-se em torno da arma. O som do metal fatigado ecoou através do espaço enquanto a arma começou a se comprimir, a se curvar no centro. “Deixe-nos ver como você faz sem seus brinquedos, Arconte Bell.”

“Okay”. Mesmo em repouso, Theo Bell era muitas vezes tão forte quando qualquer mortal. Agora, engajado no combate e com o sangue fluindo através de seus membros, ele estava ainda mais forte. Sem sequer reter para adverti-la de sua intenção, Bell arancou a arma, sacando-a – e Lucita, ainda anexada à ela por um tentáculo que ela não podia soltar rápido o suficiente – para ele. Com a força de um pistão ele bateu violentamente um punho para cima, se conectando com o crânio de sua oponente.

Mesmo através da resiliência sobrenatural do corpo morto-vivo de Lucita, o osso se quebrou. O mundo em volta dela pareceu rodar, para um estroboscópio como se Deus estivesse desligando e ligando as luzes num curto espaço de tempo. Ela sentiu o chão debaixo de suas costas enquanto ela pousava, sentiu seu controle sobre as sombras escorregar e os tentáculos desaparecer. A última vez que ela foi atingida duramente deste jeito, foi por um Leviathan, uma criatura do Abismo que tinha se entocado debaixo do refúgio de seu senhor, o Cardial Monçada. Ela não estava certa de que qualquer outro vampiro tinha sequer atingindo ela com este tipo de força.

Mas Lucita era de longe muito experiente, de longe muito bem treinado, para deixar mesmo esse grau de dor e confusão desorientá-la. Enquanto o arconte se aproximava dela, com um caco do pedestal de madeira em sua mão, ela rolou para trás, chutando para cima no queixo de Bell com ambos os pés e virando na vertical no mesmo movimento. Ela pousou em uma postura larga, mãos levantadas na frente dela. Bell, chocado por um chute quase tão poderoso quanto um dos seus, contudo se recuperou tão rapidamente quanto ela tinha e se posicionou diante dela, estaca e punho ambos preparados.

Lucita começou a se mover para frente – e abruptamente parou, acometida por uma de repente onda de náusea, algo que ela não tinha sentido desde seus dias mortais. Isto passou quase tão depressa quanto ela veio, mas assustou-a mais do que qualquer coisa que o próprio Bell pudesse ter feito. Se sua própria indisposição, seja lá o que isto fosse, estava piorando – se isto pudesse se agravar tão de repente no meio da batalha – ela simplesmente não podia se permitir lutar com um adversário tão habilidoso quanto o arconte. Não pelo menos até ela ter uma melhor compreensão sobre o que estava acontecendo com ela.

Era hora para a Lucita empregar uma tática incomum: a verdade.

“Bell, me escute. Isso não é necessário. Eu não estou aqui como sua inimiga hoje à noite.”

“Certo. A melhor assassina do Sabá apenas aconteceu de aparecer na cidade do homem que eles consideram seu maior traidor. Não sei o que você escutou de mim, mas eu não sou *este* tipo de estúpido.”

Antes da sentença ter sido sequer concluída, Bell investiu para frente, guiando com um soco circular à cabeça de Lucita. Isto não se pretendia acabar. Ela o tinha bloqueado, assim como muitos lutadores instintivamente teriam, ela tinha deixado seu peito aberto para a estaca, a qual ele enfiou para frente quase no mesmo instante.

Mas Lucita *era* um dos melhores, e ela viu a finta vindo quase antes de Bell lançá-la. A invés de bloquear, ela se jogou por debaixo de ambos os golpes e girou em uma volta de perna. Bell caiu duro sobre sua costa, mas se levantou em um instante depois em um movimento menos gracioso do que o de Lucita, mas não menos eficiente. Ele esperava ter que resistir a um ataque mesmo enquanto ele se levantava, e foi surpreendido ao descobrir que Lucita não tinha se movido para aproveitar a vantagem dela. Na verdade, ela tinha dado alguns passos *para trás*.

“Bell, me escute. Eu não estou aqui pelo Giangaleazzo.” O que era verdade, até onde isto foi. A execução do príncipe traidor não era o objetivo principal dela em Milão. Ela tinha seriamente considerado matá-lo enquanto ela estava aqui como algo de um bônus para a viagem, mas ela não quis mencionar isto.

Se isto fosse apenas uma questão de acreditar na palavra de Lucita, Bell já teria lançado outro ataque. Mas ele não tinha esquecido o fato de que a luta estava indo um pouco melhor para ele. Lucita tem estado nisso por quase mil anos, se ele se lembrava corretamente (e ele lembrava) – ele deveria estar machucado neste momento, mas não estava. E se isto significava o que Bell pensava

que podia, se tornou subitamente vital para ele aprender mais. Ele não deixou cair por um momento sua guarda, mas ele se conteve de avançar. “Tudo bem. Então por que você *está* aqui?”

Lucita se debateu em não dizer à ele por um instante, mas decidiu que isto não podia causar qualquer dano. Mesmo se ele pessoalmente já não soubesse do que ela estava prestes a contar à ele, seus superiores certamente já sabiam. Dizer que você queria sobre a Camarilla, ela sabia que seus espiões eram eficientes.

“Vários anciões Sabá desapareceram nas últimas semanas. Outros enfraqueceram, como se atacados por dentro. Eu imaginei que isso podia ser o primeiro estágio de uma ofensiva da Camarilla, talvez algum maldito ritual Tremere. E que isto era verdade, que provavelmente era que seu pessoal estaria em contato com Giangaleazzo, procurando seu conhecimento de dentro das fortalezas do Sabá Europeu. Eu estou aqui para coletar informações, Bell, nada mais.”

“E a ponderosa Arcebispo de Aragon não tem servos que ela possa enviar para fazer seu trabalho externo para ela?”

Bell olhou com desconfiança. Ele não *queria* realmente acreditar nela. Ele queria que isso fosse outro truque, para ela estar acobertando o fato de que a fraqueza do sangue está afetando os anciões da Camarilla era na verdade uma trama do Sabá. Mas não era somente Lucita que estava afirmando que os anciões Sabá a tinham contraído, ela parecia estar ela mesmo sofrendo algo de seus sintomas. Estranho como a ideia era, ele tinha a terrível suspeita de que Lucita estava lhe falando a verdade, ou pelo menos parte dela. Portanto se a Camarilla não era a responsável – como ele estava razoavelmente certo de que não era – e se o Sabá não era responsável – como agora parecia ser o caso – o que fez isto acontecer?

As habilidades de Lucita estavam diminuindo – mas elas ainda estavam formidáveis. Mais substancialmente, ela ainda sabia como tomar vantagem de uma distração do inimigo. Mesmo quando Bell abriu sua boca para fazer outra pergunta, as sombras se envolveram em torno de Lucita como uma cortina.

Quando elas desapareceram, Bell foi deixado sozinho com um museu muito danificado e muitas explicações a fazer.

Fora do Museu Antropológico Pré-histórico Mônaco

Apenas chovia, em média, em torno de sessenta dias por ano em Mônaco. Hoje, a noite não estava na média. Torrentes de água caíam dos céus, como se alguém tivesse virado do avesso o mundo e o Mediterrâneo estava agora *acima* da cidade, em vez de abaixo dela. Pedestres, em grande parte turistas, mas alguns nativos também, corriam em direção de hotéis e casas, sombrinhas e o sempre popular jornal acima da cabeça todos se provando mais ou menos inúteis na face de tal dilúvio.

Mesmo agora, mais de uma hora após o pôr do sol, algumas pessoas dispersas surgiam do museu – principalmente os seus funcionários, correndo para casa após encerrar suas obrigações vespertinas. Elas estavam todas inconscientes de que elas, não as relíquias às quais elas tendem, eram as exposições.

Através da rua, com olhos sem expressão e indiferentes observando aquelas saídas da biblioteca, estava um grande morcego negro. Ele estava pendurado em um galho de árvore, permanecendo totalmente imóvel exceto por um ocasional remelexo para sacudir pelo menos um pouco da água em seu pelo.

Eram momentos como esses que Beckett desejava que vampiros fossem tão resistentes à umidade como eles eram para o calor e o frio. O pelo ajudava, assim como ajudava o fato de que ele não podia sentir o calafrio na chuva, mas isto não mudou o fato de que ele está miseravelmente no limite. Na maioria das circunstâncias, ele a muito já teria desistido, decidido perseguir a questão em alguma outra noite.

Mas ele e Kapaneus estiveram em Mônaco por quase duas semanas até agora, perseguindo lideranças e aparecendo em grande parte de mãos vazias. Samir estava não estava em lugar algum para ser encontrado, seja no seu refúgio seja em seus lugares preferidos (ou pelo menos aqueles dos quais Beckett tinha conhecimento). Nem Beckett tinha tido até agora alguma sorte em desenterrar qualquer outro Tremere de Mônaco. Embora, quando ele tinha falado pela última vez com Samir, haviam somente três Tremere no país. Mas em um país menor do que a maioria das grandes cidades, encontrar qualquer um dos três específicos vampiros não deveria ter sido impossível.

Finalmente, Beckett tinha corrido atrás de outro vampiro que, na troca por algumas centenas de fichas de cassino, o tinha informado de que um dos outros vampiros de Mônaco tinha um ghoul – de sobrenome Rheveaux, não sabia do primeiro – o qual trabalhava no Museu de Antropologia Pré-histórica. Se alguém no país sabia onde encontrar os ausentes feiticeiros, e assumir que o ghoul não tivesse desaparecido com eles, este seria ele.

Portanto agora Beckett o morcego observava os funcionários do museu saindo, seus rostos amplamente obscurecidos pelas sombrinhas e outras formas de abrigo pessoal. Ele estava tentando achar um homem o qual ele nunca sequer tinha conseguido uma descrição física confiável. Beckett considerou um repentino desejo de tremular até lá em baixo, se transformar na frente de todos e se anunciar, no seu melhor Bela Lugosi, “Eu estou aqui atrás de Rheveaux.” Ele chilreou uma vez, o equivalente quiróptero à uma risadinha.

E então, assim desse jeito, ele estava lá, no final de um pequeno processo de saída de funcionários do museu. Rhevenaux era completamente comum: cabelo castanho mole emboçado em sua cabeça pela chuva, óculos, um barato terno sob medida. Beckett nunca o teria notado de forma alguma, se não fosse por sua postura, e o furtivo e desesperado olhar em seus olhos. Eles se lançavam para lá e para cá como se procurando escapar, estreitado contra o vento e a chuva, injetado. Sua postura era afundada, seu andar arrastado, como se ele estivesse se recuperando de um vírus. Isto poderia apenas ser que o homem estava doente, mas Beckett não pensava assim. Ele parecia como um homem em retirada, e não apenas da nicotina ou tapa.

Beckett o seguiu, volteando através do céu noturno. A chuva tornou isto difícil, interferindo com sua ecolocalização e pesando para baixo suas asas, mas felizmente o homem não tinha indo longe. Apenas um punhado de quadras, e ele estava entrando em um barato (para Mônaco, de qualquer forma) prédio de apartamentos. Dois minutos depois, as luzes se acenderam em uma das unidades do quarto andar.

As janelas estavam seladas firmemente contra a chuva, com nenhum espaço de todo para um morcego entrar. Mas então, Beckett não era tão limitado na sua escolha de formas. Ele flutuou por seu caminho acima de uma das outras janelas, uma que abria para um quarto ainda escuro, e concentrado. O esforço que isto

exigiu para tomar essa forma em particular, tão rápido quanto ele fez, exigiu muito dele. Ele teria suado, se sua forma final fosse capaz de suar, e ele sabia que ele teria que se alimentar antes de que outra noite tenha passado. O mundo ficou cinza, então desvaneceu ao nada enquanto que a visão de Beckett estava substituída por um sentido menos sensitivo e mais tátil.

Estabelecido em uma grande cadeira reclinável com a televisão ligada em algum comercial aleatório, Rheveau estava inconsciente da massa de névoa que flutuava anormalmente através da janela para dentro de seu quarto. Nem ele escutou as pisadas suaves de Beckett sobre o carpete atrás dele. Foi somente quando ele sentiu garras afiadas pressionadas em sua garganta que ele ficou ciente de que ele não estava sozinho.

“Boa noite”, disse Beckett à ele em perfeito Francês. “Onde fica a capela?”

No Boulevard des Moulins Monte Carlo, Mônaco

Ter recuperado sua bolsa do quarto do hotel, e agora completamente saciado com o sangue do ghoull, Beckett ficou do lado de fora de uma grande, mas simples casa nos arredores de Monte Carlo. O portão da propriedade estava aberto, e nenhuma única luz brilhava em qualquer uma das janelas. A chuva tinha diminuído para uma irritante garoa, mas raios e trovões ainda partiam os céus com regularidade.

É claro, Beckett pensou. Não se pode ter uma casa de magia abandonada sem a “noite escura e tempestuosa” para acompanhar, não é?

Ele fez um breve agradecimento de que os Tremere tinham várias sebes crescendo próximas à cerca. Isto iria lhe permitir se instalar no gramado com pouco medo de ser visto da rua. Ele esperava que a capela tivesse uma quantidade de feitiçarias de defesa instaladas, e ele não era de perto estúpido o suficiente para apenas valsar sem tentar derrubá-las primeiro.

Exceto que um exame mais próximo não revelaria tais defesas. Ele observou a casa com todos os seus sentidos aumentadas, até com sua habilidade para ler auras. Ele tomou alguns segundos para procurar nas áreas por marcas místicas, glifos, qualquer sím-

bolo ou qualquer coisa for a do lugar que poderia sugerir uma guarda. Finalmente, ele apenas ficou em pé por vários minutos a fio, imóvel como qualquer estátua, e simplesmente fitou a casa diante dele. O ghoul também tinha mentido para ele sobre a localização da capela – pouco provável, dado seu desespero por também um gosto do vitae de Membro, o qual Beckett tinha oferecido – ou o Tremere teria deixado o lugar indefeso.

Isto, ou alguém mais já esteve aqui para fazer uma limpeza.

Beckett se amaldiçoou, em voz alta. Por que *diabos* ele não tinha pensado nisto? A Camarilla sabia que os Tremere tinham desaparecido – foi Hardestadt quem tinha revelado, cacete! Como ele pôde não ter imaginado que eles estavam vindo passar por aqui e limpar qualquer evidência de que os feiticeiros possam ter deixado, antes do Sabá – ou até pior, alguns intrépidos mortais – assim poder fazer?

As chances de ele encontrar qualquer coisa dentro que sugira onde Samir ou os outros Tremere foram era praticamente zero nesse ponto. Ainda assim, era a melhor pista que ele tinha. Ele poderia também pelo menos seguir através dela.

Hesitante, olhos sem piscar, fungando o ar por qualquer traço de companhia, Beckett se aproximou da porta da frente da casa. Ele sentiu um breve momento de pânico onde ele acreditar que ele podia ter engatilhado alguma defesa ou guarda mística que ele não tinha detectado. Suas mãos começaram a coçar toda horivelmente, e ele rasgou suas luvas fora esperando encontra-las queimadas, ou descoloridas, ou apodrecidas, ou *algo mais*. Entretanto, elas pareciam perfeitamente normais – bem, pelos menos normal como mãos com garras cobertas de pelo *podiam* parecer – e a coceira diminuiu quase tão rapidamente quanto ela tinha começado. Quando vários minutos se passaram sem uma repetição da sensação, Beckett deu uma acalmada mental e continuou.

A porta da frente estava fechada com um simples trinco, um que tomou de Beckett e seus abridores de fechaduras quase um minuto para contornar. Segurança bem fajuta. Ele pode apenas assumir que os Tremere tinham muito mais defesas potentes à frente quando eles residiam aqui. Ainda assim, ele se surpreendeu que um time de limpeza da Camarilla deixou a casa tão facilmente acessada, quando havia sempre a chance de eles terem perdido alguma coisa que eles não queriam que outros encontrassem. Algo sobre tudo isso estava muito, muito errado.

A porta flutuava aberta com um fraco guincho de suas dobradiças, permitindo acesso à uma entrada apertada e estreita. Não tinha carpete, as paredes não eram decoradas exceto por uma única pintura abstrata. As formas eram quase hipnóticas, e Beckett percebeu que diretamente, as estranhas cores e formas misturadas em um selo circular quadrado e triangular que era a marca do Clã Tremere. Fofó.

As entradas posicionavam-se em ambos os lados direito e esquerdo do corredor, mas não para alguma forma de descer. Beckett pode somente assumir que a construção foi pretendida para fornecer alguns meios de defesa, uma curta e apertada área na qual um intruso não poderia se mover bem enquanto os defensores –

PARA BAIXO!!!

Beckett a muito tinha aprendido a acreditar em seus instintos. Afiados como eles eram, aumentados por suas habilidades de morto-vivo, eles geralmente o alertam dos perigos que até sua visão noturna e sentidos aumentados são incapazes de detectar. Portanto, quando tudo dentro diminuiu sobre ele que o chão foi o melhor lugar para se estar, ele não hesitou.

Mesmo quando Beckett estava comendo azulejo, o corredor tremeu com um rugido alto, e *algo* piscou por cima de sua cabeça para explodir um buraco na porta atrás dele. Olhos flamejantes ainda mais claros do que o normal, Beckett admirou.

“Bell.” Faz algum tempo desde que ele tinha se encontrado com o arconte, e então apenas amigavelmente, mas o cara *não* era fácil de se esquecer.

Theo Bell, agora vestido com seu tradicional boné de baseball e jaqueta de couro, balançou o cano de uma espingarda calibre 12 para baixo para um segundo tiro. Beckett não sabia nem se preocupou de que Bell estava carregando uma espingarda porque ele foi incapaz de reparar aquele danificado por Lucita. Da outra ponta, a arma parecia ameaçadora o suficiente.

Uma quantidade de diferentes pensamentos dançou em volta uma da outra na cabeça de Beckett numa fração de segundos. Um: aparentemente Hardestadt tinha decidido que ele era uma ameaça grande demais afinal, embora se isto fosse por causa do que ele sabia ou o que ele já ter aprendido, Beckett não tinha certeza. Dois: se Bell já tivesse atirado, isto significa que ele tinha des-

contado qualquer possibilidade de simplesmente capturar Beckett – provavelmente uma sábia decisão, dado às próprias habilidades de Beckett. E três...

Três era que Beckett não tinha para onde ir. Ele não pode correr; mesmo se ele de alguma forma tivesse evitado de levar um tiro ou três na costa em seu caminho para a porta, ele tinha pouca dúvida de que Bell era mais rápido do que ele. Ele ainda não tinha alcançado as portas ao lado das quais o arconte estava posicionado, portanto nenhum dos lados era uma opção.

Esta seguiu em frente. *Maldição, isso vai doer...*

Seu sangue bombeou através de seus membros, garantindo o que extra velocidade e agilidade ele podia, Beckett se atirou sobre seus pés e investiu. Ao invés de se mover em uma linha reta, ele na realidade se arremessou contra a parede da esquerda enquanto ele se movia, permitindo um momento para quicá-lo para a direita.

Conforme ele esperava, o primeiro tiro de Bell lavrou um profundo buraco na parede da esquerda onde Beckett esteve momentos antes. O Segundo, infelizmente, pegou Beckett no ombro esquerdo.

Essa não foi a primeira vez que Beckett tinha levado um tiro, mas com tamanho poder uma arma em tal curto alcance, até sua pele endurecida não pode apenas ignorá-lo. A dor dos fragmentos de metal cortando sua carne fez seus dentes rangerem, a Besta se levantar das profundezas de sua alma. O desejo de fugir da agonia quase o dominou – ele sentiu suas pernas tremerem enquanto ele se movia – mas a necessidade de rasgar a fonte desta dor membro por membro foi maior ainda. Um profundo e bestial rosnado emergiu da garganta de Beckett, e em algum ponto suas garras rasgaram através dos dedos de suas luvas. Arconte ou não, como *se atreve* essa arrogante criatura a me ameaçar? *Ele!* Um ancião com o dobro da idade de Bell!

Mesmo quando ele se esforçou para manter a Besta pelo menos um pouco sob controle – contra um adversário como Theo Bell, ele iria precisar de sua inteligência sobre ele – Beckett saltou para frente. A espingarda descarregou novamente, justo para a esquerda da onde ele foi, e então Beckett ceifou sobre o arconte. Ele escutou um tinido enquanto a arma caía no chão e derrapava através do piso, e então ele viu nada, escutou nada, além do inimigo diante dele.

Tão rápido quanto ele podia, Bell foi quase capaz de evitar o ataque completamente. Ele recuou, e as garras que podiam bem

ter rasgado seu coração para for a ao invés de ter seguido a linha de sangue abaixo de seu peito, Beckett sabia que o ferimento tinha que doer como o inferno – mas se isto aconteceu, o arconte não estava mostrando algum traço disto. Bell começou a lançar socos, cotovelos e joelhos devastadores, mas rápidos como raios. Ele estava de fato mais rápido do que Beckett, e mais forte, mas Beckett pode tomar uma quantidade diabólica de punição. Inferno, o tiro no ombro sozinho teria por si só temporariamente derrubado muitos Membros. Beckett sabia que isto era uma corrida, agora, ver se ele conseguiria descarregar uma poderosa com suas garras antes de Bell esmurrá-lo até ficar inconsciente, torpor ou pior.

Foi como ser pego em uma chuva de granizo – com os granizos do tamanho de lixeiras. Seu corpo inteiro tremeu, seus ossos choraram em protesto, enquanto que o arconte distribuía golpe atrás de golpe com uma velocidade que Beckett não podia esperar bloquear ou evitar. Tudo o que ele podia fazer era manter seus braços levantados para proteger seu peito o rosto, até ele deixar uma abertura.

Ele pensou mais uma vez sobre fugir, mas entre a Besta interna e o esmurrar de fora, ele simplesmente não conseguia reunir a concentração necessária para mudar sua forma em algo mais apropriado para lutar. Ao invés disso ele se torceu de repente e bateu violentamente seu ombro ileso em Bell, se libertando do ritmo do outro. Ele esperava que daria à ele um momento para lançar o seu próprio ataque, mas mesmo quando Bell cambaleou ele agarrou Beckett – uma mão em volta de sua garganta, a outra em seu sinto – e bateu ele violentamente para cima no teto. Pedacos de reboco e fibra de vidro, e estilhaços de uma viga de apoio, choveram em torno dele. Beckett sentiu o aperto do arconte em sua garganta aumentando, e se perguntando se Bell na realidade tinha a força para rasgar sua cabeça do seu corpo, ou se ele estava meramente planejando quebrar Beckett acima de seu joelho.

Ele não ia esperar e descobrir. Beckett se esticou para baixo e agarrou ambos os braços de Bell – garras primeiro. Seu polegares e dedos indicadores na realidade se *encontraram* entre os ossos dos antebraços de Bell.

O arconte gritou, então, e arremessou Beckett para baixo do corredor, nenhum pensamento em sua mente além da necessidade da Besta parar a dor das garras anormais escavando em sua carne. Beckett atingiu o piso com um baque doloroso e derrapou a maior

do caminho até a porta. Mesmo quando ele pousou, sua mão chateou. Se ele ainda tivesse julgado apropriadamente onde isto teria caído...

Bell já estava pronto movendo-se corredor abaixo direto para ele, o assassino em seus olhos e a evidente Besta em seu rosto. Beckett rolou parcialmente para uma posição sentada e apanhou a espingarda de onde ela tinha caído. Invés de ganhar tempo e concentração para retrair suas garras, Beckett simplesmente arrancou fora a proteção do gatilho da arma, tomou um breve instante para curtir o repentino expandir dos olhos de Bell quando ele viu sua própria espingarda apontada para ele, e então atirou. E novamente. E novamente, tão rápido quanto ele pode bombear a arma.

Na verdade, Beckett não era o melhor atirador do mundo. Ele tendia a usar armas somente quando se deparava com grandes números de mortais, preferindo suas armas inatas quando se deparava com adversários Membros. Ainda assim, em um espaço tão curto, e permitindo o espalhar do chumbo grosso, até Bell acharia isto difícil de se esquivar de uma única rajada, muito menos uma barragem. O arconte caiu sobre um joelho enquanto que uma porção da sua coxa esquerda ficou desintegrada sob a saraivada de chumbo.

Usando a espingarda quase como um cano, Beckett moveu-se com dificuldade. Seu corpo inteiro tremeu, suas garras se contraíram com a necessidade de rasgar pela carne de seu inimigo, para se embeber de seu sangue.

Mas Beckett, por tudo que ele viu dele como um predador, estava determinado a permanecer mais do que uma ferramenta da Besta. Além disso, enquanto ele sabia que se Hardestadt o queria morto, ele não podia estar em muito mais apuros, varrendo um arconte certamente não iria ajudar.

“Eu não quero acabar com você, Bell”, ele disse, com sua voz baixa, apesar do fato que uma grande parte dele quis. “Mas eu juro, se você...”

Beckett rastejou enquanto Bell levantava sua cabeça para fixar ele, e ele teve que lutar com um desejo bem humano para se engolir. Não havia nada de consciente restando nas feições de Bell. Os olhos estavam estreitados, e Beckett pode jurar que ele quase viu um brilho como aquele dos seus próprios olhos nas cavidades do arconte. A mandíbula estava aberta, presas se projetando. Um ribombar baixo profundo soou do peito e garganta de Bell. E len-

tamente, como se a dor fosse uma mera inconveniência, em vez da agonia que Beckett sabia como ela devia ser, Bell se levantou.

“Oh, merda.”

Tudo bem, a razão nunca foi uma opção, e não há alguma *forma* de enfrentar um vampire tão poderoso quanto Bell no meio de um frenesi. Por uma fração de segundos, Beckett apontou a arma que ele segurava – nessa distancia, um disparo de espingarda na cabeça pode ser só o suficiente para finalizar até um vampire tão resistente quanto Theo Bell. Então, com uma leve praga, Beckett esvaziou os últimos cartuchos na perna ferida do crescente arconte ao invés – isto podia até retardá-lo ainda mais – de arremessar a espingarda vazia nos pés de Bell e correr. Bell não estava agora sentindo dor, mas o extremo dano em sua perna poderia impedi-lo de correr em sua velocidade máxima por alguns minutos, não importando quanto sangue ele bombeou para ela. Beckett, por outro lado, estava com *muita* dor – seu ombro queimava como se ele esteve pegando fogo – mas suas pernas estavam funcionando bem. Agora que a espingarda estava for a de cena, ele apenas tinha que ficar distante o suficiente para que Bell não pudesse agarrá-lo durante sua transformação em morcego, e ele terá *desaparecido*.

Suas pisadas soavam não muito diferente de uma metralhadora, de tão rápidas que elas atingiam o chão. Beckett rasgou através do gramado da frente da propriedade e para for a do portão principal, não se preocupando no momento com que tipo de espetáculo ele causou. Ele pode escutar o arconte rugindo em fúria atrás dele, ele sabia que não tinha ainda ganho distância suficiente. Ele se virou, correndo ao longo da calçada, guinando para evitar alguns pedestres tarde da noite que olhavam fixamente atrás deles em choque, rezando para que ele não escorregasse em uma poça deixada pela fraca garoa...

Um súbito gemido soou na rua atrás dele, a sirene fracamente soando dos carros de polícia através da Europa. O pequenino carro veio acelerando em volta de uma esquina e estacionou sobre a calçada no caminho dos vampiros. “Parem, agora!” Um dos policiais gritou em Francês enquanto dois deles saíram do carro. “Alguém poderia me dizer o que está –”

Bell avançou sobre o primeiro policial com um grito de fúria primal, um daqueles que quase abafou o próprio choro do homem com dor e terror. O outro policial, com os olhos bem abertos, tentou agarrar sua arma mesmo enquanto ele se movia em torno do carro. Por um momento, todos os olhos estavam fora de Beckett, e um momento era tudo o que ele precisava.

Ele poderia ter intervindo. Talvez ele *devesse* ter intervindo. Talvez ele *devesse* ter apenas colocado uma bala através da cabeça de Bell quando ele teve a chance.

Ele então não tinha feito - e ele não fez agora. Ignorando a dor em seu ombro - e, com grande dificuldade, os gritos dos policiais - ele saltou o muro mais próximo, uma barreira de pedra cercando uma outra pequena propriedade, e desapareceu. Se alguém estivesse observando, ele teria visto um grande morcego esvoaçando pelo jardim, com sua errática trajetória de voo enquanto ele favorecia sua asa da esquerda.

No Boulevard Princesse Charlotte Monte Carlo, Mônaco

Lentamente, a sensação do sangue quente em sua garganta e as primeiras pontadas de cura trouxe Bell de volta à razão. Sua visão nadou lentamente para se focar, e o golpe em seu crânio diminuiu até ele estar mais capaz de ter pensamentos racionais. Seus olhos pareciam relutantes em se focar, e ele ficou vendo lampejos. Isto fez ele levar um tempo para perceber que isso foi porque ele estava a olhar nas luzes em cima de um carro de polícia.

“Ah, merda.”

Bell olhou de relance para baixo. Ele estava absolutamente coberto de sangue. Um policial, com sua garganta mutilada abaixo até sua agora visível coluna, balançava em seus braços. Um segundo deitado, com membros obviamente quebrados, no meio-fio. A dor das balas por todo o Bell, dos seus braços dilacerados e de sua perna destroçada, mas pelo menos por alguns minutos, ele pôde ignorá-la.

Isso - isso estava errado. Bell teve mais autocontrole do que a maioria de seus companheiros Brujah de pavio curto, mas ele ainda experimentava a sua parte de frenesis, de fúrias enlouquecedoras e violentas. Mas isso? Nunca antes ele tinha experimentado um frenesi tão severo que ele não fosse capaz apenas de se controlar, mas também de estar completamente inconsciente do que ele estava fazendo. Ele teve somente breves lampejos de memória do momento que Beckett atirou nele até agora. Ele não se lembrava de como ele chegou ali, e ele tinha somente imagens sangrentas de seu massacre dos policiais.

Algo estava muito errado com ele, e ele não queria seguir atrás de alguém tão perigoso quanto Beckett novamente até ele descobrir o que aconteceu.

Neste momento mais policiais chegaram, acompanhados por paramédicos que tinham muito pouco a fazer a não ser limpar, Bell e o carro de polícia inicial tinham desaparecido. A polícia de Mônaco encontrou o carro abandonado a várias quadras de distância, mas apesar deles manterem a caçada por meses, eles nunca encontraram o assassino de policiais.

A Plantação de Thompson Fora de Savannah, Geórgia

Mesmo através do chão e o espesso carpete, eles puderam escutar os sons de muitos Membros moendo perto da sala de jantar, esperando por eles para fazer suas aparições. Um conclave local convocado por Hardestadt pessoalmente, que era composto de quase todos os poderosos ou importantes vampiros da Camarilla dentro de um raio de 800 quilômetros. Nenhum deles sabia precisamente o que eles estavam fazendo aqui para discutir, embora as teorias variavam de uma nova ofensiva contra o Sabá – Savannah tinha repellido uma incursão Sabá no ano passado e muitos viram isto como um ponto de preparação para retomar Atlanta – à uma discussão da doença do sangue – o “murchar”, assim como muitos a estavam chamando – fazendo o seu caminho através dos escalões.

As últimas teorias eram praticamente no alvo. Hardestadt pretendeu de fato atualizá-los dos atuais acontecimentos. Várias cidades – Londres, Houston, Glasgow, Nice e outras – tinham encontrado uma única solução tanto para o murchar quanto para o problema dos criadores de problemas do discurso de Gehenna, uma que Hardestadt pretendia implementar, com a ajuda dos arcontes e xerifes locais, como política oficial da Camarilla.

Mas tudo isso era para ser discutido depois. Neste momento, Hardestadt tinha outros assuntos em sua mente.

Ele não estava sozinho na sala, o mesmo escritório onde ele tinha falado com Beckett semanas atrás. Diante dele, sentada em uma das cadeiras almofadadas, estava a proprietária da casa Victoria Ash, agora vestida em um simples vestido preto que condizia com a seriedade da reunião.

“O que aconteceu quando você encontrou, Miss Ash?” Hardestadt perguntou.

Victoria tirou sua atenção do contemplar do iminente encontro de volta às questões em mãos. “Eu comprei as relíquias, conforme nós acordamos, e ele foi embora. Teria sido a última vez que eu o vi se você não tivesse escolhido usar meu solar como um local de encontro”.

“E isso foi tudo?” Hardestadt pareceu esquelético. “Ele não tentou explicar qual o significado que as relíquias tinham, ou como elas se relacionavam à crença ou mitologia dos Membros?”

Ash franziu as sobrancelhas. “Conforme eu entendi, Hardestadt, elas não se *relacionavam* à nossa crença e mitologia. É por isso que ele estava disposto a vendê-los.”

“Isto pode ser verdade”, Hardestadt resmungou, como se falando para si mesmo, mas Ash não era tola; se ele falou alto em sua presença, ele queria que ela escutasse. “Beckett provavelmente não faria parte de qualquer coisa que ele pensasse que pudesse conter qualquer de suas preciosas respostas. Porém, isto não significa que ele não teria alguém que ele confiasse para guardar itens importantes para ele.”

“Ah, realmente. Eu nem sequer conheço esse homem tão bem. Ele tinha algumas bugigangas para vender, eu gostei delas, e eu as comprei. Nós nem sequer pudemos ficar tão paranoicos enquanto tornamos isto em algum tipo de conspiração.”

Hardestadt acenou com a cabeça. “Você está correta, é claro. Venha, nós não devemos manter nossos convidados esperando por mais tempo”. Mas apesar de sua aquiescência, a suspeita permaneceu em seus olhos.

Victoria Ash estremeceu uma vez na ideia de Hardestadt se tornar um inimigo, e se perguntou mais uma vez sobre o que Beckett poderia ter feito em poucas semanas para torna-lo tão perigoso ao Fundador Ventrue.

Hotel de Paris Monte Carlo, Mônaco

Kapaneus deu uma olhada para cima enquanto um morcego fluuava desajeitadamente para dentro através da janela aberta, se transformando em um maltratado e queimado Beckett mesmo quando ele se jogou em direção ao chão. “Nós estamos partindo?” Ele perguntou suavemente.

“Kapaneus, você *não tem ideia* do quanto nós estamos partindo”. Claramente favorecendo seu ombro esquerdo, ele começou a arremessar suas poucas posses sobre a cama. Ele congelou abruptamente.

“Merda!” Beckett sentou abruptamente na cama, não se preocupando que ele derrubou sobre o chão metade do que ele tinha acabado de colocar nela. “Eu deixei minha bolsa.”

Kapaneus olhou preocupado. “Há materiais que nós precisamos nela?”

“Não, apenas alguns componentes básicos de taumaturgia. Eu posso repô-los. Eu apenas gostava daquela maldita sacola.” Muito bem. Ele teria que pegar uma outra na saída amanhã à noite – que ele não estava estivesse particularmente com fome. Ele sentiu quase como que sua Besta por si só estava de alguma forma lânguida, desinteressada até nas necessidades básicas.

Antes dele poder ponderar o fenômeno mais à frente, sua linha de pensamento foi interrompida.

“Beckett, para onde nós estamos indo?”

Esta era a questão, não era? Ele teve as primeiras perspectivas de uma ideia se formando, mas ele realmente, *realmente* não gostava para onde isto estava levando ele. Em vez de responder à Kapaneus diretamente, ele primeiro checkou seu relógio – sim, era tarde o suficiente para que o sol já tivesse se posto onde ele estava chamando – e pegou seu telefone de satélite.

“Beckett”, a voz de Okulos o saudou somente após alguns toques. “Como estão as coisas?”

“Péssimo não começaria a cobri-lo, Okulos. E sobre o seu lado?”

“Está ficando ruim, Beckett. Essa doença, ou maldição, ou seja lá o que for, está se espalhando. A Camarilla está convocando conclaves sobre isto.”

“Maldição.”

“Esta é uma maneira de pôr as coisas. Isto ficou imprevisível. Algumas vítimas relatam estarem ficando *mais fortes* por um tempo antes delas começarem a enfraquecer, mas isto é sempre temporário. Não está mais apenas atingindo os realmente antigos, também. Até alguns ancilas estão se tornando vítimas agora. Entretanto, a cada segundo os vampiros de Paris à Poughkeepsie tinham a sua própria teoria sobre o que está causando isto. Você pode apostar que os Tremere estão no topo da lista de suspeitos de todos, mas a Gehenna está lá em segundo lugar. O rumor é que o Sabá começou a abrir todos os rituais com uma citação de uma das profecias. ‘Onde está o seu orgulho, onde está a sua força, onde está a sua ira que deve persistir?’ Este tipo de porcaria.”

“Pelo amor de Deus, Okulos. Isso não é a Gehenna. Quão ingênuas *são* essas pessoas?”

“Ei, não me pergunte. Eu não sou aquele que está declamando chavões de Nodistas. Embora, um monte de neonatos está começando a escutar. A Camarilla vai ficar maluca tentando manter uma tampa sobre isto.”

Beckett ficou tenso. Dado a seus amigos estarem propensos a uma subavaliação... “Okulos, o que eles estão fazendo?”

“Bem... você entende que isso são apenas rumores, Beckett. Mas muitos dos mais proponentes vocais da teoria da Gehenna estão desaparecendo. De repente.”

“Executados?”

“Talvez pior. Abundam rumores de que o sangue dos Membros temporariamente alivia a aflição, Beckett. Não cura, mas reabastece a perda de força. Ninguém que na realidade saiba alguma coisa está falando, mas eu estou começando a escutar sussurros de depósitos e antigos prédios de escritórios convertido em centros de internamento – e bufês. E o nível de violência nas ruas está disparando.”

Putá merda. Beckett não tinha dúvida de que os rumores eram exagerados – eles sempre eram – mas para tais histórias sequer terem começado a dar a volta significa que *alguma coisa* grande está acontecendo. Ele tinha que se mexer.

“E sobre a busca que eu pedi? Achou alguma coisa?”

“Isto depende. Eu encontrei bastante confusão, mais do que um pouco de consternação, e um rastro de atordoamento.”

“Se você quis dizer ‘não’, você podia muito bem ter dito ‘não’.”

“Me perdoe, Beckett. Eu olhei por toda parte que eu conhecia para procurar. Eu chamei todos os contatos que eu tenho, e todos contatos que *eles* têm. Todas as capelas estão vazias, todos os refúgios abandonados. Se eu não tivesse me encontrado com alguns pessoalmente em minha vida, eu me questionaria se os Tremere sequer existiram de todo.”

Beckett amaldiçoou, várias vezes, em várias línguas mortas. “Eu *tenho* que falar com os feiticeiros, Okulos. A fraqueza do sangue, estranhos eventos, presságios apocalípticos... isso tudo só *grita* Tremere.”

“Certamente que existem outros místicos que você possa discutir isso.”

Existem? Beckett sabia de sua cota de praticantes das artes mágicas. Alguns eram Membros que, como ele, tinha desenvolvido algumas habilidades com taumaturgia do lado de fora da égide dos Tremere. Vários outros clãs tiveram suas próprias formas de mágica do sangue que, embora geralmente menos maleável do que

a taumaturgia, não eram menos potentes. Ele até tinha vários contatos entre os mágicos mortais, tal como Nola Spier em Los Angeles ou Josef Ravid em Tel Aviv.

Mas não, ele não acreditava assim de repente que qualquer um deles pudesse fornecer a informação necessária. Ninguém tinha a absoluta capacidade com a magia do sangue – e, mais importante, os aprofundados registros e estudos – que os Tremere tinham. Além disso, se os Tremere *fossem* responsáveis, ninguém mais seria capaz de confirmar este fato. Se Beckett *tivesse* que procurar por recursos menores, ele iria, mas não até ele ter exaurido sua última opção.

Contudo, muito do que ele *realmente* não queria era fazer isto.

“Okulos”, ele disse após um momento de silêncio, “eu não tenho acesso a um computador neste momento”. Tempo para ele deixar de enrolar e obter um notebook. Algo mais que ele tenha que fazer na saída amanhã à noite. “Eu posso impor você a checar alguns horários de trem para mim?”

“Claro”. As orelhas hipersensitivas de Beckett facilmente pegou os sons estalantes de um teclado na conexão. “Para onde deseja ir?”

Beckett fechou seus olhos. “Viena”.

No Alto do Prédio do Banco de Sanwa Los Angeles, Califórnia

O ar da noite soprou em um vento constante além do rosto da Princesa Tara. Do alto do telhado de um dos muitos arranha-céus do centro de LA, ela olhou por sobre a cidade que ele pretendia – e, que no momento, falhou – pacificar. Totalmente recuperada dos ferimentos que ela tinha sofrido nas mãos de Jenna Cross e seus lacaios, a princesa que, contudo, tinha sido subjugada, observava os eventos enquanto eles transpiravam.

Não estava bom. No que estava rapidamente se tornando uma guerrilha igual a qualquer cruzada do Sabá, vários anciões estavam lutando de vários refúgios escondidos, mas a maioria dos primogênitos e o resto da elite da cidade foi massacrada, encurralados em seus refúgios ou correndo para o solo como cães. Noite após noite, os Membros sangue-fracos chegaram de outros lugares do país, aparentemente atraídos pela noção de uma facção inteira da sua própria espécie. Los Angeles já era a casa de mais vampiros do que Tara já tinha visto se reunir em um lugar, e ela não estava

certa do quão bem a população humana iria suportar tal influxo de predadores. Sob outras circunstâncias, isto poderia ter sido um interessante experimento sociológico, mas neste momento era apenas um incômodo.

Seu plano inicial tinha sido para se unir com os outros anciões da cidade, mas eles não restaram em quantidade suficiente para enfrentar a crescente horda. Ela tinha chamado por ajuda dos príncipes vizinhos e a Camarilla como um todo. *Agora* eles estavam enviando ajuda – devido ao “atual ambiente”, eles não puderam permitir uma cidade inteira ser arrancada de seus domínios – mas ela não tinha ideia de quanto ou quando. Nem ela estava certa se as forças que estão chegando estavam vindo para deixá-la tomar parte de qualquer função fundamental na retomada de sua cidade, e se eles não deixassem, se ela basicamente falhou aqui, ela não tinha certeza por quanto tempo ela poderia manter seu principado de San Diego. Os Membros, de um modo geral, não permitem fracassados permanecerem no poder por muito tempo.

Seu único ponto de consolação era que Cross e os MacNeils ainda estavam lutando um com o outro tão viciosamente quanto nunca. Aparentemente, os anarquistas mais velhos não eram mais bem-vindos pelos sangues-finos do que qualquer um. Mas enquanto eles podiam enfraquecer um ao outro, as duas facções provavelmente não iriam destruir um ao outro sem ajuda. Portanto, embora tenha causado orgulho à ela em torcer e atingir em seu estômago de dentro como se ela tivesse engolido uma víbora, ela tinha chamado a única outra força que ele pensava poder se provar capaz de ajudá-la.

“Obrigada por vir”, ela disse por sobre seu ombro, incapaz de se virar e encarar o homem – a *coisa* – de pé atrás dela. Conspirar aos Quatro Ventos, membro de renome do Mandarinato da Nova Promessa, encurvado, embora ela não possa ter visto isso. “Eu estou honrado em estar à seu serviço”. Ele era um homem alto – quase anormalmente assim – e magro. Ele estava com a barba feita, e vestia um Armani listrado azul marinho que realmente não ficava bem nele de alguma forma. Se ele fosse mortal, Tara teria colocado sua idade em torno de quarenta, mais ou menos. Como um dos Cataianos (Kuei-jin, assim eles se chamavam), criaturas similares, mas não verdadeiramente familiares aos Membros, ele podia ter praticamente qualquer idade afinal.

“O Mandarinato considerou a minha oferta? Eu sei que a maioria dos seus parentes partiram de Los Angeles, mas qualquer um de vocês ainda é mais do que um desafio para quaisquer três

anarquistas”. Ela relutantemente concordou em dobrar o combinado inicialmente sobre o tributo – apesar disto dez milhões de dólares não foi um montante que ela poderia apenas desprezar – se os Cataianos ajudassem ela em retomar a cidade.

“Eles consideraram”

“E qual foi a decisão deles?”

“Infelizmente, Príncipe Tara, foi decidido que, uma vez que iremos provavelmente nos juntar à nossos irmãos em casa em breve, nós estamos melhor aceitando cinco milhões para fazer nada do que dez milhões para se engajar em mais um conflito.”

Os olhos de Tara se estreitaram, e ela girou, sua fúria a ferver. “Seu idiota de merda! Se eu não retomar essa cidade, vocês não irão receber qualquer tribute algum! Vocês...”

E então ela compreendeu. Conspirar aos Quatro Ventos sorriu um riso forçado bem mais largo do que qualquer humano (ou Membro) pudesse ter conseguido enquanto que a porta da escadaria atrás dele se abriu, e aquela cadela da Cross – e pelo menos uma dúzia do seu pessoal – emergiu sobre a cobertura.

“Sua filha da puta!”

Conspirar aos Quatro Ventos simplesmente encolheu os ombros, depois se curvou para Jenna Cross, e desceu as escadas para fora da vista.

Bem, ela já tinha enfrentado os bastardos uma vez, e isto foi quando ela não tinha espaço para manobras. Deixemos eles ver o que uma anciã podia *realmente* fazer! Príncipe Tara começou a correr, a esquivar em velocidade inacreditáveis. Ela deixou seu poder e sua fúria fluir dela, gerando uma força emocional que teria feito os Membros mais jovens se ajoelhar.

Após seus primeiros quatro passos, ela ficou perplexa. Ela não parecia estar se movendo tão rápido quanto ela deveria estar...

No seu sétimo, a primeira bala a pegou no ombro, fazendo-a girar. As próximas dezenas perfuraram através de seu rosto, sua garganta, suas costelas, sua pélvis, cada uma causou uma trilha de dor que ela nunca devia ter sentido.

Estranhamente, o último pensamento de Príncipe Tara foi completamente calmo, completamente racional. O *quão estranho*, ela notou, *que eu estava tão forte na última vez que eu encarei eles, e tão fraca hoje à noite. Essa doença não fazer sentido algum.*

E então a saraivada a forçou sobre a borda. Segundos se passaram, e então Príncipe Tara pensou em mais nada.

No Alto do Prédio do Banco de Sanwa Los Angeles, Califórnia

Jenna Cross colocou a cabeça por sobre a borda, lutando com um breve lampejo de vertigem. “Eu não acho que até um ancião pudesse sobreviver à isto”, ela disse aos outros atrás dela, “mas chamem lá em baixo e façam Toby e Chris deram uma olhada nos restos só para ter certeza. Rápido, antes de nós começarmos a juntar uma multidão lá embaixo”.

A maioria do pessoal dela começou a filtrar de volta para baixo pelas escadas, até Cross ter sido deixada com apenas dois outros companheiros na cobertura. Ambos usavam barba, mas por outro lado eram dificilmente confundíveis. O primeiro podia ter sido uma figura poderosa – ombros largos, nitidamente realçados, com um longo e espesso cabelo preto, mas com uma barba bem cuidada para combinar. Ele tinha, de fato, sido antes uma tal figura poderosa, quando ele era uma força para mudança e a anarquia entre os Membros, uma lenda do seu próprio tempo. Agora ele estava vestido com calças esfarrapadas e uma túnica de lã pruriginosa manchada com o sangue de várias alimentações, o equivalente moderno de cinzas e saco. Não era que ele não pudesse cuidar de si. Ele estava apenas mais preocupado com outros problemas do que sua aparência física.

O segundo usava uma barba mais arrumada, botas e uma camisa de flanela. Seu nome era Samuel, e ele conhecia Jenna há um pouco mais tempo do que Jenna conhecia ele.

“Podes crer, filha”, disse o mais desleixado dos dois. “Você conseguiu. Fodeu com outro que podia ter invocado o fim sobre nós”.

Jenna franziu as sobrancelhas. “Eu não sou sua filha, Tio Jack. Eu já falei para você não me chamar assim.”

“Mais vale pedir ao sol para não surgir, queridinha. Isto não significa que irá acontecer deste jeito.”

Dessa vez foi um suspiro. “Qual é, Tio. Nós não queremos ser deixados para trás.”

“Não. Não, nós não iremos querer isto de jeito nenhum.”

Jenna Cross, o mais novo espinho no lado da Camarilla, e o homem chamado Jack Sorridente, ex-líder anarquista se tornaram profetas da Gehenna que está por vir, deixaram o terraço juntos. Samuel os observou ir, e então lentamente seguiu atrás.

Uma casa afastada

Cidade de Juarez, México

Lucita deslizou para fora da casa à margem do povoado – seria algum tempo antes de qualquer um encontrar os proprietários – e caminhou em um ritmo ilusoriamente casual pela estrada dura e desnivelada. Os sons do dia na cidade ainda não tinham desaparecido, menos de uma hora após o pôr do sol. Ela tinha se forçado a se levantar cedo, para começar a procura dela tão rapidamente quanto possível.

A teoria dela sobre Giangaleazzo não tinha se cumprido (e tinha quase matado ela, aliás). Nem tinha qualquer uma das pistas que ela tinha perseguido nas semanas seguintes. Lucita era paciente – era algo que ele tinha aprendido nos seus muitos séculos de rastrear alvos que os outros queriam eliminados – mas ela ainda estava desacostumada à esse nível de falha. Ela não tinha nada a não ser suas conclusões iniciais, e uma ideia melhor do que a fraqueza do sangue e a violência *não eram*.

Ela finalmente tinha decidido tentar mais uma vez seguir seus instintos prévios, de falar com Aajav Khan, o atual supremo Serafim da Mão Negra. A Mão era mais do que apenas um braço militar do Sabá. Eles eram fanáticos, cultistas da Gehenna mesmo em uma seita parcialmente fundada para evitar ou sobreviver à Gehenna, e eles não necessariamente marcharam para rufar os tambores do Sabá. Lucita não imaginou que eles pudessem, ou teriam, ter sido os responsáveis pela maldição (ou seja o que for), mas violência excessiva e estranhos desaparecimentos? Esses estavam definitivamente no alcance da Mão Negra.

Então, se ninguém iria ajudá-la a contatar Jalan-Aajav por telefone, ela teria que prestar à ele uma visita pessoal. E se isto significa procurar prédio por prédio por toda Juarez – desde que tudo que ela sabia era que ele fazia de seu normal refúgio e quartel algum lugar nessa cidade – bem, ela não estava ficando mais velha.

Hoje à noite estava apenas no começo, uma noite para observação e reconhecimento. Ela iria localizar pelo menos alguns dos outros Cainitas da cidade, dar conhecimento de quem ela era e o que ela procurava saber, ou se não a Mão viria até ela. De qualquer forma, ela –

“Eu sabia que você eventualmente viria aqui, Lucita.”

Lucita era uma anciã, não era assim tão cautelosa de um de mil anos de idade. Ela tinha abandonado qualquer semblante de humanidade a vários anos atrás, e se orgulhava de seu progresso ao longo da assim chamada Trilha da Noite. Ainda assim era tudo que ele podia fazer para suprimir uma arfada de surpresa bem humana no som de uma voz – *esta voz* – que ela nunca tinha pensado em escutar novamente.

“Fatima...”

A Assamita deu um passo ágil das sombras, e acenou para Lucita se juntar à ela em um beco entre duas casas em ruínas. Com os olhos alertas para algum tipo de armadilha, embora ela realmente não esperava um, Lucita seguiu.

Ela não fazia ideia do que fazer desse encontro. Através dos anos, ela e Fatima foram próximas, de uma forma ou de outra. Elas foram amigas. Elas foram inimigas. Elas se amaram como dois seres imortais trabalhando de baixo da mesma maldição, não de qualquer modo que os mortais, sobrecarregou com os seus vários desejos, podiam compreender.

Quando elas se separaram da última vez a quatro anos atrás, foi no refúgio escondido de Fatima nos desertos do noroeste de Medina, Arábia Saudita. E não foi em condições particularmente boas.

“Você mudou, Lucita, desde a última vez que nos falamos. Essa – essa não é você.”

A surpresa da Arcebispo abruptamente deu lugar ao desdém, até à raiva. “Essa *sou* eu. Pela primeira vez desde que aquele bastardo me trouxe ao mundo dele, essa sou eu! E o que você sabe disso, afinal? Da última vez que nos falamos, você estava me pressionado a me envolver, decidir o que eu defendia, com quem eu estava, enquanto você se sentava ao redor sobre a areia e pedras esperando alguma grande mensagem de Allah antes de você ter saído e feito nada!”

“Eu apenas observo, Lucita. Eu não julgo. Você pôde me conceder a cortesia de fazer o mesmo.”

Lucita rosnou, e começou a forçar passar através da Assamita. “Saia do meu caminho, Fatima”.

“Não. O que ficou no passado está no passado, e poder ser irreparável. Entretanto, em memória do que nós fomos, eu estou aqui para alertar você. A Mão Negra não irá lhe ajudar, Lucita. Não os procure.”

Lucita deu um passo para trás, e somente uma lutadora tão experiente quanto Fatima poderia sentir a leve tensão em seus músculos. “E você sabe disso? Allah veio até você no deserto e disse para você” – mesmo enquanto ela falava, Lucita se deixou cair e intencionou uma rasteira nos tornozelos de Fatima; a Assamita facilmente pulo sobre isto, arremessando um chute giratório na cabeça de Lucita por segurança; Lucita rolou para trás e se colocou de pé – “para isso que eu estava perdendo o meu tempo?”

“Após você ter deixado minha casa”, Fatima explicou, lançando uma série de golpes de socos e cotoveladas que teriam devastado a maioria dos oponentes, “eu imaginei que sua chegada por si só era o sinal para o que eu esperava. Era hora para surgir para o mundo mais uma vez.”

Lucita se esquivou de dois dos socos, bloqueou as cotoveladas com uma série rápida de movimentos de braço – “fazendo boxe”, ela uma vez tinha escutado isto de brincadeira se referindo a – e então agarrou o braço estendido de Fatima no próximo soco, torceu e virou a Assamita por sobre seu ombro. “*Eu sou* um sinal de Deus?” Ela zombou mesmo enquanto ela se movia. “Isto é impagável, Fatima. O calor do deserto cozinhou o seu cérebro.”

Fatima esticou uma perna debaixo dela, se recuperando antes dela poder bater violentamente no concreto. A outra perna golpeou com um chute, atingindo Lucita na testa. A arcebispo cambaleou para trás, e Fatima – do que pareceu ser um ângulo absolutamente impossível – se endireitou.

“Não é? A sua própria Trilha da Noite não lhe ensinou que você serve à uma específica função nos desígnios de Deus?”

“Como você poderia saber –”

“Desde a partida do deserto”, Fatima continuou preguiçosamente vindo sobre um minúsculo tentáculo de sombra que tentou agarrar os calcanhares dela por trás, “eu fiz esforços substanciais para aumentar meu contato e interação com aqueles que podiam se provar aliados contra o poder do Alamut.” Fatima era um desses Assamita que tinham escolhido seguir seu próprio caminho, em vez de abandonar sua fé nas ordens de Ur-Shulgi. Ela pausou, esperando, e nesse momento foi Lucita quem atacou, planando baixo, atingindo na cabeça com as suas mãos, os tornozelos e joelhos com uma série de chutes rápidos. Incapaz de bloqueá-los todos, Fatima se viu recuando.

“Você *não* está prestes a me dizer que você entrou na Mão Negra, Fatima. Você –” O resto do comentário da Lucita se perdeu enquanto a Assimita abruptamente inclinou-se para frente do assalto dela, levando um pesado golpe no ombro no processo, e desferiu um ataque duro apontado no plexo solar de Lucita. A dor atingiu através do peito da arcebispo, e o ar que ela tinha inalado para falar foi levado dos pulmões dela em um grunhido alto.

“Não, é claro que eu não entrei –” Ela cambaleou para trás enquanto Lucita, a qual foi se curvando para frente com a dor do ataque de Fatima, tornou o repentino movimento em uma cabeçada que pousou solidamente no queixo da Assamita. Ela parou por um momento, mexendo sua mandíbula para frente e para trás para ter certeza que ainda funcionava. “Mas eu estive em contato com eles”, ela continuou em volta de um sorvo de seu próprio sangue. “Eu os ajudei em certos assuntos, tal como eu tenho com a Camarilla. Eu preciso de aliados, Lucita, refúgios para os quais eu possa recuar por um curto prazo se Ur-Shulgi enviar outros atrás de mim.”

“A Mão Negra não acredita nos forasteiros.”

Fatima pegou o soco de Lucita com uma mão, agarrou o pulso dela com a outra. “Nessas noites tumultuosas, eles às vezes preferem forasteiros honesto à traidores dentro do Sabá – traidores que eles devem lidar antes do fim.”

Lucita rolou para trás, puxando a Assamita com ela com seu próprio domínio, e chutou. Fatima pousou, duro, no pavimento, e Lucita se lançou para cima de seus pés mais uma vez. Você está me dizendo que a Mão Negra é responsável pelo desaparecimento dos anciões?”

Fatima torceu suas pernas como uma serpente, e também estava de pé, com sua postura larga. “Alguns deles. Alguns de fato desapareceram graças à – outras forças. Mas quando essa fraqueza do sangue começou a se espalhar, vários anciões Sabá temeram que a Gehenna tinha chegado, e decidiram tentar localizar e negociar com agentes da ressurreição dos antigos, em vez de enfrentá-los. Esses anciões tinham que ser removidos para o bem da seita.”

“E por que a Mão estaria relutante em me dizer isso por eles mesmos, ou me ajudar na caçada da fonte da fraqueza e aqueles que verdadeiramente *estão* desaparecidos?”

“Simples, Lucita, eles não acreditam em você. Você foi Sabá por uns anos, uma inimiga declarada da seita por séculos. A Mão

não sabe se você é leal, ou irá dar as costas na primeira oportunidade.” No espasmo de fúria que cruzou o rosto de Lucita, Fatima adicionou rapidamente, “Desconfianças deles, não minha.”

“Então, eu irei terei apenas que convencer Aajav Khan,” Lucita disse, a última palavra interrompida com um chute no estômago de Fatima.

Fatima bloqueou o golpe. “Jalan Aajav também está desaparecido, Lucita.”

Com um grunhido leve, Lucita se endireitou, deixando cair suas mãos para as suas laterais. Fatima fez o mesmo, e por um momento, elas olharam uma para a outra.

“Nós estávamos lutando?” Lucita então perguntou. “Ou estávamos treinando?”

“Eu não tenho certeza. Se eu estava dando à você uma abertura letal, você a teria usado?”

Lucita não pôde responder, e Fatima não parecia realmente esperar que ela respondesse.

Ao invés disso, ela apenas continuou. “A Mão Negra não teria visto você se eles pudessem evitar isto, não teriam ajudado você se eles não pudessem, e se você tivesse pressionado o problema, poderiam bem ter decidido tratar você como uma ameaça. Com o alto serafim deles desaparecido, eles estão mais paranoicos do que nunca.”

“Eu posso lhe dizer, entretanto, que o conselho deles serviria à você muito pouco. Eles têm a suas teorias, mas eles não têm mais certeza quanto às razões para os recentes eventos do que você.”

“E você? No que você acredita?”

Fatima franziu a sobancelha, e Lucita ficou surpresa de ver traços de medo em seus olhos. “Algo despertou, Lucita. Eu o senti se mover em volta do mundo há semanas, e para onde ele vai, a morte o segue para a nossa espécie. Eu não sei dizer se ele é algum grande Matusalém, como Ur-Shulgi. Eu não sei sequer dizer se ele é um dos da Terceira Geração, que vem para anunciar o fim das noites. Eu sei somente que ele está aqui. Que eu tenho alguma conexão com ele, embora eu não saiba o porquê. E que ele, e outros eventos, assustaram até a ponderosa Mão Negra.

“E eu sei”, ela disse, andando para mais próximo, “que eu não desejo ver você cair para ele, ou para aqueles que iriam enfrentá-lo.” Ela parou somente quando ela se posicionou diretamente diante da sua antiga companheira. Nenhuma delas poderia matar

dessa distância com um único movimento, mesmo um oponente tão resiliente quanto um vampire. Nem se moveram.

“Então você veio para me alertar?”

“Eu vim para me despedir, Lucita. Eu acho improvável que nós possamos ambas esperar sobreviver ao que está por vir. E não importa o que você – ou eu – se tornou, ou será no futuro, eu não podia deixar que nossa separação anterior ser nossa última.”

Lucita, e as conflitantes emoções dentro dela paralisando-a tão eficientemente quanto qualquer estaca, pôde somente encarar enquanto Fatima se inclinava e beijava ela sobre a testa. “Adeus, Lucita de Aragon, cria e conquistadora de Monçada. Você sempre foi mais do que a filha de seu pai.”

E com isto, Fatima se foi mais uma vez para a escuridão.

Um beco sem nome Cidade de Juarez, México

Por vários longos minutos, Lucita olhava fixamente, sem ver, nas sombras dos becos, determinada a acabar não somente com as lágrimas de sangue que queriam brotar dentro dela, mas também com as emoções que causavam elas.

Você não é algum mortal inferior ansiando por um último amor! Você é um Cainita! Você é um vampiro! Você caminha pela Trilha da Noite, e isso não combina com você!

No final, ela triunfou, empurrando seus sentimentos para baixo de um abismo mais profundo do que aquele do qual ela puxou das sombras que ela manipulava. Ela se perguntou, brevemente, se isso era uma coisa boa.

Isto levou ela a admitir, mas ela iria precisar de ajuda. Normalmente mesmo pedindo por assistência seria uma violação do seu novo (e ainda um pouco instável) código moral, mas ela podia justificá-lo – dificilmente – enquanto ela estivesse pedindo pelo amor da seita, e não dela.

Mas quem abordar? A Mão Negra não iria ajudá-la. E Fatima obviamente não estava preparada para viajar com ela, ou ela teria ficado. Provavelmente melhor assim, dado à natureza bem volátil do relacionamento. Nem poderia ela levar os outros para o Sabá, se haviam traidores dentro. Além do mais, ela ainda era uma con-

vertida muito nova, como Fatima tinha apontado, que poucos do Sabá iriam de boa vontade ajudá-la. Ela podia chamar o Bispo Andrew e seu bando de Aragon, mas isto deixaria sem ninguém para administrar o seu domínio enquanto ela estava fora.

Muito bem então. Se ela não podia encontrar aliados dentro da seita, ela iria simplesmente sair dela. E ela se deu conta, com uma repentina risada irônica, que ela sabia exatamente à quem pedir.

A Pousada Missão Beira-Rio, Califórnia

Theo Bell não estava remotamente sequer surpreso que os Membros que estavam encabeçando o crescente esforço da Camarilla em retomar Los Angeles tinham escolhido esse lugar como sua sede central. Menos do que noventa e seis quilômetros de LA propriamente dita, substancialmente menos para muitas das áreas suburbanas afastadas da cidade, era próxima o suficiente para uma observação próxima e táticas de direção – e até, caso haja a necessidade de surgir, para aquelesorquestrando o assalto para avançar e tomar parte pessoalmente – mas longe o suficiente para que eles estivessem fora da principal linha de fogo.

Além disso, a Pousada Missão por si só provavelmente faria a maioria dos anciões se sentir em casa. Uma estrutura enorme que ocupava uma quadra inteira da cidade, foi construída, pelo menos parcialmente, no estilo de um antigo forte Espanhol. Isto sozinho transmitiria uma atmosfera suficientemente marcial aos Membros dentro, e suas centenas de salas os permitiria ocupar várias suítes adjacente onde eles poderiam se comunicar e planejar sem ninguém desconfiar.

O próprio Bell teve muito pouco interesse em estar aqui. Ele acabou de uma vez com toda a coisa de cerco de cidade já nos últimos anos, e a tomada de Nova York deixou ele com mais do que o suficiente desta experiência em particular. Claro, se ordenado a participar no conflito que está por vir com os sangues fracos – e da onde diabos eles todos vieram assim tão de repente, afinal? – ele iria, mas ele especialmente não queria.

Bell tinha outras preocupações. A jornada de volta de Mônaco tinha deixado para ele tempo substancial para uma introspec-

ção, mas ele ainda não conseguia entender o que estava de errado com ele. Ele nunca tinha realmente perdido controle deste jeito, não de tal forma. Ele estava perdendo seu controle sobre humanidade? Ou sanidade? Ou era isso um sintoma do que quer que estava afetando os anciões, finalmente abrindo seu caminho abaixo para aquele que ainda não tinha celebrado seu bicentenário? Ele estava esperando que Hardestadt, o qual seguramente não estava feliz sobre a falha de Bell em matar Beckett, iria pelo menos permanecer disposto a ouvir suas razões, talvez responder algumas perguntas.

A sala que ele entrou era um escritório em caos controlado. Uma grande suíte, estava ocupada pela metade com uma dúzia de Membros e pelo menos o dobro desta quantidade de rebanho (Bell pressupôs ghouls). A maioria dos ghouls cuidam de computadores, telefones, rádios ou televisões, constantemente retransmitindo ordens ou trazendo relatórios. Os vampiros – Hardestadt entre eles, e seu terno de alguma forma ainda amarrado das várias horas gastas em um avião – receberam os relatórios enquanto eles se posicionavam sobre um mapa aberto da área metropolitana de Los Angeles. Uma pequena pilha de papel se encontrava ao lado. Bell sabia da experiência que aqueles seriam relatórios sobre Jenna Cross e quaisquer outros líderes do sangue fraco que a Camarilla conhecia pelo nome, assim como os membros da outra facção anarquista, os MacNeils. Ele está surpreso de ver o nome Jack Soridente no topo da pilha dos sangues fracos, e não na outra

Os vampiros se viraram para encará-lo quando ele se aproximou, e ele acenou com sua cabeça em respeito. Além de Hardestadt, ele reconheceu o arconte Federico di Padua – um rápido sorriso expressou as congratulações de Bell ao outro arconte que conseguiu sobreviver ao seu trabalho no Estado da Estrela Solitária. No mínimo, di Padua parecia mais saudável do que Bell se lembrava dele estar quando eles tinham servido juntos no assalto contra o Sabá de Nova York a vários anos atrás. Como todos os seus companheiros de clã, Federico tinha um retorcido e repulsivo semblante, mas hoje à noite ele se vestia com algo semelhante à classe. Ele apenas parecia um feio comum, em vez de completamente enfermo. Bell encolheu os ombros. Os Nosferatu geralmente se mascaram em fisionomias ilusórias. Este provavelmente era o que di Padua estava fazendo agora. Um olhar para outros vampiros na mesa confirmou esta impressão, quando Bell reconhece uma

das máscaras ilusórias favoritas do justicar Nosferatu Robin Galo. Ele acenou novamente, um sinal de verdadeiro respeito para o confrade de seu próprio chefe.

Enquanto ele se aproximava, um dos ghouls se virou de seu rádio e anunciou, “Os relatórios da polícia estão chegando, e eu cito, ‘algum tipo de distúrbio relacionado à gangue’ na área do centro da cidade.

Di Padua reconheceu o relato, esperava por um endereço de uma rua em específico a qual veio um tempo depois, e colocou um marcador vermelho – o sinal para participação ativa – no mapa. Bell notou vários deles no mapa. Até agora, apenas um marcador verde – “território adquirido” – enfiado, e ele estava surpreso de ver que ele marcava o aeroporto.

“O vazamento de gás e fogo na cozinha forçou uma evacuação do Hilton em torno das dez da manhã”, di Padua explicou, vendo a expressão de Bell. “Entre as equipes de reparo e nossos próprios ghouls, nenhuma das pessoas de Cross que poderiam ter estado no antigo Elysium de Tara sobreviveram à luz do sol”.

“Bom trabalho. Ainda assim, eu estou surpreso em não ver mais verde no mapa.”

“Nós tivemos menos tempo para coordenar isso do que nós tivemos em New York, Bell, e existem *muitos* mais sangues fracos aqui do que haviam Sabá lá. Além do mais, nós esperávamos ter algum dos nossos dar seguimento uma incursão de drogas em um dos refúgios suspeitos de Cross, mas um ‘acidente’ no US-101 nos impediu de chegar à tempo.”

“Você não acha que isto foi realmente um acidente?”

“Conveniente demais para a Cross se isto foi.”

Hardestadt abruptamente se ergueu. “Você não está aqui para discutir nossas táticas, Arconte Bell. Você está aqui para responder por sua falha em completar suas assumidas obrigações”.

Bell deu uma olhada em volta. “Nós vamos fazer isso na frente dos ajudantes?” Ele perguntou sarcasticamente, agitando a mão para os ghouls.

“Explique gentilmente”, Hardestadt continuou, sentando de volta em sua cadeira, e posicionando seus dedos como um campanário diante dele, “o que aconteceu”.

Com um encolher de ombros, Bell assim o fez. Ele já tinha cobrado um relatório sobre os eventos no Castelo Sforzesco, portanto ele ignorou isto e pulou direto para os eventos em Mônaco. Ele disse tudo.

“Você está nos dizendo, Arconte Bell”, Justicar Robin canalizou, sua voz de forma indistinta pela deformidade de sua boca, “que você falhou em seu propósito porque você estava como medo de ferir o *rebanho*?”

“Não. Eu falhei ao propósito porque no momento em que me recuperei, eu o perdi. E principalmente porque eu não ia enfrentar alguém tão perigoso quanto Beckett quando eu não estava em meu pleno controle.”

“E em caso de não me ter feito claro”, ele continuou, mesmo quando Hardestadt abriu sua boca para falar, “isso não foi apenas algum acesso de raiva como vocês parecem esperar de um Brujah. Isso foi uma completa e total loucura. A Fera em sua cabeça, sangue em seus olhos, atravessa qualquer coisa que olhe torto para você, um frenesi insano. O único momento em que eu tenha visto qualquer coisa parecida foi caçando um lobisomem, e eu tenho a certeza de não ter caído até *esse* ponto”.

“Não”, Hardestadt disse, embora claramente descontente por ser interrompido, “você não caiu”. Como se Bell não estivesse mais presente, ele se virou para os outros. “O que vocês acham?”

“Poderia ser um sintoma”, di Padua disse cuidadosamente. “Eu não me senti enfurecido, apenas fraco. Mas nós vimos essa doença afetar diferentes Membros e até diferentes clãs de diferentes formas”.

“Ou isto poderia ser uma desculpa”, Robin adicionou, “para justificar a falha de uma simples tarefa”. Ele encarou Bell. “Eu não tomaria tais pretextos de um dos *meus* arcontes!”

A mandíbula de Bell apertou, mas ele mordida forte em qualquer comentário que pudesse querer emergir. Insultar um justicar era bastante elevado na lista das Coisas a Não se Fazer, jamais. Di Padua pegou seu olhar e deu uma minúscula encolhida de ombros, como se desculpando pela atitude de seu superior.

“Tudo bem”, Hardestadt disse finalmente. “Se o Arconte Bell *se tornou* vítima da crescente doença, nós não iremos manter isto contra ele”.

Puxa, agradeço muito à você. Mas Bell, novamente, sabia que era melhor não dar voz à tais pensamentos.

“Nigel!” Hardestadt fez levantar um dos ghouls. “Mostre à Bell a área de detenção, e deixe-o com sua escolha de remédios”. Ele deu as costas para Bell. “Uma vez que você esteja mais você mesmo, volte para cá e nós iremos discutir sua próxima tentativa”.

Bell piscava. *Área de detenção? Remédios?* Mesmo quando ele acenou e se virou para seguir o mortal a partir da sala, ele começou a experimentar uma repentina sensação de naufrágio.

Exatamente fora dos limites da cidade Beira-Rio, Califórnia

Isto estava pior do que ele imaginava. O fedor de sangue, tanto fresco quanto seco, o atingia enquanto o ghoul abria a porta lateral para a garagem. Do lado de fora, parecia como qualquer casa em qualquer vizinhança suburbana. E dentro da própria casa, tudo parecia normal (se alguém pudesse ignorar a ausência completa de quaisquer habitantes mortais). Mas dentro da garagem para dois carros, suas paredes acolchoadas por toalhas e cobertores para auxiliar na supressão de sons...

Onze vampiros esperavam dentro, observados por dois outros equipados com pesadas pistolas e o que parecia como um machado de incêndio. Alguns estavam deitados no chão, estaqueados e jogados para deitar do jeito que eles caíram; um tinha aparentemente pousado incorretamente sobre o bastão quebrado que furou seu coração e rasgou um buraco aberto em seu peito. Outros pendurados no teto, alguns pelos pulsos, alguns por laços em volta de seus pescoços. Esses últimos não estavam estaqueados; as tentativas de seus corpos de curar suas colunas quebradas, enquanto os laços continuavam a apertar nas fraturas, os mantinham impotentes o suficiente.

“Mas que *merda* é essa?” Bell perguntou, com sua voz literalmente tremendo, a Besta mais uma vez ameaçando sair.

“Prisioneiros de guerra”, o ghoul disse à ele. “Agentes e espões dos anarquistas e sangues-fracos de Los Angeles.

Sim, certo. Bobagem. Bell tinha escutado isto anteriormente. Esse aqui é um espião. Aquele ali é um agitador. Ele ouviu rumores de Membros jovens desaparecendo das ruas nessas últimas semanas, e ele sabia que algo disto tinha haver com os esforços da Camarilla em silenciar os rumores da Gehenna. Mas ele nunca tinha imaginado algo como *isso!*

“Mas o que, somente onze espões?” O sarcasmo em sua voz foi tão pesado que quase driblou o chão que se acumula ao longo com o sangue. “Eu estou surpreso que não haja mais. Seu pessoal deve estar escorregando”.

“Oh, existem mais. Nós apenas não queríamos sobrecarregar qualquer área. Nós temos duas outras casas, e existe um armazém no centro que —”

Bell berrou uma vez, o chamado de um animal enfurecido. Dependendo da eficiência do isolamento acústico provisório, os vizinhos podem ou não ter escutado o som dos gritos, descargas de tiros de espingardas explodindo, ossos esmigalhando entre a lâmina de um machado. Foi violento, foi brutal, mas não foi um frenesi como aquele que ele tinha experimentado em Mônaco. Bell sabia exatamente o que ele estava fazendo. Ele apreciou isto.

Quando acabou, um ghoul morto deitado ao lado de duas pilhas de carne em rápida decomposição que seriam nada mais do que cinza em uma questão de minutos. Do outro lado do espaço, uma pilha de estacas e cordas rompidas se encontravam no canto, e onze neonatos gravemente feridos olhavam para o Brujah brutamontes, medo, confusão e os débeis traços de esperança em conflito em seus olhos.

“Deem o fora daqui”, Bell disse à eles, com sua voz dura. “Eu não me refiro à garagem, eu me refiro para fora dessa maldita cidade. É mais do que suas bundas merecem no Beira-Rio quando o sol se pôr amanhã”.

Eles não precisavam que fosse dito duas vezes. Aqueles que puderam, correram; aqueles que não puderam, foram mancando. Mas *todos* eles fugiram, deixando Bell de pé sozinho no meio da carnificina.

Ele olhou em volta dele, no chão ensanguentado, as estacas, a corda. “Isso”, ele rosnou para o espaço vazio, “*não* é o que eu me inscrevi. De jeito nenhum”.

Mas no que diabos a Camarilla está se tornando? Isso é o que nos aguarda deles? Anciões mantendo vampiros mais jovens em currais, como comida, para garantir à eles uma trégua temporária de uma doença que eles não conseguiram sequer identificar? Pelo amor de Deus, eles deviam estar devotando seus esforços em achar a *causa* dessa fraqueza, ou doença, ou maldição, ou o que for, não apenas recuperar suas próprias forças e chapinhar rumores do fim do mundo!

Mas então, isso é tudo que os anciões sempre fizeram, não foi? Preocupar-se com eles mesmos, preocupar-se em manter o que eles tinham às custas de todos os outros. Bem, isto não vai acontecer! Bell não ia permitir que a sociedade condenada que ele sempre lutou para proteger – horrivelmente falha como ela era – desmoronar-se em um frenesi de autocanibalização. *Alguém* tinha que fazer alguma coisa, e se os anciões não irão fazê-lo, ele muito bem o faria.

Ainda assim, ele não poderia fazer isto sozinho. Ele iria precisar de ajuda – ajuda do lado de fora dos escalões da Camarilla, desde que ele fosse se tornar o fugitivo número um tão logo a notícia do que aconteceu aqui tiver saído. Portanto quem...?

Bell riu de repente. Sim, isto iria se encaixar de alguma forma, todas as coisas consideradas. Agora tudo o que ele tinha a fazer era encontrá-la.

A bordo de um trem

Exatamente do lado de fora de Viena, Áustria

Isto tomou uma quantidade de dias – as quais foram usadas guardando em caixotes abarrotados de carga – e várias trocas de trens, mas eles estavam finalmente quase lá. Eles podiam facilmente ter feito a jornada em algumas horas por avião, mas Beckett não queria qualquer registro de sua chegada em Viena, e enquanto ele não *pensava* em alguém entre os Membros que tivesse conectado os números de identificação de seu Gulfstream com ele, ele não ia assumir o risco.

Além disso, ele ficou esperando que algumas noites extras permitissem ou Okulos ou ele mesmo vir com alguma alternativa para o que Beckett tinha em mente. Não aconteceu, eles não vieram, e não havia nada para isto agora.

Beckett se posicionou em cima de um caixote de carga aberto e arranhou furiosamente em sua mão direita, ignorando o cenário enluarado enquanto se seguia. Isso foi a terceira ou quarta vez desde o incidente em Mônaco que uma ou ambas das suas mãos tinham começado a coçar como se ele tivesse a pouco mergulhado elas em hera venenosa. No começo, ele atribuía isto aos resquícios prolongados de algum vigia taumatúrgico, mas agora... agora ele estava preocupado. Ele coçou tão forte que ele arrancou vários tufo de pelo de sua pele. Embora, ele não conseguia *ver* qualquer problema com suas mãos – elas pareciam as mesmas como sempre, salvo pelos sulcos que ele tinha feito no pelo grosso. Lentamente, de próprio acordo, a coceira esvaiu-se. Ela sempre se esvai, após alguns minutos.

Beckett se ergueu, contemplando se diz à Kapaneus sobre isto, e decidiu ao invés caminhar em torno do trem, esticar suas pernas um pouco.

Kapaneus estava esperando por ele logo do lado de fora da porta. “Olhe lá”, ele disse através da saudação, apontando por sobre as cabeças dos passageiros sentados em direção à frente do vagão.

Beckett viu somente um homem – ou possivelmente um vampiro; era difícil de dizer dessa distância – com um cabelo castanho grosso e uma barba ficando grisalha, aparentando vagamente suja, vestindo uma camisa de flanela. O homem casualmente olhou de relance para Beckett, e então se moveu para o próximo vagão.

“Problema, Kapaneus?”

“Aquele homem tem estado observando a entrada para o veículo de bagagens por algum tempo até agora. Eu acredito que eu o observei nos olhando na noite passada também.”

“Muito bem então. Vamos.”

Beckett e Kapaneus vagaram pelo trem da locomotiva ao vagão de bagagens e de volta novamente, até os primeiros raios da aurora ameaçando no céu do Leste, mas eles não encontram algum rastro do homem barbudo.

“Nós devemos ter apenas tempo suficiente para se alimentar antes do sol nascer”, Kapaneus observou enquanto eles retornavam direto para o vagão de bagagens. “Isto irá exigir algum cuidado, mas eu acredito que eu possa garantir que ninguém se lembre —”

“Você vai em frente, Kapaneus. Eu excepcionalmente não estou com fome.”

O ancião parou. “Beckett, quando foi a última vez que você se alimentou?”

Beckett parou, considerando. “Ah, foi a apenas...” Seus olhos se alargaram enquanto ele mentalmente contava as noites. “Então por que diabos eu não estou esfomeado? Quer dizer, eu não estou perto de passar fome, mas eu raramente fico todo esse tempo... o que isto significa?”

Kapaneus abriu sua boca como se para responder, mas Beckett o cortou.

“Não. Nem sequer diga isto.”

O ancião levantou uma sobrancelha. “Beckett, os Membros estão ficando fracos, as seitas estão em caos, e agora até você está tendo algumas experiências incomuns. Você não deveria pelo menos considerar —”

“Isto não é a Gehenna.”

“Por que você está tão certo disso?”

“Porque a Gehenna é um mito.”

“Por que”, Kapaneus perguntou novamente, no exatamente mesmo tom, “você está tão certo disso?”

Beckett quase disse à ele. *Porque eu tenho de estar. Porque se eu estiver errado, se a Gehenna e o Livro de Node e todo o resto for real, significa que não somente eu não encontrei as respostas que eu procurava, como tudo que eu fiz, tudo em que eu acredito, é uma mentira. É ruim o suficiente não encontrar as respostas. Eu me recuso aceitar isto, por quase trezentos anos, eu venho fazendo as perguntas erradas.*

Mas ele não disse isto. Algumas coisas Beckett mal poderia

admitir à si mesmo, deixando sozinho um conhecido relativamente recente. Ao invés ele simplesmente foi-se embora e retornou a seu caixote para mais um inconsciente dia.

Do Lado de Fora da Biblioteca de Fortschritt

Fachada pública da Casa Pai Tremere

Viena, Áustria

Era agora a noite após a chegada deles, e Beckett e Kapaneus se encontraram próximos da porção da antiga Viena chamada de Mölker-Bastei, em um edifício que podia ser somente descrito como imponente. Originalmente pretendia-se se tornar uma igreja, foi comprada e completada como a biblioteca Fortschritt no meio do século IX. Campanários altos, arcos góticos e vidros manchados ainda olhados de fora nas ruas de Viena. Várias gárgulas – após um rápido exame, Beckett determinou que eles eram da variedade normal de pedra, não do tipo mais ambulante aplicada por alguns Tremere como soldados e guardiões – ocupavam muito do parapeito. As escadas levando à entrada inclinadas para baixo a partir do nível do solo até um portal afundado. Duas gárgulas particularmente grandes e imponentes, seus olhos refletindo-se na luz do luar, ficavam eternamente de sentinela em cada lado da escada.

Por mais estranho que pareça, a rua diretamente anterior à Fortschritt estava bloqueada por barreiras de madeira da polícia, e um pouco de pedregulhos colocados no interior delas. Beckett brevemente perguntou à um transeunte solitário (o qual forneceu algum sustento muito necessário, assim como respostas), o qual disse à ele que a rua estava fechada por quase dois dias, como resultado de um colapso do pináculo de um dos campanários.

“Desgaste natural, talvez?” Kapaneus tinha perguntado, com sua voz excepcionalmente não esperançosa.

“Sem chances. Os Tremere teriam tantos feitiços de preservação envolvidos nesse lugar que provavelmente sobreviveria à própria Gehenna. Não, se isto está desmoronando, significa que alguma coisa está errada com as magias por dentro, e isto não é um bom sinal de qualquer forma que você o leia.”

A dupla, após uma última rápida varredura por pedestres adicionais, esgueiraram seu caminho em torno das barreiras e des-

ceram para a porta da frente. Por apenas um instante, Beckett pensou que ele tivesse visto um rosto barbado olhando para eles em torno de uma esquina abaixo da quadra, mas se foi antes dele poder sequer ter esperança de ir investigar.

Bem, que se dane. Se o homem do trem estava espionando eles, então que seja. Deixe-o seguir até as profundezas de Fortschritt, se ele tivesse coragem.

Beckett parcialmente esperou encarar algum tipo de vigia ou defesa que os impediria de entrar, mas a porta estava selada por nada mais arcano do que uma boa fechadura. Ele pegou suas pica-retas de sua nova bolsa e fez um rápido trabalho disto. Ele olhou de relance no grande anel de ferro e pensou brevemente em bater, mas decidiu o oposto. Os Tremere não iriam apreciar companhia inesperada, mas se houvesse qualquer coisa a mais aqui, Beckett não queria que isto soubesse que eles estavam vindo.

“Eu já estive aqui antes”, ele falou à Kapaneus, com uma mão sobre a maçaneta da porta, “mas isto foi a muito tempo atrás, e eu nunca vi muito mais do que as áreas públicas. Esse lugar supõe-se ter uma certa quantidade de níveis subterrâneos, mas nós poderemos ter que procurá-los se nós não conseguirmos encontrar qualquer um para responder às nossas perguntas”.

Beckett empurrou a porta aberta – e congelou.

A entrada da biblioteca Fortschritt era um corredor largo e de teto alto que levava diretamente para a enorme câmara que provavelmente tinha originalmente sido pretendido como uma nave da igreja. Estava acarpetado, e as paredes estavam adornadas com belos murais de significância religiosa.

Esta noite, ela também estava com sangue, o suficiente para fazer até um predador como Beckett empalidecer. O sangue manchava os murais, não em faixas, mas em respingos literais. Várias roupas, fedendo de sangue velho e podridão progressiva, cobriam por todo lado o corredor. Um rápido exame mostrou à Beckett que os restos de seus ocupantes ainda estavam dentro delas, mas esses não eram restos de Membros que Beckett alguma vez tenha visto. Em vez de decair às cinzas, as vítimas deixaram estranhas porções de víscera em alguns casos, tiras desidratadas e mumificadas de carne em outras. Beckett achou alguns membros intactos. Alguns polpudos, se liquefazendo mesmo quando ele os tocava, enquanto outros estavam mumificados e completamente ausentes de qual-

quer sangue ou líquidos também. Um em particular, um braço descarnado, parecia alterado, seus dedos enrolados para trás sobre eles mesmos, uma junta extra se apresentava a alguns centímetros acima do pulso.

“Bem”, Beckett disse lentamente, com evidente repugnância em seu tom, “nós sabemos pelo menos onde alguns dos Tremere foram...”

“Que diabrura é essa?” Foi a primeira vez que Beckett conseguiu se lembrar de Kapaneus soando verdadeiramente chocado, e que isto preocupou ele acima de tudo.

“Eu não sei. Isto parece mais como que esses pobres bastardos ou explodiram ou foram completamente sugados.”

“Poderia isto ser o resultado dessa magia do sangue que você se referiu? Taumaturgia Tremere?”

“Poderia. Um ritual saiu errado, ou algum tipo de veneno de Membro, talvez...” mas seus olhos se mantiveram vagando de volta para o braço descorporado, e alguma coisa sobre suas terias não soaram bem. Ele levou um momento para examinar o membro deformado ainda mais. “Isso parece como alguma coisa que os Tzimisce pudessem ter feito”, ele murmurou, se referindo tanto às hediondas habilidades de moldar a carne deste clã quanto ao seu antigo ódio dos Tremere, “mas de forma nenhuma eu irei acreditar que eles arranjaram para atacar a própria Casa Pai”.

Com nenhuma resposta vindoura, a dupla procedeu ainda mais para o interior da igreja transformada em biblioteca. A nave foi transformada em um repositório de livros de gostos dos quais nunca poderia ter imaginado quando o lugar foi construído primeiro. Bancos de igreja, o altar, tudo foi trocado por cadeiras, mesas e prateleiras e prateleiras e prateleiras de livros. Elas se estendiam quase até o teto pontudo em muitos lugares, exigindo rolar escadas para alcançar os tomos mais altos. Essa sala, também, estava espalhada com restos mortais, os últimos pedaços persistentes de Membros que pareceram ter sido massacrados ou corrompidos por dentro. O fedor estava tão esmagador, que os olhos de Beckett teriam lacrimejado se eles fossem capazes. Beckett se perguntou se o clã inteiro estava morto, espalhados por toda a sua casa pai, mas decidiu que isto era improvável. Ele viu várias dúzias de corpos, verdade, mas não o suficiente para contar para um clã inteiro. Por outro lado, os restos mortais – que o pouco que ainda podia ser determinado deles, em todo caso – sugeria pessoas de culturas e países através do globo. Claramente, uma grande quan-

tidade de Tremere tinham sido todos reunidos em Fortschritt, presumidamente convocados pelo Conselho dos Sete, os bruxos do topo da hierarquia piramidal do clã. O clã inteiro foi contabilizado, escondido em algum lugar próximo? O que matou tantos deles, e o que aconteceu com o resto, Beckett não sabia. O que está relacionado à fraqueza do sangue? Ela que *causou* isto?

Becket se sentiu em conflito. Ele sabia que aqui, nas partes públicas da capela, as chances de ele achar qualquer informação sobre tanto do destino dos Tremere quanto das origens da propagação da doença eram quase zero. Ainda assim, parte dele rebelou-se na ideia de dar suas costas para todos esses livros sem pelo menos fazer um esforço de olhar através eles. Ele se comprometeu com ele mesmo ao decidir que ele iria retornar e checá-los se suas buscas nas profundezas não revelar nada. Ele —

“Beckett, *mova-se!*”

Ele não questionou; ele simplesmente mergulhou. Seus ouvidos se encheram com o som de pedra estalando, e mesmo quando ele deslizou através do chão e debaixo da mesa, ele olhou para trás para ver um enorme pedaço de teto, com um candelabro ainda anexado, despencar no local que ele acabado de desocupar. Estilhaços de vidro e pedra voaram em todas as direções, e Beckett jogou um braço por sobre seus olhos para protegê-lo. Quando ele olhou mais uma vez, ele pode ver nada mais que uma maciça nuvem de poeira levantada pelo impacto. Lentamente, Beckett saiu fora de baixo de seu abrigo temporário e se ergueu sobre seus pés, esperando a poeira clarear...

O que aconteceu, revelando um piso intacto e nenhum traço de destruição sequer. Ao olhar para cima, Beckett viu teto perfeitamente intacto, sem sequer uma rachadura para indicar uma fraqueza estrutural.

“Eu não acho que eu me preocupe com esse lugar”, ele murmurou obstinadamente.

“Beckett, se as magias que permeiam essa estrutura estão se quebrando, como você sugere, talvez algum grau de velocidade está em ordem.”

Então eles procuraram, buscando quaisquer meios de entrar nas salas escondidas e níveis menores que Beckett sabia que existiam. Eles vasculharam a biblioteca, examinando cada canto e fenda, mesmo espreitando por detrás das estantes que se colocavam

contra as paredes. Eles procuraram nos escritórios e salas de leitura – câmaras de ex-sacerdotes e salas de vestimentas. Horas se passaram, e Beckett ficou eternamente agradecido que eles tenham decidido sobre um começo mais cedo. Ele não apreciou a ideia de dormir o dia todo aqui em baixo.

Droga! Beckett não conseguia entender isto. Ele conhecia todas as técnicas, todos os truques tanto para esconder quanto para localizar passagens secretas. Não apenas isto, ele *esteve* aqui, esteve em pelo menos uma câmara que ele não conseguia mais encontrar. Mas que diabos estava acontecendo?

Ele calculou os fusos horários brevemente, e puxou seu telefone de satélite de sua sacola. “Okulos? Beckett. Eu preciso de uma ajuda...”

O tempo passou. Kapaneus vagou pela biblioteca ociosamente, olhando para os livros. Beckett apenas desmoronou contra uma parede. A cada momento, ele fazia uma pergunta no telefone, nunca recebendo uma resposta que ele gostava.

“Eu não estou certo do que você quer de mim, Beckett”, Okulos finalmente disse à ele. “Nenhum dos meus contatos conhece Fortschritt melhor do que você, e isto não é como se os Tremere tivessem carregado as plantas da capela na Internet. Eu tenho a planta da própria igreja, as partes públicas da biblioteca, mas eu temo que nenhuma delas tenha a ‘entrada secreta’ marcada nelas. Você tem certeza que você olhou em todos os lugares?”

Beckett grunhiu uma afirmativa. Ele escutou teclas clicando enquanto Okulos trazia quais imagens ele tinha levantado em sua tela de computador.

“Você tem o hall de entrada, você obviamente veio através de lá. Você procurou por todas as paredes e o piso da catedral?”

“Sim”

“As salas de leitura individual à esquerda? Os escritórios à direita?”

“Sim”

“E sobre a pequena sala de restauração de livros atrás do altar?”

“Bom, não. A porta está marcada com ‘privado’.”

Houve um longo momento de silêncio do outro lado da linha.

“Okulos? Você ainda está aí?”

“Beckett... por favor repita para mim o que você acabou de dizer.”

“Eu disse que eu ainda não fui. A porta está marcada com ‘privado’.”

“Então antigas maldições, proibições religiosas e a quase certa Morte Final não dissuadiu você, mas um sinal de ‘privado’ sim?”

Beckett sentiu algo ceder em sua mente, não a sensação completamente distinta de uma orelha estalar durante uma mudança de pressão. Se ele ainda possuísse reações mortais, ele teria corado.

“Eu estava afetado por algum tipo de feitiço de aversão ou vigia, não estava?”

“A não ser que você de repente desenvolveu uma obsessão extraordinária pela privacidade de outras pessoas, eu devo dizer que sim.”

Beckett suspirou. “Obrigado, Okulos. Nós iremos negociar depois o que irá me custar para manter isso em segredo.”

“Apenas traga o seu talão de cheques.”

Beckett desligou e seguiu direto para a porta na distante extremidade da capela. Mesmo agora, sabendo sobre o feitiço que devia ter certamente sido lançado sobre ela, ele quis virar as costas, para procurar em algum outro lugar. Isto exigiu um ato de vontade até para pôr sua mão no trinco, mas tão logo ele o fez, a sensação desapareceu.

Ele olhou de relance para trás em Kapaneus. “Por que você não salientou que nós não tínhamos procurado aqui?”

O ancião ergueu uma sobrancelha. “Você fez tal um apontar evidente de evitá-la, que eu assumi que você teve uma boa razão.”

“Kapaneus... da próxima vez, pergunte.”

Beckett empurrou a porta aberta.

Fortschritt, a Casa Pai Tremere Viena, Áustria

Beckett odiou admitir, mas Fortschritt estava se provando ser bem entediante.

A suposta sala de restauração de livros tinha de fato sido uma passagem para baixo, com passos rasos levando para as profundezas da terra, suja com os restos de vários outros Tremere. De lá, Beckett e Kapaneus emergiram em uma grande biblioteca rodeada por vários mezaninos e outros balcões. Beckett a reconheceu

como uma das poucas câmaras internas que ele viu da última vez que ele esteve aqui. A sala é a única outra saída que leva a um pequeno, mas de alguma forma confuso complexo de salas de pedra e passagens.

Claro que, navegar essas passagens não foi *completamente* monótono.

“Kapaneus”, Beckett perguntou à seu companheiro suavemente em um ponto, enquanto eles chegavam a uma interseção de quatro direções de corredores. “Nós não acabamos de passar por esta pintura a alguns minutos atrás?” Ele apontou para uma moldura escura, na qual se sentou uma pintura à óleo escuro de uma janela ignorando uma charneca fustigada pelo vento.

Os olhos do ancião se estreitaram. “Deve ter sido um igual à este, Beckett. Nós não nos viramos desde o salão.”

Beckett se aproximou da pintura. “Não, é o mesmo. Eu reconheci esse rabisco na moldura.”

“Beckett, isto significaria que o corredor em que nós estamos apenas se cruza – sem virar.”

“Significaria. Eu realmente odeio esse lugar.”

Ele então se virou, deu um passo de volta em direção à Kapaneus e o chão debaixo de seus pés simplesmente não estava mais sólido. Nenhum alçapão, nenhum painel deslizante – o piso tinha simplesmente deixado de ser.

Beckett teria mergulhado em qualquer destino que o esperasse abaixo – ele estava quase certo que isto não era tão prosaico quanto o próximo nível para baixo – se não fosse pelos reflexos aprimorados pelos séculos de exploração. Antes ele nunca teria imaginado que ele teria feito surgir suas garras, que ele as teria cravado na parede mais próxima, prendendo-se pelas pontas de seus dedos.

Foi neste momento que suas mãos começaram mais uma vez a comichar, pior do que elas já tinham antes. Beckett sentiu espasmos em seus dedos, sentiu-se a escorregar...

E então um esmagador, mas reconfortante agarramento em seus pulsos enquanto Kapaneus o arrastava acima para um apoio sólido. Beckett se encontrou se levantando ao lado de seu companheiro, literalmente tremendo enquanto a Besta agitava-se dentro dele, ansiosa para fugir.

Mas por que? Beckett esteve mais próximo da morte do que esta glorificada armadilha de cova. Era a natureza sobrenatural desse lugar afetando a Besta em si? Ou era algo mais, algo relacionado à comichão em suas mãos, à sua falta de fome?

Beckett, com os olhos ligeiramente descontrolados, decidiu que ele não queria pensar sobre isto muito. Ele acenou seu obri-

gado à Kapaneus e – com alguma trepidação – eles seguiram em diante.

Isso e alguns outros eventos de similar estranheza eram os destaques de uma lenta busca que tomou pelo menos metade da noite. Nenhuma das várias câmaras, laboratórios, celas ou livrarias armazenavam qualquer coisa de útil. Apesar do seu rápido início, a aurora estava a somente algumas horas.

Eles agora se encontraram em uma grande câmara octogonal. O ar dentro era substancialmente mais quente do que os salões nos arredores, ao ponto onde até vampiros como Beckett e Kapaneus ficassem moderadamente desconfortáveis. As paredes estavam empapeladas, do chão ao teto alto, em compridas tiras de pergaminho, cada uma coberta com centenas de linhas de escrita. A maioria era Latim e Grego Antigo, mas algumas foram escritas em línguas ainda mais exóticas: Sânscrito, Babilônico, Enoquiano, até algo que Beckett reconheceu como Linear A Minóico. Beckett estava realizando seu terceiro circuito da sala, segurando seu telefone e tirando frequentes fotos com a câmera dele. Kapaneus permanecia ao lado, observando silenciosamente.

“Você pegou tudo isto?” Beckett perguntou à Okulos após trazer o telefone de volta a seu ouvido.

“Eu acredito que sim. Embora eu esteja bem surpreso que você precise de ajuda para tradução.”

Beckett encolheu os ombros, mesmo que Okulos não pudesse vê-los. “Eu não tenho problemas com o Sânscrito ou o Enoquiano, mas eu estou um pouco enferrujado no Minóico.”

“Ah.”

Mais silêncio, pontuado pela digitação. Beckett se encostou contra a parede, sua mão – comichando novamente, porra! – ocupando o fino espaço entre os pergaminhos. Cristo, mas estava quente aqui dentro!

“Apenas mais do mesmo, eu temo”, Okulos relatou um tempo depois. “Como o Latim, isto consiste quase unicamente de textos e teorias Herméticas. Alguns princípios taumatúrgicos fascinantes, mas nada imediatamente relevante à sua situação.”

“É disto que eu estava com medo. Ter de continuar eu... acho...” Beckett sentiu uma sensação úmida em seus dedos, moveu o telefone para longe de sua cabeça, e olhou fixamente para suas articulações. Sangue. Ele sentiu seu rosto com sua outra mão, e ela veio avermelhada também. Ele estava suando, e isto não era uma reação vampírica ao calor, não importa o quão alto. “Kapaneus”, ele começou, combatendo o pânico repentino...

E então houve *dor*. Beckett sentiu como se alguém tivesse inflamado uma chama dentro dele, um furioso inferno que o consumiria de dentro para fora. A Besta uivou em sua mente, aterrorizado por esse tormento estranho. O Medo Vermelho banhou sobre ele, e foi tudo que ele podia fazer sem sair gritando da sala. Certamente que seu próprio sangue deve estar fervente...

É claro.

“Kapaneus!” Beckett berrou novamente, uma parte dele morbidamente fascinada pelo vapor tingido de rosa que emergia de sua boca enquanto ele falava, “Saia da sala!”

Ele não teve que dizer duas vezes ao ancião. Kapaneus se arremeteu através da porta antes de Beckett ter sequer terminado de falar. O próprio Beckett o seguiu um segundo depois.

O instante que seus pés atingiram o piso do corredor, seu sangue começou a esfriar. Em questão de segundos ele se sentiu melhor, embora ele estava certo de que ele estaria dolorido por noites por vir. Ele olhou de volta para a sala octogonal em tempo de ver os cantos do pergaminho arder em fogo lento e incendiar-se; ele observou, sem esperança, enquanto finas linhas de chamas consumiam seu caminho para cima, destruindo segredos insubstituíveis de magias antigas.

“Beckett?! Beckett!!”

Ele finalmente escutou a voz metálica vindo do telefone, imaginou que Okulos devia estar gritando para ele por algum tempo. “Eu estou aqui”, ele respondeu, surpreso em quão áspera sua voz soou, em quanto sua mão tremia.

“O que aconteceu?”

Beckett rosnou uma vez, socando um punho furioso na parede mais próxima. “Armadilha taumatúrgica”, ele esganiçou. “Os bruxos anexaram um fodido encantamento de ferver o sangue à sala!” Ele balançou sua cabeça nas cinzas que ainda se amontoavam para o chão. “Parece como que isto saiu do controle, desde que eu seriamente duvidei que a magia estava pretendida a destruir as escritas. Você tem qualquer ideia do quão importante essas páginas podiam ter sido? *A história* delas!!”

“Isso é lastimável. Você tem certeza de que está tudo bem com você?”

“Não, mas nós vamos nos virar. Mantereí contato.” Beckett fechou a conexão antes de Okulos pudesse protestar. Ele olhou de relance em Kapaneus, balançou sua cabeça mais uma vez e continuou pelo corredor abaixo.

Ele não teve que andar muito. Logo se abriu em uma câma-

ra, estreita nessa extremidade, mas se alargando em direção à outra, onde uma parte de portas esperava. Pareceu ser uma antecâmara ou saguão de algum tipo. Várias cadeiras e até um sofá ocupavam o espaço, assim como uma mesa com uma pequena pilha de livros.

Na extremidade mais distante, entre duas das portas, um conjunto grande de armadura de placas do século quatorze se apoiava em um pedestal erguido, uma espada bastarda antiga apertava-se em suas manoplas. A viseira estava mais parecida com o rosto das gárgulas do lado de fora da entrada principal.

“Ah garoto, aqui vamos nós.”

Kapaneus pareceu intrigado. “O que queres dizer?”

“Os Tremere amam seus clichés, desde que eles funcionem. Logo quando nós dermos um passo para dentro dessa sala, aquele conjunto de armadura vai se animar e vir atrás da gente. Eu apostaria quase qualquer coisa.”

“Nós devemos tomar cuidado então. Eu irei por um lado, você pelo outro.”

“Sensato.”

Beckett, com as garras erguidas diante dele, deu passos rapidamente para a esquerda enquanto ele entrava; Kapaneus foi para a direita. Cautelosamente, lentamente, eles esgueiraram seus caminhos em torno da sala, agarrando as paredes, movendo-se direto para o final.

A armadura permaneceu imóvel.

Quando eles chegaram no ponto da metade do caminho, e ainda nada aconteceu, Kapaneus lançou para Beckett um olhar irônico. “Eu sou grato que você tenha me dito do perigo aqui, Beckett. Do contrário, eu poderia me sentir um pouco tolo.”

Beckett não respondeu. A dupla rastejante alcançou a parede distante e começou a convergir sobre as entradas. Nada ainda.

Olhando com desconfiança, Beckett caminhou até a armadura e bateu no peitoral com os nós de seus dedos.

“Bem”, ele disse, após ainda outro momento de silêncio. “Eu estou quase desapontado.”

“Eu não. Qual porta?”

Beckett ponderou o curso deles até agora, mas não conseguiu perceber qualquer coisa que se assemelhasse a um padrão. “Derrote-me. Escolha um.”

Kapaneus escancarou a porta esquerda. Dentro era um vestiário. Cavilhas alinhadas nas paredes, quase todas vazias. Túnica cerimoniais penduradas no resto. Uma breve busca foi suficiente para convencer Beckett que a sala era o que ela parecia ser.

A porta da direita se abriu em um curto, mas amplo corre-

dor, ambas as paredes cobertas em murais representando cenas da história Tremere. Uma na direita retratava um alto e majestoso homem a olhar abaixo para um sarcófago. O da esquerda mostrava vários bruxos no topo de uma colina, comandando um bando de gárgulas contra um oponente invisível. A porta no fim do corredor foi esculpida em um intrínseco padrão abstrato o qual, quando visto de perto, foi feito de repetições constantes do símbolo quadrado-circular da Casa e Clã Tremere.

“Agora, eu acho, que nós estamos chegando a algum lugar”, disse Beckett, se aproximando para escancarar a porta. “Nós temos que estar próximos do centre e – *Jesus Cristo!!*”

Um segundo conjunto de armadura encontrava-se ao lado da entrada. Não era mais móvel do que o primeiro tinha sido, mas um par de pequenos olhos espreitou para fora de *cada* abertura no elmo.

O visor estalou ao abrir-se e, com um grunhido estridente e alto o suficiente para machucar os ouvidos, uma verdadeira torrente de pequenos homúnculos jorrou da armadura. Do tamanho de pequenos ratos, cada uma das pequenas construções se assemelhava a um homem de forma geral, mas faltavam detalhes, como se esculpidas do barro. Eles enxamearam por sobre os pés e pernas dos invasores, com seus toques leves de escova de pernas de uma barata ou uma língua de cobra. Até através de sua calça grossa, a pele morta-viva de Beckett se contraiu, como se tentando se afastar.

E eles mordiam, mordiam com dentes que *não* eram certamente feitos de barro. Beckett chutou, esmagando o primeiro contra a parede, mas mais uma dúzia esperava tomar o seu lugar. Enfrentá-los não era uma opção, mesmo assumindo que Beckett pudesse superar sua repugnância o suficiente para assim fazê-lo. A dor em sua perna sugeriu que suas presas e garras, embora menores do que as próprias de Beckett, não eram menos potentes; os ferimentos que elas deixavam atormentavam tão fora da proporção do seu tamanho. Eles podiam ser fáceis de matar, mas eles eram rápidos e muitos, e ele não achava que ele pudesse esmagar o suficiente deles antes deles terem feito algum real dano. A noção de ser enxameado embaixo, de ser afogado em uma maré desses hediondos vermes e comido mordida por mordida pequena, era suficiente para deixa-lo fisicamente estremecido. Ele podia tornar-se em um morcego e voar acima deles, mas ele não seria capaz de abrir portas ou procurar livros desta forma. Se eles seguissem ele...

Espera. Talvez...

“Kapanews!” Beckett chamou, sem sequer parecendo olhar

como seu companheiro saía-se contra a horda. “Vamos!” E ele correu de volta pelo caminho que eles vieram, na sua pressa de bater sobre o conjunto de armadura ao lado da porta com um tinido ensurdecedor. Ele correu, e ele escutou tanto as barulhentas pisadas de Kapaneus quanto o chiar de bater de dentes dos homúnculos em seus calcanhares.

Na antecâmara, ele se virou de repente e empurrou Kapaneus para o vestiário, batendo a porta atrás dele. “Fique aí dentro!” Ele gritou, e saiu novamente. Ele não sabia que as pequenas criaturas pudessem abrir a porta, o que significou que elas estavam todas atrás dele...

Revigorando-se, Beckett mergulhou de volta para a sala octogonal. As cinzas que eram tudo que restaram das escritas rodopiaram em torno de seus pés. Instantaneamente ele começou a sentir-se quente mais uma vez, mas ele se forçou a esperar, deixando os homúnculos verterem para dentro da sala atrás dele.

E então, embora ele pudesse se dispor do escasso sangue tão ligeiro que uma transformação lhe custaria, Beckett se permitiu desaparecer, seu corpo mais uma vez perdendo coesão e amontando-se em uma massa de névoa fina. Ele já se sentiu melhor, pois essa forma não tinha sangue algum para ser fervido pelo vigia da sala.

Os homúnculos, com suas pequenas mentes confundidas pelo repentino desaparecimento de sua preza, hesitaram, olhando em voltar. Embora Beckett não pudesse ver nessa forma, ele podia sentir – e ele sentiu as pequenas formas se movendo em volta e dentro dele de repente convulsionarem-se, e então começaram, uma a uma, a desmoronar em poças de lodo borbulhante. A sala fedia estranhamente a tanto sangue quanto barro assado. As poucas que permaneciam do lado de fora da sala quando ele vagou para o corredor e retomou sua forma física não eram de todas difíceis de despachar.

Faminto, cansado, dolorido, mas sorrindo. Beckett partiu para deixar Kapaneus sair do vestiário. Eles ainda tinham um bocado para seguir.

Fortschritt, a Casa Pai Tremere Viena, Áustria

Ou talvez não *tão* longe de certa forma.

Beckett fitou em volta dele no laboratório taumatúrgico. Mesas de provetas e queimadores acabados de sair de um sonho erótico de um cientista louco encontravam-se lado a lado com bra-

seiros de incenso, círculos de convocação, fórmulas alquímicas entalhadas em pedra, e jaulas que uma vez tinham retido animais e pessoas vivas. Mesmo agora, Deus sabia por quanto tempo após isto foi usado pela última vez, o lugar fedia vagamente a químicas e enxofre.

Também faltavam quaisquer meios de saída a não ser a porta através da qual eles entraram.

“Isso não pode estar certo”, comentou Beckett, não pela primeira vez. “Deve haver mais para esse lugar; tem de haver. Nós esquecemos uma porta ou uma escada em algum lugar.” Ele começou a andar a paços largos pelas paredes, batendo na pedra, examinando as instalações da sala.

“Beckett”, disse Kapaneus, tentando acalmar seu frustrado companheiro, “se existe uma passagem escondida, eu certamente duvido que ela estará aqui, onde aqueles que a usariam deviam interromper o trabalho de seus irmãos para acessá-lo.”

Beckett parou, franzindo a testa. O ancião estava provavelmente certo – inferno, Beckett avaliou o que ele tinha pensado dele mesmo, se ele não estava tão exausto e dolorido – mas isto ainda estava contra seus instintos de retroceder sem procurar.

“Malditos bruxos. Por que diabos eles sentem a necessidade de tonar esse lugar tão difícil, afinal? Não é como que um invasor pudesse sequer ter chegado tão longe quando todos os seus vigias e defesas foram ativados.” Ainda resmungando, Beckett saiu do laboratório e retornou para o corredor, com Kapaneus seguindo atrás.

As paredes *ondularam*.

Beckett fitou, com olhos largos, enquanto ambos os lados do corredor começavam a se mover lentamente, como a superfície de um lago. Gotas do que costumava ser pedra sólida de repente manchavam o carpete. Era isso outro sinal das magias da capela se desmoronando, ou isto era outra armadilha sobrenatural?

E francamente, o que diabos isto importa? Beckett e Kapaneus correram, mesmo quando as paredes desabaram por trás deles em um barulhento respingo e começaram a escorrer, viscosa e inexorável, atrás deles. O corredor já estava cheio de pedra líquida até a altura do tornozelo, retardando a corrida dos vampiros dramaticamente enquanto eles tinham que forçar e lutar através da substância pesada. Vários ossos e um crânio amarelado flutuou através deles na erguida corrente de pedra líquida, uma mão es-

quelética quase parecendo agarrar neles enquanto era lavada. Beckett pode somente sentir pena das pobres almas que foram capturadas nesse terrível dilúvio, mesmo quando ele suspeitava que ele estava prestes a se juntar à eles.

Eles estavam a apenas um passo à frente da inundação, uma dianteira que eles não conseguiriam manter por muito tempo. Conforme eles se aproximavam de uma das portas através da qual eles vieram, Kapaneus saltou, propelido por uma força bem maior do que a de Beckett. Ele bateu violentamente em seu companheiro por trás, erguendo ele para fora da pedra grudenta e através da entrada. A pressão da pedra em sim fechou com violência a porta atrás deles.

Beckett, com as costelas e costa doloridas do impacto de Kapaneus, ofereceu um simples aceno de agradecimento, e então nada mais havia a ser feito do que esperar. Eles pegaram a oportunidade para raspar a pedra líquida de seus pés e tornozelos o melhor que eles puderam antes que ela secasse, e escutaram os sons de esguichar atrás da porta.

“Eu já mencionei o quanto eu odeio esse lugar, não mencionei?” Beckett comentou.

“De fato. Eu não consigo imaginar o porquê.”

Vários minutos depois dos sons atrás da porta finalmente pararem, Beckett decidiu que eles tinham de ver o que estava acontecendo. A porta não abriria devido à pedra atrás dela, então Beckett usou as garras através das partes mais altas da madeira.

O corredor atrás da porta estava cheio com aproximadamente noventa centímetros de altura com pedras que se solidificaram em estranhos e ondulatórios padrões. Vários pedaços de mobília projetavam-se aqui e ali, assim como alguns dos ossos que eles tinham visto mais anteriormente. Com um encolher de ombros, Beckett começou a se esbarrar sobre as pedras em suas mãos e joelhos, sempre alerta para o menor sinal de que isto fosse amolecer mais uma vez.

A alguma distância abaixo do corredor, eles passaram através de várias peças de equipamento que eles reconheceram do laboratório. Claramente o líquido das paredes tinham, como tantos outros vigias nessas noites estranhas, saído de controle. Beckett duvidou que as pedras deviam se espalhar além do corredor inicial.

No final, entretanto, se provou uma benção, para o corredor no qual tinha tudo começado estava totalmente despojado das pedras que tinham constituído suas paredes – e até, em algumas pequenas partes, seu piso. Isto seria uma compressão apertada, mas

os exploradores puderam usar os maiores desses buracos para cair para o nível abaixo, sem ter que encontrar a rota “apropriada” afinal.

Beckett pousou primeiro, e se levantou diante de uma enorme entrada aberta, duas vezes acima da largura do corredor que eles tinham acabado de sair.

Ele não viu as runas entalhadas no piso debaixo dele. Ele não sentiu as energias arcanas se acumulando dentro dela, nunca saberia o quão próximo ele estava, naquele momento, da Morte Final.

Kapaneus caiu atrás de Beckett, com seus olhos estreitados. Atrás da costa de seu companheiro, ele ergueu uma mão brevemente, como se ondulando para fora uma mutuca.

“Todas as noites”, disse Beckett, olhando para trás, “nós – Jesus!” Ele olhou para uma vigia que ele tinha esquecido, mais pálido que o normal. “É uma maldita boa coisa que esta não estava ativada, Kapaneus. Ela teria completamente assado nós dois.”

“Realmente?” Disse Kapaneus, com seu tom neutro. “Uma boa coisa de fato, então.”

Beckett parou na entrada, de repente relutante a entrar. “Kapaneus”, disse ele suavemente, “se isso *for* o coração de Fortschritt...”

“Sim?”

“A lenda diz que o próprio Tremere dorme aqui em baixo.”

Por um longo momento, nenhum falou. Então, Kapaneus disse, “Você sabia disso antes de nós chegarmos, não sabia?”

“Bem, sim, mas —”

“Então nada mudou. Nós viemos até aqui, sabendo o que você sabe. Por que voltar agora?”

“Eu posso pensar em uma quantidade de razões”, Beckett murmurou. Não obstante, ele deu um passo através da entrada – e sabia, além de qualquer dúvida, que ele estava de fato se encontrando no coração da capela Fortschritt.

A câmara era enorme, com um teto abobadado que devi ter sido erguido atrás do laboratório, pois ela era claramente maior do que a altura do próximo nível acima. Dúzias ou até centenas de selos e runas tão intrincadas que Beckett não conseguia seguir qualquer uma delas entrelaçadas umas com as outras através do piso inteiro. Várias prateleiras se alinhavam nas paredes, algumas repletas com tomos mofados, outras contendo um sortimento bizarro de itens que Beckett podia somente assumir que eram com-

ponentes para rituais. Muitos mais dessas ruínas empenadas cobriam o chão – centenas, talvez mais de mil. Beckett ainda não estava completamente certo que isso pudesse contar para o clã todo, mas então, ele não estava certo que isto *não* pudesse, também. Portanto onde estavam os sobreviventes, caso existam? E, mas que diabos eles estavam todos fazendo aqui?

A sala estava claramente preparada para um ritual, mas era como nenhuma que Beckett tivesse ouvido falar. Um único símbolo maciço do mais profundo vermelho e complexidade alucinante estava pintado no teto, mas aquilo era o único elemento “normal” o rito. Na parede mais à direita estava pintado um mural enorme da aurora, tão realista que Beckett recuou para longe do sol espreitando sobre o horizonte artificial. No centro da sala encontrava-se um par de tochas altas, e o fato de que eles ainda queimavam era prova suficiente de que a chama era sobrenatural. A parede distante alardeava uma pintura de uma cena de floresta; as folhas eram de um verde profundo, as flores floresciam em volta de seus troncos, e a luz do sol filtrava-se através da copa pesada. Beckett se virou para olhar atrás dele, e seus olhos alargados. Pela porta através da qual eles entraram encontrava-se um berço de bebê na esquerda, um caixão na direita. A parede estava ocupada com uma pintura de um enorme crucifixo, cercado por uma Estrela de Davi, uma lua crescente e dúzias de outros símbolos religiosos de todo o mundo. Estendido ao lado do berço, onde tinha claramente passado fome até morrer após o ritual estar completo, estava uma ovelha morta.

Somente a parede mais à esquerda foi deixada sem adornos, e esta alardeava uma única entrada – aberta – a qual mostrava uma íngreme e sinuosa escada levando para baixo. Mesmo de onde ele se encontrava, a aura das profundezas deu à Beckett calafrios. Se as lendas dos Tremere eram precisas ou não, *alguma coisa* terrível tinha dormido na base desses degraus. Tremendo, ele virou sua atenção de volta para a sala.

“Beckett”, perguntou Kapaneus lentamente, “o que aconteceu aqui?”

“Eu não sei.” Beckett deu uma volta casual na sala. “Embora o simbolismo seja inconfundível.” Ele começou a gesticular. “Sol. Fogo. Fé. Nascimento. Crescimento. Tudo oposto ou estranho à natureza dos Membros.” Ele parou sobre a carcaça do animal. “Até a ovelha. Abel era um pastor.”

“Então dizem-nos, sim.”

“Seja o que for que os Tremere fizeram aqui, foi um ritual apontado na própria essência do que nós somos.”

Kapaneus franziu as sobrancelhas. “Poderia isso ser a causa, então? Poderia esse ritual ser responsável pela fraqueza do sangue?”

Beckett ajoelhou-se para examinar os símbolos no chão. “Bem”, disse ele após algum momento de pensamento, “eu não acho. Esse ritual *vai* muito além de mim – inferno, vai muito além de qualquer um que eu já tenha escutado – mas eu reconheço alguns dos princípios. O feitiço lançado aqui foi direcionado para aqueles *dentro* da câmara, não de fora. Dado ao que nós vimos do lado de fora dessa sala, eu não juraria para qualquer coisa – mas eu não *acho* que isso seja a fonte.”

“Proteção contra a fraqueza então?”

“Possível, mas isso parece mais complexo do que um feitiço de proteção. Olhe no simbolismo novamente. Eles estavam tentando fazer algum tipo de mudança fundamental à sua própria natureza, embora eu não consiga imaginar o que isto pode...” Beckett caiu novamente enquanto ele andava a passos largos na sala. Uma mesa ao lado da porta continha vários tomos grandes, mas nada que parecesse imediatamente útil. A sala oferecia somente mais perguntas, nenhuma das repostas que eles procuravam.

Lentamente, seus olhos encontraram-se com os do próprio Kapaneus, e então ambos os seus olhares vagaram para a escada levando para baixo.

“Seja o que for que havia lá embaixo”, disse Beckett levemente, “provavelmente se foi. Quer dizer, tudo o mais aqui está morto.”

“Provavelmente”, Kapaneus concordou.

“Portanto nós devemos estar perfeitamente seguros explorando lá em baixo.”

“Tão seguro quanto o resto desse lugar se provou, de qualquer forma.”

“Ótimo. Você quer ir primeiro?”

A câmara mais profunda de Fortschritt, a Casa Pai Tremere Viena, Áustria

Os degraus de pedra que levam para baixo, e a câmara na qual elas levaram, eram frias – não o frio do inverno, mas um frio um pouco como aquele que Beckett experienciou em Kaymakli. Também parecia vazia, embora de uma forma que a antiga cidade

Capadócia não parecia. Quaisquer espíritos que já tenham assombrado esse lugar foram embora.

Ainda assim, Beckett não conseguia conter um estremecimento de alívio quando eles vieram ao fundo e encontraram um grande ataúde de pedra – vazio, salvo por uma estaca negra quebrada deitada sobre dele.

Algo aconteceu aqui, estava claro o suficiente. Beckett pode ver silhuetas queimadas nas paredes da caverna. Elas lembraram ele das imagens que ele viu da consequência de Hiroshima, embora ele soubesse que nenhuma energia natural ou feita pelo homem tinha feito *essas* imagens aparecerem. O travo de carne queimada persistia, mesmo tão fracamente, no ar. Ele estava tão ocupado estudando as imagens, tentando fazer sentido delas – ele estava razoavelmente certo de que algum tipo de conflito tinha acontecido, a julgar pelas posturas das silhuetas – que ele não notou as atividades de seu companheiro até ele escutar o seu nome ser chamado.

“Beckett”, disse Kapaneus levemente, se curvando para baixo para examinar algo no chão, “olhe para isso.”

Beckett foi até lá e deu uma olhada para baixo. Ao lado do ataúde, em grande parte escondido nas sombras, estava um livro. Os olhos de Beckett se alargaram enquanto ele reconhecia o selo pessoal na capa.

Essas eram as escritas de Etrius, o maior do Conselho dos Sete e senescal do próprio Tremere.

Beckett virou-o para abrir na página final – escrito em Latim – e leu.

...não mais resisto a qualquer dúvida, ou qualquer esperança, de que nossas conclusões iniciais estavam equivocadas. Isso não é doença o que nós sofremos, e que seja isto uma maldição, é uma além de qualquer um, mesmo o nosso Pai poderia outorgar. O que nos faz Membros está lentamente sendo sugado de nós, talvez do mundo inteiro, pois essa fraqueza dificilmente está limitada ao Clã Tremere. Isso, eu temo, é o porquê de os anciões sofrerem isto primeiro, por ele terem além disso caído, mais poder para perder. Nossas magias falharam. Nossas próprias naturezas se corromperam.

Nossos adivinhos encontram sinais e portentos para todos os lugares que eles olham. As queimaduras da Estrela Vermelha. Os presságios ressoam através do mundo. Poderes caminham pela Terra que não deviam estar; nós podemos senti-los – e pior, nós podemos sentir nossas próprias forças sugadas direto para eles. Barreiras se enfraquecem: entre mundos, entre criaturas, entre a natureza das coisas.

E é esse enfraquecimento que pode ser nossa única esperança, pois se a linha entre o que nós somos e o que nós éramos for obscurecida, poderá ainda ser atravessada mais uma vez. Esta é uma tola esperança, o sonho de um louco, mas nós devemos tentar. O Pai é grande, mas ele não é como eles. Ele não pode nos proteger. Quando eles vierem, nós deveremos não ser o que eles procuram.

É chegado o momento. Deus, se nossas orelhas ainda ouvirem os choros deploráveis de alguém como eu, seja misericordioso.

Com suas mãos tremendo, Beckett colocou o diário – talvez “deixou cair” seria mais preciso – no ataúde. Seu estômago apertou, como ele nunca sequer tivesse enquanto um mortal, e ele caiu de joelhos, seu corpo assolado com desejos conflituosos de soluçar ou vomitar.

“Beckett?!” Kapaneus estava de pé ao lado dele. “Beckett, o que é isso?”

“É real. É real. É tudo real.” Ele não parecia estar respondendo à Kapaneus, não parecia sequer *ciente* do outro vampiro.

“O que é real, Beckett?”

Barreiras estavam caindo... Querido Deus, é isto o porquê de ele ter sido capaz de resgatar Okulos? Isto começou desde então?

“Antigos caminham, roubando o que nos torna Membros de nós. O que mais poderia ser? Oh, Deus, não agora. Não tão cedo, eu não sei ainda, eu não *aprendi*...”

Como elas nunca fizeram antes, as mãos de Beckett começaram a comichar. Furiosamente, ele arrancou os restos esfarrapados das luvas sobre seus dedos. Como uma pequena rajada de neve, os pelos pairaram gentilmente das luvas para se espalhar através do chão. Ele quase não pode olhar para baixo. Ele já estava certo de que ele veria.

O que nos faz Membros está lentamente sendo sugado de nós...

Beckett olhou fixamente para baixo em suas mãos. Suas mãos absolutamente normais, sem pelos e sem garras.

“Gehenna”, sussurrou Beckett. “É chegado o momento. Acabou-se – e eu nunca descobri o porquê isto começou.” Lágrimas de sangue listram o rosto de Beckett, mas ele não estava ciente o suficiente para enxugá-las.

“Beckett”, começou Kapaneus, colocando a mão sobre o ombro do outro, “isso pode não ser —”

A completa existência de Beckett virou de cabeça para baixo nos últimos dez minutos. Ele tinha perdido sua não vida inteira perguntando por respostas que ele nunca encontrou.

Com um grito de dor, fúria e desespero paralisante, Beckett simplesmente foi embora. Sem pensamento consciente, o sangue fluiu para as mãos de Beckett, e embora as unhas e pelo terem-se ido, elas ainda eram capazes como sempre de brotar suas garras mortais. E a Besta dentro dele ergueu-se com um rosnar e retalhou a garganta de Kapaneus.

Catedral de Nuestra Señora de la Almudena Madrid, Espanha

Começou no século dezesseis, construída pouco a pouco durante o curso dos próximos trezentos anos, a Almudena não parecia tão antiga, não era particularmente impressionante. Foi uma construção simples, não extravagante, dificilmente memorável afinal – por fora.

Dentro, era uma história completamente diferente. Lâmpadas espalhadas iluminavam as várias pinturas e estátuas que ocupavam as alcovas ao longo de cada parede, correndo por toda a extensão da basílica. Luzes brilhantes brilhavam no estatuário em cima do altar, refletindo um brilho dourado por toda a câmara. Arcobotantes davam suporte aos altos tetos arqueados, azulejados em branco. Por seus muitos anos de uso, a catedral tinha absorvido o odor da adoração, uma destilação de fumaça de vela e o combinado odor de milhares de pessoas.

Abaixo da catedral havia uma catacumba de câmaras abobadadas baixas, muitas ocupadas por sepulturas mais antigas que a Almudena. Aqui, rachaduras no teto ofereceram a primeira evidência de que tudo não estava certo, embora o dano tenha sido amplamente reparado, pelo menos nesse nível.

E debaixo até das catacumbas havia a verdadeira podridão, ressequida, e finalmente de coração falecido de um domínio que Lúcifer teria ficado orgulhoso de reivindicar como seu próprio.

Aqui, onde muitas passagens convergiam em um padrão conhecido completamente somente pelo mestre da catedral, foi o covil do Arcebispo Ambrosio Luis Monçada, antigo Cainita, senhor para Lucita de Aragon, e modelo de fé entre o Sabá. Um seguidor fanático de seu próprio estilo de Cristianismo, mantendo que isto era a obrigação de todos os Cainitas reconhecer, regozijar-se, e receber a condenação já introduzida sobre eles, Monçada foi um monstro entre monstros. Raramente deixando seu refúgio,

ele regia seu domínio a um nível que poucos vampiros no mundo moderno poderiam reivindicar, usando procuradores para dar ordens que ele sabia que os receptores não ousariam desobedecer. Até alguns cardiais curvavam-se a sua experiência, ou vinham até ele para confissão, e foi dito que Monçada representava a própria alma – se tal coisa existia – do Sabá Europeu.

Ele poderia ainda ter sido, se não fosse sua obsessão em ganhar o controle completo de sua indomável e rebelde cria Lucita ocupando-o por séculos, tomou muito de suas energias que podiam melhor terem sido usadas em outro lugar. Eles tinham finalmente caído a vários anos atrás, consumido pela criatura Abissal que ele tinha tentado para perder contra sua cria e sua companheira Assamita.

Desde então, embora violada por saqueadores, peregrinos e, a própria Lucita, seu refúgio permaneceu como ele jazia seguindo sua morte. Escombros entupiam cada canto do espaço, bloqueavam a maioria das passagens da superfície. Cacos de vidro, alguns do tamanho de espadas, encontravam-se em todo lugar, pois Monçada, apesar de sua falta de qualquer reflexo, sempre foi fascinado com espelhos. Combinado com pedaços de estátuas e estilhaços de estantes tombadas, o chão da câmara era uma verdadeira armadilha mortal, com uma ponta ou uma lâmina em todos os ângulos. Poeira e teias de aranha cobriam tudo. Faz algum tempo agora desde até o mais desesperado fiel do Sabá, o mais determinado dos historiadores de Membros, tinha colocado os pés nesse lugar.

No vazio, no escuro, algo se mexeu.

Parecia ser nada, não tinha substância. Apenas mudando de sombras, correntes de escuridão, um truque da luz – em um lugar onde nenhuma luz brilhava.

De alguma forma, em um espaço já negro como piche, um lugar no chão começou a escurecer mais ainda. Havia ninguém presente para observar, ele poderia ter notado que isto aparecia no lugar exato que Leviathan desapareceu de volta para o Abismo após reivindicar Monçada para si próprio. Ele poderia ter notado que isto se espalhou na direção do confessionário do arcebispo, onde ele ouvia os pecados de milhares de vampiros, e exortava-os para mais.

Não deslizava como uma cobra, esse tentáculo de sombra, muito mais como abruptamente alargada e estendida como uma rachadura no próprio mundo. Apesar disto, um vento estranho e alienígena começou a soprar. Era totalmente silencioso, esse vento, como se ele de alguma forma falhava em perturbar o ar já não

apanhado na rajada. Ele carregava consigo nenhum odor de qualquer tipo. Até o miasma de mofo e bolor que enchia o espaço desapareceu enquanto ele passava. Era frio – não o frio ativo e martelante de uma nevasca ou o frio queimante do gelo, mas um completo e total vazio, uma sensação de frio de um mundo onde o próprio conceito de calor era estranho.

A brecha alargou-se mais ainda. Pedaçoes de escombros, pedras quebradas e tomos antigos, tombaram nela e desapareceram, perdidos para essa realidade. E dentro da escuridão sem fim, algo se moveu.

Emergiu para o mundo lentamente, timidamente, um pedaço por vez. Uma coluna de sombra, como um membro sondando ou a língua bruxuleante de um réptil provando seu ambiente, tremeluzindo para cima. Foi seguida, segundos depois, por uma grande coluna de pura e completa escuridão.

E seguida. E seguida. O ex-refúgio do Arcebispo Monçada preenchido até as paredes com uma escuridão mais pesada do que a própria noite, e ainda assim ele veio, ainda dragando mais de sua massa – se massa pudesse se dizer que tem – do Abismo.

A alguns anos atrás, uma cabala mística tentou convocar das profundezas a essência de seus fundadores, o Pai da Noite, o deus que caminhou na aparência de um Membro chamado Lasombra. Eles tinham, ao invés, chamado uma criatura do Abismo moldada por seus próprios pensamentos, seus próprios desejos. Formada de coisas da sombra, ela era, contudo, artificial, feita pelo homem.

Essa... essa coisa não era. Nenhuma imaginação mortal ou não mortal poderia tê-la previsto; nenhuma visão viva ou não viva a abrangia. Era pura. Era nada. Era o Abismo.

E ela antes tinha um nome.

A escuridão fluía para cima através das passagens de Almukena, através das portas e janelas da catedral. Ela se esquivava das estrelas, da lua, dos postes de luz em volta dela, veio de uma casa onde a própria luz era uma intrusa.

Ela não gostava dessas coisas – e, portanto, se repartia com elas.

Em um bairro de Madrid, em uma noite que nunca seria esquecida por qualquer um que viveu nela, as luzes se apagaram. Os postes de luz morreram. A própria lua e as estrelas cessaram de brilhar, tudo exceto uma única estrela vermelha que ninguém dos habitantes da cidade tinha sequer visto antes.

A escuridão fluía, movendo-se através da Espanha, como

uma nuvem, deixando mortais aterrorizados em seu encalço, dando graças de joelhos pelo retorno da luz. Ela desapareceu, eventualmente, na costa do Mediterrâneo.

E atrás dela, agora visível do mesmo modo para os Membros e rebanho, a Estrela Vermelha brilhava.

parte dois:
Meia-Noite

*Chegará um tempo
quando uma Escuridão Mais Antiga irá se mover
profundamente abaixo de uma cidade a qual foi esquecida
e irá surpreender o Ancião, suas crias.*

*Desses sinais, você saberá,
o Pai Sombrio, bastardo de Caim,
despertará, e beber profundamente o sangue
sacrificado para ele*

– O Livro de Nod, “A Crônica dos Segredos”



Em algum lugar debaixo da Cidade do México, México

A fogueira crepitante, abastecida pelos móveis de madeira, cópias insubstituíveis das declarações do Sabá, e as roupas daqueles que foram arremessados, gritando, para dentro das chamas, lançando sombras dançantes através da extensão da enorme câmara de pedra. O espaço foi preenchido rapidamente com fumaça, o que teria sido um problema se os ocupantes da sala precisassem respirar. A maioria desses habitantes dançava em volta — e em alguns casos, através — do fogo, gritando louvores sanguinários, incitando um ao outro, e lançando insultos naqueles que a turba tomou como prisioneiro. “Traidor!” “Colaborador!” “¡Cabrón!” O sangue manchava os pisos de pedra, seco entre as rachaduras como uma camada de argamassa.

Vários dos prisioneiros já eram cinza, tendo sido devorados pelo inferno. Os outros ficaram na fila, alguns estaqueados, alguns apenas acorrentados. A procissão arrastada, guardada por todos os lados por jovens Cainitas com lâminas nuas e pistolas sacadas, movia-se cada vez mais estreita, passo a passo, para o centro da sala. Lá, onde um pódio uma vez ficava para os cardeais do Sabá para dirigir-se a seus confrades, uma guilhotina operante — uma verdadeira relíquia do, apropriadamente, Reino do Terror — agora se avultava. A cinza que cobria o banco e o chão do lado aparelho dava o testemunho silencioso à quantidade de vampiros que já tinham perecido debaixo de sua lâmina.

O cardeal Lasombra conhecido somente como Galgo seria o próximo, se algo não mudasse rapidamente. Ele tinha somente um tempo muito pequeno para inventar algum plano de fuga. Ele era o terceiro na fila, atrás de um casal de Tzimisce que estava discutindo um com o outro em Espanhol acalorado. Os neófitos iriam matá-los, e ele seria o próximo se ele não —

O primeiro dos Tzimisce antes dele berrou, um lamento muito alto que soou como nada remotamente humano. A segunda seguiu um segundo depois, seu guincho talvez uma oitava mais alta do que o primeiro. Eles caíram juntos, desmoronando como se seus ossos não fossem mais fortes o suficiente para suportá-los, dobrando-se em lugares onde nenhuma junta poderia existir. A carne deles começou a se mesclar e se misturar, e em uma questão de segundos foi impossível de dizer se eles eram um ser ou dois.

Eles rapidamente desmoronaram em uma imundice viscosa de líquidos não identificáveis, tiras de carne e o ocasional membro deformado e modificado quase irreconhecíveis. Eles tinham, ou então parecia, sido canibalizados pelas suas próprias habilidades de modelagem de carne, e esses dificilmente foram os primeiros Tzimisce a tornarem-se vítimas desse aspecto em particular do murchamento: em uma questão de meses, o clã foi reduzido a apenas um décimo de sua quantidade anterior.

Eles também tinham, até onde Greyhound estava preocupado, escolhido um momento notavelmente inconveniente para morrer.

O cardeal — nu, salvo por vários troféus retirados de seus inimigos, enquanto era seu hábito — encontrou-se arrancado para frente enquanto uma jovem Cainita puxava suas correntes. Mais uma vez, ele se esforçou para quebrar seus elos, tentou proferir sua vontade contra seus captores e sufocar seus pensamentos e impulsos com os seus próprios. E mais uma vez ele falhou, justo com da última vez, e da vez antes desta. Ele estava fraco. Impotente. Este pensamento o irritou mais do que qualquer consideração de sua morte próxima.

Mas apenas um pouco mais.

Nenhuma acusação foi lida. Nenhuma oportunidade dada para defesa, explanação ou apelo. Em algum lugar, as massas do Sabá colocaram em suas cabeças que alguns dos seus anciões tinham traído a seita, se virando para a Camarilla ou outros anciões diante do caos difundido e a chegada da Gehenna. Talvez alguns deles o fizeram, mas agora que a histeria tinha varrido a Espada de Caim de cima a baixo. Com algumas exceções, nenhum Cainita mais velho do que algumas centenas de anos estava seguro. Aterrorizados pela noção do que estava por vir, galvanizado por sinais que podiam somente sinalizar o fim próximo, os vampiros mais jovens se viraram contra *todos* os seus anciões, loucos para erradicar quaisquer servos dos Antediluvianos antes desses antigos se erguerem. Dúzias de anciões encontraram suas Mortes Finais nas últimas semanas, em cenas como essa que alguém atuava por todo o globo, e muitas mais ainda estavam por vir. Não ajudou que ainda mais anciões morreram, não nas mãos das crias, mas sob as presas de seus confrades, enquanto vampiros através do mundo descobriram que o sangue de sua própria espécie podia aliviar o murchamento.

Após banquetear-se no sangue tão potente quanto o do Galgo, os neófitos se sentiram de fato muito melhor.

Um Armazém no Centro da Cidade Houston, Texas

O piso de cimento não estava mais vazio; fileiras torres pesadas de metal foram conduzidas para dentro dele. Estacas grossas de madeira projetam-se dessas colunas em todas as direções, e dúzias de Membros pendiam paralisados dessas estacas como placas de carne bovina. Jaulas estreitas, com espaço insuficiente até para se virar, alinhadas na parede do fundo. Os prisioneiros dentro estavam imundos, espancados e preservados com uma dieta de sangue de cachorro e porco servida em suas tigelas todas as noites. Sobre a passarela e perambulando pelos corredores entre as jaulas e pilares estavam uma dúzia de carnicais, armados com armas de fogo de alta potência, facas de lâminas largas e estacas pesadas, e uma pequena quantidade de vampiros, os quais supervisionavam a operação. A cada alguma noite, um dos anciões de Houston ia vaguear lá dentro, buscando alívio de sua crescente fraqueza. Acompanhado por uma guarda armada, ela selecionaria um do “gado” detido dentro para aliviar o problema.

Esta era dificilmente a única instalação deste tipo. Através do globo em praticamente todas as cidades ocupadas pela Camarilla, “centros de encarceramento foram se tornando a regra. Oficialmente, príncipes e arcontes mantinham aquilo que era necessário para deter a crescente agitação, instalações pretendidas somente para deter aqueles que incitariam a desobediência ou outra coisa que perturbe a paz.

Na verdade, eles tinham se tornado um pouco melhores do que campos de concentração em uma questão de semanas. Xerifes e outros mandantes arrebatavam neófitos e estranhos para fora das ruas com a menor provocação, ou geralmente sem provocação de modo algum. Publicamente, suas ordens eram para manter a paz, garantir o funcionamento contínuo e harmonioso da sociedade da Camarilla.

Secretamente, suas ordens eram bem mais simples: manter os anciões alimentados, mantê-los fortes e manter os centros de encarceramento cheios. Não importando o que fosse necessário.

As escolhas preferidas eram neófitos recentemente Abraçados, Caitifes, sangues fracos, estranhos e recém-chegados à cidade e, é claro, qualquer um realmente culpado de um crime. Falar publicamente sobre a Gehenna era a acusação mais frequente, e

muitos desses sob custódia eram de fato culpados de ter soltado a língua. Ainda assim, qualquer Membro fraco o suficiente para ser facilmente levado, e com falta de aliados poderosos para perceberem sua ausência, e estava em risco. Em alguns casos, os príncipes de grandes domínios tinham na realidade deixado seu povo solto sobre as comunidades vizinhas, em essência conquistar domínios menores puramente pela forragem adicional que elas poderiam fornecer. As forças policiais através do mundo estavam reportando um aumento substancial nos crimes passionais, atividades terroristas, guerras de gangue, tumultos e outros incidentes violentos.

Alguns anciões tentaram Abraçar rebanhos inteiros, para criar seus próprios suprimentos de forragem - somente para descobrir que até o Abraço tinha se tornado imprevisível debaixo do peso do murchamento, que muitas das tentativas resultaram em cadáveres ao invés de vampiros.

À noite, a própria Príncipe Suadela telefonou antes, informando à Jack Fowler, o supervisor desse centro em particular, que ela estaria chegando tarde da noite. Em torno de uma hora após sua ligação, ele tinha os seus guardas se misturando sobre o lugar. Limpar não era de se preocupar - os anciões sabiam, e até aprovavam, da imundice na qual os detidos eram mantidos - mas todo o inferno eclodiria se Karen Suadela ou qualquer um de seu séquito descobrisse até o menor indício de um lapso na segurança. Fechaduras e ferrolhos eram checados várias vezes, os vampiros pendurados faziam a segurança com suas estacas, câmeras de vídeo realinhadas, armas totalmente carregadas.

Todos estavam em prontidão quando eles escutaram o som de um motor chegar ao cais de carga no fundo do armazém. Com um sorriso bajulador de boas-vindas em seu semblante imundo e parecido com uma doninha, Fowler foi para fora.

Ele congelou na visão da velha van Chevy vermelha parando do lado de fora. A príncipe sempre chegava em uma limusine Towncar.

Para seu crédito, Fowler reconheceu imediatamente que algo estava muito errado. Ele não se tornou o supervisor do centro de detenção para nada. Ele não perdeu tempo se perguntando sobre como a van tinha conseguido ultrapassar os pontos de checagem de perímetro, ou o que aconteceu à príncipe. Instantaneamente ele tinha sua Glock na mão e estava fazendo um mergulho para o mais próximo dos muitos botões de pânico que ele tinha instalado em todas as portas e em vários pontos dentro das instalações.

Ele nunca fez isto. Da beirada da cobertura acima, uma cortina de escuridão caiu sobre ele como uma rede, reduzindo seu progresso. Membros de sombra dentro da escuridão lutaram com ele, lançando ele para trás. Fowler cambaleou para fora do escuro, de volta para o caminho que ele tinha vindo — e se chocou com alguma coisa grande e firme.

Theo Bell não deixou ele se virar. Ele simplesmente agarrou a cabeça de Fowler por trás e o torceu, firme, com toda a sua força. Honestamente, ele não tinha certeza se iria funcionar. Essas noites, suas proezas físicas estavam imprevisíveis. Ele despertou em algumas noites mais forte do que nunca, pronto para combater o mundo sozinho. Em outras, ele não se sentiu mais forte do que ele se lembrava de seus dias mortais.

Hoje à noite, felizmente, foi uma da primeira. A coluna de Fowler despedaçou como vidro. Bell deixou o corpo cair, então casualmente esmagou seu crânio com um pisar de calcanhar para finalizar o serviço.

“Isto foi imprudente de sua parte, Bell”. Lucita deslizou para baixo da cobertura sobre um cabo de sombra, sua descida bem mais instável e menos fluída do que já foi uma vez. “Eu podia ter usado ele”.

“Desculpe-me, Lucita. Não estava pensando. A primeira lambida que nós encontrarmos dentro será toda sua”.

A pancada destacada do tiro automático soou da frente do armazém.

“Assumindo que qualquer um venha a sair”, Bell adicionou. Então, gritando de volta para a van, “Vai!”.

Metade de uma dúzia de Membros de todas as idades, credos e clãs verteram da porta correição. Alguns estavam armados com pistolas, alguns com lâminas, mas todos tinham armas em suas mãos e fogo em seus olhos. Todos eles - os seis na van, e mais os oito atacando da frente - tinham anteriormente sido como os prisioneiros de dentro, e qualquer chance de contra-atacar a Camarilla seria muito bem-vinda. Bell, com uma nova, mas já bem usada SPAS-15 na mão, seguiu eles para dentro, virando para a esquerda e mergulhando enquanto eles alcançavam a entrada. Lucita saltou e mergulhou através de uma janela mais alta, descendo sobre um dos guardas de dentro.

No fim das contas, não demorou muito. As quantidades eram quase as mesmas em ambos os lados, mas os defensores eram

quase todos carnicais — embora, bem mais fácil de matar — e os Membros de dentro já tinham perdido seu líder. Os atacantes, por outro lado, eram vampiros até o último, e eles incluíam dois dos melhores lutadores de batalha que os descendentes de Caim já produziram. Lucita habilmente esmagou a laringe do homem sobre o qual ela pousou e rolou para frente, se enfiando debaixo da torrente de balas lançadas em seu caminho por outro guarda. Um pé chicoteou, batendo na arma das mãos do guarda e estalando três de seus dedos. O carnicai gritou, então se contorceu enquanto Lucita afundava um punho poderoso em seu plexo solar. Ela apanhou a arma de onde ela tinha caído e calmamente colocou duas balas através da cabeça de um terceiro guarda, que estava de pé na passarela. Ela tomou um segundo para ficar agradecida por seus oponentes terem sido carnicais — tão lentamente quanto ela estava se movendo esta noite, qualquer um mais resistente poderia ter sido um problema — e deslizou em busca de oponentes adicionais.

De sua parte, Bell simplesmente deitou sobre aqueles em volta dele, espingarda em uma mão, a outra cerrada em um punho que — pelo menos hoje à noite — era poderosa como nunca. A SPAS-15 cuspiu duas vezes, tirando completamente a cabeça de um dos poucos vampiros guardando o armazém. Bell girou, retraindo-se, mas não lentamente quando uma bala o pegou no quadril, e despedaçou a clavícula de outro carnicai com um golpe vertical. Então, atraído pelo som de tiroteio, ele investiu para dentro de uma sala de pequena, com a espingarda já atirando.

Quando o tiroteio finalmente terminou, a fumaça clareou e o sangue começou a secar, somente dois dos atacantes tinham caído, e ambos foram revividos com quantidades suficientes de sangue. Nenhum defensor ficou de pé.

“Tudo bem, pessoal, vocês conhecem o exercício!” gritou Bell. “Malik, leve Azure e Ben, e comecem a empilhar os corpos no meio do espaço. Joseph, pegue três pares de olhos e deem o fora para o perímetro. Qualquer um que aparecer, eu quero saber antes deles fazerem. O resto de vocês, comecem a abrir as jaulas e arrastem essas crianças para baixo”.

Bell e Lucita observaram serenamente enquanto os vampiros que tinham sido paralisados por sabe lá Deus quanto tempo tiveram as estacas arrancadas e se deixaram cair no chão. Os outros prisioneiros se mexeram para fora das jaulas, rastejando ansiosamente direto para os corpos cheios de sangue, mas um berro de Bell parou eles.

“Vocês irão esperar até os outros estarem se movendo, porra”, ele disse, gesticulando para os Membros com buracos em seus peitos, os quais estavam apenas começando a dar sinais de não vida. “Eu não vou fazê-los acordar com nada para comer”. Isto não foi beneficente da parte de Bell, apenas bom senso. Não adianta libertar essas pessoas apenas para ter que matá-los em própria defesa quando eles entrarem em frenesi de fome.

“Tudo bem, escutem!” berrou ele depois novamente, quando todos que iriam despertar assim o fizeram. Todos eles tiraram pelo menos a ponta de sua fome, banquetecendo-se sobre os corpos, mas não havia o suficiente para aliviar a todos, e eles já estavam começando a olhar uma para o outro com olhares sinistros e famintos. Bem, hora de pôr um ponto final *nisto*.

“Vocês todos sabem no que a Camarilla está se tornando, vocês sabem melhor do que qualquer um”. Bell disse a eles. “Todos nós sabemos”. Ele gesticulou para aqueles como ele. “Nós todos o vimos. A maioria de nós estava envolvido nele, tal como vocês. E nós iremos fazer nada sobre isto?”

De fato, nos últimos meses, mesmo quando a Camarilla ficou mais dura, mais violenta, mais opressiva, várias células do que podia somente ser chamada de resistência surgiram dentro dela. O grupo de refugiados resgatados de Bell e Lucita era apenas uma entre várias, mas já era uma das maiores, com quase cem membros através dos Estados Unidos e partes do Canadá. Não era muito, diante do que estava acontecendo à ambas as seitas, mas por hora era tudo o que eles podiam pensar em fazer. Foi dito que a própria cria de Hadestadt, Jan Pieterzoon, está reunindo uma seita mais formal para opor-se à Camarilla, mas ele estava em lugar nenhum para ser visto do chão, até onde Theo pode contar. Nenhum ancião se segurava a quaisquer ilusões de que eles poderiam construir uma força grande o suficiente para tomar ambas as seitas diretamente. Seu único objetivo, neste momento, era reunir quantidades suficientes para durar até ambas as seitas se arrumarem, ou tombar sob seus próprios pesos. Assumindo que eles sobrevivam a isto — e, Deus os ajude, a própria Gehenna, se fosse isto que estava vindo — eles tinham a base para começar de novo.

Claro que, Bell e Lucita tinham ideias *vastamente* diferentes sobre como construir essa novata sociedade, se e quando a hora

chegar, mas o acordo tácito entre eles adiou este cômputo em particular até e a menos que isto se torne necessário.

Bell não dizia isto aos prisioneiros recém libertados. Ele simplesmente dava a eles um estimulante, se inferior a eloquente, discurso sobre as maldades da Camarilla nas últimas noites, como ele mesmo — ex-campeão da seita — estava agora se colocando contra eles. Lucita era, francamente, uma oradora mais eloquente, mas eles decidiram no começo que uma ex-Arcebispo Sabá fazendo esses discursos não iria tão longe também. Se e quando eles mudarem as operações para o território do Sabá, *então* talvez ela faria o diálogo.

Como sempre, Bell finalizou com um convite. E, como sempre, somente em torno de um quarto dos prisioneiros expressaram qualquer interesse em entrar, o resto se retirou para seguir seu próprio caminho tão logo eles estivessem certos de que Bell não os impediria de assim fazê-lo.

“Metade estará morto ou aprisionados novamente em um mês”, ele resmungou para Lucita enquanto eles fugiam. “Malditos idiotas”.

“Eles estão livres agora. É tudo o que nós podemos fazer por eles”. Lucita fez uma careta. Ia contra seus instintos e seu código moral ajudar pessoas sem esperar algo substancial em troca. Ela sabia disto, no longo caminho, que ela estava fazendo o que precisa ser feito, mas ela gastou muito dos últimos quatro anos refinando seu controle em uma crença de que ela era, no seu âmago, uma agente da danação, não da libertação. Sim, essas incursões serviram a seus propósitos de interromper as operações de seus inimigos e criar novos recrutas, mas Lucita não estava confortável consigo mesma na posição de libertadora ou parceira. Ela tinha aprendido a ficar sozinha nesse mundo severo. Fazer diferente agora, até pensar que era *possível* fazer diferente, implicava arrependimentos que poderiam, se ela os deixasse, engolir ela inteira. Se isso fosse seguir por muito tempo, eles iriam fazer exatamente isto.

“Nós precisamos sair daqui”, disse um dos prisioneiros engaiolados, um jovem Nosferatu que ostentava um espesso bigode estilo Velho Oeste em vez das características esquelética, coriácea e marrom terra. “Então os guardas estavam todos se apressando, se preparando para alguma coisa. Nós vamos ter companhia, nós demoramos por muito tempo”.

Bell pensou brevemente em esperar, de expressar um pouco de seu desprazer em quem estava chegando, mas decidiu que não

valia a pena. “Tudo bem, pessoal”, ele anunciou, para aqueles que já eram dele e aqueles que estavam apenas se juntando agora, “vamos nos mover. Nós temos um passeio à frente de nós, e a noite não está ficando nem um pouco mais fresca”.

Enquanto os novos recrutas eram escoltados para fora e carregados para dentro da van maior, aquela estacionada na frente, Bell e alguns de seus soldados aproveitaram o tempo para plantar algumas cargas, espalhar um pouco de gasolina. Uma porção grande da edificação era de cimento, mas elas podiam pelo menos *atrasar* qualquer uso a mais dela enquanto um campo de alimentação.

No momento que as primeiras colunas de fumaça se elevaram para o céu noturno, eles foram embora.

Refúgio de Jenna Cross no Vale de San Fernando Los Angeles, Califórnia

Jenna Cross, vestida como ela estava de camiseta sem manga e shorts de brim, combinado com o coldre de ombro que ela agora ostentava quase todo o tempo, tinha passado de quero ser uma pop star para uma imitação de videogame em termos de sua aparência. Ainda assim, o fato de que ela ainda estava em volta e chutando — e, mais importante, que a maior porção do Município de Los Angeles ainda era dela, ao invés da Camarilla — deu a ela o respeito que sua aparência e guarda-roupa não tinha dado. Isto, e a lua crescente em seu ombro. Quando ela começou toda essa coisa com uma pequena coterie de sangues fracos e o suporte de uma famosa líder anarquista, muitos daqueles que sabiam dela a rejeitaram. Agora, com tudo que ela realizou contra a Camarilla e todo o caos no mundo, seu pessoal — e de fato, sangues fracos através do mundo que tinham ouvido falar de suas atividades — estavam começando a levar isto a sério. Ela não conseguia contar quantas vezes *O Livro de Nod*, e toda a sua tagarelice sobre órfãos e sangues fracos governando cidades no fim dos tempos, foram cotados nela. Isto não fazia ela se sentir melhor. Francamente, dado o que ela sabia da religião vampírica, isto assustava a maldita merda para fora dela.

Ela tomou um gole de seu café excessivamente adoçado — cafeína e açúcar não causam mais qualquer coisa a ela, mas ao contrário dos vampiros “sangues-fracos” que queriam ela verdadeira-

mente e finalmente morta, ela ainda podia curtir o gosto — e fez uma careta para aqueles que sentaram em volta da mesa com ela. Para a maioria, ela não estava gostando do que ela estava escutando.

“Como eles nos descobriram, Rob?”

“Não a menor ideia. Eu apenas sei que nosso pessoal mal colocou os pés no Beira Rio quando alguns cães de caça da Camarilla estavam todos sobre eles como moscas na merda”. Ele pausou, e seu lábio inferior tremeu.

Ah, *caralho*. Jenna sabia o que isto significava. “Todos eles não escaparam?”

Rob, sacudiu sua cabeça. “Nós perdemos ambos Moose e Laurence”.

“Ah, merda...”

“Eles pelo menos levaram um arconte com eles, Jenna, e eles deram tempo a todos os outros para dar o fora de Dodge. Eles não foram fáceis de derrotar.

“Eles não devem ter ‘sido’ de modo algum!” Jenna olhou de relance para a parede, onde ela tinha arremessado a sua caneca sem sequer dar-se conta disto, deixando o gotejar do café descendo pelo papel de parede acalmá-la. “Tudo bem, não mais tentativas em se infiltrar na Beira Rio por um tempo. Como estamos indo na defesa?”

“Esta está um pouco melhor”, um dos outros na mesa, uma mulher de cabelo preto de nome Tabitha, entrou na conversa. “Nós ainda não conseguimos retomar muito de Pasadena, mas até agora nós agarramos a LA Leste devidamente. Nós incendiamos o motel que eles estavam se reunindo, e nós conseguimos desenterrar um de seus espões. Chris e Toby estão perseguindo ele agora. Não falta muito”.

“E sobre os tiroteios no centro?”

“Nós achamos que o primeiro foi apenas uma equipe avançada, a maioria carnicais e alguns patrulheiros confrontadores de esgoto. Nós perdemos algumas boas pessoas lá, mas nós não achamos que o inimigo conseguiu qualquer território.

No segundo não foi relacionado de maneira nenhuma à Camarilla. Nós reunimos outro bando dos MacNeils, mas eles não se importam de estar desarmados. Nós tratamos disso”.

Jenna suspirou. Basicamente, o mesmo que foi ontem. E semana passada. E mês passado. Toda noite, mais sangues fracos chegavam em LA de todo o país e até de outras nações, tendo es-

cutado de seus esforços em fazer da cidade um refúgio livre para todos de sua espécie. Mas mesmo com constantes reforços, eles nunca pareciam ganhar qualquer vantagem adicional. Eles seguravam a Camarilla agora mais ou menos nas mesmas fronteiras que eles tinham segurado desde que os reais assaltos começaram. Que eles ainda resistiam de algum modo não era nada de um lance de sorte, atribuível pelo menos parcialmente ao fato de que a Camarilla tinha coisas demais em sua base e não podia dedicar os recursos apropriados para essa guerra. Mas uma guerra de atrito não vai cortá-lo. Se os sangues fracos não podiam ter uma vitória decisiva, podiam provar à Camarilla, tal como os Cataianos fizeram antes com eles, que era mais fácil tolerá-los do que enfrentá-los, então era apenas uma questão de tempo antes deles *poderem* dedicar mais atenção a eles. E quando isto acontecer, o peso quase infinito da seita esmagaria os sangues-fracos de LA como uma avalanche.

Então eles tinham os malditos MacNeils para ter que lidar. Cross esperava, agora que a Camarilla não era mais a força dominante em LA, que ela e os outros anarquistas pudessem chegar a algum tipo de acordo, mas os MacNeils tinham deixado bem claro que eles não iriam deixar um sangue fraco sem nome assumir o comando. Para registrar que eles eram mais ou menos uma insignificância no conflito - eles foram severamente enfraquecidos pela guerra com a Príncipe Tara, e então pela ofensiva inicial da Camarilla - mas seus hábitos de se mostrar em intervalos aleatórios e atirar em qualquer Membro que não fizesse parte de seu círculo social tornou uma situação já caótica ainda mais enlouquecedora.

“Obrigada, a todos”, Jenna disse finalmente. “Agora vão se embora”.

Somente quando a sala ficou vazia, salvo pela assim chamada por si mesmo de “Última Filha”, que ela escutou a porta para o subsolo fechar-se, e pisadas prosseguindo através da cozinha. Ela não olhou sequer para cima enquanto Samuel puxou uma cadeira da mesa e se sentou.

“Você escutou?”

“Escutei. Você fez bem, mantendo a Camarilla fora por tanto tempo”.

“Não bem o suficiente, Samuel. Eu não os empurrei de volta, também.

O recém-chegado encostou-se para trás. “Você pode tentar se aproximar dos MacNeils novamente. Talvez se você não insistisse em permanecer no comando —”

“*Fodase!* Eu sou aquela que montou isto tudo, eu sou aquela que tirou a Príncipe Tara, eu sou aquela pela qual os meus irmãos e irmãs estão vindo para LA. O inferno que eu vou apenas entregar tudo isto!”

“Louvável, Jenna. Mas não se esqueça, você tem mais a perder do que os outros. A Camarilla é uma entidade pragmática. Se eles vencerem aqui, eles irão executar alguns anarquistas para chamar a atenção, mas o resto será permitido permanecer por tanto tempo quanto eles jurarem aliança. Mas você...” Seus olhos moveram-se visivelmente para o ombro dela, e a marca que adornava ele. “A Camarilla poderá dizer que a Gehenna é um mito publicamente, mas um monte de anciões acredita nela. Por que você acha que eles estão silenciando qualquer um que fale sobre isto? Não é apenas para impedir a desordem, é porque eles estão com medo. Se *qualquer um* na Camarilla decidir que você realmente faz parte do apocalipse que está por vir, eles não irão economizar esforços. Eles irão persegui-la, e se você tiver *sorte* eles irão apenas matá-la. Se não, você será — estudada”.

Jenna estremeceu, sua pele se arrastando debaixo da marca em forma de lua sobre seu ombro. Repetidamente em sua cabeça, ela escutou Samuel citando *O Livro de Nod*, qualquer uma das dúzias de passagens, falando sobre a “Última Filha”, a mulher com a marca da lua crescente. Jenna, honestamente, não *queria* ser a salvador de ninguém, exceto talvez de seus sangues fracos companheiros. E ela *com certeza* não queria ser apanhada em qualquer frenesi de religião.

“Eu não sou a única com a marca”, ela disse. Alguns de seus seguidores haviam criado um hobby horrível de encontrar as crias com cicatrizes e marcas de nascença em formato crescente. Até agora, eles encontraram uma dúzia em LA sozinhos.

“Verdade”, disse Samuel, “mas você é a única que é adulta, sangue fraco e liderando uma revolta contra a autoridade da Camarilla. Eu imagino que qualquer um que se importe irá decidir que você seja a Última Filha”.

“Mas —”

“Nunca se esqueça”, interrompeu Samuel, “que seus maiores inimigos são aqueles interessados no que você representa para a antiga religião deles, não aqueles que querem suas ruas ou seu rebanho”.

Ele não mencionou o nome — não dessa vez — mas ele também a advertiu, repetidamente, sobre quem dos piores de seus caçadores seria: *Beckett*.

Ela estremeceu novamente apenas pensando nisso.

“Dito isto”, ele continuou, “eu irei falar para meus contatos entre o pessoal de Hardestadt. Nós vamos pôr um rumor de que você está próxima de fazer uma aliança com os MacNeils, ver se eu não consigo focar os esforços da Camarilla lá por um tempo e dar a você um descanso”.

Pela primeira vez nesta noite, Jenna Cross sorriu. “Obrigada, Samuel”.

“Como sempre, Jenna, não tem de quê”.

Fortschritt, A Casa Pai Tremere Viena, Áustria

“Beckett... você precisa acordar, Becket. Coisas a fazer, quilômetros a percorrer.

Não. Não, ele não iria acordar. Ele gostava daqui. Quietos. À deriva. Descomplicado. Lá fora – lá fora estava ruim.

“Sim, está ruim. Encaminhando para ficar pior, também. Você quer realmente perder tudo isto?”

No sonho – se sonho ele fosse – Beckett abriu seus olhos. Ele não ficou de alguma forma surpreso de ver o rosto do Malkavian, emoldurado com o rebelde cabelo loiro.

“Por isso eu estou verdadeiramente morto, então?” Beckett ponderou a noção. Não parece tão ruim”.

“Você ainda está chutando, eu receio. Embora eu tenha visto cadáveres que pareciam e cheiravam melhor”.

“Eu então estou sonhando”.

“Certo. A meia noite? A não ser que você tenha tido uma mudança de carreira tão dramática que você esteja trabalhando há dias, que não soe muito plausível”.

Beckett franziu as sobrancelhas. “Não, houve alguma coisa...”

Flashes de memória, em reverso. Ele se viu demolindo enlouquecidamente os corredores debaixo de Fortschritt, esmagando a mobília e rasgando livros até ele desmaiar. Ele se viu fugindo da câmara central, onde o ritual Tremere tinha acontecido. Ele se viu investindo em Kapaneus, viu o ancião arremessá-lo através do espaço como se ele fosse uma criança choramingando. E ele viu o

diário diante dele, que lembrou as horríveis revelações que ele continha.

“Oh, Deus...” Beckett comprimiu seus olhos para fechar mais uma vez. *Vá embora, Anatole*”.

“Não posso. Você precisa acordar”.

“Eu não quero acordar! Isto é realmente a Gehenna, Anatole! Você estava certo todo esse tempo. Este é o fim”.

“Certamente chegando lá. O leão ainda não se deitou com a ovelha, mas ele a embebedou e está chamando um táxi”.

Os olhos de Beckett se abriram novamente. “Eu mencionei que você não soa como de costume?”

“Você ficaria surpreso com o que a morte pode fazer com o senso de humor”. Anatole ajoelhou-se ao lado dele. “Beckett, me escute. Eu dei a minha existência por respostas, ou assim eu pensei. Eu lembro de afundar para dentro da massa pulsante da Catedral da Carne, e eu me regoziquei. Mas justo no fim eu senti – um chamado, eu acho, embora fosse nada tão mundano quanto qualquer ruído. Era quase como uma ânsia repentina, uma nostalgia. Eu o segui, ou parte de mim o fez.

“Você escutou rumores do meu clã, de que estamos todos conectados a um nível abaixo até do subconsciente. Isto é verdade, Beckett. As pessoas habitam aqui – pessoas e coisas, coisas que até os mais loucos de nós não conseguiria imaginar. Mas é o lar. É onde eu estou. Eu sou uma parte disto. É por isso que eu parecia diferente para você. Eu não sou mais eu.

Há o suficiente de mim para lembrar quem eram meus amigos, Beckett. Mas eu não consigo te alcançar por muito tempo. Neste momento, você está deitado de bruços em um corredor de pedra, onde você se deitou em torpor por quase três meses. Você não pode ficar por mais tempo”.

“Mesmo assumindo que eu acredite que isso seja mais do que apenas algum sonho maluco – por que não? Por que importa se eu ficar aqui? Se eu morrer aqui?”

“Por que isto importa? Não é isto o que você sempre quis saber?”

Beckett piscou uma vez no sonho – e lentamente, no mundo real, seus olhos começaram a se abrir. Anatole começou a desaparecer da visão, mas ele ainda não tinha ido.

“Anatole, você apareceu somente para mim? Lucita ficaria encantada –”

“Lucita não queria me ver mais, Beckett. Tome conta dela. Você irá se encontrar com ela antes do fim, e ela não é mais quem ela já foi. Até eu não consigo ver qual caminho ela seguirá; a escuridão em volta dela é muito espessa”.

O Malkavian agora tinha quase completamente desaparecido, substituído por uma parede de pedra embaçada, carpete rasgado e uma sensação áspera contra a bochecha de Beckett.

“Anatole... obrigado. Para o que vale a pena, sinto muito por você ter morrido”.

“Eu não estou. Você está de brincadeira? Eu apenas tive que flutuar em torno de sua cabeça e ficar oculto. Você é o pobre palhaço que teve que lidar com a Gehenna”.

E ele se foi. Lentamente, com seus membros doendo, Beckett se empurrou para ficar de pé. Ele —

Fome!

— se dobrou quando a necessidade atingiu ele. Pareceu como se a própria Besta estivesse se agarrando em suas entranhas. Se ele esteve em torpor durante meses a fio — ele tinha desmaiado de fome, ou Kapaneus tinha sido forçado a abatê-lo? — foi incrível que ele tenha tido a força para se erguer de qualquer modo.

Ele pretendia investigar o lugar, ver se Kapaneus tinha se deixado ficar por algum estranha possibilidade ou se ele tinha feito a coisa certa e se afastado, mas isto teria que esperar. Ele não podia se permitir correr para o ancião desse jeito. Dado a névoa vermelha que já obscurecia sua visão, ele não achou que ele pudesse manter o controle na presença de uma fonte de sangue. E enquanto ele não pudesse pela não vida dele se lembrar de como isto tenha acontecido, Kapaneus já tinha lidado com ele em frene-si uma vez.

Focando-se ao máximo que ele podia além da dor, Beckett reuniu quais poderes ele tinha e enviou uma convocação mental. Meses atrás, quando ainda era o domínio dos feiticeiros mortos-vivos de poder inigualável, Fortschritt estava sem dúvida vazia de qualquer animal ou verme que os próprios Tremere não davam as boas-vindas. Agora que os donos tinham desaparecido, Beckett pode somente rezar para que a natureza tivesse se reafirmado...

Com certeza, o primeiro dos ratos chegou um tempo depo-

is, em resposta a seu chamado. Beckett, com seu corpo inteiro tremendo com a necessidade de permanecer quieto, deixou ele se aproximar, e mais perto. Ele pensou, brevemente, que ele pudesse se ver através dos olhos do roedor, e ele se esforçou para se misturar com a parede, para enviar ondas tranquilizantes de calma.

O sangue do rato era fino e insatisfatório, como uma simples bolacha de água oferecida para um homem faminto. Ele gotejava, quente e vagamente azedo, garganta do Beckett abaixo, dificilmente causando um impacto no fogo intenso da sede que preenchia a sua barriga e sua alma. Ele convocou novamente. Não muitos ratos pareciam viver aqui — não para um complexo desse tamanho. Somente algumas dúzias. Colocando eles juntos, entretanto, ele era suficiente para refrear o pior de sua fome, para acalmar a Besta em sua barriga o suficiente para que ele pensasse que ele pudesse se colocar cara a cara com Kapaneus sem ir para a sua garganta. Novamente.

Muito para a surpresa de Beckett — e, embora ele nunca tenha admitido, para seu alívio — ele encontrou o ancião na câmara central onde o ritual aconteceu. Kapaneus estava sentado confortavelmente em uma cadeira que ele tinha aparentemente arrastado da parte de cima da biblioteca pública, e estava preguiçosamente revirando através de uma alta e oscilante pilha de tomos.

Ele sorriu quando Beckett entrou, e se colocou de pé. “Eu estive reunindo esses para você”, foi tudo o que ele disse. Beckett não pode evitar de sorrir em retorno.

“Você esteve aqui todo esse tempo?”

Na maior parte. Eu ocasionalmente parti para encontrar sustento, é claro. Eu ficaria feliz de assim fazê-lo novamente, se você precisar de um pouco para si”.

“Eu posso aceitar a sua proposta. Nenhum perigo de nos encontrarem aqui, presumo?”

“Nenhum. A fachada externa da edificação continuou a desmoronar. A julgar pelos sinais afixados nas portas, ela foi condenada, embora condenada pelo o *que* eu não tenho certeza.

“Seu aparelho de comunicação”, e aqui Kapaneus produziu o telefone de satélite de Beckett, “tocou frequentemente nas primeiras noites após seu, ah, incidente, mas então ele parou”.

“A bateria provavelmente descarregou”. Beckett deu uma olhada para o telefone, e se perguntou se ele conseguiria encontrar uma tomada elétrica aqui em baixo. Bem, enquanto isso...

Ele caminhou até sua sacola de equipamento, a qual foi organizada e colocada no canto, e removeu seu novo notebook. Uma rápida olhada na luz piscante indicando que ele ainda tinha energia na bateria. Ainda bem que ela não ficou sem nesses últimos meses. Hora de ver o que aconteceu no mundo durante sua ausência — logo após ele e Kapaneus foram para a parte de cima e encontraram algo um pouco mais satisfatória do que ratos.

Fortschritt, A Casa Pai Tremere Viena, Áustria

“Deixe-me ver se eu entendi”, disse Kapaneus, encarando suspeitosamente para o notebook. “Você pode receber mensagens escritas nesse aparelho, de qualquer um no mundo que tenha um aparelho similar”.

“Bem — na maioria das vezes, sim”.

“E você diz que isso não envolve magia?”

“Não. Geralmente os mesmos princípios gerais como os do telefone”.

“Fascinante”. Kapaneus inclinou-se. “E eles precisam apenas saber o nome para o qual eles devem enviar sua mensagem?”

“Novamente, na maioria das vezes”.

“Isso é verdadeiramente um mundo incrível no qual você me trouxe”.

Infelizmente, do que Beckett leu — a maior parte de Okulos, mas dos outros contatos através do mundo também — havia muito pouco a se recomendar da era moderna. Membros eruditos, oculistas e Nodistas estavam desaparecendo a uma taxa alarmante. Alguns provavelmente se foram para o solo na esperança de sobreviver a tempestade, mas Beckett suspeitava que uma quantidade deles tinha caído para a ordem mordida de ferro sobre a Gehenna. O Sabá estava degenerando para uma violenta e incontrolável quadrilha (nada disto teria ido muito longe para começar), enquanto que a Camarilla estava começando a se assemelhar ao Quarto Reich. O murchamento tinha se espalhado através de quase todos os níveis da sociedade dos membros em maior ou menor grau, e ocorrências estranhas estavam sendo relatadas de todo o mundo. A

Máscara era uma bolha de sabão, pronta para estourar; uma única catástrofe qualquer no lugar ou hora errada poderia tornar isto público.

“Você não podia apenas me deixar dormir fora assim, podia, Anatole?” Beckett resmungou.

Kapaneus pareceu igualmente preocupado enquanto Beckett resumia os atuais eventos para ele. “O que você planeja fazer?” respondeu o ancião, após um longo período de silêncio.

Beckett deu uma respirada profunda, embora fosse dificilmente necessário. “Eu vou continuar seguindo. Minha visão de mundo inteira foi — bem, toda soprada à merda e voltou. Mas isto não muda o ponto principal. Nossa espécie nasceu por uma razão, Kapaneus. Eu estou mais convencido disto agora do que nunca. Se conseguirmos um cenário final, nós muito bem teremos um cenário inicial. E eu vou descobrir isto”.

“Um objetivo admirável, Beckett. Mas se isso for verdadeiramente a Gehenna, você não terá muito tempo”.

“Não”. Beckett pareceu rogar com suas mãos. Após tantos anos de vê-las revestidas de pelos, a pele lisa parecia descaradamente não natural. “Então é melhor nós começarmos”.

Fortschritt, A Casa Pai Tremere Viena, Áustria

Beckett era um investigador experiente — como um explorador, um arqueologista, um historiador e um erudito, ele tinha de ser — mas Fortschritt guardava um *monte* de livros. Se ele tinha de seguir através deles todos, isto levaria meses, e ele sabia que ele não tinha mais a eternidade que ele antes contava. Melhor começar no centro então, e realizar. Ele começou por procurar no diário de Etrius, olhando os registros mais recentes e em ordem decrescente, enquanto que Kapaneus examinava os outros tomos que já esperavam na câmara central quando eles chegaram.

Mesmo em seu próprio diário pessoal, o maior dos magos dos Tremere estava aparentemente relutante em discutir os detalhes específicos do assim chamado rito do “Sinal Vermelho” — Beckett ainda não estava inteiramente certo de que isto era pretendido realizar, embora ele tivesse suas suspeitas — mas estava claro que os bruxos estavam assustados. Várias referências aos sinais e

presságios, a falhas dos ritos taumatúrgicos antes confiáveis, aos estágios adiantados da fraqueza do sangue, e à “mácula Tzimisce, preenchia os últimos registros. Claramente, seja qual ritual fosse pretendido fazer, Etrius o viu como a última esperança para seu clã. Ele deixou isto bem claro que se falhasse, os Tremere iriam perecer, até o último. Beckett estava intrigado em uma linha em particular, a qual leu, “Pelo menos, eu tenho a gratificação de saber que, seja qual for destino que espera por nós, se falharmos, o mesmo aguarda para os demônios também”. Mas ele não continuou a explicar, e Beckett foi logo pego na leitura sobre outras coisas.

“Beckett”, Kapanews perguntou algumas horas depois, dando uma olhada de seu próprio livro. “Você falou dos Cataianos”.

Beckett voltou a pensar nas novidades e informação que ele tinha recebido de Okulos. Se tivesse havido — ah, certo.

“Sim. Parece que eles todos praticamente desapareceram da Costa Oeste, e ninguém sabe o porquê. Francamente, eu estou tão feliz em vê-los irem”.

Parece que alguns dos Usurpadores estavam estudando eles. Sua mitologia, sua fisicalidade”.

“Interessante”. Beckett ponderou. “Eles estavam planejando tentar lançar algum rito sobre os Cataianos? Ou isso foi parte de seus estudos da natureza dos Membros, em preparação para o ritual do Sinal Vermelho?”

Isso não diz nada. Mas talvez suas atividades sejam responsáveis pelo desaparecimento dos Cataianos?”

Beckett reconheceu que isto era possível, mas que não parecia provável. Na falta de quaisquer respostas adicionais, eles seguiram em frente.

Fortschritt, A Casa Pai Tremere Viena, Áustria

Beckett finalmente fechou o diário de Etrius. Ele encostou-se de volta na cadeira, preguiçosamente selecionando em uma mancha de sangue sobre o estofamento, e deu uma olhada triste para o corpo do rebanho que estava deitado no chão ao lado dele. Ele não pretendia matar o homem, ele realmente não pretendia. Mas após seu longo torpor, ele estava achando difícil controlar a fome. Pior ainda, uma parte dele tinha que admitir que havia uma vantagem em ter deixado o homem seco - ele não teria que se alimentar novamente por um tempo, poderia gastar mais tempo na pesquisa - e ele se sentiu um pouco culpado por pensar em um de

seus assassinatos acidentais em tais termos clínicos. Foi provavelmente essa culpa, ele admitiu a si mesmo, que fez ele manter o corpo onde ele podia vê-lo, ao invés de escondê-lo em algum espaço vazio.

Kapaneus olhou para cima ao som do fechar de livro. “Você aprendeu alguma coisa?”

“Talvez”. Os olhos de Beckett permaneceram sem foco por um tempo, perdido em pensamentos. Então ele piscou, e olhou para seu companheiro.

“Os Tremere não eram particularmente interessados em onde e como surgiram os Membros. Eles estavam mais preocupados em manipular nossas naturezas e habilidades para seus potenciais plenos. Ainda assim, haviam poucas coisas aqui dentro que podia nos levar na direção certa. Você está ciente dos esforços dos Tremere em destruir os Salubri?”

Kapaneus acenou. “Esses esforços estavam a caminho bem antes de eu entrar em Kaymakli. Os usurpadores caçaram os Salubri, chamaram eles de demoníacos”.

“Certo. Em grande parte, eles obtiveram êxito. Até a alguns anos atrás, a população de Salubri estavam nos dois dígitos, ou até menos. Mas aqui”, e Beckett esmurrou uma vez o diário, “Etrius fala sobre uma Salubri chamada Rayzeel, que recentemente emergiu do torpor. Uma cria do próprio Saulot”.

“De fato?”

“De fato. Saulot era praticamente o maior erudito da natureza dos Membros e profeta da Gehenna já conhecido, sem falar do fato de que ele era mais velho do que a poeira. Rayzeel podia ser capaz de nos dizer *muita* coisa sobre seus estudos. Inferno, Saulot podia ter falado para ele sobre o começo, e sobre o próprio Caim”. Beckett tinha admitido, relutantemente, que se a Gehenna era um fato, o mito de Caim podia ser também.

“E os Tremere não estabeleceram em destruí-la?”

Beckett abriu o diário e leu. “Na luz dos eventos correntes em volta tanto do Pai quanto dos presságios nós vimos, eu não posso permitir uma fonte tão valiosa de conhecimento e informação ser varrida para debaixo de um rancor antigo — mesmo se este rancor for o nosso próprio. Eu não vou relatar essa descoberta ao Concelho, nem dizer a qualquer um onde ela pode ser achada.

Essa fonte de sabedoria eu irei guardar para mim mesmo, na esperança de que isto possa ainda nos salvar”.

“Então ela sobreviveu!” Kapaneus sorriu.

“Sim, ela sobreviveu — ou pelo menos se ela não tivesse, não foram os Tremere que fizeram a ela”.

“Então por que você soa tão desanimado?”

“Porque”, respondeu Beckett, “Etrius não se deu ao trabalho de escrever como ele encontrou ela, ou onde ela podia estar”.

“Ah”. Kapaneus ponderou. “Sim, isto poderia se provar uma dificuldade”.

Beckett amaldiçoou, e seu braço tremeu enquanto ele lutava com o desejo de arremessar o livro através da sala. “Essa Rayzeel pode ser a melhor fonte de respostas que eu já tenha ouvido falar. Uma cria de Saulot, pelo amor de Deus! E eu não tenho uma primeira maldita pista de onde procurar!”

“Nós podemos seguir através dos outros livros daqui Beckett. Certamente em algum lugar —”

“Não. Não, se Etrius queria algo mantido em segredo, ele teria se certificado disto”. Beckett suspirou. “Há uma outra pista dentro. Não tão promissora, e muito menos atraente em um nível pessoal, mas...”

“Há um tempo atrás, eu estava em Los Angeles. Bem antes dos Cataianos começarem a desaparecer, pensando bem. Eu estava seguindo histórias do caixão de Caim, de todas as coisas”.

Kapaneus ergueu uma sobrancelha.

“Sim, é mais ou menos o que *eu* pensei. Acabou sendo tão genuína quanto o penteado de um Nosferatu. Inferno, eu até escutei alguns rumores de visões de Caim enquanto eu estava lá”.

“Isso soa menos do que promissor, Beckett”.

“Certo, mas escute. Uma das pessoas envolvidas nessa confusão toda foi um líder anarquista chamado Jack Sorridente. Agora, de acordo com isso”, e novamente ele agitou o diário, “Jack se tornou um garoto ocupado após eu ter partido. Ele tem tido Membros trazendo artefatos para ele de toda parte do mundo — *verdadeiros*, não imitações. E Jack esteve agindo estranho recentemente, gastando mais tempo declamando profecias da Gehenna e citando *O Livro de Nod* do que ele estivesse explodindo coisas”.

“E você acha isso importante?”

“Bem, Jack não é o tipo de cara que eu esperaria encontrar

uma religião. Mais ao ponto, todavia, Etrius tinha o seu pessoal se aproximando de Jack, tentando adquirir alguns desses artefatos. Jack não iria vender, e os Tremere encontraram as respostas que eles procuravam em outro lugar, portanto eles nunca fizeram pressão. Mas Etrius estava convencido de que Jack sabia de alguma coisa, tinha de alguma forma adquirido algum entendimento sobre o que estava por vir. Que ele não era apenas outro Nodista renascido. Eu gostaria de saber qual é a sua fonte, e ela é muito mais fácil de encontrar do que Rayzeel”.

“De fato. Então nós partimos?”

Beckett acenou. “Nós vamos levar mais algumas noites — Cesare vai precisar todo esse tempo para voar de avião até aqui e prepará-lo para outro voo intercontinental. Mas se nós não desenterrarmos qualquer a mais nesses livros antes disto, nós vamos à LA”.

A Plantação de Thompson Fora de Savannah, Geórgia

Victoria Ash, com apenas a mais débil carranca para indicar seu aborrecimento na interrupção, botou a jovem mulher semi-consciente sobre os papéis, gentilmente pincelando o sangue de seus lábios com um lenço, e ultrapassou a porta do quarto.

“Eu acredito que eu pedi que nós não fossemos perturbados, Allan”.

“Minhas mais sinceras desculpas, Senhora Ash. Há um senhor chamado Beckett que está aqui para vê-la. Ele afirmou que é da maior urgência”.

Beckett? *Aqui?! Ash* reprimiu um breve momento de pânico. Se Hardestadt descobrisse...

Mas ela não pode apenas ordenar a ele se remover. Dentre outras coisas, ela duvidava que seus guardas fossem à altura do desafio. Melhor ver o que ele queria e conduzi-lo para fora tão educadamente — mas rapidamente — quanto possível.

Puxando um robe de seda frágil para sobre seus ombros, Ash deixou o quarto e passou para a sacada que olhava de cima do primeiro andar. Lá estava ele, perambulando por entre os itens e esculturas expostas, demorando-se — o quanto ela podia ter antecipado — sobre as curiosidades históricas. Ele deu uma olhada para cima, como se sentindo a presença dela.

“Olá novamente, Victoria”, ele proclamou com um aceno.

Com um sorriso educado, ela acenou de volta.

“Muito bem, Allan”, ela disse por sobre seu ombro. “Deixe-o esperando no escritório”. Sem esperar por uma resposta, ela retornou para o quarto e começou a se vestir com algo mais substancial.

A Plantação de Thompson Fora de Savannah, Geórgia

Victoria entrou no escritório, fechando firmemente a porta atrás dela. “Tudo bem Beckett, o que em nome dos Céus você está fazendo...”

Para a maioria dos Membros, e certamente para os guardas mortais de Ash, o homem atrás da mesa parecia como Beckett. Ele se moveu como Beckett, falou como Beckett, e até cheirava como Beckett. Mas enfraquecida como Ash estava por sua própria crise com o murchar, os poderes de percepção dela ainda eram incomparáveis, e ela conhecia Beckett pessoalmente, se não bem. Ela não tinha conseguido da sacada, mas se posicionado assim de perto, ela reconheceu o disfarce ilusório pelo o que ele era, embora ela não pudesse ver através dele.

“Quem é você?” perguntou ela, com sua voz dura, furiosa — a voz de uma anciã no seu próprio refúgio, alguém que não gostou de ser surpreendida.

“Na realidade, eu não acredito que nós fomos formalmente apresentados, Senhorita Ash”. A forma de Beckett mudou, desapareceu, revelando um homem robusto vestindo uma roupa de flanela e uma barba grande. “Meu nome é Samuel. Perdoe-me pela pequena charada”. Samuel se levantou e deu a volta na mesa. “Eu apenas tenho algumas perguntas sobre aquelas relíquias que você comprou de Beckett, e eu achei que se você acreditasse que você estivesse falando com ele...”

“Ah, pelo amor de Caim! Como você sabe sobre elas? Hardestadt que te enviou? Ele e eu já passamos por isso. Eu gostaria que você —”

A lâmina deslizou facilmente através da garganta de Ash, partindo a carne e a cartilagem com um único golpe. Não foi remotamente suficiente para decapitá-la, mas certamente a impediu de falar enquanto o ar em seus pulmões se precipitava inutilmente por sobre cordas vocais cortadas.

Ha alguns meros anos atrás, isso teria sido uma inconveniência menor. Ash teria quebrado a vontade dos vampiros bem mais

antigos do que ela debaixo do peso de suas próprias emoções, sua presença sobrenatural.

Mas agora, enfraquecida como ela estava, o sangue respondeu lentamente aos seus comandos. Ela viu Samuel recuar, mas ele não entrou em colapso em um amontoado de dizeres sem sentido quando ele deveria ter entrado. Ao invés disso a lâmina — uma arma viciosamente enganchada, não totalmente diferente daquelas usadas para destripar peixe — moveu-se rapidamente para fora novamente, e novamente. E a cada vez, a concentração de Ash, já abalada, titubeou só que muito mais.

E então Samuel *realmente* partiu para o serviço. Diferente das noites que ela passou como uma prisioneira do Tzimisce durante a ofensiva do Sabá na Costa Leste, ela nunca tinha experimentado uma tortura ainda mais remotamente como esse. Samuel removeu tiras de carne do corpo dela, centímetros de cada vez. Ele espirrava o sangue através das quatro paredes do escritório, deixou a roupa dela em farrapos. E somente quando a visão dela começou a escurecer, enquanto o mundo começava a recuar, Ash realmente percebeu o que Samuel estava fazendo.

Seu último pensamento consciente foi, *eu espero que Beckett estripe você por isso*.

Calmamente, Samuel observou enquanto o corpo rapidamente apodrecia, e um largo sorriso dividiu o seu rosto. “Da Ash às cinzas”, ele disse sarcasticamente, e deu um risinho.

Uma rápida olhada em volta mostrou que a sala parecia exatamente como ele queria. Nenhum corpo restou, é claro, mas o sangue espirrado e as roupas retalhadas certamente sugeriam um ataque feroz. A lâmina enganchada da faca deixou rasgos que poderiam facilmente serem tomadas como garras. E todos os servos viram Beckett entrar na edificação. Sim, isto deve perfeitamente ser o suficiente.

Samuel lentamente sumiu de vista — um outro uso de seus poderes de disfarce, distração e ofuscação — e prosseguiu escadas abaixo para roubar os itens que Ash comprou de Beckett a três meses atrás.

Tecidos Têxteis Gutierrez Cidade de Juarez, México

A porta despedaçou para dentro, e Fatima se posicionou na entrada aberta, lâminas em mãos, pronta para o derramamento de sangue.

Ela nem precisou se incomodar.

Tal como todas as ocorrências anteriores, a sala estava cheia apenas de vampiros em decomposição. Os corpos estavam deitados no chão, sentados em cadeiras — eles tinham morrido, todos eles, antes deles sequer terem tido tempo para se colocar de pé. E o nariz sensível de Fatima pode detectar os persistentes odores de sangue, e — estranhamente — de areia do deserto. A sala ainda estava ligeiramente quente.

Muitos da liderança da Mão Negra jaziam no chão diante dela, suas cinzas já começavam a se misturar com a poeira. Alguns podem ter sobrevivido, e Aajav Khan ainda podia estar lá fora, mas a seita dentro de uma seita que tinha aterrorizado até os mais monstruosos de Caim havia desaparecido.

E como ela fazia todas as vezes, Fatima se ajoelhou e começou a orar. Ela pediu à Allah para dar força para ela, conceder a sabedoria dela.

E ela pediu — se a estranha força que ela seguia, a criatura na qual ela se sentia inexplicavelmente atraída, era o que ela pensava que fosse — que Allah concedesse a ela a misericórdia de uma passagem rápida para a morte verdadeira como ele oferecia às suas outras vítimas.

Embalagem e Depósito de Carne do Carver Beira Rio, Califórnia

A grande câmara ecoava o som de suas pisadas no piso de concreto, ainda mais aquelas de mesmo eco que soavam apenas brevemente antes deles serem absorvidos e silenciados pelas fileiras de carne congelada.

Os vampiros não estavam interessados nas vacas mortas, é claro. Seu objetivo era a segunda sala, que entrava através do fundo do refrigerador principal.

“Eu quero saber o que aconteceu”, silvou Hardestadt raiosamente, não pela primeira vez. “Por todas as razões, eu terei cada um do pessoal dela estaqueado até o *amanhecer*”. Sua voz, tremendo com a fúria, dificilmente permanecia baixa o suficiente para que os outros, que andavam a vários passos atrás da dupla que discutia, não escutassem.

Federico di Pádua, em grande parte imóvel pela raiva do Fundador, apenas encolhia os ombros. “Enquanto eu certamente não acolho bem a notícia da morte da Senhorita Ash, Hardestadt, poderia isto não ser mais adequado? Você mesmo tinha dito que você por fim não esperava que Ash fosse concordar com isto”. Ele deu um passo para o lado e parou, permitindo a um dos carnicais

— o qual por acaso era o gerente noturno das instalações — dar um passo para a frente com a chave e abrir a porta diante dele. “Você disse”, ele continuou em um sussurro, “que ela era muito mole para isto, que você esperava que ela acabaria trabalhando contra nós. Com o traidor Bell, talvez, ou com Beckett”. Di Pádua muito deliberadamente não mencionou Jan Pieterzoon ou sua emergente seita o Nephtali, o qual foi dito estar trabalhando em cooperação parcial com os descontentes de Bell. Ash provavelmente teria se virado para Pieterzoon, com o qual ela tinha compartilhado um grande acontecimento no passado, mas trazer à tona a cria desobediente de Hardestadt não era uma boa forma de se ficar bem quisto para o Fundador.

“Então agora você tem duas soluções em uma. Ash foi tratada, e você conseguiu um caso muito mais forte para levar aos justicars e o Círculo Interno. Beckett não é mais apenas uma ameaça em potencial; ele assassinou uma respeitada anciã da Camarilla. Ele retornou aos Estados Unidos, discutiu com sua cúmplice — provavelmente sobre as relíquias que ele roubou de volta dela quando ele saiu — e retalhou a pobre mulher. Você pode ter arcontes rastejando por todo o rastro dele em uma questão de noites, incluindo a mim, se você desejar isto — arcontes muito mais confiáveis do que aquele traidor do Bell”.

Os outros recuaram mais uma vez, permitindo Hardestadt e di Pádua a entrar na sala do fundo primeiro.

A odor do vitae de Membros estava esmagador, mesmo atenuado como estava pela mordida fria do ar refrigerado. O som do gotejamento de sangue, completamente bloqueado pelas paredes da sala e a porta espessa de metal, agora preenchia seus ouvidos. O sangue coletado em drenos que foram especialmente modificados para pegar os valiosos fluidos em recipientes reutilizáveis. Se poupareis, não vais precisar.

Os Membros, a maior parte neófitos, pendurados imóveis nos grandes ganchos de metal montados nas paredes. Espetos de madeira projetavam-se de seus peitos. Grandes vasilhas de plástico se penduravam do teto ao lado deles, equipadas com tubos de beber; o sangue nesses recipientes eram essencialmente uma mistura de sangue de porco e boi — facilmente obtido em um centro de acondicionamento — com pedaços de rato, cachorro e humano misturados dentro. Uma vez a cada alguma noite, as estacas eram brevemente removidas, permitindo os prisioneiros se alimentarem. Para impedir de escapar, seus pés pendiam a centímetros acima do chão, garantindo que eles tivessem nenhuma aquisição, nenhuma alavancagem, mesmo quando eles podiam se mover. Muitos também tinham suas mãos algemadas atrás de suas costas ou do contrário amarradas.

Numerosos guardas vigiavam o perímetro da sala, ou ficavam observando a única porta. Eles estavam pesadamente armados, não que qualquer fugitivo em potencial teria a força para combatê-los mesmo se eles não estivessem.

“Isto não é ‘para melhor’”, respondeu Hardestadt enquanto ele vagava através dos corpos pendurados, procurando por todo o mundo como se ele estivesse preguiçosamente olhando os produtos em alguma butique, “porque Beckett *não* fez isso, e você e eu ambos sabemos disto. Eu certamente não objeto em usar isto contra ele, mas eu muito quero saber quem realmente fez isto, e porque eles se deram tanto trabalho em implicar Beckett. Bom para mim ou não, eu não gosto de mistérios.

Além do mais, isto nunca ocorreu a você”, continuou Hardestadt, “que eu poderia não *querer* arcontes arrastando-se por tudo isso?”

“O que queres dizer?”

Hardestadt parou em um jovem Membro em particular, um neófito que teve a audácia de matar seu senhor em defesa própria quando o vampiro mais velho tentou diablerizá-lo como um meio de superar o murchamento. O “crime” de destruir um outro Membro era a mais do que suficiente desculpa para tê-lo prendido como forragem. O Fundador correu uma mão através da costa e garganta da criança suspensa. Mesmo estaqueado e paralisado, o prisioneiro pareceu estremecer.

“Eu quis dizer, nem todos os meus arcontes são tão leais quanto você é. Com tantos de nossa espécie procurando mais sangue forte para superar seus crescentes murchamentos, muitos arcontes poderiam tentar pegar Beckett vivo. Se eles fizerem *isto*, ele poderia ser interrogado, e muitos de nossa espécie têm meios de determinar a verdade de tal interrogatório. Isto poderá resultar que ele não matou Victoria Ash”. *Outras coisas*, ele adicionou silenciosamente, *poderiam sair também, coisas que eu não preciso tornar público.*

“Sensível. Então, você gostaria que eu mesmo fosse atrás dele?”

Hardestadt olhou para o arconte. Apesar do cuidadoso uso dos criminosos e seu sangue, di Pádua estava mostrando sinais de fraqueza. A maior parte notável, a fisionomia repulsiva que ele tinha herdado de seu senhor pareceu estar desvanecendo — haviam poucas dobras, rugas e feridas em seu rosto contorcido do que até a algumas semanas atrás. Muitos Nosferatu se definiam por suas

se definiam por suas muitas feiuras, e Hardestadt se perguntava apenas sobre o que um faria se dado a chance de suspender esta maldição em particular sobre eles. *Se o sangue de neófito fez isso, o sangue tão potente quanto o de Beckett faria mais? É isto o que você deseja descobrir, Arconte di Pádua?*

“Não”, disse o Fundador, “eu não quero você indo a qualquer lugar próximo de Beckett. Na realidade, eu quero que você tente descobrir quem realmente matou Victoria, e traga suas descobertas para mim e somente a mim”.

Hardestadt continuou a cutucar e espetar, como se ele realmente estivesse escolhendo uma placa de carne bovina. “Esse aqui deverá fazer”, disse ele finalmente. “Ele irá fazer uma boa troca do habitual”.

“Tudo bem, Arconte di Pádua”, continuou Hardestadt, recusando para que os trabalhadores da instalação pudessem vir e remover a refeição escolhida do gancho. O metal deixou a carne da criança com um som de rasgo encharcado. “Você está certo de que Beckett está de volta nos Estados Unidos?”

“Não certo, não, mas quase certo. Minha inteligência o tem em algum lugar em Oregon, fazendo investigações sobre a atual situação em Los Angeles. Meu palpite é que ele está seguindo para lá em seguida, embora eu não consiga dizer o porquê.

“E você acredita na sua fonte?”

“Ele é um colega de clã meu que me passou informação anteriormente. Ele é tão confiável quanto qualquer de nossa espécie – isto é, eu acredito nele enquanto ninguém fazer a ele uma oferta melhor”.

“Muito bem”.

Hardestadt sabia que ele ia ter que encontrar alguém que ele pudesse acreditar em matar Beckett, alguém que faria o trabalho adequadamente. Visto que mesmo a confiabilidade dos arcontes estava em dúvida essas noites, ele precisaria ser alguém de fora dos canais normais. Felizmente, relutante como o fundador estava em apelar para ele, ele tinha apenas a pessoa.

Com esta decisão feita, Hardestadt afundou suas presas no neófito paralisado, desapaixonadamente drenando dele o sangue e a alma, lentamente, paulatinamente. Nem um pinga de sangue, nem uma única gota da não vida e alma da criança foi derramada. Muito depois dele ter consumido o suficiente para reabastecer sua força por muitas noites por vir, Hardestadt continuou a beber, até ele segurar nada mais do que pó em seus braços e a crescente paixão da matança em seu coração.

Aeroporto do Vale da Maça Vale da Maça, Califórnia

Apesar do substancial perigo e dificuldade avultando-se no futuro imediato, Beckett estava excessivamente agradecido que os voos, pelo menos por algumas noites, estavam chegando à um fim. Durante todo o voo de Viena para os Estados Unidos, a única paz que Beckett teve foi o repouso do dia. Cesare, sempre artificialmente leal a seu mestre, encerrou eloquentemente (ou algo como isto) por horas a fio. O quão apreensivo ele ficou quando Beckett desapareceu por meses em Viena! O quão agradecido ele estava à Deus que o Signori foi devolvido a ele! O quão preocupado ele estava que as atuais atividades de Beckett poderiam colocar a sua valiosa pessoa em perigo mais uma vez! Em inglês, em italiano, em português, ele continuou, em pessoa e ainda, às vezes, sobre o intercomunicador.

Ainda pior, para os olhos de Beckett, era o fato de que a constante efusividade de Cesare serviu como uma lembrança constante de que ele tinha escravizado a mente e emoções do homem. Beckett – um viajante do mundo, um Membro independente e um grande crente nas liberdades pessoais – sempre achou esta noção perturbadora, não importa qual tipo de giro ele tentou pôr nisto.

Entre os solilóquios, nos voos além-mar e durante várias noites gastas no Lakeside, Oregon, Beckett e Kapaneus haviam discutido suas atuais situações e planejaram o melhor que puderam. Frequentemente aconselhado por Okulos via telefone ou e-mail, a dupla tinha uma clara ideia do que estava pela frente em Los Angeles. E isto não parecia bom.

“É como a ofensiva Sabá tudo de novo”, Okulos tinha dito a eles num dado momento. “Na realidade, é pior. Pelo menos, você tinha os arcontes e príncipes andando por aí tentando reforçar a Máscara, limpando após as várias batalhas. Dessa vez, a Camarilla parece muito focada em retomar LA e se preocupando sobre o murchamento para lidar com qualquer outra coisa a mais. Até agora, todas as notícias ainda estão presas em tumultos, terrorismo e guerras de gangue, mas eu não sei por quanto tempo isto vai durar. Essa coisa toda vai explodir sobre nós, mas isto é bom, Beckett, e eu iria tão logo você não estivesse lá quando isto acontecer”.

“Explique para mim”, respondeu Beckett para ele, “como essa coisa foi arrastada por mais de três meses. O cerco em média é uma questão de noites, talvez algumas semanas. Nessa altura todos os líderes locais da seita também teriam fugido ou sido alvo”.

“Números, meu amigo. Os sangues fracos são um pouco mais numerosos do que os cruzados do Sabá”.

“Que tipo de números nós estamos falando?”

Okulos murmurou algo, quase muito baixo para Beckett pegar.

“*Quantos?!*” Beckett ficou atordoado, certo de que ele ouviu mal seu velho amigo, que a conexão de satélite deve estar defeituosa.

“Centenas, Beckett”, repetiu Okulos mais ruidosamente. “Literalmente. Eles vieram de toda as partes do mundo, reunindo-se ao estandarte da Cross. Não tenho ideia de como LA sustenta eles por esse tempo todo sem desmoronar”.

“Jesus...” A Camarilla foi acostumada a pensar em termo de talvez uma centena de combatentes, no máximo, em ambos os lados de um conflito. Se LA estava verdadeiramente servindo de refúgio para centenas de sangues fracos, não era de se admirar que o Círculo Interno não tivesse ainda lançado quaisquer maiores ofensivas sobre o refúgio da Cross ou outros centros de poder dos sangues fracos. Eles estavam lutando uma guerra de atrito, tentando diluir os números através de escaramuças – lutas onde números absolutos superavam suas próprias maiores forças e experiência.

Após aprender isto, Beckett decidiu pousar no Vale da Maça, a quase cento e sessenta quilômetros fora de LA. A Camarilla, aos anarquistas de MacNeil e os sangues fracos de Jenna Cross estariam todos observando o LAX e os outros aeroportos de Los Angeles muito de perto, alerta a qualquer sinal de reforços do inimigo. Eles teriam espíões e talvez soldados se amontoando por todo um Gulfstream de propriedade privada mais rápido do que você pudesse dizer “inspeção alfandegária”. Okulos providenciou um carro de aluguel, adquirido através de tantas camadas que ninguém iria sequer conectá-lo à Beckett, esperando por eles. Era quase duas horas dirigindo para LA adequadamente – dado que eles planejavam evitar qualquer uma das maiores rodovias e vias urbanas – mas desde que eles chegassem suficientemente no início da noite, isto não deveria se apresentar um problema. A Cesare, para desgosto dele, foi ordenado esperar no Vale da Maça,

e manter o avião pronto para uma rápida decolagem. Beckett na realidade suspirou aliviado enquanto a porta do carro fechava entre ele e seu carniçal efusivo.

“Então”, se ofereceu Kapaneus após muito do percurso ter se passado, o silêncio se quebrou somente pelo ronco dos outros motores na rodovia e o som do rádio, sintonizado em uma das estações de notícias de LA. “Nós temos algo que se assemelhe a um plano?”

Não foi uma pergunta ociosa. Beckett não sabia precisamente onde Jack Sorridente poderia ser encontrado. Qual inteligência Okulos foi capaz de reunir que sugeriu que o profeta de merda e anarquista tomou partido dos sangues fracos, estranhamente suficiente, e não os MacNeils, mas isto realmente não facilita muito as coisas. Os sangues fracos ainda controlavam a maior parte de LA, e eles tinham dúzias de áreas de encenação e refúgios comuns espalhados através da cidade. A Camarilla — e os próprios contatos Nosferatu de Okulos — obteve êxito em localizar a maior parte deles, mas tirando a ocasional perseguição pela polícia local e outros peões, não tinha efetivo e poder de fogo para lutar contra eles diretamente. E dado a segurança que deve ter esses lugares — Cross estaria indubitavelmente preocupada com os assassinos da Camarilla — Beckett não apreciava muito a ideia de ele tentar entrar sorrateiramente. Normalmente ele apenas teria feito notar-se a sua presença, perguntando por aí sobre a Cross até ela ouvir falar de seus interesses e *encontrá-lo*, mas ele realmente não precisava anunciar a sua localização à Camarilla.

“Claro que eu tenho um plano”, disse ele ao seu companheiro após um momento de ponderação. “Eu vou chamar o Okulos e ver se ele pode usar qualquer de seus contatos para descobrir qual dos refúgios dos sangues fracos serve especialmente como quartel da Cross”.

“Você acredita que Okulos será capaz de descobrir isto enquanto que os arcontes de Hardestadt não conseguiram?”

“Você ficaria surpreso com o que Okulos consegue fazer”.

“Tudo bem. Assumindo que ele consiga descobrir, e depois?”

“Depois eu vou bater na porta e pedir para entrar”.

O ancião olhou fixamente. “Quem dera”, disse ele após uma breve pausa, “que eu acreditasse que você estava brincando”.

“Eu também”.

O Vale de São Fernando Los Angeles, Califórnia

As coisas não vêm a ser assim *muito* fácil. Beckett e Kapaneus conseguiram evitar de capturar qualquer sombra quando eles entraram na cidade — mesmo com seus números substanciais, os sangues fracos estavam muito amplamente espalhados para observar todas as rotas para Los Angeles. Entretanto, enquanto eles se aproximavam da propriedade que um incrédulo Okulos tinha indicado como a casa de Cross, dois outros veículos apareceram da outra direção e bloquearam a rua. Um terceiro carro bloqueou a rua por trás deles. Três pessoas surgiram de cada carro, cada um deles armado, enquanto que um quarto permaneceu atrás do volante.

Beckett sorriu seu melhor sorriso enquanto o primeiro dos sangues fracos se aproximava do carro. “Eficiente”, ele se anunciou, ao descer a janela. “Bem organizado. Vocês são bons”.

“E você é estúpido, se você pensou que poderia apenas entrar aqui sem pedir licença”. Ele ergueu uma pistola que, do ângulo de Beckett, pareceu ser aproximadamente do tamanho de um morteiro, e gesticulou. “Saia do carro”.

“Bom de ver que vocês estão mais civilizados do que os rumores contam”, continuou Beckett, abrindo sua porta e se movendo para Kapaneus fazer o mesmo. “Eu meio que esperava que vocês apenas atirassem no carro e considerassem terminado”.

“Ah, não de todo”, o sangue fraco respondeu com um sorriso afetado. “Nós vamos atirar em você *aqui*, e então decapitar seus corpos. Você tem alguma ideia do quão difícil é mover um carro perfurado com buracos de bala sem chamar a atenção?”

Beckett virou seu olhar fixo sobre o homem diante dele, encarando através de suas tonalidades. “Não há necessidade para isto. Nós apenas queremos falar com Jenna Cross. Só isso”.

“Certo. *Claro* que você quer. E por que eu vou acreditar que você não é apenas outro pistoleiro da Camarilla?”

Beckett sorriu — e então desapareceu. Uma fina torrente de neblina fluiu rua abaixo, desaparecendo em uma das sarjetas. Um tempo depois ela levantou de um poço de visita próximo e ficou mais uma vez humano no tamanho e forma.

“Porque”, disse Beckett, ignorando as expressões aterrorizadas e os numerosos canos apontados para sua direção, “se eu real-

mente quisesse entrar na casa de Cross sem ser parado, eu assim poderia ter feito. Mas eu *queria* que você me visse chegando, para provar que minhas intenções não são hostis”.

“Nós temos formas de detectar coisas como esta”, zombou a sentinela. Sua voz preocupada, entretanto, contradisse suas palavras. Sem dúvida de que ele era também muito jovem para ter sequer visto um vampiro assumir a forma de uma névoa, ou então ele nunca viu ser feito tão *rápido*.

“Estou certo de que você consiga. Você quer ficar aqui e argumentar um pouco mais, filho, ou você quer nos deixar falar com sua chefe? Nós apenas temos algumas perguntas, então nós vamos embora. Eu não dou a mínima sobre quem governa LA”.

Um dos outros vampiros avançou para o lado do primeiro. Por um momento ela encarou Beckett, duro, examinando ele com sentidos mais do que humanos. Então ela começou a falar, sua voz mal era um sussurro, mas a audição sensitiva de Beckett foi mais do que capaz de pegar as palavras.

“Eu não acho que ele esteja mentindo para nós, Mike. Eu poderia dizer se ele estivesse com medo, e ele não está”.

“Apenas significa que ele é um insensível, é tudo. Eu não gosto disto”.

“Você não tem que gostar”, interveio Beckett calmamente, muito embora eles sempre pretendiam envolvê-lo na conversa. “Você apenas tem que perguntar à sua chefe sobre isto”.

Aquele chamado de Mike olhou com desconfiança, mas aparentemente decidiu que o invasor estava certo. Ele enfiou a mão em um bolso atrás de um telefone celular.

“Lizzie? Mike. Escute, há alguém aqui que quer falar com Jenna. Não, ele não é um de nós, mas também eu não acho que ele seja uma arma da Camarilla. O que? Espere”. Ele abaixou o telefone ligeiramente. “Qual é o seu nome?”

“Beckett”.

Refúgio de Jenna Cross no Vale de São Fernando Los Angeles, Califórnia

“Ele está *aqui!*” Jenna, pálida até para um vampiro, estava praticamente sussurrando em seu telefone, com sua voz tremendo com um medo que qualquer Membro experiente reconheceria como sobrenatural. Seus subordinados tinham puxado ela para fora de uma reunião importante para dizer a ela quem estava aqui,

e ela imediatamente chamou o único homem que ele pensava que pudesse ajudar. “O que diabos ele está fazendo *aqui*, Samuel?”

“Eu honestamente não tenho ideia, Jenna. É por isto que você vai falar com ele”.

“O que?! Eu vou ter o bastardo morto antes dele colocar as suas garras em mim —”

“Jenna, você me chamou por meu conselho, correto? Eu estou te aconselhando a não ser estúpida. Você não conhece Beckett, por tudo que disse a você sobre ele. Isso não é como suas batalhas com a Camarilla. Beckett não quer as suas vizinhanças, e se ele estivesse aqui para te matar, ele não teria se anunciado. Ele não vai ficar e lutar, ele vai correr, e as chances de seu pessoal matar ele antes dele escapar é praticamente zero. Então ele vai saber que você está em cima dele, e ele não mais se incomodará de ser sutil”.

Jenna começou a andar a passos largos nervosamente, um hábito na qual ela nunca teria saciado se qualquer de seu pessoal pudesse vê-la. “Você me disse que ele era o maior nome Nodista lá fora. Que se ele descobrisse quem eu sou”, e aqui ela distraidamente esfregou a marca crescente em seu ombro com sua outra mão, “ele iria me matar também, na esperança de alguma forma evitar a Gehenna, ou ele tentaria me levar viva para estudo”.

“Correto. Mas ele não sabe ainda quem você é. Se ele soubesse, ele teria se aproximado muito diferente. Descubra o que ele quer e faça ele sair de lá rapidamente, e você não ficará em risco. Após isto, você pode negociar com ele quando você quiser, antes dele *realmente* se tornar uma ameaça”.

Jenna suspirou. Ela não gostava disto, mas Samuel ainda não a tinha orientado errado. De todos os vampiros que ele se encontrou desde a sua própria não ortodoxa entrada para a sociedade dos mortos vivos, ele era um dos poucos que ela acreditava. Ela irá falar com Beckett, descobrir o que diabos ele estava fazendo aqui. E então — *então* ela o destruiria, antes que ele tivesse a chance de fazer o mesmo a ela.

Refúgio de Jenna Cross no Vale de São Fernando Los Angeles, Califórnia

As catacumbas do subterrâneo, tumbas amaldiçoadas, cavernas assombradas — todas essas, Beckett poderia lidar. Todavia, ele

era tão acostumado a lidar com o anormal, ele praticamente havia esquecido que a maioria dos vampiros tentava tornar seus arredores tão inócuos quanto possível.

A sala era tão descaradamente suburbana que ela poderia ter saído direto de uma comédia ou páginas da *Casas e Jardins Melhores*. A mobília, do sofá de couro à mesa de café de latão e vidro, foi colocada apenas bem em volta da sala. As janelas se vangloriavam de cortinas e sanefas combinantes, e a lâmpada parecia menos uma fonte de luz e mais uma peça de arte pós-moderna. O carpete era azul espuma do mar, e as várias bebidas sobre a mesa ainda sentadas em porta-copos combinantes.

Nenhum deles, entretanto, mascarava a sensação palpável de hostilidade que Beckett sentia quando ele foi conduzido sozinho para a sala. Foi pedido a Kapaneus a ficar para trás com os guardas como uma mostra de confiança. Não era os dois homens que caminhavam ao lado dele, com Berettas em mãos. Não era o fato de que a casa estava formigando com sangues fracos suficientemente armados para enfrentar um cartel de drogas inteiro. Não era até os brilhos de desconfiança que ele pode sentir pressionando sobre ele enquanto eles se moviam através dos corredores da grande casa, lançado em seu caminho por aqueles que conheciam somente a opressão dos vampiros da idade e poder de Beckett.

Não, quando a inócua aparência de Jenna Cross se levantou de sua cadeira de couro e encontrou seus olhos, Beckett soube que o sentido de ameaça, o pesado ódio que ele podia praticamente cheirar no ar, a ameaça que colocou a Besta dentro dele compassar sua jaula espiritual, vinha dela. Beckett não tinha ideia do porquê, considerando que ele nunca se encontrou com a mulher, mas o completo ódio dela por ele era inconfundível.

Ela vestia botas de solado grosso, um par de jeans e um moletom de manga longa que de alguma forma não parecia o estilo dela. Seu cabelo estava amarrado para trás em um simples rabo e ela apertava uma pistola Desert Eagle semiautomática em seu punho direito.

“Meu nome é Beckett”, começou ele, decidindo tomar a iniciativa antes disto tomar ele. “Você pode ter ouvido falar sobre mim”. Um toque arrogante, talvez, mas Cross precisava aprender do princípio disto, armas e guardas à parte, ela *não* estava no controle aqui.

“Eu ouvi falar de você”. Cross olhou com desconfiança, e o clique dela manuseando o liga e desliga da trava de segurança da pistola, liga e desliga, que servia como uma linha harmônica

ameaçadora a suas palavras. “Você é um ancião. Apenas um outro vampiro fodido”.

“Como você?”

“Não. Eu ainda lembro o que significa ser humano”.

Beckett sentiu seu ânimo se elevando, sua raiva aumentando. Ele queria responder à ameaça no tom dela, rasgar nessa arri- vista arrogante vários novos orifícios. Entretanto, dado a quanti- dade de armas na sala, e a quantidade de sangues fracos furiosos segurando elas, ele decidiu se conter. O mais importante ainda, entretanto, agora que ela estava falando, Beckett poderia apanhar uma tendência subjacente a sua hostilidade. Mais do que odiar ele, Jenna Cross estava com medo dele.

Mantendo sua voz calma, ele respondeu, “Eu não sou como os seus inimigos, também. Se você ouviu falar de mim, você sabe que eu não sou um dos soldados de Hardestadt. Eu não estou aqui como seu inimigo, e eu poderia dar a mínima a quem vencer essa pequena guerra que vocês têm feito.

“Certo. Então é uma coincidência você estar bem aqui no meio desta guerra”.

“Praticamente”. Beckett deu um único passo à frente – le- vantando suas mãos, palmas para fora, ao mesmo tempo, em sinal de que ele não estava se movendo para atacar. “Olha, Cross, eu não conheço você, mas eu sei que você não é estúpida. Você não poderia ter aguentado por todo esse tempo contra a Camarilla se você fosse. Portanto você sabe que algo está acontecendo aos Mem- bros por toda a parte. Presságios estranhos, fraquezas esquisitas. Alguns de nós acham que a Gehenna está aqui, e que faria de sua pequena insurreição bem mais um ponto a discutir de qualquer jeito, não faria?”

Cross rosnou baixo em sua garganta, e sua mão apertou tão duro que o cabo de sua pistola rachou. Beckett, surpreso, na reali- dade recuou este passo que ele tinha dado. Ele estava acostumado a reações fortes à ideia do fim do mundo – isto tinha enviado ele para meses de desespero afinal – mas ele nunca viu tal raiva desnudada antes.

“O que diabos eu tenho haver com algum apocalipse mítico?” Cross rosnou para ele.

“Você? Até onde eu sei, absolutamente nada. Eu estou aqui para ver o Jack Sorridente”.

Seja o que for que Cross estava esperando dele, isto claramente não era. Pela primeira vez, Beckett viu não apenas raiva, mas confusão cintilar através das feições dela.

“Jack Sorridente. Eu sei que ele está envolvido no que está acontecendo aqui, e eu sei que ele está do seu lado, não dos outros anarquistas, embora eu admita que eu não estou certo do porquê. Eu tenho razões para acreditar que ele saiba algo sobre o que está acontecendo, e eu quero falar com ele sobre isto”. Beckett sorriu, embora se isto significasse se tranquilizar, ao invés falhou dramaticamente. “Honestamente, Cross, isso na realidade não te diz respeito de modo algum. Você é apenas a única pessoa que eu sabia sobre quem poderia nos colocar em contato, e você é mais fácil de achar — embora marginalmente — do que ele.

A expressão de Cross oscilou — e então sua mandíbula apertou. “Não. Isso é besteira”. Ela levantou a sua arma, e Beckett não teve que olhar atrás dele: ele podia escutar os outros na sala reagindo da mesma forma. “Você passou por todo esse trabalho de me rastrear, só porque você pensou que eu pudesse atuar como casamenteira com o Tio Jack? Eu acho que porra nenhuma”.

Tio Jack? Interessante.

Apesar de que, francamente, a escolha dela de apelidos era de importância secundária. Seja por qual razão, Cross claramente pensou que Beckett estava aqui por outra razão, pensou nele como um inimigo, e aparentemente ela não estava inclinada a se deixar ser falada da referida ideia. Beckett ficou tenso, a pontas de seus dedos queimavam enquanto suas garras deslizavam de suas bainhas carnudas. Se Cross pensou que um monte de crianças com armas fosse ser o suficiente para derrubá-lo, ela estava prestes a cometer um enorme erro.

“Você”, disse uma voz da copa, uma voz que Beckett nunca tinha pensado em escutar novamente, “você está prestes a cometer um enorme erro”.

Todos os olhos na sala se viraram. Lá, na entrada, estava uma mulher de cabelo preto, vestida quase inteiramente de preto.

“Bem”, disse Beckett, endireitando-se do agachamento que ele tinha instintivamente adotado em preparação à carnificina, “eu serei amaldiçoado”.

“Lucita”, disse Cross, sua voz trêmula com a fúria mesmo quando ela tentava permanecer polida. “Eu aprecio o seu conselho — e sua paciência, em esperar por mim enquanto eu lido com esse outro assunto — mas isso não é da sua conta. Se você deseja discutir uma aliança —”

“Então”, interrompeu Lucita, “cabe a mim garantir que meu aliado em potencial sobreviva tempo o suficiente para ter tal discussão”.

Cross permitiu-se um único zombar “Há!” escapar de sua garganta. Então, “Seja quem for Beckett, ele não vai derrotar seis de nós com armas, Lucita”.

“Sim, ele vai”.

Não foram as palavras de Lucita tanto quanto o tom dela que reprimiram seja qual fosse o protesto a mais que Cross pudessem ter feito. A anciã claramente acreditava no que ele estava dizendo — e se ele acreditava, Cross de repente teve que se questionar se ele deveria também. Relutantemente, ela abaixou a sua pistola.

“Eu tomarei isto como um favor pessoal”, continuou Lucita quando as coisas pareceram ficar bem em seu caminho para se acalmarem, “se você considerasse conceder o pedido de Beckett. Isto formaria uma base sólida de boa vontade para nossas futuras negociações”.

“Que seja”. Cross se virou para seu companheiro mais próximo. “Tabitha, vá dizer ao Tio Jack que ele tem uma visita”. Ela se virou mais uma vez para encarar Beckett funestamente. “E diga a ela que nós temos merdas *importantes* para se preocupar, portanto faça isto rápido”. E então ela saiu da sala fazendo barulho, deixando um perplexo Beckett se perguntando apenas para o que diabos ele tinha caminhado.

Refúgio de Jenna Cross no Vale de São Fernando Los Angeles, Califórnia

Com um “Espere aqui!” rosnado de um vampiro sangue fraco que provavelmente não tinha melhor razão para odiar Beckett e Lucita do que eles serem anciões, a porta da casa se fechou. Os dois Membros encontraram-se sozinhos na varanda dos fundos, olhando para fora sobre um jardim dos fundos que parecia ter sido profissionalmente ajardinado e mantido.

“Bem”, comentou Beckett, lançando o olhar em volta cautelosamente, “isso é bem suburbano”. Ele deu uma risada, tristemente. “Parece que Cross não está no humor para finalizar o seu encontro agora...”

Lucita franziu as sobrancelhas. “Essas crianças arrogantes precisam aprender algum respeito por seus anciões”.

“Para ser justo, Lucita, todos os anciões que eles sempre encontraram queriam ou mata-los ou oprimi-los. Eu também não estou completamente emocionado com as atitudes de Cross, mas é compressível...”

“Eu não tenho interesse em ser justa, Beckett. Eu demandando o respeito que me é devido, e ponto final. Estava pior mais cedo. Eu tive o pior no momento que ela recebeu a chamada de telefone dizendo que você estava aqui”.

Beckett deu olha olhada de lado em Lucita. Era uma vez, Anatole, ela e Beckett eram companheiros de viagem, aliados, até – talvez – amigos. “Ainda assim você interveio para me ajudar. Eu aprecio isto”.

“Eu também não tenho interesse nos seus agradecimentos. Nós nos assistimos um ao outro várias vezes no passado. Eu simplesmente desejo garantir que nenhuma dívida permaneça entre nós – pelo menos de minha parte”.

“Certo, escute”. Beckett se virou para encará-la, olhos estreitados. “Eu sei que nós não nos falamos muito desde – bem, nos últimos anos, mas eu não acho...”

E então Beckett olhou para Lucita – *realmente* olhou para ela. Ele pegou na nítida aparência da expressão dela, a completa ausência de quaisquer movimentos e gestos humanos, traços que ela uma vez tentou emular como um meio de se ligar ao que ela já foi uma vez. Ele olhou para os olhos dela, e viu nenhuma emoção salvo uma raiva crescente refletida no seu íntimo.

E então ele olhou ainda mais profundo, rude quanto poderia ser, espiando através da carne morta as cores sinuosas das emoções e da alma dentro.

“Ah, porra...”

Rosnou Lucita. “Eu não te dei permissão para me ler, Beckett”.

“Para o inferno com a sua permissão! Maldição, Lucita, o que *aconteceu* com você? Eu escutei rumores de que você se juntou ao Sabá, eu imaginei que você tinha as suas razões... mas *isso*?! A sua humanidade era o que separava você do seu senhor, Lucita, e você jogou isso fora, porra! Você está se tornando *ele*”.

“Você... não... ouse!” A escuridão em volta dos pés de Lucita começaram a se bater e tremer, as sombras começaram a crescer em direção a uma única iluminação externa que iluminava o jar-

dim. “Você *jamaiz* me compare ao Monçada! Eu *não* sou como ele era, e eu nunca serei!

“O que eu *sou*”, ela continuou, apenas um pouco mais calmamente, “é honesta. Eu tive mais tempo do que você para examinar nossa situação, Beckett. Eu aprendi que qualquer tentativa de se prender à moralidade e à fé do que nós fomos está condenado”.

“Certo, e aqueles de nossa espécie que assim conseguiram por mais tempo do que você esteve por aí, eles são o que? Todos acasos? E mesmo se eles fossem, existem outros cainhos, Lucita, outras opções que não exigem que você se torne o que você sempre lutou contra”.

Os olhos de Lucita se estreitaram. “Beckett, como nós fomos companheiros uma vez, eu irei explicarei isso tudo para você. Minha constante oposição a meu senhor, Monçada, era uma âncora sobre a minha alma. Mesmo quando o monstro estava morto, eu estava tão determinada a não me tornar o que ele era, que eu me tornei nada de todo. Agora — agora eu aceitei o que nós todos somos, e isto me permitiu seguir em frente. E isto, para ser franca, é tudo o que eu me preocupo em lhe dizer. Eu deixei o que eu era para trás, Beckett, e eu particularmente não me preocupo se isto te ofende. Eu devo a você nenhuma explicação adicional”. Ela começou a se afastar.

“Sério? E sobre Anatole, Lucita? Você teria explicado para ele? Você *conseguiria*?

Lucita girou para trás com um silvo algo entre de um gato furioso e uma víbora surpreendente. As mãos dela se ergueram, as sombras se esticaram para reivindicar Beckett, para rasga-lo membro a membro. Ele retesou também, preparando-se para saltar, para tentar o mais difícil para arrancar a garganta de sua velha companheira antes que o Abismo pudesse ganhar o controle sobre ele.

“Isso é um sério calmante, cara. Vocês deveriam pelo menos ter me dito o que vocês queriam me ver para antes vocês matarem um ao outro, certo?

Ambos se viraram para ver um homem de pé na entrada. Ele vestia uma calça esfarrapada, sandálias, uma túnica de lã manchada. Seu cabelo e barba estavam emaranhados com sujeira e sangue. Ele saiu para o jardim, se colocando entre os seus dois convidados.

“Jack Sorridente?” Perguntou Beckett, mais um senso de polidez do que qualquer incerteza.

“Não mais tão sorridente, certo?” O velho anarquista deu

uma risada. “Mas sim, ele sou eu. Ou algo parecido. E você é Beckett”.

“Sim.”

“Você quer fala comigo sobre a Gehenna?”

“Dentre outras coisas”.

“Lucita olhou de relance de um para o outro. “Beckett”, ela finalmente perguntou, “isto é real? Nós todos vimos os sinais, nós todos começamos a sofrer o murchamento, mas podem haver outras explicações...”

“Não, Lucita. É real. Já começou”.

Por um momento, Lucita caiu em silêncio. Ela sabia que assim fosse, mas escutar isto ser confirmado do indivíduo que ela mais esperava — apesar dela própria — que forneceria uma explicação alternativa...

“Muito bem”, ela respondeu após um momento. “Então eu farei parte dessa conversa também. Eu saberia de tudo que está acontecendo, Beckett”.

Considerando que eles estavam a passos de arrancar um do outro membro a membro, Beckett considerou se recusar, mas decidiu que não valia o esforço — ou a inevitável violência.

“Caminhem comigo”, Jack disse a eles, e começou fazendo seu caminho através do jardim.

E a caminhada eles fizeram, através dos caminhos do jardim que levaram eles através dos buracos nas cercas. Casa após casa tinham jardins similares, e Jack parava e se ajoelhava para examinar quase todos os arbustos. Rosas aqui, filodendros lá, lírios crescendo em volta de um lago de koi. Todos eles pareciam em ótima saúde, seus caules ou ramos altos e grossos, flores abertas e exuberantes mesmo a noite.

“Tenho regado eles eu mesmo”, explicou Jack, embora ninguém tenha feito uma pergunta. “Meu próprio sangue, cara, e um pouco dos agentes da Camarilla que nós capturamos em nosso território. Faz elas crescerem bonitas e fortes, vê?”

Lucita e Beckett trocaram olhares. “E os vizinhos não objetam você de vir por dentro de suas propriedades e despejar sangue?” perguntou ela.

“Nem. Nós possuímos metade da quadra. Não no papel, é claro, mas há toda uma métrica carrada de carniçais vivendo nessa vizinhança agora. A única forma de nós podermos ter um lugar para tantos de nós”.

“Nós”, Beckett papagueou de volta. “Você não é sangue fraco, Jack. Por que você está com eles?”

“Porque este é o fim, Beckett, como você disse. E os sangues enfraquecidos vão vir para o topo. Não é bom fazer o velho povo vir atrás deles. Eles não têm sangue suficientemente grosso para se preocupar. Por que você acha que o murchamento não os afetou, quando isto pegou quase todos os outros malditos com mais de dezesseis se mijando nas calças?”

Beckett franziu as sobrancelhas. Todos? Não, isto não pode estar certo. Ele mesmo não tinha se sentido mais fraco do que ele já esteve. Um pouco cansado, talvez, mas isto podia tal como facilmente ser atribuído ao estresse e as frequentes (até para ele) viagens. E haviam as suas mãos, é claro, que sugeriam que ele não permanecia ileso. Mas ele certamente não estava desvanecendo, não estava perdendo a sua força.

Entretanto, ele decidiu não trazer isto à tona por enquanto. Não faz sentido mostrar a todos o que podia tornar-se um ás extra na sua mão.

Jack parou no lago de koi, enfiou sua mão nele com uma velocidade relâmpago e retirou com um peixe surrado. Ele o lambeu uma vez, encolheu os ombros e o arremessou de volta. “Sendo alimentado pelas plantas regadas com sangue”, ele explicou. “Queria ver se algo do vitae foi passado”. E então, mais uma vez, eles caminharam.

“Jack”, Beckett finalmente se interpôs minutos depois, “eu não queria interromper a sua jardinagem, mas —”

“Caim veio até mim, você sabe”.

Beckett piscou. “O que?”

“Sim. Você estava aqui, na cidade. Eu sei que você estava. A coisa toda com o caixão, aquilo era falso. Inferno, mesmo após eu ter falado para Caim, eu não estava realmente certo que ele era a real questão. Pode *não* ter sido, eu acho. Mas havia *algo* sobre o cara, algo importante”. Ele deu uma olhada de lado para Beckett. “Algo similar a você, na realidade. Você foi tocado, se não pelo Pai Sombrio então por algo quase tão antigo”.

Beckett se perguntou brevemente se seu tempo em Kaymakli o tinha de alguma forma marcado.

“Ainda assim, homem, era tudo apenas conversar no início. Eu imaginei eu pudesse pegar todos irritados sobre a Gehenna, talvez pegar os anarquistas se movendo novamente, você sabe? Nós estávamos muito dispersos pela Camarilla e a Nova Promessa Seja Lá o Quê, e eu pensei, merda, as pessoas acham que a Gehenna está vindo, talvez elas irão sair de suas hemorroidas sem sangue e fazer alguma coisa.

“E então assim eu encontrei Jenna Cross. Uma de vinte e dois anos que abandonou a faculdade, não sabia se ela queria fugir do dinheiro do papai ou estourar tudo em bebida. E ela tinha a marca de nascença...”

Beckett ficou tenso. “A lua crescente? Você encontrou a Última Filha?!”

“Quase. Levei ela a um tatuador que eu conhecia para retocá-la um pouco. Mas veja, eu imaginei — e eu disse a ela o mesmo — que ela fosse um adereço. Ela iria me ajudar a criar um bom caso para a Gehenna. Como o caixão, e os outros artefatos que eu venho juntando”.

Beckett começou a sentir uma sensação de afundamento em seu estômago.

“E então”, Jack continuou, sua voz ficando baixa, quase reverente, “ela veio até mim uma noite — e ela não era mais uma carníçal. El era uma de nós. Sangue enfraquecido, sim, certo, mas uma fodida classe A, até o fim, noventa e nove por cento e quarenta e quatro e um centésimos pura vampira”.

“Alguém a Abraçou sem a sua permissão?” Lucita perguntou.

“Nem, esta é a grande questão. *Ninguém* Abraçou ela!”

Beckett e Lucita pararam de caminhar. Jack continuou por um momento antes dele perceber que ele estava sozinho, e voltou para eles.

“Sim, isto é algo, não é?” deu ele uma risada. “Quero dizer, vocês todos escutaram sobre os anciões ficando fracos — ou algum deles ficando mais fortes e mais fracos, como maníacos depressivos sob PCP, certo? Tenho feito isto eu mesmo. Nas noites boas, isto é uma verdadeira adrenalina, cara. Nas outras...”

“Mas você não escutou tudo isto, escutou? Algumas merdas realmente estranhas estão ocorrendo, os trastes da Circuncisão Interna não querem que as pessoas saibam. Alguns carníçais antigos se ergueram e morreram, como o sangue que não era mais forte o suficiente para impedi-los de se decompor. E alguns outros carníçais — como minha Jenna — foram para outro caminho. É como se eles apenas acordaram e o sangue tinha se fortalecido, tanto que

eles não eram mais humanos. Até onde eu sei, Jenna foi a primeira”. Jack encostou-se e enfiou o seu rosto em uma roseira, inalando profundamente para pegar a essência. Ele parecia notar ou se preocupar sobre os espinhos furando o seu nariz, suas bochechas, seus lábios.

Isto era possível, bizarro como ele soava. Alguns dos rumores que Beckett pegou, do Okulos e outros, sugeria que parte do que estava acontecendo era até mais estranho do que o murchamento. Neste ponto, Beckett não estava inclinado a rejeitar qualquer coisa fora de controle. Uma rápida olhada na expressão de Lucita o convenceu que ela sentiu o mesmo.

Beckett acenou para o velho anarquista continuar.

“Portanto eu percebi que Caim me colocou no caminho”, continuou Jack, se colocando de pé, “mesmo se eu fosse muito idiota para ver isto a princípio”. Ele se esticou até seu bolso de trás, retirou um isqueiro BIC e um cigarro encurvado, e o acendeu, encolhendo-se levemente enquanto ele trazia a chama para próximo de seu rosto. “Eu tenho tentado dizer a todos que fossem ouvir o que está vindo, que eles têm que se preparar para serem julgados. Jenna me mantém por perto para ministrar os sangues fracos, e porque ela sabe que eu tenho enfrentado os Camaretardados a muito tempo e sabe como fazer isto. Apesar de que, ela ainda não acredita realmente que a Gehenna esteja aqui. A ideia a assusta por algumas razões – quero dizer, assusta mais do que qualquer outro”.

“E seu conhecimento?” perguntou Beckett. “Suas profecias, seus sermões? De onde eles vieram?”

“Aqui e ali, cara. Eu juntei todas as peças, você sabe. Estive tendo algumas antigas e mofadas merdas trazidas até mim; eu te disse isso, certo? Consegui algumas relíquias antigas com símbolos esquisitos sobre elas. Até me conseguiram alguns fragmentos do *Livro de Nod*. Ei, cara, aposto que você poderia me conseguir os outros. Você tem que ter, o que, todas as edições desde o do próprio Caim ao Rei James, certo?”

“Umm... não comigo”.

“Sim, claro que não. Não iria querer que *isto* se perdesse na alfândega. Porra, cara, eu até consegui alguns profetas genuínos. Um par de amigos sangue fraco da Cross parecem ter uma séria habilidade para ver o que a Camarilla vai fazer antes deles a fazerem. A Cross está usando eles taticamente, mas eu estive tentando tirar informação da Gehenna deles quando eu podia.

Beckett quase se sentiu chorando. Todo o caminho até LA, e o que Jack Sorridente revelou? Um pregador de rua de segunda classe meio maluco que tinha alucinado um Caim observando e reunindo apenas informação suficiente para soar convincente. Um talento de sangue enfraquecido para a profecia era interessante, e debaixo de outras circunstâncias, isto poderia ser valioso de se investigar. Mas a julgar por suas boas vindas, Beckett não achava que Jenna Cross não iria permitir que ele questionasse o seu pessoal, e Jack pessoalmente não tinha informação que ele poderia usar, nenhuma fonte de mistérios Beckett poderia aproveitar.

“Entendo”, disse ele, após tomar um momento para trazer as suas emoções sob controle. “Bem, obrigado por seu tempo, Jack. Você foi de grande ajuda. Você supõe”, ele adicionou, como se a ideia tivesse acabado de ocorrer a ele, “que você poderia peticionar Jenna a me deixar discutir tudo isso com ela? Se ela for a Última Filha, ela poderia saber de coisas — mesmo se ela mesma não estivesse ciente disto”.

Jack franziu as sobrancelhas. “Bem, eu irei perguntar a ela. Nossos eruditos podem ficar juntos, certo? Embora eu não saiba o quão provável isto seja, Beckett. Eu não poderia começar em dizer o porquê, mas ela realmente não gosta muito de você.”

Não *brinca*. Beckett pensou. O que ele disse, entretanto, foi “Eu assumo o risco”.

Refúgio de Jenna Cross no Vale de São Fernando Los Angeles, Califórnia

“Ele quer o *que*!?” Jenna Cross tamborilou seus dedos na mesa de café forte o suficiente para que as várias canecas e copos em cima dela se chocalhassem.

Tabitha manteve o seu olhar fixo nos seus sapatos — e a lama do jardim que ela acompanhou com eles. Tão logo Jack a chamou para foda e transmitiu o pedido de Beckett, ela sabia que sua líder não iria gostar disto. Cross parecia com raiva em quase tudo nessas noites — compreensível, dado às circunstâncias atuais — mas ela nutria de um ódio ardente por Beckett que infectava os outros, mesmo se eles ainda não tivessem a primeira pista do porquê.

Ele quer se encontrar com você novamente”, repetiu Tabitha. “Algo sobre toda essa Gehenna sem sentido”.

Jenna sentiu sua mão tremer, e ela rapidamente a abaixou para baixo da mesa para que Tabitha não visse ela trêmula. Ele sabia. Esta era a única explicação. Ela olhou de relance para seu próprio ombro, de alguma forma sentindo que ele pudesse ver a lua crescente mesmo através do material grosso de seu moletom.

“Que horas são?”

Tabitha piscou na súbita troca de tópico, mas checkou o seu relógio. “Hum, em torno de quatro e trinta”.

“Toda noite. Diga ao bastardo que eu não tenho tempo para falar com ele hoje à noite, mas eu irei me encontrar com ele antes da meia noite amanhã”.

“Certo, eu —”

“Eu não terminei.” Pausou Cross, pensando. Enquanto Membro sangue enfraquecido, ela e seu pessoal tinham poucas vantagens sobre vampiros anciões e mais poderosos. Eles treinavam, regularmente, para tomar vantagem daquelas poucas que eles *tinham*. “Quem tem o nosso melhor recorde em ficar acordado após o amanhecer?”

“Moose tinha quase duas horas, mas como ele se foi... eu acho que Daryl conseguiu por mais de uma hora, e Nicky por quase tanto tempo”.

Tudo bem. Diga a eles que eu os quero que fiquem acordados até tarde essa manhã. Beckett e os outros estarão na sala de convidados. Diga a eles para esperar por uma hora e meio após o amanhecer, e então garantam que Beckett não acorde. Jamais”.

“Jenna, isso é sábio? Ele tem aliados...”

“Eu não estou aqui pedindo por opiniões, Tabitha. Eu estou dando ordens. Melhor cuidar de seus companheiros também. Eu não preciso de um ancião vingativo correndo em volta da vizinhança”.

“E Lucita?”

Cross franziu as sobrancelhas por um instante. “Melhor não. Do que nós vimos, ela conhece Beckett, mas eles não parecem tão próximos assim. Eu não acho que ela não irá pôr em perigo nossa aliança em potencial queixando-se. Não machuque ela a não ser que você precise”.

Tabitha acenou uma vez, embora relutantemente, e saiu para passar adiante as ordens dela. Cross encostou-se de volta em sua cadeira e sorriu pela primeira vez em muitas noites. Isso seria pelo menos um peso fora de seus ombros. Ela deliberou chaman-

do Samuel novamente, dirigindo isso por ele, mas decidiu ao invés petulantemente não se incomodar. Ela era a sua própria mulher. Ela era a líder de um exército de Membros inteiro. Ela podia tomar as suas próprias decisões. Uma vez isto feito, ela diria a ele. Não é como se ele fosse se *queixar* sobre ela matar Beckett; ele odiava o bastardo quase tanto quanto ela, embora ela não estivesse certa do porquê.

Bem, em uma questão de horas, nenhum deles teria mais que se preocupar com isto.

Refúgio de Jenna Cross no Vale de São Fernando Los Angeles, Califórnia

Tabitha passou através da porta e foi-se embora pelo corredor abaixo. Ela não notou — nem os dois guardas de pé do lado de fora da porta da Cross — que ela guinou uma vez enquanto ela caminhava, como se dando a volta de um obstáculo invisível.

Entretanto, isto seria improvável ao extremo, que qualquer invasor pudesse sequer chegar aos guardas. Mais abaixo, distante o suficiente para que os próprios guardas não fossem provocar isto, um detector de movimento de última geração monitorava o corredor. Qualquer movimento nesta parte do corredor maior do que uma barata e movendo-se mais rápido do que um rastejar glacial ativaria uma luz de alerta, tanto no próprio corredor quando na sala de encontro da Cross.

Kapaneus ficou no corredor, braços cruzados, cabeça inclinada para um lado. Embora ele ficasse a meros passos distante dos guardas, embora Tabitha tenha roçado contra ele enquanto ela passava, ninguém viu ele. Os detectores de movimento tinham permanecido quietos enquanto o ancião se aproximava, enquanto eles permaneceriam quando ele saiu.

Então, Cross estava indo ter ele e Beckett mortos, não foi? Kapaneus sentiu um breve lampejo de raiva, a fúria orgulhosa de uma Besta que ele não conseguia completamente superar mesmo após séculos de solidão. Uma mão lentamente se estendeu, pairou

justamente antes da caixa torácica de um sangue fraco. Os guardas no salão estavam perto centímetros de um ligeiro e repentino fim, um deles nunca sequer viria chegar.

Mas não, não desse jeito. Ele tinha se afeiçoado à Beckett, tinha permitido o jovem vampiro dar conta de tudo, mas aqueles detalhes ele simplesmente não estava equipado para lidar. Não faz sentido semear qualquer confusão em sua relação de trabalho neste estágio.

Kapaneus abaixou o seu braço e vagou de volta pelo corredor abaixo. Vamos deixar Beckett saber da situação, e dar conta disto da sua própria maneira. Seja o que ele decidir fazer, era certo de se provar interessante.

A Costa do Mediterrâneo Oeste da Turquia

Acima, a Estrela Vermelha brilhava.

Debaixo, a escuridão enrolava-se a partir das ondas como uma segunda maré. Vinha em direção da costa próxima à fronteira com a Síria, inundando por sobre as praias, sobre a areia, sobre as ruas. Cidade após cidade caía no escuro enquanto ela se arrastava para o norte: Ceyhan, Kozan, Feke. Homens, mulheres e crianças se levantavam gritando de pesadelos que aturdiavam a alma, despedaçava a sanidade. Alguns poucos nunca acordaram de modo algum, encontrados mortos debaixo dos cobertores de causas que nenhum examinador médico poderia possivelmente determinar. Temendo alguns novos agentes biológicos do Sudeste, talvez algum remanescente dos conflitos recentes, soldados moviam-se através da orla, vestidos em equipamentos pesados de proteção, procurando qualquer possível origem para a “nuvem” misteriosa. Homens morreram em conflitos acidentais e mal-entendidos com as tropas curdas, mas nenhum traço de uma arma nociva ou instalações de pesquisa foi jamais descoberto.

E a escuridão continuou ao norte, apagando todas as luzes em seu caminho. Por onde ele se demorava, nem a lua ou as estrelas, fogo ou luz elétrica, brilhava. Por onde ela passava, preces de ação de graças e choros de lamentação soavam. Quando o sol se levantava, a escuridão desaparecia, caindo para a terra e lentamente dissipando-se como se procurar por entre as rochas e o solo, sempre se levantando novamente como uma névoa mesmo quando os

últimos raios da luz do dia piscavam para o horizonte. Vilas evacuadas onde era possível, não importa o vento, não importa o terreno, o curso da sombra permanecia inalterável, permanecia previsível.

Norte. Sempre e inequivocamente norte.

Até que, finalmente, ela impeliu-se para uma parada. Não sobre qualquer comunidade, qualquer vila ou cidade, mas dentro de um vale nas Montanhas Taurus, sul-sudoeste de Kayseri.

Na entrada de Kaymakli, no exato ponto onde Beckett tinha invocado seu ritual e obtido sucesso além dos seus sonhos mais selvagens, a entidade de sombra pausou.

Tentáculos de escuridão tremeluziram para fora, uma língua para farejar o ar e o gosto da terra. Ela escavou por entre a areia, sentindo a presença do sangue de Beckett que tinha derramado no deserto, não importa os meses de evaporação e as muitas camadas de areia assopradas através dele.

Para frente e para trás esses tentáculos se moviam, cavando sulcos na areia, o gentil arranhão dos grãos apenas soava para quebrar senão a perfeita quietude. Elas varriam contra a pedra da caverna e sentiam seu caminho acima e em volta da superfície da rocha, traçando a sua passagem. Aqui elas sentiram os fracos traços prolongados do verdadeiro poder, a assinatura final de alguém quase tão antigo quanto a própria coisa Abissal. Aqui, enfraquecido pela convergência da profecia e pela iluminação de uma luz vermelha sobrenatural, este poder tinha se despedaçado, se dividido por alguém que nunca deveria ter sido capaz de tal proeza.

Isso era o centro. Isso era o local de onde o chamado soava, a longa convocação que tinha atraído essa coisa das profundezas do Abismo, que despertou outros poderes antigos de seu próprio repouso imensurável. Aqui ele tinha começado, e aquele que fez ela seguir em frente, provavelmente inconsciente do que tinha verdadeiramente transpirado.

E a coisa pensou, tanto o quanto a sua mente funcionava nas formas que os humanos poderiam chamar de “pensar”. Era uma ameaça, esse alguém? A sua apresenta aqui, no começo do Fim, marca-o como diferente, superior? Ele ainda possui poder, ou tinha meramente sido um catalisador, uma faísca insignificante para incendiar uma propagação do inferno?

Ela agora o tinha saboreado, essa coisa de sombra o tinha.

Saboreado sua presença, saboreado seu medo, saboreado o poder que uma vez se infundiu nesse lugar e certamente ainda continuava nele que a tinha destruído. Deixe ele correr até os confins do mundo e além, deixe ele se esconder no escuro mais profundo ou na luz mais brilhante. Ela não se importava.

Enquanto o sol se erguia, a escuridão mais uma vez filtrou-se para dentro do solo para evitar os raios ardentes de uma luz ainda que mesmo ela não podia espevitar.

E acima, na crescente luz do amanhecer, a Estre Vermelha brilhava.

A Pousada Missão Beira-rio, Califórnia

O quarto estava bem distante do grupo de suítes atualmente servindo como o centro de comando dos esforços da Camarilla em Los Angeles. De acordo com o registro, um homem de negócios da Portland de nome Robert Perkins ocupava o quarto. A fofoca entre a equipe tinha que Perkins — um figurante na Pousada Missão — estava passando a maior parte de suas noites na companhia de sua amante sabor-do-mês, e que era a razão que o quarto estava constantemente fora dos limites para a equipe de limpeza.

Na verdade, Robert Perkins estava atualmente em umas férias no Taiti, e teria ficado surpreso em descobrir que ele estava supostamente ficando no Beira-rio. A equipe do Hotel Missão teria ficado igualmente chocada em saber que ele estava na Polinésia Francesa, desde que a maioria deles se lembrava conversando com o homem em vários pontos durante os últimos dias. A noção de que essas memórias podem ter sido implantadas — como era a compulsão de *nunca* entrar no quarto — iriam certamente nunca ocorrer a eles.

Era bem sabido para os outros Membros de alto posto envolvidos nos esforços da Camarilla que esse era onde Hardestadt ia para discutir assuntos não diretamente envolvidos com as operações de LA. Eles entendiam que, como a maioria das atividades do Círculo Interno, o Fundador Ventrue tinha de longe muitos ferros

no fogo para se focar somente em qualquer uma das tarefas, independentemente de sua importância. Hardestadt era um líder estrategista no conflito de LA, ele era um excelente formatador da nova direção da Camarilla e reação ao murchamento, e ele tinha só Deus sabe o que mais seguindo acontecendo também. Se ele precisava de privacidade para conduzir alguns destes negócios, até os outros anciões, curiosos como eles podiam ser, eram sábios o suficiente para deixar isto para ele.

Um pouco deste respeito pela privacidade de Hardestadt, é claro, pode ter sido inspirado pelas proteções cercando o quarto, impedindo qualquer Membro ou carníçal de entrar sem a expressa permissão do Fundador. Ele teve isto lançado por poderosos feiticeiros Assamitas – a única fonte confiável de mágicas de sangue da Camarilla agora que os Tremere tinham todos se levantado e desaparecido em um paroxismo final de mistério melodramático.

Na realidade, esses feiticeiros Assamitas tinham indiretamente dado a ele a ideia de que ele estava agora perseguindo. Hardestadt sentou na única cadeira do quarto na única escrivaninha do quarto. Normalmente, qualquer visitante seria forçado a sentar em uma das camas, uma informal e certamente indigna posição pretendida a dar à Hardestadt uma vantagem psicológica em qualquer conversa ou negociação.

Seu convidado hoje à noite simplesmente permaneceu de pé, e Hardestadt não era de discorda com esta escolha.

“Eu gostaria de lhe agradecer”, Hardestadt começou após os vários maneirismos, cumprimentos e ofertas de lanches que todos tinham sido observados e trocados, “por viajar até aqui em tão pouco tempo”.

Tegyrius assentiu. Sua barba pontiaguda – levemente listrada de cinza, como era seu cabelo preto – parecia quase como se ela estivesse gesticulando seu próprio acordo. Junto ao próprio reverenciado al-Ashrad, Tegyrius era talvez o mais poderoso dos assim chamados cismáticos do Clã Assamita, aqueles que entraram em uma aliança com a Camarilla ao invés de se render a seu louco ancião Ur-Shulgi. “Eu estava quase certo de que o Círculo Interno nunca teria feito tal pedido a mim sem razão”, disse ele.

“Quer dizer que você viu que eu precisava de um favor e aproveitou a chance para manter um débito sobre mim”.

O Assamita sorriu levemente. “Isto pode de certa forma ser representado nisto também, sim”.

“Justo. Eu tenho um problema que eu gostaria que desaparecesse. Ele é uma ameaça à Camarilla como um todo, mas dado a guerra em andamento e seus esforços em reunir insurgentes, sangues fracos e bandos falso do Sabá, nenhum arconte está atualmente disponível para remanejamento”.

Em outras palavras, Tegyrus sabia, mas não disse, *ele é mais um problema pessoal do que uma preocupação da seita*. O que ele disse ao invés foi simplesmente, “Quem?”

“Beckett”.

Tegyrus não fácil de ser surpreendido, mas este nome fez levantar uma sobrancelha. “De fato. Eu ouvi falar desse alguém”.

“Ótimo. Então eu não terei que lhe dizer que ele é um alguém perigoso, e não ser usado como um brinquedo”.

“Eu não brinco, Hardestadt. Não com Beckett, e não com você. Você quer Beckett destruído. Eu posso fazer alguns dos meus colegas de clã assumir responsabilidade por ver isto acontecer. Mas Beckett é perigoso, esses são tempos difíceis, e a maioria dos meus guerreiros não são tão fortes quanto eles já foram.

“Não é segredo que a Camarilla está mudando noite após noite, e que sua mão é uma liderança nesta mudança. Se eu for fazer isso para você, eu quero nada menos do que uma posição igual para meu clã na nova ordem, com uma voz tão alta quanto qualquer Toreador ou Ventrue”.

“Do contrário”, continuou Tegyrus mesmo quando Hardestadt abriu sua boca para protestar, “meus colegas de clã terão de continuar trocando favores por influência. E eu não posso garantir que qualquer coisa que eles descubram de Beckett irá permanecer secreto”.

Hardestadt lentamente se levantou de sua cadeira. “Você está tentando”, perguntou ele em um rosnado baixo, “me chantagear com informação que você ainda não possui?!”

“Não de todo. Eu meramente estou lhe dizendo o preço desse contrato em particular, e para quais medidas desesperadas nós podemos ser forçados — a maioria relutantemente, eu te garanto — a recorrer se este preço não for vindoura”.

O Ventrue encarou por um momento maior — e então de repente, quase a pesar de si mesmo, ele começou a rir. “Eu acho

que você já esteve com a Camarilla por muito tempo, Tegyrus. Seus esquemas estão se mostrando. Tudo bem. Você resolve esse problema para mim — e permanece disponível para outras na estrada — e eu irei juntar a minha voz com as suas quando chegar a hora para formalizar nossa nova estrutura”.

“Excelente. Então... diga-me o que você consegue sobre Beckett”.

Refúgio de Jenna Cross no Vale de São Fernando Los Angeles, Califórnia

Quando o detector de fumaça primeiro começou a guinchar como uma banshee na hora do amanhecer, Jenna Cross estava absolutamente positiva de que era um alarme falso, uma distração arranjada por Beckett ou um de seus companheiros por algum propósito nefasto ou outro. Reagindo rapidamente, ela pegou uma Glock, reuniu meia dúzia de seus seguidores atrás dela, e marchou diretamente para as salas de convidados que foi dada aos anciões. Ela não estava preocupada sobre eles terem escapado da casa. Mesmo se eles soubessem que eles estavam perigo — e eles possivelmente não conseguiriam — toda saída desde as portas às menores janelas, a caixa de correio estavam guardadas. Sua preocupação aqui era simplesmente em ver que tipo de dano eles podiam estar fazendo.

Ela virou através da sala de estar — e parou totalmente em seu curso, mandíbulas boquiabertas.

Do corredor diante dela rolou uma enorme nuvem de fumaça espessa e negra. Ela encheu a entrada enquanto ela crescia através, imediatamente se espalhando como se agradecida em escapar dos confinamentos desta pequena ala da casa. Ela não pode escutar a crepitação de qualquer chama por sobre o estridente guincho do detector de fumaça, mas ela não tinha dúvida de suas existências. Somente um incêndio verdadeiramente massivo poderia gerar volumes de fumaça deste tamanho.

“Fora!” gritou ela, se virando e puxando o primeiro de seus irmãos de volta pelo caminho que eles tinham vindo. “Saiam todos *daqui!*”

Eles estavam em apuros. O amanhecer estava a menos de uma hora, e eles possivelmente não conseguiriam extinguir um fogo desse tamanho nesta quantidade de tempo. A sua melhor aposta era tomar abrigo nas outras casas ocupadas pelo seu pessoal, e esperar que os bombeiros pudessem colocar as chama sob controle antes dela se espalhar para as edificações em volta.

Ela tinha somente duas consolações, enquanto ela direcionava o seu pessoal para evacuar de uma maneira rápida, mas ordenada. Um, como sangues fracos, ela e seus seguidores eram mais facilmente aptos a resistir o medo instintivo que todos os vampiros sentiam diante do fogo, e assim aptos a evitar um completo pânico que poderia bem ter causado danos e ferimentos adicionais. E dois, seja o que for que Beckett pensou que ele pudesse realizar ao botar tal enorme incêndio, ele também estava indo se encontrar preso dentro disto ou encarado por uma turba de vampiros furiosos enquanto eles fogem disto. Ela tinha uma desculpa evidente em fazer seu pessoal mata-lo agora, e ela não desperdiçaria isto.

A fumaça cresceu para fora da porta da frente enquanto os sangues fracos — e lentamente, mas certamente, outros habitantes da vizinhança e transeuntes — juntavam-se de todas as direções para assistir a casa, e qualquer um que pudesse vir para fora disto. Essa primeira nuvem desviou por sobre o gramado e desapareceu por dentro da escuridão.

E isso foi tudo. Nenhum prisioneiro fugindo. Nenhum incêndio crepitante. Nem sequer mais fumaça.

“Merda!” Cross estava correndo de volta através da porta da frente mesmo quando as primeiras sirenes soaram a distância. Isto *foi* uma distração — e aparentemente uma muito boa. Em nenhum lugar durante sua curta e frenética busca pela casa poderia ela encontrar qualquer sinal de Beckett, Lucita ou Kapanews. E ela realmente não tinha muito tempo para procurar. Os bombeiros estavam vindo para insistir em olhar o lugar todo. Ela e seu pessoal tinham que buscar abrigo nas outras casas próximas, porque isso poderia quase certamente tomar até bem depois do amanhecer.

Cross, ainda fervendo de raiva, adormeceu esta manhã no chão do quarto de um amigo com cinco outros sangues fracos, ficando ainda mais assustada com o homem que tinha escapado dela — e se perguntando como diabos Beckett tinha feito isto.

O Vale de São Fernando Los Angeles, Califórnia

A alguma longa distância, embaixo do barranco de um pequeno riacho que servia à vizinhança como coletora de águas de temporal, a nuvem de fumaça flutuou. Ela movia-se lentamente agora, e qualquer observador teria ficado perplexo ao percebê-la se movendo contra o vento. Entretanto, com exceção de uns poucos

pássaros que levantam cedo, e talvez uma quantidade de sapos e lagartos, ninguém estava em uma posição para vê-la.

O ar torceu brevemente, quase parecendo enrugado como borracha ou látex esticado, e Kapaneus apareceu de seu manto de ofuscação. Ele olhou em volta dele, ouviu e farejou a área, com todos os sentidos bem mais do que humanos. Eles estavam sozinhos.

“Eu acredito que esteja seguro”, anunciou ele em uma voz alta.

A fumaça turvou por um momento, e então desmoronou.

Uma massa de névoa, a constante mudança e o fluxo do que tinha dado a estranha massa de ilusão de rolamento como fumaça, agora afastou-se para pairar por sobre a grama. Isto deixou para trás um miolo de absoluta e completa escuridão, uma sombra artificial claramente sobrenatural na natureza. Tinham Cross ou seus sangues-fracos examinado a fumaça de perto, que eles teriam provavelmente visto através da ilusão, teriam percebido que a mudança e rolamento eram uma fachada sobre um núcleo preto noturno. Mas que vampiro em seu juízo perfeito ficaria próximo de um incêndio tempo o suficiente para fazer isto?

A névoa se juntou, se torceu em volta de si mesma até ter formado uma coluna do tamanho de um homem, e se solidificou lentamente até Beckett encontrar-se sobre a grama de orvalho molhado. A escuridão desapareceu, revelando uma aparência extenuada de Lucita até aos tornozelos no riacho.

“Isto”, ofegou ela como se sem fôlego, embora isto não fosse claramente o caso, “era possivelmente a coisa mais idiota que eu já fiz em muitos séculos”.

Beckett contraiu os ombros. “Funcionou, não foi?”

“Você e eu ambos sabemos da experiência que o sucesso de um esforço não significa que o esforço não fosse asinino. Você não sabia se você poderia concentrar a sua forma de névoa densamente o suficiente para disparar o alarme de fumaça. Eu não sabia se eu não teria mais a força para manter uma nuvem Abissal por tanto tempo. Nós deveríamos ter botado um fogo real e ter finalizado com isto”.

“E arriscar ser pego nas chamas? Para não falar de destruir qualquer esperança de aliança entre sua resistência e os sangues-fracos? Eu não acho.

“Por que”, replicou ela, “você se importa sobre qualquer aliança que minha organização faça? Ou, aliás, sobre a organização como um todo?

“Porque quanto mais a Camarilla tiver o que se preocupar sobre você”, disse ele a ela categoricamente, “menos eles ficarão

focados em mim”.

“Amigos”, interpôs Kapaneus, “posso lembrá-los que nós não temos mais a eternidade para uma discussão? O plano funcionou. Nós escapamos do refúgio da criança sem machucá-los. Nós podemos nos preocupar agora sobre encontrar abrigo do sol, e sobre o que nós vamos fazer em seguida, e menos sobre se o plano *deveria* ter funcionado?”

Beckett e Lucita deram uma olhada em Kapaneus, então um para o outro, e assentiram com a cabeça.

“E que tal lá?” perguntou Beckett após uma contemplação momentânea. Ele apontou para uma drenagem de concreto da qual um gotejamento de água fluía para alimentar a grama. “Aqui-lo deve nos levar de volta longe o suficiente para ficar longe do sol”.

Lucita fez uma careta — isto não era quase tão seguro quanto ela teria gostado — mas suas opções eram preciosamente poucas neste momento. Ela consentiu, assim como Kapaneus.

“E sobre amanhã?” perguntou Lucita, enquanto eles se arastavam no caminho através da água gelada, vários mofo e fungos, e outras substâncias não identificadas. “Você disse que você sabia de uma forma que nós pudéssemos partir da cidade sem encontrar tanto os sangues-fracos ou os soldados da Camarilla”.

“Sim”, adicionou Beckett, com seu tom não precisamente encorajador. “Uma *forma* que nós podemos. Pergunte-me novamente a noite”.

Aproximando-se da Encruzilhada de Esgotos 27-B Debaixo de Los Angeles, Califórnia

Os sistemas de esgoto de muitas cidades europeias e americanas eram bem mais elaborados e extensivos do que até os planejadores e a maioria dos trabalhadores do esgoto tinham ciência. Apesar da manipulação dos serviços da cidade e trabalhos físicos de sua própria parte, os Nosferatu dessas cidades expandiram câmaras, passagens conectadas, até adicionaram camadas inteiras. Eles criaram vastas redes subterrâneas, reinos próprios onde eles podiam morar com pelo menos algumas medidas de aceitação daqueles em volta deles, em vez de encarar o constante ódio e condescendência que suas aparências inumanas atraía da maioria desses, Membros e rebanho, os quais moravam na superfície.

As tocas de LA eram de alguma forma menos elaboradas. Realmente pareciam, em muitos alongamentos, que os Nosferatu já tinham tentado empregar suas técnicas tradicionais, mas a combinação da instabilidade tectônica da Califórnia, e as guerras dos Membros que assolavam a cidade dentro e fora por décadas prestou muito deste trabalho fútil. Aqui, uma câmara abobadada com uma única parede desmoronada ainda viu uso como um santuário ou uma encruzilhada; lá, somente uma breve extensão de passagem que termina em um desabamento de concreto que suporta evidência muda ao labirinto que já foi alveolado à terra.

As porções mais modernas do sistema de esgoto foram construídas com várias técnicas arquitetônicas e científicas projetadas para torná-las resistentes à terremoto, e foi nessas porções que os Nosferatu de Los Angeles passaram a maior parte de seu tempo. Era difícil de esconder suas presenças dos trabalhadores, verdade, e quase impossível construir mais do que as menores das adições sem ser descobertos, mas eles assim fizeram.

Somente por causa desses detalhes conspirados a tornar os esgotos e tocas de LA menos complexos do que aqueles outros, similarmente do tamanho de cidades que poderia Beckett até *pensar* em fazer o que ele estava fazendo.

Okulos não tinha qualquer real atração pelos Nosferatu de LA, todos eles eram tanto sangues-fracos (os quais tentariam parar Beckett em nome de Cross), infiltrados da Camarilla, sabotadores, sentinelas (os quais tentariam parar Beckett em nome de Hardsadt), ou os anarquistas de MacNeil (os quais tentariam destruir qualquer invasor em seu domínio por medo e princípio territorial geral). Okulos era incapaz, a pesar de seus esforços, de providenciar um guia, ou qualquer caminho fácil de escapar para ser deixada sem guarda. Ele pelo menos conseguiu enviar por e-mail um mapa rude do sistema de esgoto, incluindo pelo menos alguns dos “melhoramentos” dos Nosferatu, e uma ainda mais rude programação da Camarilla e patrulhas de sangues-fracos próximos das bordas.

Este foi um grande negócio, mais do que muitos poderiam ter obtido, mas o que frustrou Beckett foi que os contatos anônimos de Okulos tinham sido chamados para encontrar Jenna Cross e guiá-la até ela sem incidentes, agora parecia relutante em fornecer qualquer assistência. Beckett tinha feito uma nota mental em perguntar sobre isto, quando ele tivesse a oportunidade.

Em qualquer evento, não era a primeira vez que Beckett tinha escolhido seu caminho através de um labirinto hostil, guiado somente por um mapa impreciso. Muitos dos ditos labirintos anteriores foram localizados nas profundezas de antigas ruínas de selva ou debaixo de areias de deserto móveis. Fazer isto enquanto carros urravam atrás bem acima dele, enquanto em constante perigo de ser encharcado por alguma descarga sanitária de morador de apartamento, era uma nova e não totalmente bem-vinda permutação.

Ele, Lucita e Kapaneus estavam agora no meio de sua segunda noite nos esgotos, a qual eles tinham se arrastado da tubulação de drenagem onde eles tinham primeiro se abrigado. Tanto uma preposição arriscada quanto tentar fazer uma pausa disto acima da superfície, onde Cross e seus sangues-fracos estavam sem dúvida ativamente caçando eles e observando em todas as passagens possíveis.

Eles já tinham mourejado por horas a noite, através do lodo profundo até a panturrilha, alimentando-se com ratos de limo escorregadio esquivando-se de baratas caindo. O odor era tão avassalador que todos os três falavam tão infrequentemente quanto possível, para evitar de puxar o ar, mas o miasma de dejetos humanos invadia suas narinas de qualquer maneira, recusando-se ser ignorado. Eles não podiam se permitir tomar o que senão teria sido o mais rápido, a rota mais direta: isto manteria muito próximo do centro de poder da Cross, onde aqueles que procuravam seriam mais numerosos. Apesar de que, caminhar através de metade de LA era um processo que consumia tempo, especialmente desde que o mapa de Beckett não levava em conta qualquer dos danos mais recentes causados pela atual guerra de três frentes. Eles tinham perdido mais de três horas para retornar e já dar a volta, com nenhuma indicação de que o resto da jornada seria mais fácil.

Eles iam escolhendo o seu caminho através de uma saliência de tijolos estreita e coberta de limo, ignorando uma queda de três metros no esgoto profundo, e tinham apenas se abaixado debaixo de uma torrente da água suja fluindo de uma grade enferrujada, quando Lucita colocou uma mão sobre o ombro de Beckett. “Pare”, silvou ele, seu sussurro dificilmente audível sob a água corrente. “Você está sentindo o cheiro disto?”

Beckett, o qual tinha recebido uma cara cheia de imundice, estava se esforçando de todo em não sentir o cheiro de qualquer coisa. Entretanto, com o alerta de Lucita, ele se focou além do fedor e deu uma respirada profunda.

Ele realmente o sentiu, um fato que ele transmitiu com um aceno uma vez que o desejo de vomitar tinha suficientemente passado. Lá, quase enterrado debaixo do aroma do esgoto, estava o mais fraco travo de sangue de Membro. Alguém foi ferido aqui em baixo, ou...

Ah, merda.

Beckett moveu-se adiante, margeando seu caminho em torno de um canto próximo. Enquanto ele se movia, ele teve que suprimir um estremecer enquanto uma barata do tamanho de um hot dog arrastava-se através dele. Ele na realidade pode sentir o peso de suas pernas através de sua bota. Isto sozinho era confirmação suficiente. Ele sabia que ele veria até antes dele ter feito isto completamente em volta da virada.

Lá, em volta da curva, um trio de passagens se encontravam em torno de uma cisterna elevada, mantinham-se separados do esgoto ao redor. A água na cisterna aparentemente vinha de valetas na calçada acima, e consistia largamente de água da chuva e quaisquer detritos que foram arrastados com ela. Dificilmente apetitoso, mas para esses animais vivendo aqui em baixo, uma fonte de água potável.

Era desta cisterna que o cheiro de sangue de Membro emergia, e em uma toca Nosferatu, isto podia significar somente uma coisa: um tanque de desova. Comumente achado em tocas grandes, os Nosferatu criavam tanques de desova ao derramar pitadas de seu sangue dentro de uma fonte d'água. Os animais que bebiam regularmente dela não somente cresciam leais aos Nosferatu, como ela geralmente mutavam, ficando maiores, mais fortes, mais ferozes.

Beckett abriu sua boca para avisar seus companheiros — e foi atingido de uma passagem próxima pelo o que pareceu como um carro fazendo cento e trinta e cinco por hora. Beckett deslizou vários metros para trás através das pedras lodosas até ele atingir-se contra as pernas de seu companheiro. Instantaneamente ele estava sobre seus pés, suas garras deslizando da ponta de seus dedos, encarando a coisa que tinha atingido ele.

Isto tinha, a certa altura, sido um rottweiler, a julgar pela forma da cabeça, o tom do rosnado e a cor do pequeno pelo que não estava revestido por imundice e lodo. Era facilmente do tamanho de um pequeno cavalo, e suas mandíbulas estavam distendidas por dentes enormes. Essas mandíbulas, imaginou Beckett, já tinham falhado uma vez em penetrar sua jaqueta e a pele endurecida. Elas

já estavam bem abertas novamente enquanto a coisa-cão salvava mais uma vez em sua garganta.

Beckett rapidamente enfiou seu antebraço esquerdo bem fundo na boca do cão, impedindo-o também de rasgar sua garganta fora ou de fechar seus dentes completamente em volta de seu braço. Ainda assim, a dor desses dentes de trás que rasgavam em sua carne era substancial. O cão era claramente forte o suficiente para superar uma grande porção de resiliência sobrenatural de Beckett. A sua outra mão agarrou o cão em volta das costelas, garras cavando em sua lateral, derramando copiosas quantidades de sangue.

Infelizmente, Beckett nada podia fazer para conter o ímpeto de ser atacado por uma criatura que superava ele por quase dois a um. O par a lutar tombou para trás mesmo quando eles lutavam. Beckett experienciou um instante de queda livre antes de sua costa atingir o esgoto abaixo com um pesado respingo e ele afundou por debaixo de camadas de refugio coberto de espuma e foi pego em uma lenta, mas poderosa corrente.

Câmara de Drenagem 13

Debaixo de Los Angeles, Califórnia

Alguns minutos depois e a alguma distância indeterminada, Beckett encontrou-se caindo mais uma vez. Ele e o cão agora imóveis foram atirados de um tubo de drenagem alto na parede de uma grande câmara de coleta. Beckett teve um breve lampejo de uma sala circular, numerosos tubos todos em volta da sala jorrando água para a piscina central onde ela por sua vez escorria para fora através de vários túneis no nível do chão, antes dele ainda atingir a água novamente. Felizmente ele pousou próximo a um pequeno piso elevado, uma de várias áreas projetadas para equipes de reparo ficar de pé e avaliar o fluxo do esgoto. Escavando suas garras fundo na pedra, ele pausou tempo o suficiente para balançar fora o cão morto de seu braço rasgado. Então, enquanto o corpo lentamente afundava para fora da vista, ele se arrastou para fora da lama, cuspiendo esgoto puro de sua boca e garganta. Ignorando a dor cortante em seu braço, ele se colocou de pé e olhou em volta dele.

Na confusão da batalha, ele não tinha notado qual das várias comportas secundárias ele foi sugado. Ainda assim, com seu

senso de direção, não foi *muito* difícil regressar e encontrar seus companheiros. Foi apenas uma questão de —

“Você tem alguma ideia”, veio um guincho agudo como de um roedor, “quanto tempo levou para fazê-lo crescer deste tamanho?! E agora você *arruinou* ele! Eu terei que começar de novo!”

Beckett olhou para cima, e acima. Lá, próximo do teto, uma pequena passagem com uma grade quebrada aberta em uma estreita plataforma de metal que tinha antes sido parte de uma passarela há muito tempo. Posicionando-se sobre esta plataforma estava uma figura nodosa e encurvada não mais do que um metro e vinte de altura. As suas características, até onde Beckett podia ver dessa distância, eram distorcidas e distendidas, como se sua face fosse um balão preenchido além da capacidade segura. Colocando atrás estava um segundo rottweiler, não inteiramente tão grande quanto aquele que ficou morto ao lado de Beckett, mas ainda grande o suficiente para rasgar um homem em pedaços em uma questão de instantes.

“Então você devia ser mais cuidadoso com quem você manda seus animais atacar, não devia?” instigou Beckett, com as mãos tremendo com de raiva. A Besta compassou dentro dele, querendo nada mais do que afundar suas garras dentro do coração do Nosferatu.

“Você irá pagar por isso! Todos vocês, vocês e aqueles que chegaram com vocês!” O estranho pequeno vampiro parecia quase dançar para lá e para cá através da passarela quebrada, de tão selvagem era sua fúria. “Eu irei alimentar meus animais com vocês! Eu irei saturar suas piscinas com os seus sangue! Eu irei —”

Beckett soltou sua proteção interna, permitindo à Besta se elevar dentro dele. Sua visão ficou vermelha, e ele sentiu seus lábios se enrolando em um rosnado. O mundo pareceu recuar diante da ascendência da Besta.

Mas o frenesi aqui, com o Nosferatu tão longe do alcance, não faria a ele algum bem. Isto não foi o porquê dele permitido sua natureza bestial emergir. Pouco antes Beckett teria perdido o controle, teria realmente cessado de ser Beckett, ele reprimiu forte a sua vontade sobre a Besta e empurrou para fora e acima. Em um show de força de vontade e uma familiaridade com a Besta que outros poucos Membros possuíam, ele transferiu sua fúria e seu ódio para mais alguém.

Ou, nesse caso em particular, *algo*.

O Nosferatu ainda estava vociferando e delirando quando

seu segundo rottweiler atacou ele por trás como um trem de carga, quebrando osso, afundando caninos dentro da carne flácida, e carregando tanto o Nosferatu quanto o cão para fora da passarela em um eco da própria experiência de Beckett momentos antes. O esporro do vampiro embaçou em um único guincho agudo enquanto ele caía, para desaparecer completamente quando eles atingiram a água escura.

Instantaneamente Beckett mergulhou atrás deles, seus sentidos sobrenaturais lhe permitindo focar-se na dupla se surrando tão facilmente quanto um tubarão em uma foca surrada. Ele afundou suas garras na costa do Nosferatu, enchendo a água em volta dele com sangue. A Besta de Beckett escapou do rottweiler e reafirmou seu lugar na própria alma do vampiro, mas ele a forçou a permanecer quiescente, negou seu desejo em morder o Nosferatu e suga-lo. Ao invés disso, levantando com o seu braço ileso, Beckett arrastou seu adversário do esgoto e o deitou fora do terreno plano sobre as pedras próximas. O cão, assustado e confuso pelo poder e fúria da Besta de Beckett, fugiu para os túneis no instante que ele ficou livre.

“Agora”, rosnou Beckett, com uma garra segurando pouco mais que carne mole onde a pálpebra esquerda do Nosferatu se unia ao rosto dele, “Eu vou fazer a você algumas perguntas”. A sua outra mão agarrava a lateral da cabeça do Nosferatu, com as garras pairando sobre — e em alguns casos apenas dentro — sua orelha distendida. “Quantos sentidos você perderá depende inteiramente em quão rapidamente e minuciosamente você responderá. Como eu não recomendaria acenar neste momento, diga-me se você compreende.

“Eu compreendo!” A voz do Nosferatu estava alta, estridente. “Eu compreendo, eu compreendo!”

“Ótimo. Vamos começar”.

Junção de Cano de Esgoto 27-B **Debaixo de Los Angeles, Califórnia**

“Seu nome era Roger, ou assim ele me disse. Ele era um dos anarquistas de MacNeil”, explicou Beckett a seus companheiros após as direções aterrorizadas do Nosferatu terem levado ele de volta ao túnel no qual eles tinham primeiro sido atacados. Lucita e Kapaneus estavam ambos cobertos de uma miríade de pequenos

ferimentos onde outros da coleção de animais carnicais do Nosferatu tinham atacado eles, mas eles aparentemente tinham passado por seu próprio conflito não realmente pior para o desgaste. Eles ainda foram debatendo sobre ir em busca de Beckett ou esperar por ele para retornar quando ele os encontrassem. “Foi dito a ele que nós estávamos chegando. E ele estava esperando por nós – ou, mais especificamente, por mim”.

“Por que?” perguntou Lucita, com sua boca levantada em uma expressão de repugnância enquanto ela bebia o sangue remanescente de um rato – um que eles pegaram longe, longe do tanque de desova. “Quem quer você morto?”

“Quem não quer?” respondeu Beckett veementemente. “Neste momento eu consegui irritar tanto Hardestadt o Fundador e Jenna Cross, para não falar de qualquer dos outros inimigos que eu acumulei ao longo dos anos. Apesar de que, não estou certo do porquê qualquer um deles se valeria de fazer acordos com os MacNeils quando eles têm o seu próprio pessoal. De acordo com o Roger, a ordem veio dos superiores da organização do MacNeil. Ele não sabe o porquê”.

“Isto”, interpôs Kapaneus pensativamente, “não me preocupa tanto quanto o fato de que esse Nosferatu estava esperando por nós aqui especialmente. Seja quem possa ser nosso inimigo nesse caso, ele sabe que nós estamos nos esgotos”.

“Provavelmente”, disse Lucita pensativamente. “Isto pode apenas ser um palpite fortuito – nossas opções eram de alguma forma limitados, afinal de contas – mas eu odiaria contar com isto”.

“Seja qual for o caso”, disse Beckett a eles, “isso não era uma total perda de tempo. Nosso amigo feito rato estava apenas muito feliz em me direcionar no caminho mais rápido para fora daqui. Nós deveremos estar fora dos limites da cidade de LA até amanhã à noite”.

“Você tem certeza de que ele lhe contou a verdade?” perguntou Kapaneus.

“Ah, completamente certo. Ele já tinha mentido para mim uma vez, e ele sabia *muito* bem em não fazer isto novamente”.

“O que você fez?” perguntou Lucita a ele.

Beckett encolheu os ombros. “Eu dei a ele um sermão”.

Ele não pretendia notar os olhares que seus companheiros deram a ele neste comentário, um comentário pretendido a esconder a repugnância que encheu ele no âmago de seu ser. Ele sentiu como se algo impuro tivesse se arrastado para dentro dele e morrido. Um predador que ele sempre foi, mas nunca casualmente

cruel. Quando ele finalmente matou o impotente Nosferatu, isto foi um ato de misericórdia tanto quanto autopreservação. O que ele tinha feito ao Roger era necessário — ele *tinha* que conseguir suas respostas — mas Beckett sabia que ele tinha se sentido imundo por muito tempo após o que faltava de esgoto foi lavado de sua pele.

Câmara de Drenagem 13 **Debaixo de Los Angeles, Califórnia**

Algum tempo depois que os ecos dos passos dos fugitivos tinham recuado na distância, uma figura apareceu na câmara de drenagem central. Samuel, com sua camisa de flanela ensopada de esgoto, emergiu de um dos túneis, escolhendo seu caminho cuidadosamente por sobre os bolsões de lodo e outros restos. Ele pisava silenciosamente por sobre várias seções de pedra quebrada, feitas pontudas e soltas pelo último terremoto, até ele se posicionar no local onde o Nosferatu havia morrido. Pedacos de cinza molhada aderiram-se ao limo em um padrão que, se alguém olhasse atentamente, ainda sugeriria uma forma humana.

Ele agachou-se sobre os restos do corpo, cuidadosamente para não pegar qualquer de seus restos de ninho sobre ele, e balançou sua cabeça. Ele não esperava que esse pequeno exercício resultasse na morte de Beckett — francamente, ele teria ficado desapontado se tivesse — mas ele tinha esperado por uma demora mais longa do que isso. Afinal, eles provavelmente estariam fora dos esgotos no outro dia. Claro, ele ainda tinha tempo para pôr a próxima fase em movimento, mas Beckett, apesar de todos os obstáculos, estava prosseguindo a um ritmo acelerado. *Isto* não faria afinal. Era hora de começar a compartilhar mais algumas informações.

Então, Samuel ficou de pé, e prosseguiu em direção ao poço de serviço mais próximo. Enquanto ele escalava, seu semblante e roupas obscureceram brevemente, mudaram, apenas em caso de acontecer de qualquer dos aliados de Roger estarem próximos. A figura que apareceu na rua parecia muito mais como Calvin Roper, um membro de boa reputação nos anarquistas de MacNeil — e, não incidentalmente, o homem que disse à Roger para esperar por Beckett nos esgotos. Ele abriu um pequeno telefone celular, digitou um número de memória e esperou pacientemente enquanto ele tocava.

“Eu preciso falar com Jenna Cross”, anunciou ele em uma voz que não combinava com sua nova aparência. “Diga a ela que é o Samuel. Diga a ela que eu tenho alguma informação para ela sobre Beckett — e seus meios de transporte”.

Em algum lugar sobre o Oeste dos Estados Unidos

Com o conhecimento dos túneis mais imediato dos Nosferatu adicionado ao mapa e a informação fornecida por Okulos, o resto foi fácil, se não precisamente prazeroso. Eles tinham evitado não mesmo do que três coteries de sangues-fracos, e pelo menos um grupo de infiltrados da Camarilla, e emergiram na noite seguinte em outra valeta de drenagem fora dos limites da cidade de LA. Então era simplesmente uma questão de caminhar para o local conveniente mais próximo — uma loja de conveniência e posto de gasolina, como se veio a provar — e adquiriram um carro. (Kapaneus e Lucita, a qual realmente não tinha tido o estômago para beber seu suprimento de animais do Nosferatu, ficou tão feliz com o motorista quanto Beckett ficou com o carro). Kapaneus também tinha detectado mais alguns sangues-fracos da Cross no aeroporto do Vale da Maça, mas eles não pareciam especialmente alertas. Beckett sentiu que provavelmente Cross estava observando *todos* os aeroportos regionais, em vez dela ter descoberto qualquer coisa específica sobre a localização de Beckett. Desde que eles sabiam que haviam espiões lá, era uma simples questão de evitá-los tempo suficiente para embarcar no avião e para Cesare obter permissão para decolar. Agora eles estavam se dirigindo para Dallas, mas se eles estavam apanhando ou entregando ainda não estava completamente claro.

Beckett sentou na mesa que ocupava a melhor parte de uma parede da cabine. Kapaneus, em uma pose não muito como de ancião, estava esparramado através de seu saco de dormir, e Lucita empoleirou-se na beira do caixão de Beckett. Embora eles tivessem passado noites juntos escolhendo seu caminho através dos esgotos, eles tiveram poucas conversas. Isto não parecia apropriado, de alguma forma.

“Beckett”, perguntou finalmente Lucita para ele após vários momentos de silêncio desconfortável, “o quão certo você está? Honestamente”.

Ele não teve que perguntar o que ela quis dizer. “Completamente”, disse ele para ela, com sua voz neutra. “Tão certo quanto

eu nunca estive de qualquer coisa, Lucita. O murchamento, o desaparecimento de clãs inteiros, o que eu encontrei no diário de Etrius... eu lutei contra isto por muito tempo, mas eu não posso mais esconder. Isso não é algum tipo de maldição do sangue. Não é uma doença. A Gehenna realmente está sobre nós”.

“Eu pensava que você não acreditasse na Gehenna”.

“Eu não acreditava.”

Mais silêncio então.

“E você verdadeiramente acredita que Jack Sorridente possa ser capaz de ajudá-lo?”

“Isto parece uma boa ideia nessa altura.” franziu Beckett as sobrancelhas. “Minha única outra pista é uma Salubri de nome Rayzeel o qual supostamente despertou a alguns anos atrás. Ela supostamente é uma cria do próprio Saulot. Mas eu estarei arruinado se eu souber onde procurá-la”. Ele sentiu o desejo de quebrar alguma coisa crescer dentro dele. “Porra, se apenas eu tivesse mais *tempo*! Por todos os mitos e lendas, nós sabemos tão pouco... eu nem sequer sei quanto tempo a Gehenna supostamente levará”.

“Bem, então”, perguntou Lucita, “o que você propõe fazer sobre isso?”

“Eu estou mais determinado do que nunca em encontrar minhas respostas”, começou Beckett. “Apesar de tudo, isso me prova que nós, como Membros, temos — ou pelo menos *tínhamos* — algum propósito para a nossa existência, e eu vou descobrir —”

“Sim, sim, que legal. Eu quis dizer o que você vai fazer sobre a própria Gehenna?”

Beckett piscou. Ela não podia estar perguntando o que ele pensava que ela estava perguntando.

“Fazer?”

“Sim. Como você planeja parar isso?”

“Lucita...” balançou Beckett sua cabeça. “Essa é a *Gehenna*. Ela não pode *ser* parada. Assim como parar o sol de nascer ou a maré de vir”.

“Besteira.” Lucita colocou-se de pé e começou a andar a passos largos, tão longe quanto o tamanho da cabine permitiria. Mesmo dando apenas um par de passos em cada direção, Beckett ficou estupefato com a graça dos movimentos dela. Lucita podia estar mais fraca do que ela já foi em séculos, mas ela não mostrava isso na sua compostura.

“Eu passei milhares de anos enfrentando isto que supostamente não podia ser enfrentado”, ela continuou. “Eu me libertei

de Monçada, um poder que todos diziam que nunca poderia ser dissuadido. Por séculos eu me opus ao Sabá inteiro, e eles nunca me derrotaram. Na realidade eles me acolheram quando eu *escolhi* juntar-me a eles. Eu não acredito que qualquer luta seja perdida, se você a abordar adequadamente.

“Este é o porquê de você ter abandonado a luta para a sua humanidade?” perguntou Beckett, com um traço de amargura em sua voz.

Lucita na realidade sorriu. “Você não compreende. Eu não abandonei a luta para manter minha humanidade. Eu *venci* a batalha para descobrir o que eu sou.”

“E isso é o que você quer ser?”

Agora ela franziu as sobrancelhas. “Como eu disse, eu não preciso me explicar para você.”

“De forma alguma. Você apenas precisa se explicar a *você*, e eu não acho que você tenha realmente feito isto ainda”.

A tensão no ar ficou tão densa, que Beckett ficou surpreso que isto não arreventou as janelas. Ele se perguntou, brevemente, se ele tinha cometido um erro; se ele podia ter feito a Lucita ficar com raiva o suficiente para atacá-los mesmo aqui, em tal ambiente confinado — e frágil. Kapanews se apoiou sobre um cotovelo, observando a mulher de cabelo preto intencionalmente.

Ao invés, entretanto, ela somente cerrou seus punhos tão forte que Beckett pode escutar as articulações estalarem. “Você vai me ajudar a parar isso?” perguntou ela asperamente.

Por um breve instante, Beckett hesitou. E se eles pudessem? E se eles realmente pudessem parar, ou pelo menos adiar, a destruição próxima? Depois de tudo, ele ainda não sabia o porquê que ele parecia menos afetado pelo enfraquecimento do que os outros de sua idade. Talvez ele *pudesse* fazer alguma coisa?

Não. Não, isso não funcionaria. Beckett tinha ganho um respeito recém-descoberto pelos mitos antigos nas últimas semanas — e cada um desses mitos, cada lenda que ele nunca tinha ouvido falar, ditas com absoluta certeza que isso não poderia ser mudado, que isto deveria seguir o seu curso. Se sua resiliência incomum ao murchamento seria qualquer coisa, era que ele estava se concedendo mais tempo para encontrar suas respostas. Ele não iria gastar esta inclinação em moinhos de vento. Ele tinha as suas próprias respostas para encontrar, e ele não iria arriscá-las na esperança fútil de que toda fonte reconhecida estava errada.

“Eu não posso”, disse ele simplesmente. “E francamente, eu não acho que você também possa. Você ficaria melhor distante completando qualquer assunto inacabado que você possa ter ainda, Lucita. Certamente você, de todos os Cainitas, sabe como encarar a morte quando ela finalmente chega”. Ele pausou, pensou por um momento.

Por que você e seus aliados não vem comigo? quase ele perguntou. Com números maiores, nós temos mais chances de encontrar as nossas respostas; você pelo menos saberia o porquê que isto tudo aconteceu.

Mas ele não perguntou. Mesmo quando ele abriu sua boca, ele pode jurar que ele escutou uma voz — a voz de Anatole — dizendo, “Eu não faria. Você não acredita mais nela, Beckett. Ela não é quem ela era”.

Isso era quase certamente uma alucinação, talvez um eco persistente de seus sonhos. Apesar dele mesmo, ele obedeceu. Ao invés, ele disse, “Existe algum lugar que nós possamos lhe levar e seu pessoal antes de deixarmos os Estados Unidos?”

“E se eu pedisse a você para nos levar com você?” perguntou Lucita. Ela claramente quis dizer isto como um desafio, não uma oferta.

“Não posso fazê-lo. Olhe em volta de você, Lucita. É suficientemente difícil conseguir um avião particular através da alfândega esses dias, especialmente com algumas das condições incomuns de vida para aqui. Para não falar nada do maldito custo, entre permissões legais e subornos. De nenhuma forma no inferno eu conseguiria contrabandear um porão inteiro cheio de passageiros não documentados — ou cadáveres aparentes, se acontecer de ser luz do dia lá fora”.

“Ah, Beckett. Sempre uma desculpar do porque você *não pode* fazer isso.” Lucita girou e abriu a porta da câmara. “Eu acredito que eu irei passar o resto do voo na cabine, com Cesare”. Enquanto ela saía, ela respondeu, “Apenas me deixe próximo de Dallas, enquanto nós discutimos. Eu irei reunir meu pessoal lá, e nós iremos continuar a briga o melhor que pudermos. Você vá procurar por suas preciosas respostas”. A porta não fechou com violência inteiramente — isto estaria abaixo de Lucita — mas fechou com uma firmeza definida.

“Cesare está seguro com ela?” perguntou Kapaneus.

“Ah sim. Lucita pode estar com raiva, mas ela não é suicida, e ela não sabe como pilotar uma dessas coisa mais do que eu sei.

E com isto, havia nada mais a fazer a não ser esperar.

Braque et Chabrol Tecidos

Lille, França

Embora uma porção substancial daqueles que possuem assentos nesse conselho estava incapaz de comparecer devido a seus deveres em outro lugar no mundo, a assembleia ainda representava uma porção enorme da mais alta Camarilla. Príncipe e Justicars, membros do Círculo Interno e Fundadores da seita, todos sentados ou de pé em volta da maciça câmara de subsolo debaixo da fábrica de tecidos. Vários neófitos, “criminosos” geralmente culpados de nenhum crime maior do que o azar, permaneciam estaqueados em torno do perímetro da sala, onde assistentes podiam facilmente acessá-los para saciar sua sede.

Vários aparelhos gravavam os procedimentos, para revisão depois por aqueles — tal como o próprio Hardestadt, muitos dos mais poderosos príncipes do mundo, e vários dos Justicars e Círculo Interno — que não puderam comparecer. Os dados eram, como sempre, pesadamente encriptados e enviados via múltiplas linhas seguras.

“O ponto que eu estava *tentando* chegar”, anunciou Príncipe Voorhies de Amsterdam com um olhar irritado para Carlak de Praga, “é que pelo menos em minha própria cidade, e também em outros lugares conforme eu entendi, a força está se provando insuficiente para manter a ordem. Isso *não* é, como alguns a teriam, uma falha do meu governo”. Ele fitou para os vários outros em volta que tinham falado. “Enquanto o murchamento fica mais forte, e mais e mais neófitos experienciam o que nós temos lidado por meses, eles procuram as razões. Nós não podemos permitir que eles insistam sobre a Gehenna como uma explicação, obviamente, mas nem nós podemos simplesmente continuar encarcerando aqueles que o sugerem. Nós precisamos uma explicação para supri-los, e isso deve ser consistente”.

“Concordo.” Se colocou de pé Madame Guil, Justicar do Clã Toreador. Normalmente, ela teria pesadamente se envolvido nos esforços de Hardestadt para retomar Los Angeles, para os Estados Unidos do Oeste era uma de suas principais arenas de operação. Ela estava aqui agora simplesmente porque ela se encontrou com questões pendentes; Hardestadt tinha fielmente se recusado a

trabalhar com ela, devido a alguns conflitos passados ou outros. “Nossos protestos de doenças e maldições ficaram pateticamente fracas. Nós não podemos continuar dizendo às nossas crianças o que o murchamento *possa* ser. Nós devemos dizer a eles o que é isso”.

“Obrigado”, disse Voorhies em reconhecimento do suporte da justiça. “Nós não precisamos nos preocupar se nossas explicações sejam verdadeiras ou não. Ela deve simplesmente ser crível, e universal”.

“Ah, eu não sei”, manifestou-se Príncipe Nicholas de Kent. “Eu, por exemplo, gostaria *muito* de saber a verdade do que está acontecendo. Vários de nós já mencionaram nossas suspeitas a respeito do momento do desaparecimento Tremere. Certamente nós deveríamos estar procurando muito atentamente para a noção de que isto seja mais do que coincidência”.

Do outro lado da sala, outro vampiro se colocou de pé. Pequena na estatura como ela era, a Rainha Anne de Londres radiou uma aura de confiança e controle incomparável pela maioria daqueles presentes, mesmo aqueles bem mais antigos do que ela. “Eu concordo”, anunciou ela em uma clara e majestosa voz. “Mas eu também mantenho, assim como muitos outros, que nós devemos controlar o dano a nossa sociedade antes de nós podermos nos mover a diante. Dito isto, eu mantenho que os Tremere nos passaram nossa solução em uma travessa de prata. O momento do desaparecimento deles funcionou bem para nós, independentemente de sua verdadeira culpa ou inocência. Por que simplesmente não colocamos a culpa pelo murchamento sobre suas cabeças publicamente e abertamente? Tal iria não somente dar aos neófitos algum lugar para focarem sua raiva, como nós poderíamos também os distrair ao emprega-los em uma busca pelos Tremere desaparecidos”.

“A estimada Rainha Anne”, ofereceu Guil, “obteve admirável sucesso em manter calma sua própria cidade, mas eu acredito que isso a levou a subestimar o ânimo além de suas paredes. Sua sugestão está anotada, e seria uma boa, salvo que o medo e raiva dos neófitos esteja além de qualquer inimigo fantasma. Fôssemos entregar os Tremere como um bode expiatório, quando nenhum Tremere ainda exista, para sofrer a vingança das massas, eles não acreditariam”.

“Verdade”. Jaroslav Pascek, o justiça Brujah de aparência ilusoriamente delicada, carregava menos peso nesses conselhos do

que uma vez ele já teve. A defecção de Theo Bell, a muito algo de uma mascote para os partidários da Camarilla, tinha seriamente danificado a reputação do justicar sob com quem ele tinha trabalhado. Ainda assim, Pascek manteve a posição, e sua voz seria escutada. “O que nós precisamos, então, é um inimigo que os neófitos possam ver. Um que eles possam enfrentar — ostensivamente, de qualquer maneira”.

François Villon, Príncipe de Paris, levantou uma sobrancelha. “Quem você propõe?”

“Os Assamitas.”

O alvoroço que varreu a câmara levou vários minutos, e uma quantidade substancial de gritaria por todos os justicars presentes, para reprimir. Quando finalmente desvaneceu, era a voz do Príncipe McTiernan de Indianápolis que pronunciou o que a maioria na sala estava pensando.

“Você está louco! Agora, de todos os tempos, nós não podemos nos permitir alienar nossos novos aliados! Nós *precisamos* dos Assamitas, precisamos da habilidade em batalha, em espionagem — e agora, com os Tremere ausentes, na feitiçaria do sangue — que eles fornecem! Você jogaria fora um de nossos maiores recursos!”

“Eu não faria tal coisa.” olhou Pascek de relance em volta, com seu imperturbável olhar fixo firme o suficiente, para intimidar até os anciões para olhar para o outro lado. “O que eu proponho iria, no mínimo, atrair os Assamitas para nós ainda mais firmemente.

“Nós responsabilizamos o murchamento sobre os feiticeiros de sangue dos legalistas do Alamut. Isto é tanto um ataque sobre a soberania da Camarilla quanto uma punição imposta contra aqueles de seu próprio clã que tinham o entendimento de se juntar à nós. Isso não somente fornece à nossas próprias massas com um inimigo a quem se focar, isso inspirará aqueles Assamitas que desejam provar sua lealdade à nós em caçar seus irmãos. Certamente eles irão esperar a suposição de cair sobre eles também, e eles irão procurar fazer tudo que eles puderem para desviar-nos disto.

“E se qualquer dos nossos próprios descobrir que os Assamitas também sofrem do murchamento?” perguntou Príncipe Villon. “O que acontecerá?”

“Realmente, Villon”, interpôs-se Voorhies. “Os Assamitas da Camarilla dificilmente espalharão uma palavra deste fato mesmo se eles descobrirem isto; eles estariam muito preocupados que eles não seriam acreditados, que isso seria visto como um estratégia para proteger seus companheiros de clã. E quem mais provavelmente teria a oportunidade para observar ou falar com um

legalista Assamita por tempo suficiente para fazer tal descoberta?”

Novamente, o murmurar rolou através da sala como uma onda, mas era mais suave dessa vez, menos raivosa. Claramente uma quantidade daqueles presentes estavam pelo menos considerando as vantagens do plano do justiça.

“Nós temos uma proposta”, anunciou Madame Guil, trazendo a discussão mais uma vez para uma pausa. “Isto é secundado?”

Príncipe Voorhies se colocou de pé mais uma vez e assentiu. “Isso parece soar. Não apenas fornece uma solução para nosso imediato problema, como nos concede tempo para caçar pela *verdadeira* fonte do murchamento, seja ela os Tremere ou algo mais. Eu secundo”.

“Então, como isso não é uma questão que até o Círculo Interno dos justicars devesse decidir por sua própria conta, deixe-nos votar sobre isso. Todos a favor, ergam...”

A justiça Toreador caiu novamente em confusão enquanto uma brisa quente varreu através da sala. Ela a sentiu em sua pele — enquanto sentiam os outros, claramente, pois todos eles olhavam em volta deles, talvez procurando uma janela aberta, apesar do fato que eles estavam no subsolo — ainda que não perturbasse seu cabelo, nem suas roupas.

Em vez de enfraquecer, como seria esperado de uma rajada de acaso, o vento aumentou. Ele carregava ao longo de sua ponta frontal o sabor de sangue, e estranhamente, o gosto seco de areia.

Guil perscrutou em volta alertamente, baseando-se nos sentidos e poderes de observação que fariam até alguém tal como Beckett parecer cego em comparação. Ela viu a fonte do vento do deserto.

O grito ensurdecido de Madame Guil, o choro lastimável de uma criança de quatrocentos anos de idade, ecoou através da câmara, perfurando os ouvidos daquelas mais próximas dela como agulhas. A justiça desmoronou sobre seus joelhos, mãos apertando em um rosto de repente coberto em sangue. Quase como um só, a assembleia ficou de pé, confusão e um evidente medo crescente em seus olhos e sobre suas faces.

O sabor de sangue ficou mais denso, o rugido do vento ficou ainda mais forte, e Jaroslav Pascek foi o primeiro a ser massacrado. Ele simplesmente piscou uma vez, como se confundido por um pensamento repentino, e desmoronou em pó, drenado instantaneamente.

neamente o sangue e a alma e tudo que ele foi. No caos, levou alguns instantes para todos notarem.

A destruição do Príncipe Voorhies de Amsterdam, o qual tinha secundado o movimento de Pascek, e do Príncipe Villon, o qual já tinha começado a erguer a sua mão enquanto Guil chamava pela votação, era de certa forma mais óbvia. A dupla tinha sentado próximo do centro da sala, arranjados em cada lado do Príncipe Kleist de Berlim. Então, metade dos olhos na câmara estavam sobre Kleist, quando ele de repente se derramou em cinzas de ambos os lados enquanto Voorhies e Villon ambos morriam e se decompunham onde eles se encontravam.

E assim, estava acabado. O vento desvaneceu e foi embora, a essência de sangue desapareceu debaixo dos cheiros normais da cidade de suor exausto e mortal que se filtrava descendo da superfície. No centro da sala, Madame Guil enrolada sobre si mesmo, gritava em uma voz que ficava rapidamente rouca. O sangue dela filtrava-se livremente por entre suas pálpebras que cobriam olhos fendidos e inúteis.

Embora todos os seus sentidos terem dito para fugir, todos os vampiros na câmara pareceram enraizar no local. Embora a Besta demandava luta, seus cérebros superiores simplesmente não puderam processar o que tinha acabado de acontecer. Minutos se passaram, e os gritos da Guil lentamente desapareceram em sons de raspagem inteligíveis. Finalmente, as mãos dela visivelmente tremendo em seu punho como demonstração de medo declarado em mais de um século, a Rainha Anne de Londres deu um passo à frente.

“Todos concordam?” perguntou ela, com sua voz quase tremendo. Nenhuma resposta. “Todos se opõem?”

Todas as mãos na sala se atiraram para cima como se tentando escapar dos braços do que eles estavam anexados.

“Moção derrotada. Reunião adiada.”

Anne foi a primeira para fora da porta.

Começando a descida para Dallas / Aeroporto Internacional de Fort Worth Dallas, Texas

“Tudo bem”, disse Beckett, descansando seus cotovelos sobre a mesa de café em formato de badeja. “Agora eu sei que eu estou louco.”

“Por que isso?” perguntou Anatole a ele, preguiçosamente

mexendo um jarro para creme não láctea em uma caneca cheia de sangue.

“Porque está no meio da noite. Se é o meio da noite, eu não posso estar sonhando. Se eu não estou sonhando, isso é uma alucinação. Portanto, eu estou louco.”

Anatole suspirou. “Também isto, ou isso realmente é uma visita, e eu realmente estou falando com você.”

Beckett deu uma olhada em volta. A mesa na qual eles sentavam era a mesma da primeira visita de Anatole. Entretanto, ao invés de estarem sentados em uma rua de Paris, estavam agora cercados pela completa escuridão. Os bizarros ruídos de mastigação que Beckett havia escutado na primeira vez ainda soava a distância, como se eles estivessem movendo-se para longe.

“Se for, você com certeza tem um estranho gosto para locais de encontro.”

“Deste modo provando que eu sou de fato o louco, não você. Portanto, isso realmente deve ser eu, não deve?”

A cabeça de Beckett doeu mesmo tentando seguir esta lógica, portanto ele desistiu.

“O relógio está correndo, Beckett”, continuou Anatole. “As areias estão se esgotando, você está na última volta, o aviso de 2 minutos soou, o sexto selo foi quebrado. Você não tem muito tempo.”

“Acredite ou não, eu estou ciente disto.” Beckett balançou sua cabeça. “Eu não sei o que fazer, Anatole. Eu não consegui achar as respostas que eu estou procurando nos últimos três séculos. O que me faz pensar que eu possa fazer em meses, ou semanas?”

“Nada mais ou menos do que o fato que você deve. A necessidade é o melhor motivador. Acredite em mim, eu sei.”

“A merda disto é”, explicou Beckett, com sua voz de repente cansada, “que eu tenho uma vantagem. Possivelmente a melhor que eu já tive. Mas eu não sei como segui-la! Eu sei quem eu tenho que encontrar, mas eu não tenho a primeira pista de onde ela esteja!”

“Meu, sim, isto deve ser frustrante.” Anatole mexeu enfaticamente sua bebida. “É uma vergonha você não saber de qualquer erudito Nodista e guardião de conhecimento que tem reunido conhecimento desde a Idade Média e guardou toda esta informação em uma grande biblioteca particular.”

O queixo de Beckett caiu. “Não. De jeito nenhum. Você não pode acreditar que eu esteja insano o suficiente para ir para lá.”

“Ei”, disse Anatole com uma contração de ombros, “essa é a sua alucinação, lembra? Você é obviamente louco o suficiente.” Ele sorriu, mostrando perfeitamente os dentes brancos sem manchas do sangue que ele bebericou.

Beckett piscou e olhou em volta da cabine com alguma confusão. Kapaneus estava olhando para ele, com evidente preocupação em seu rosto. “Você está bem, Beckett?”

“Eu estou...” Beckett balançou sua cabeça. “Eu estou bem, eu acho. O que aconteceu?”

“Eu não tenho certeza. Eu pensei primeiro que você estivesse meramente perdido em pensamentos, mas você continuou completamente calmo, por vários minutos seguidos. Eu inicialmente temi que você tenha de alguma forma entrado em torpor.”

“Estranho.” Beckett teve alguns breves pensamentos para contar a seu companheiro sobre sua visão, ou sonho, ou alucinação, ou o que fosse, mas decidiu contra isto. Nenhuma razão para assustar o ancião ao deixá-lo saber que ele estava viajando com uma pessoa louca.

“Lucita ainda está na frente?” perguntou ele.

“De fato. Seu carníçal nos informou que nós devemos estar pousando a qualquer momento.”

“Nós não vamos ficar. Nós vamos largar Lucita e acabou-se. Eu acho que eu sei onde nós precisamos ir em seguida.”

Dallas / Aeroporto Internacional de Fort Worth Dallas, Texas

Theo Bell caminhava em um ritmo constante através do grama aberto entre a cerca de segurança e a pista distante. Ele não deveria estar aqui, mas ele sempre foi da impressão que qualquer sistema de segurança não bom o suficiente para afastá-lo não valia reconhecimento. Além do mais, ele tinha coisas a fazer.

A chamada do telefone de Lucita foi breve. Ela não disse a ele como foram as coisas em LA, ou o que ela sugeria para o próximo passo. Ele sabia somente que ela estava chegando em um jato particular, e que ela iria apreciar se ele se encontrasse com ela lá.

A essa hora da noite, era incomum até para um aeroporto tão grande quanto o DFW fazer uso dessas pistas mais distantes. Ainda mais quando o avião em questão era um particular, ao invés de um avião comercial. Aparentemente, tanto Lucita quanto seja quem fosse que estivesse com ela tinham arranjado algum tipo de “consideração especial”. Bell se perguntou preguiçosamente qual foi o valor em dólar desta consideração.

Seus olhos se estreitaram quando ele se aproximou da pista. Ele já podia ver as luzes piscantes do avião a distância — ou pelo menos ele assumiu que era o avião que ele estava esperando, pois ele parecia estar vindo quase direto para ele. O que preocupou ele, entretanto, era os três indivíduos espreitando próximo do hangar. Bell estava certo de que eles não eram uma equipe de manutenção do aeroporto, a não ser que o DFW tivesse começado a distribuir capas de chuva uniforme.

Ele balançou sua cabeça. Capas de chuva. Sim, *aqueles* eram discretos. Preguiçosamente carregando sua SPAS-15 sobre seu ombro direito, Bell perambulou até o trio que estava se escondendo.

“Lamento muito”, disse ele enquanto se aproximava, “mas eu acho que vocês procuravam a esteira de bagagem C. É no terminal, neste caminho.”

Todos os três giraram para encará-lo, com as mãos lançando-se para dentro dos casacos para alcançar as armas que eles provavelmente pensavam que estavam bem ocultas. Bell já tinha contado e identificado elas.

“Você tem uma chance para ir embora”, rosnou um deles para Bell em uma voz que era pretendida a soar rude. “Nós não estamos aqui por você.”

“Bom para vocês.” Bell olhou de relance para a esquerda. O avião estaria tocando o chão a qualquer momento, alcançar o fim da pista em apenas um minuto ou dois. “Mas como vocês provavelmente estão aqui pelas mesmas pessoas que eu estou, isto não vai bastar. Portanto eu vou fazer a vocês a mesma oferta. Vocês têm uma chance. Caiam fora, antes que isso fique feio.”

O porta-voz do trio fez uma careta. “Tudo bem, cuzão, você conseguiu sua —”

Sem levantá-la de seu ombro, Bell atirou com a espingarda, retraindo-se levemente enquanto a que a explosão soou bem em sua orelha. Ele escutou um som espirrado por trás dele, seguido por um baque barulhento. Três pares de olhos ficaram de repente bem abertos enquanto eles olhavam para ele.

“Vocês acham *realmente* que eu não escutei ele chegando?” perguntou Bell. “O filho da mãe pisa como um maldito rinoceronte.”

Os espreitadores imediatamente sacaram as pistolas e abriram fogo — não que isto importasse, desde que Bell não estivesse mais onde eles estavam apontando, de qualquer maneira.

Quando acabou, Bell estava razoavelmente enojado sobre

quanto tempo isto levou. Ele não tinha enfraquecido quase tanto quanto Lucita, dado que ele era mais novo, mas seus períodos de força estavam ficando menos frequentes, e seus períodos de fraqueza ficando mais longos. Ele não era tão rápido quanto ele deveria ser, ou tão forte. Ainda assim, ele tinha mais do que ele precisava para eliminar um trio de fodidos inexperientes como esses, mas isto não deveria lhe tomado dois minutos inteiros para fazê-lo. No momento que ele olhou para cima dos corpos lentamente se decompondo espalhados em volta dele, o avião tinha não apenas pousado, como decolado mais uma vez.

“Uh”, comentou ele.

“Bom trabalho, Bell.”

“Jesus!” girou Bell, com a espingarda apontada, enquanto Lucita deslizava da escuridão atrás dele. “Porra, Lucita, não *faça* isso!”

“Me perdoe”, disse ela para ele em um tom de voz que claramente indicava que ela era nada do tipo. “Eu assustei você?”

“Assustou?! Se meu cólon ainda funcionasse, eu teria me borrado todo!”

“Meu, quão exuberante.”

Enquanto a dupla começava um vagaroso passeio de volta em direção ao limite da propriedade do aeroporto, Bell gesticulou com o cano de sua arma naqueles que ele a pouco massacrou. “Esses tolos mal sabiam a ponta de uma arma da outra. De jeito nenhum eles eram um time de assassinos da Camarilla. Eu vou adivinhar que suas negociações com a Cross não foram tão bem.”

Ela falou para ele, enquanto eles caminhavam, recontando tudo que tinha ocorrido durante sua viagem para LA. Bell escutou atentamente, interrompendo ela somente uma vez quando ela estava no meio da descrição de sua fuga da casa de Cross.

“Como você sabe que esse cara, esse Kapainus —”

“Kapaneus”, corrigiu ela.

“Que seja. Como você sabe que esse cara Kapaneus lhe falou a verdade? Você tem apenas a palavra dele que ele ouviu por acaso a Cross planejando fumegar todos vocês. Como você sabe que ele não estava apenas tentando foder as nossas discussões com eles para seus próprios propósitos?”

Lucita franziu as sobrancelhas, sua testa enrugou. “Não”, disse ela finalmente, pensativamente, “eu não acredito nisso. Considerando o quão hostil Cross foi com Beckett, eu na realidade acharia isto mais suspeito se ela *não tivesse* tentado alguma coisa”.

Ainda assim, Lucita estava preocupada. Não era que ela pensava que Bell estava certo, muito desta possibilidade nunca tinha sequer ocorrido a ela. Ela simplesmente acreditava na palavra do estranho ancião instintivamente, e Lucita tinha sobrevivido por muito tempo para acreditar em qualquer um sem uma razão muito boa.

Bem, estava feito agora, seja qual fosse o caso. E lá estava questões maiores para se preocupar. Seguindo em frente, ela finalizou seu relato por volta da hora que ela e Bell chegaram à linha da cerca do aeroporto.

“Gehenna, uh?” abaixou-se Bell para dar à enfraquecida La-sombra um empurrão por sobre a cerca, então deu um passo para trás e fez um pulo corrido por sobre o arame farpado. Ele pousou com uma pancada abafada e um impacto que teria direcionado a respiração de qualquer coisa que ainda necessitasse respirar para começar. “Beckett tem certeza sobre isto?”

“Ele tem. E você não pode esperar que eu acredite que você não tenha considerado isto por conta própria, por tudo que nós passamos meses falando em torno deste assunto.”

“Lucita”, disse ele para ela enquanto eles mais uma vez retomavam a caminhada, dessa vez em direção à van que ele tinha guardado a algumas vias distante, “desde a noite que eu fui Abraçado, eu fui educado a acreditar que a Gehenna era um mito, um monte de misticismo besteira estabelecidos pelos anciões para justificar suas próprias posições e perversões”. Ele balançou sua cabeça. “Eu seria um idiota em negar o que eu estou vendo, mas não é fácil aceitar”.

“Bom. Porque nós não vamos aceitar isso.”

Bell parou em seu curso, e se virou. “Me desculpe, diga isto novamente em meu ouvido *bom*”.

“Beckett já desistiu. Ele não acredita que isso possa ser parado. Eu acredito. Portanto nós vamos fazê-lo”.

“Uh-uh. E como nós vamos fazer isto?”

Lucita sorriu. “Beckett mencionou uma Salubri chamada Rayzeel, uma cria de Saulot e uma erudita do antigo que despertou recentemente. Ele não sabe como encontra-la”.

“E você sabe?”

“Não pessoalmente, não. Mas eu tive alguns negócios com a nova linha dos Salubri os quais agora são parte do Sabá, e uma quantidade deles está determinada a encontrar todas as últimas conexões que eles puderem de volta para seu patriarca falecido. Se

alguém sabe onde encontrar essa Rayzeel, um deles irá. E isto é um recurso que Beckett não tem.

Nós vamos encontrar Rayzeel antes que ele o faça, Bell. E nós vamos fazê-la nos ajudar a descobrir como parar isso.

“E se Beckett se colocar no caminho disto?”

Lucita encolheu os ombros. “Eu tenho esperanças de que uma vez que ele veja o que nós estamos realizando, ele irá perceber seu erro e decidir ajudar. Se ele não perceber — bem, você já chegou próximo de mata-lo uma vez”.

Bell não pareceu particularmente feliz com *esta* perspectiva, mas ele assentiu.

Refúgio de Jenna Cross no Vale de São Fernando Los Angeles, Califórnia

“Não, *you* não compreende”, estava Jenna Cross praticamente rosnando em seu telefone, sua paciência com o homem na outra extremidade a muito se foi. “Eu não me *importo* o quanto custa. Eu não me *importo* o sobre o quão difícil é. Eu não me *importo* com o que você tem que fazer para consegui-lo. Em algum lugar neste maldito sistema está o plano de voo e o destino do avião de Beckett, e eu não quero escutar você novamente até você consegui-lo, caralho!” Ela violentamente apunhalou o botão de desligar no telefone, brevemente lamentando que ela não estava usando uma linha fixa — era sempre bem mais satisfatório bater violentamente eles no chão do que apenas socar uma tecla.

“Ainda não sabe para onde o homem está indo?” perguntou Jack Sorridente da entrada para o pequeno cômodo. Seus dedos e joelhos estavam imundos com solo de envasamento, seus sapatos manchados com grama, e um cigarro apagado pendurado, aparentemente esquecido, no canto de sua boca.

Cross fez uma careta. “Eu pensava que seria fácil uma vez que Samuel me ligou com os números de identificação do avião particular de Beckett”.

“Certo. Eu ouvi falar sobre a porcaria no DFW”.

“Não é minha culpa. Eu não tive tempo levar o meu próprio pessoal para lá. Tive que contar com alguns dos locais que queriam ficar de boa comigo”. O tom dela tremeu só um pouco lá. A pesar dos desejos dela, seus medos, seu pessoal estava de fato

começando a vê-la como algum tipo de salvador para os sangues-fracos por todo o mundo. Isso assusta ela quase tanto quanto a ideia de os anciões estarem se voltando contra ela como um preságio da Gehenna próxima. “Eles não eram exatamente as pessoas mais competentes que eu já tenha lidado”.

“Então e agora? Você escava até encontrar um destino onde você possa apanhá-lo, continua jogando pessoas sobre ele até ele estar morto?”

“Algo como isto”.

“Jenna...” puxou Jack um antigo e praticamente vazio isqueiro BIC de um bolso, segurou o cigarro bem distante de seu rosto enquanto ele o acendia, e deu uma longa tragada nele uma vez que ele estivesse queimando. “Esse não é o caminho”.

“Ah, Deus, novamente não, Tio Jack”.

“Não, droga, você tem de me escutar!” O antigo anarquista espreitou para dentro da sala e praticamente empurrou seu rosto no dela. Uma pequena faísca do Medo Vermelho lampejou através da alma dela, e ela teve que recuar do cigarro aceso. “Você é algo de especial. Você tem a marca —”

“A qual você pôs em mim”, lembrou ela a ele.

“Não importa. Você a tem. Você era uma carniçal que se tornou uma vampira sem ser Abraçada. Há tipo, o que, menos do que uma dúzia dessas no mundo inteiro desde que essa bagunça toda começou?”

“Isto nós escutamos, de qualquer maneira”.

“Os sangues-fracos por toda arte estão olhando para você para ajudá-los através do que está por vir, Jenna. Inferno, até alguns vampiros do tipo normal estão começando a falar, a pensar que talvez o que você está construindo é uma opção melhor do que a despedaçada Sabá ou a nazista Camarilla. Você tem coisas importantes diante de você, coisas grandes. E você não vai ver uma delas se você irritar Beckett o suficiente para matá-la”.

“Beckett”, disse ela para ele através dos dentes rangendo, “estará morto muito antes dele fica irritado assim”.

“Certo. E aí? Quanto do seu pessoal você vai sacrificar para fazer isso? O quão isto vai te fazer olhar para o seu pessoal? E sobre o próximo ancião que conectar você com a Última Filha? Você tem usado sua marca como uma ferramenta de recrutamento, mas isto significa que a palavra se espalhará. Outros podem não ter a

não ter a reputação no campo que Beckett tem, mas o suficiente para eles começarem a gritar sobre você, eles vão acreditar”.

Jenna quis gritar sobre ele, dizer à Jack que ela não *queria* ser a líder de algum grande movimento de sangues-fracos, e se seu povo perdesse algum respeito por ela porque muitos deles morreram tentando matar Beckett, bem, ela não objetaria. Mas ela não podia. Ela viu o quanto eles olhavam para ela, viu a esperança em seus rostos quando ela falava de grandes planos e promessas que ela sabia que ela provavelmente não poderia cumprir. Ela não queria essa maldita função — mas ela queria ainda menos ver o que aconteceria se ela o deixasse.

E ela sabia que Jack não compreendia — não conseguia — seu medo. Ela sabia que os anciões, não apenas alguns poucos espalhados aqui e ali, mas aqueles que se importavam, iriam eventualmente identifica-la como a Última Filha. Ela sabia, também, que as coisas ficaram piores em volta do mundo, mais e mais desses anciões iriam começar a acreditar nas antigas lendas novamente, iriam acreditar que a Gehenna estava sobre eles. Uma vez que isto aconteça, era somente uma questão de tempo antes deles virem atrás dela. Ela não estava de todo *assim* assustada de verdadeira morte; ela estava *aterrorizada* de ser capturada pela Camarilla ou o Sabá e submetida a quaisquer testes e exames que eles pudessem ter em mente para alguém tal como ela. E Beckett, enquanto não o único que poderia atrair todos esses fios esticados para uma rede em volta dela, era certamente o mais provável de o fazer. Ela sabia, porque Samuel o tinha dito a ela.

Se fosse apenas ela, ela teria partido para se esconder a muito tempo, deixado LA e a Camarilla tão longe atrás dela quanto ela podia. Mas isto não era apenas sobre ela. Ela realmente não sabia como isso aconteceu, mas uma grande quantidade de pessoas tinha vindo para contar com ela nos últimos meses. Ela ressentiu-se por isso, as vezes até odiava eles — mas ela não os deixaria se decepcionar.

Porém, ela não conseguiu explicar nada disso para Jack. Ele não conseguia entender, não importa o quão duro ele tentasse. Jack tinha sempre batalhado “o Estabelecimento” por seu próprio bem, não por aqueles que lutaram ao lado dele. E ele *certamente* não podia compreender o medo dela, como ele raramente se sentia. Embora, no seu jeito, sua preocupação era genuína, então ela forçava um sorriso enquanto ela se colocava de pé. “Eu irei considerar isto, Tio Jack. Prometo. Mas neste momento, enquanto você

aponta para fora, eu tenho pessoas para cuidar. Se qualquer um ligar de volta com informação sobre Beckett e eu não estiver aqui, faça Jacob levá-lo. Ei irei decidir o que fazer com isto então.”

Jack segurou seu próprio sorriso até ela ter ido embora da sala por pelo menos dois minutos inteiros. Então ele esmagou o cigarro fora em uma pequena planta de vaso na mesa dela e disse, “Você pode sair”.

Uma figura barbuda deu um passo das sombras. “Eu estava me perguntando se você sabia que eu estava aqui”.

“Eu tenho visto muito mais claramente desde que Caim veio até mim, Samuel”.

“Certo. Sua lendária visita.

Jack encolheu os ombros. “A maioria das pessoas não acredita. Não há razão que você devesse”. Ele pausou um momento. “Porém, talvez eu não estivesse vendo claro quanto eu pensava”. Ele deu uma olhada de lado em Samuel. “É você todo, não é?”

“O que é todo eu?”

“Toda essa bagunça de Beckett. Você é aquele que veem aconselhando ela pelos últimos poucos meses, você com suas ‘conexões’ com a Camarilla e os anciões. Ninguém mais que poderia colocar esta noção na cabeça dela”.

Samuel encolheu os ombros. “O medo já estava lá, Jack, esperando para ser explorado. Você não tem ideia das pressões sobre esta garota. Eu apenas dei uma direção, uma cutucada”.

“Seja o que for que você tem contra ele, você foi covarde demais para matar Beckett por conta própria? Você tem que atormentar Jenna para fazer isso?”

“É mais complicado do que isto, Jack. Eu explicaria isto para você, se eu tivesse tempo. Ou se você tivesse”.

“Ah, certo. Mas eu sou muito perigoso, agora, desde que eu estou tentando falar para ela se afastar de prosseguir com essa vingança idiota”. Jack Sorridente deu um único passo para trás da mesa, seus olhos começando a ficar latentes. “Você acha que pode lidar comigo, Samuel? Eu encarei um *monte* de gente mais dura do que você, e eu sou o único aqui”.

“Ah, eu sei. Você é uma lenda entre os anarquistas. Eu posso ser capaz de subjugá-lo, ou não posso. E seja como for, isto seria longo, ruidoso e barulhento o suficiente para atrair todos os sangue-fraco na quadra para essa sala. Mas... o quão devotado você está à Jenna Cross e a causa dela, Jack?”

“Hu? Mas do que diabos você está —”

“Eu deixei uma mensagem com alguns de meus contatos da Camarilla. Junto com instruções para entregá-la diretamente à Hardestadt”.

Jack sentiu o fundo sair de seu estômago. “Que tipo de mensagem?”

“Uma que explica tudo que eu sei sobre Cross e os sangues-fracos. Nomes, Padrões. Localizações. Fortalezas. Fraquezas. Nomes de amigos mortais e família. Rotas de patrulha. Refúgios de emergência. Os trabalhos”.

O antigo anarquista sentiu-se como se estivesse em chamas. A Besta rugia em sua cabeça tão ruidosamente que ele estava certo de que Samuel podia escutá-la. Somente com o maior dos esforços de vontade ele já tenha feito pode ele forçá-la pra baixo.

“Eu pensei que você queria nos ajudar...”

Samuel encolheu os ombros. “Eu quero mais isso. O que você acha que a Camarilla poderia fazer com este tipo de informação? Eles podem saber algumas das generalidades, mas elas não sabem onde Gehenna dorme durante o dia, ou para onde ela provavelmente vai se este lugar for comprometido. Eles não sabem as estratégias precisas que os sangues-fracos estão usando para as patrulhas, informação reunida e tal. Mesmo se você me matar e avisar a ela, ela não teria tempo para mudar o suficiente disto para ter importância. Hardestadt saberia quem, onde e como atacar. Ele seria capaz de eliminar as suas patrulhas, liquidar o pessoal de Jenna um por um. Eles podem até ser capazes de lançar um ataque bem aqui, apesar das quantidades dos sangues-fracos nessas casas.

“Tudo isto acontece em...” checou Samuel seu relógio. “Três horas. A não ser que eu retorne à Beira-rio a tempo de recuperar o pacote antes de Hardestadt pegá-la”.

Os ombros de Jack caíram. “Como eu sei que você não irá entregar isto mesmo assim?”

“Jack, como você salientou, eu tenho ajudado a Cross até aqui. E ela ainda é muito importante para meus planos para Beckett, embora eu possa fazer sem ela se eu tiver de fazer. Eu não tenho *razão* para destruir o que ela tem feito aqui — a não ser que você me force a isto”.

Jack Sorridente, o líder anarquista que se tornou profeta da Gehenna, aproximou-se até ele ficar praticamente nariz com nariz com Samuel. O invasor não recuou. “Seja o que for que você esteja planejando para Beckett”, disse Jack para ele, “eu espero que ele foda você todo”.

“Eu vou manter isto em mente”.

Jack se afastou. O som de uma longa faca deixando sua bainha era o último som que ele jamais teria escutado.

parte três:
A HORA DAS BRUXAS

Escute a palavra do erudito, para quem o conhecimento é uma maldição

E os horrores antigos são apenas sonhos de coisas por vir.

Deles devem provir o aviso.

Deles devem provir a sabedoria.

Deles deve vir a matança.

– Os Fragmentos de Erciyes, “Profecias”



Castelo Sforzesco Milão, Itália

Aqueles que o conheciam não podiam mais acreditar que esse era o mesmo Giangaleazzo. O Giangaleazzo que havia atendido à Convenção dos Espinhos, participou na Revolta Anarquista, elevou-se a uma grande proeminência dentro do Sabá e impiedosamente expurgou seu próprio pessoal quando entregou Milão à Camarilla — essa era uma criatura forte em suas convicções, poderoso de vontade.

O Giangaleazzo que agora indolentemente vagava pelos salões de Sforza, ficando nas imagens e relíquias de noites passadas e desejando que ele pudesse estar lá de volta, era algo totalmente diferente. Ele tinha mudado a governança noite-a-noite de Milão sobre seu primogênito, ordenando somente que ele fosse consultado nas deliberações maiores. Quando não vagueando através do passado como ele estava hoje à noite, ele passava a maior parte de seu tempo trancado em um de seus vários refúgios, com portas e janelas aparafusadas e misticamente seladas com o que a pequena escuridão tangível que ele ainda podia invocar.

Pior, o Príncipe de Milão murmurava, falando consigo mesmo. Ele não estava sequer verdadeiramente ciente do hábito. Ele fazia isto sozinho e na presença de outros com igual frequência. Aqueles poucos que tinham ouvido por acaso ele, ficaram chocados e encontra-lo falando em voltas de sua própria morte, as mortes daqueles que ele conhecia e sua vida mortal. De fato, o que ninguém sabia era que Giangaleazzo não tinha dormido um dia inteiro em semanas, que toda tarde ele era acordado por sonhos intensos de tanto seu senhor quanto de seus pais mortais.

Ele estava fraco, bem mais fraco do que até o murchamento sozinho pudesse representar. Por meses, sua força e sua faculdade com a coisa das sombras tinha decaído, mas sua recente falta de sono e constante medo prestava a ele um reflexo pálido do que ele já foi uma vez. Ele não teve a força para comparecer ao recente conclave em Lille, França, apesar de um convite que foi tão próximo de uma ordem do que qualquer príncipe poderoso era provável de receber. Nem ele realmente se importava.

Giangaleazzo vagava além da sala de esculturas, onde ele teve sua conversa com o Arconte Bell — agora declaro traidor pelo

decreto mundial dos justicars e dos Círculo interno — a alguns meses atrás. Mesmo assim, ele sabia o que estava vindo, sabia que a Gehenna estava sobre os membros e o mundo, mas ninguém tinha escutado seus avisos. Mesmo agora, horrível quanto os eventos se tornaram, a Camarilla se recusou a reconhecer a verdade que se apresentava claro diante deles, mesmo indo tão longe quanto para punir aqueles que desafiaram sugerir isto. Giangaleazzo tinha se absterido de se arrastar de volta para o Sabá, não somente devido aos restos esfarrapados de seu orgulho e a quase certeza de que eles iriam matá-lo por sua traição, mas também por causa de seu conhecimento de que a Espada de Caim estava desmoronando por dentro. Ele havia escutado do expurgo de anciões da seita, sabia que isto era um pouco mais do que uma coleção de devoradores de neófitos assustados e sanguinários. Se ele tivesse apenas agido mais cedo! Talvez ele pudesse ter feito algo para evitar isso acontecer, pudesse não ter tido de passar suas últimas noites como algum velho desamparado —

As luzes de Milão, fluindo na janela a alguma distância abaixo do salão, abruptamente se apagou, como se alguém tivesse simplesmente desligado a cidade inteira. Não, pior, sem nenhum traço da lua ou estrelas brilhavam através também. O Castelo Sforza foi revestido em uma escuridão tão absoluta quanto Giangaleazzo, apesar de sua familiaridade de longos anos com o Abismo, já viu. Os gritos dos mortais aterrorizados, pegos na escuridão, fluíam para dentro através das janelas. Eles foram abafados, distantes, eclipsadas por uma escuridão que não era meramente uma ausência de luz, mas um impedimento físico. Até o guincho do metal tensionado e o despedaçamento de vidro, que tão depressa fez os motoristas cegados colidirem em paredes, árvores e um ao outro, não era tão afiado quanto ela devia ter sido.

E então ele escutou a voz. Diferente dos outros, ela estava próxima de fato. Ela parecia vir de um pouco mais acima de seu ombro. Ele podia quase sentir a respiração quente do orador em sua orelha.

“Giangaleazzo...”

Era a voz de seu senhor? Ou a de seu pai mortal? Ele de repente não conseguiu se lembrar, não conseguiu dizer a diferença. Ele girou em volta, mas lá, enquanto diante dele, havia nada além de sombra.

Ela começou a falar, rapidamente, mas detalhadamente. As palavras eram algaravias. Mesmo aquelas que vinham de idiomas

que Giangaleazzo conhecia pareciam ser escolhidas aleatoriamente. Era o balbúcio da loucura que ele escutava — ou pior, os sussurros distorcidos de um ser para a qual a fala por si só era um conceito totalmente alienígena.

A pressão das palavras aumentou, batendo dentro da mente de Giangaleazzo, imprimido diretamente sobre seus pensamentos. O eco de cada discurso se misturava no próximo, até que fosse uma torrente de sons do qual ele não podia mais sequer pegar palavras isoladas, sílabas isoladas. Vinha de todas as direções, primeiro de trás, então da esquerda, como se o orador se movesse em volta dele. A entidade cercava ele por todos os lados agora, e ainda algaraviava na voz de seus pais.

E Giangaleazzo conhecia a sombra pelo o que ela era. Seus olhos se fecharam comprimidos, inconsciente do pingo de sangue de suas orelhas e nariz. Ele se rebaixou diante dela, caiu de joelhos, colocou sua testa e suas palmas sobre o chão.

A escuridão turvou, moveu-se — e Giangaleazzo gritou.

Ele convulsionou, com os membros puxando em todas as direções de uma vez enquanto ele se elevava no ar, levantado pelas sombras tangíveis que invadiam seu corpo através das orelhas, boca, olhos, ânus, até os poros de sua pele. Ela fluía como um líquido viscoso, preenchendo Giangaleazzo por dentro. O sangue esguichava desses mesmos orifícios, expelido pela pressão da crescente escuridão. Giangaleazzo foi surrado, os músculos contraindo-se de suas próprias concordâncias, sem sequência um com o outro, até eles se rasgarem soltos do osso e tendão, ou então dobrando seus membros em ângulos agudos o suficiente para estilhaçar as juntas.

Por um breve instante, Giangaleazzo gritou — e então a sombra alcançou o seu cérebro, ele não pode mais até encontrar a sua voz. Sua mandíbula estava boquiaberta, mas nenhum som emergia, salvo o fraco ruído de gorgolejo do sangue fluindo em gotas ainda maiores de sua garganta.

A escuridão movia-se, não meramente através de sua cabeça, mas através de seus pensamentos, através de suas memórias. Onde ela ia, a escuridão seguia. Em meros segundos, o que era Giangaleazzo desapareceu, desmaiado por essa presença alienígena. Tudo o que ele foi estava agora *nela*.

Ela sabia — à extensão que ela podia compreender o mundo através dos sentidos humanos ou dos Membros — tudo que

Giangaleazzo sabia. Ela agora possuía meio milênio de novas experiências. E se enterrou nesta avalanche de conhecimento, um pequeno grão de informação, algo que o próprio Giangaleazzo aprendeu somente no passado mais recente, tinha praticamente se esquecido na face de sua relativa insignificância. Depois de tudo, com o seu poder escapando, com a Gehenna sobre o mundo, o que importa das novidades era que Hardestadt do Círculo Interno estava procurando um único fugitivo?

Mas para a escuridão, para a coisa do Abismo, isso não era insignificante. Pelo nome ressoado através do ser da entidade, ecoou a presença que ela tinha detectado no local do ritual quebrado. Ela já tinha um rastro, embora ainda não fosse segui-la diretamente. Agora ela tinha um nome.

Melhor ainda, com o nome ainda se provando como conhecimento, o conhecimento daquele que geralmente acompanhava o fugitivo, aquele que a entidade a muito considerava perdido.

A coisa ainda algaraviou e murmurou, embora Giangaleazzo não pudesse mais escutá-la. E enquanto ela balbuciava, duas novas palavras puderam ser ouvidas na torrente de sons.

“Beckett...”

“Lucita...”

Com um guincho final, Giangaleazzo foi dilacerado por dentro. Pedacos de carne e víscera caíram em direção ao chão, para desaparecerem somente antes delas atingirem, completamente consumidas pela escuridão. Com um lamento final de desespero interminável, a alma do grande príncipe Lasombra seguiu.

A escuridão moveu-se através de Milão, seguindo para o leste.

Uma biblioteca escondida Miskolc, Hungria

“Que tal esse?” Perguntou Kapaneus, suspendendo um tomo grande e soprando fora a poeira de suas páginas. “A passagem é um pouco incoerente, mas ela fala de uma jornada através da América do Sul, e o autor menciona ‘aquele Nodista impostor’ em várias ocasiões”.

Beckett botou o seu próprio livro em baixo para embaralhar, e deu uma olhada nas páginas. Após um tempo, ele balançou sua

cabeça. “Não, eu ouvi falar deste encontro do outro lado. Ele está falando sobre Aristotle de Laurent, um ex-companheiro meu. Não da Rayzell”.

“Ah”. Kapaneus voltou a procurar.

Beckett olhou em volta dele raivosamente. A caverna estava iluminada por uma quantidade de velas em um candelabro no alto, velas que tinha se acendido quando os dois vampiros entraram na câmara. Ele ficou lado a lado de Kapaneus, várias estantes, duas mesas e um punhado de cadeiras, dentro de uma ecoante caverna de calcário. Ela teria, sob circunstâncias normais, sido o pior lugar no mundo para guardar livros e papéis, mas a água esperada escorrendo das paredes e o odor das necessidades estavam totalmente ausentes.; algo sobrenatural impedia a umidade de molestar no resto do complexo, tornando esse pequeno grupo de cavernas completamente seguras para até o mais sensível dos papéis antigos.

Beckett experienciou um rápido estremecer de repugnância — longe de seu primeiro — enquanto seus olhos varriam sobre a mobília. As estantes, as mesas, as cadeiras, os candelabros — tudo era esculpido com um meticuloso cuidado da carne e ossos das coisas vivas e não vivas. Nem era remotamente possível, embora ele não quisesse pensar sobre isto, que alguns deles ainda estavam em uma maneira viva, pegas em uma eternidade de tormento. Ele e Kapaneus haviam concordado em não fazer uso da mobília quando eles primeiro descobriram sua natureza medonha, e Beckett era rasgado pelos conflitantes desejos, seu anseio em preservar o conhecimento reunido aqui para possível futuro uso beligerante com sua necessidade em botar o lugar incendiado tão logo eles fossem finalizados, para destruir essas abominações e possivelmente acabar com seu sofrimento.

Infelizmente, estava começando a parecer que tudo que reunia conhecimento podia se provar inútil. Após várias noites de busca, escavar através de vários e diversos livros com uma reflexão razoavelmente precisa do seu tempo em Fortschritt, eles não encontraram nada remotamente útil.

Era isso, então, tudo o que eles tinham vindo para Miskolc? Se era, eles gastaram grandes quantidades do precioso tempo que eles simplesmente não tinham. Ele e Kapaneus gastaram cinco semanas no Leste Europeu — começando nos Países Bálticos e mo-

movendo-se para o sul — à procura de todas as conexões que Beckett tinha na região. Isto tomou deles menos de um mês para aprender que Miskolc era a cidade que eles precisavam, o local da maior das bibliotecas de sua pedreira — e em todo este tempo, eles não viram nenhuma sombra de qualquer oposição.

A *pedreira deles*. Tal um genial e simples conceito de abranger alguém tão completamente monstruosa e imprevisível quanto Sasha Vykos.

Nodista, erudita do conhecimento dos Membros, e talvez o único maior monstro que tanto o Sabá quanto o clã Tzimisce haviam produzido, Vykos era talvez a última pessoa, Membro, mortal, ou outro, que Beckett sequer teria quisto se envolver nessa bagunça. Beckett tinha odiado isto — termos tais como “dele” e “dela” não podiam mais ser aplicados à uma criatura tão fisicamente deformada quanto Vykos — por séculos. Mas ele também sabia que Vykos, a qual tinha coletado volumes de mito e conhecimento vampírico por mais tempo que Beckett tinha caminhado na terra, quase certamente manteve separadores sobre os outros que compartilhavam de seus interesses, mesmo se apenas então isto pudesse roubar deles e eliminá-los da competição.

Rumores que Beckett tinha apanhado durante as semanas de busca por esse lugar sugeria que o clã Tzimisce tinha largamente desaparecido, corrompidos por dentro de uma forma muito parecida com o dos mortos Tremere que ele viu em Viena. Por uma coisa, que certamente parecia confirmar os boatos que Beckett havia escutado ao longo dos anos, o qual alegava que os Tremere tinham usado o sangue Tzimisce para criar o ritual que transformou os Tremere de magos mortais para feiticeiros mortos-vivos de sangue. Embora, mais especificamente, sugeria que Vykos estava provavelmente bem e verdadeiramente morta. Beckett achou difícil de conter-se do sorriso largamente irônico neste pensamento, embora ele desejasse que ele fosse capaz de ver isto em primeira mão.

Ainda assim, ele ficou surpreso ao descobrir que os guardiões do repositório de Vykos tinham aparentemente seguido o caminho de sua mestra. Ele antecipou pelo menos alguns dos distorcidos e remodelados servos de Vykos que eram sabidos de uso. Inferno, ele não teria ficado surpreso em achar alguém da Ordem de Orbertus original — a ordem monástica que Vykos originalmente tornou responsável para reunir todo esse conhecimento esotérico — ainda vivo e labutando para a sua mestra.

Ele e Kapaneus acharam nada disto. Eles localizaram a entrada da biblioteca, escondida dentro de um grande solar próximo dos limites da cidade. Eles encontraram uma escada que levava para baixo do porão, uma que trouxe eles para as cavernas de calcário que eram quase certamente uma extensão do famoso complexo de cavernas Baradla. Neste complexo, eles encontraram essa especialmente mobiliada — e muito bem escondida — câmaras de bibliotecas. Mas eles encontraram nenhum traço de habitantes — vampiro, carniçal ou outra coisa. Beckett tinha pensado que significava que suas buscas estavam quase finalizadas.

Balançando sua cabeça para limpá-la de das teias de aranha mentais, Beckett estendeu-se e ergueu ainda outro livro de ainda outra prateleira, folheando através dela — e então, com um rosnado de frustração, surrou um valor da mão de garras através dele e rasgou ele em dois.

“Nada!”

Kapaneus observou a agitação de papéis caindo em volta dos pés de Beckett como grandes flocos de neve e conteve-se de comentar.

“Isto é a porra do sistema do bastardo!” Rallhou Beckett a seu companheiro, pela terceira vez em tantas horas. “Tomos antigos, comentários sobre tomos antigos, livros de outras pessoas, livros da Vykos, comentários da Vykos sobre livros de outras pessoas...” Ele balançou sua cabeça, envergonhadamente deixando as suas garras deslizarem mais uma vez para dentro de suas bainhas de carnosas.

“Kapaneus”, disse ele mais calmamente, “A noção da informação que nós procuramos não estar aqui na realidade me assusta menos do que a noção de que ela esteja aqui, mas nós vamos perdê-la. Vykos não mais pensava como uma humana do que isto parecesse como uma, e isto estava certificadamente paranoico para aceitar. Se *há* um sistema aqui, não é por data, assunto ou qualquer outra coisa que eu possa imaginar. Todos esses livros, toda essa informação...” gesticulou Beckett em muitas prateleiras em volta deles, nas entradas que levaram a pelo menos quatro outras cavernas de tamanho similar, igualmente seguidos com material. “Tudo isso, e nenhuma chance de encontrar o que nós estamos procurando”.

O ancião assentiu sua concordância e compreensão — não haviam palavras de conforto e encorajamento para oferecer que ele já não tivesse dito. Com um suspiro pesado, Beckett retornou à

busca, retirando livro após livro da prateleira e folheando através deles, para ele que não tinha outros meios mais eficiente a sua disposição.

Às vezes a determinação absoluta é o suficiente.

Ele quase o perdeu. Seus olhos passaram sobre o texto, e o reconheceram como um pedaço de profecia que ele tinha lido antes, ele quase pôs o livro no chão.

Enquanto o Pai é destruído, e os Pródigos enterrados, e os Primos apodrecidos, um Anjo sobrevive para segurar a última Luz do seu Clã Verdadeiro. E quando a escuridão cair, e a Escuridão espevitar a Luz do anjo, então passe outra Barreira, e as Noites Finais se aproximarão cada vez mais.

Isto era uma das profecias de Saulot; o patriarca do agora largamente extinto clã Salubri que era conhecido por elas. Isso não era uma de suas mais conhecidas previsões, mas Beckett tinha visto uma cópia em terceira mão do bloco no qual ele foi escrito.

O que atraiu seus olhos de volta à página, entretanto, foi a anotação que alguém — Beckett assumiu que fosse a própria Vykos — tinha rabiscado na margem.

“De acordo com Milivoje, Rayzeel atesta que seu senhor foi citado erroneamente nessa passagem em particular. ‘Anjo’ é aparentemente uma pobre interpretação; a palavra original mais exata traduz como ‘pequeno deus’. Deve tratar-se disso mais adiante quando as circunstâncias permitirem. Se verdadeiro, isto pode sugerir que a passagem se refere não a morte dos Capadócijs, como é amplamente aceito, mas ao invés possivelmente aos Ravnos. O ‘pequeno deus’ é um título mais em manter-se com suas origens Hindu do que aqueles Cristãos dos Capadócijs, e o clã estava se extinguindo ultimamente”.

“Kapaneus!” Atirou-se Beckett de pé. “Venha dar uma olhada nisso”.

Após mais horas de busca, foi Kapaneus quem apareceu com outra referência à Milivoje Dobrosavic, um Tzimisce Sérvio que fugiu do bombardeio da OTAN em 99 e tomou temporariamente abrigo com Sascha Vykos. O que ele teria oferecido em troca

não estava claro, embora Beckett acreditasse que a informação deve ter-se feito uma grande porção de pagamento.

“A noite toda”, disse Beckett refletidamente após alguns segundos de ponderação. “Esse Milivoje alegou ter falado diretamente com Rayzeel, ou pelo menos ter tido *algum* tipo de contato com ela. Nem no inferno que Vykos não iria pressioná-lo por mais informação sobre isto. O bastardo iria certamente reconhecer Rayzeel como uma fonte em potencial. Tudo o que nós temos a fazer agora é localizar esta informação —”

“Assumindo”, interpôs-se Kapaneus, “que Vykos escreveu isto”.

“Não seja um depressivo, Kapaneus”.

Infelizmente, pelo menos no curto prazo, o pessimismo do ancião era bem fundado. Eles encontraram nada mais nesta noite, e Beckett foi dormir pelo dia ardendo com a frustração. Ele *sabia* que a informação estava lá, se ele pudesse apenas *encontra-lo*!

A próxima noite não se mostrou mais promissora. A sua primeira hora e meia de busca tinha revelado mais nenhuma menção de Milivoje, e a única outra referência à Rayzeel mal mencionava ela na passagem, em relação à uma discussão que tinha ocorrido em 1044. Beckett tinha apenas aberto sua boca para perguntar à Kapaneus (não pela primeira vez) se ele podia se lembrar de qualquer coisa útil do período quando ele percebeu que algo estava *muito* errado.

Espessas como eram as paredes, a audição superior de Beckett ainda podia detectar sons fora do complexo de cavernas Baradla: o fraco gotejamento de água que continuamente construía as formações de estalactite e de estalagmite pelas quais as cavernas eram famosas; o chilro e o tremer dos morcegos vivendo ou retornando a seus lares após caçar; os pés atrapalhados dos ratos. Era tudo fraco, mesmo para seus ouvidos, mas, contudo, onipresente.

Até este momento, quando abruptamente e completamente parou. Não desapareceu, não diminui. Estava simplesmente presente um instante e ausente no outro.

O cabelo de Beckett arrepiou-se. Ele não podia sequer escutar o baque abafado enquanto Kapaneus deitava seu livro sobre a mesa, também lançando o olhar em volta em confusão enquanto ele percebia que algo estava errado.

Apenas uma coisa Beckett sabia que podia possivelmente causar tal completa cessação de som; somente um clã possuía tal habilidade insidiosa. Lentamente, agindo tão casualmente quanto ele podia sob as circunstâncias, lutando contra todo instinto primitivo que gritava *corra!* Nele, Beckett se levantou e se virou para a estante fixa atrás dele, como se preparando-se para colocar o tomo que ele segurava sobre ela. Então, abruptamente deslizando de seus dedos entre a estante e a parede, ele se lançou sobre ela, permitindo que dúzias de livros e o próprio estojo pesado esculpido em osso tombasse para o chão.

Ou quase para o chão. Enquanto ele esperava, uma figura invisível até para seus sentidos aumentados interrompeu a queda da estante. Beckett nem sequer parou para olhar de relance a figura presa. O Assamita estava certamente quase ileso, mas isto tomaria dele um tempo para se libertar, e isto era todo o tempo que Beckett e Kapaneus necessitavam para fugir por suas não vidas, dirigindo-se para as escadas e para dentro da própria casa.

Beckett sabia que ele provavelmente não conseguiria deixar para trás o Assamita, mas se ele pudesse estar à frente deles tempo o suficiente para mudar para um de suas outras formas, ele poderia efetivamente se esconder deles. Infelizmente, isto ainda deixava Kapaneus. Beckett não tinha dúvidas que o ancião podia cuidar de si próprio, mas esses eram alguns dos *sérios* oponentes.

Assamitas, pelo amor de Caim! Beckett balançou sua cabeça. *Hardestadt deve realmente estar retirando todos as obstruções para me derrubar.*

Ele e Kapaneus rasgaram através da porta da frente do solar e correram em direção à estrada, com seus calcanhares levantando tufos de gramado molhado. Ele estava apenas considerando para onde ir em seguida, se perguntando se haviam alguns caminhos para escapar de seus perseguidores nas ruas de Miskolc sem mudar para um morcego ou névoa — e efetivamente abandonando Kapaneus — quando dois deles emergiram através do portão da frente no limite da propriedade...

E ficaram cara a cara com meia dúzia de homens e mulheres de aparência jovem carregando pistolas e outras armas até menos amigáveis. A julgar por suas roupas, seus comportamentos e seus movimento em geral, esses podiam somente ser mais dos sangues-fracos de Cross.

Ah, maravilha. O tempo só não podia ser melhor.

Beckett se arremessou para trás, deixando a torrente de balas rasgar fora pedaços do pavimento diante deles. Estilhaços de pedra despedaçada rasgaram através de sua camisa e calça jeans, mas se qualquer uma dela penetrasse sua carne anormalmente resiliente, ele não as sentiria. Ele pousou duro sobre suas costas, rolou rapidamente para seus pés e se encontrou pressionado contra a cerca forjada de ferro que cercava a casa. Ele agachou-se, com as garras aumentando diante dele. Kapaneus, ele notou, se colocou ao lado deles, um pouco sujo de seu próprio mergulho por cobertura, mas obviamente não ensanguentado. Beckett encolheu-se de lado enquanto um tijolo, e de todas as coisas, que se chocaram acima de sua cabeça e carenaram-se ruidosamente contra um mourão.

“Kapaneus”, perguntou ele, com os olhos lançando-se para trás e adiante enquanto ele cuidadosamente observava o avanço do inimigo por qualquer sinal do próximo ataque, “nós tínhamos um Plano B?”

“Não, acho que não”.

“Alguma ideia de onde nós possamos pegar um a essa hora?”

Os sangues-fracos pararam o seu avanço talvez a seis metros distante, e quatro dos seis apontaram as pistolas para a dupla encurralada. Os outros carregavam armas brancas a postos — um era um taco de baseball (foi esse cara que arremessou o tijolo), a outra uma faca tão grande que Beckett não tinha certeza que ela na realidade não se qualificaria como uma espada — apenas em caso de suas presas conseguirem se aproximar.

Resistente como ele era, Beckett não imaginou que ele estivesse preparado para se arriscar com oito ou uma dúzia de balas que ele tinha quase certamente levado se ele fizesse uma carga direto para eles. Ele não tinha dúvida que, sob circunstâncias normais, ele e Kapaneus poderiam lidar com seis sangues-fracos, embora eles pudessem ficar ensanguentados no processo. Nesse momento, entretanto, Deus sabe lá quantos Assamitas estavam provavelmente para se materializar por detrás deles a qualquer segundo. Ele estava certo de que a única razão deles já não terem aparecido era que eles seriam cautelosos, alertas para emboscadas nos salões da casa. Os sangues-fracos não podiam ser capazes de matar Beckett e Kapaneus, mas eles podiam retardá-los tempo o suficiente para alguém mais finalizar o serviço.

Algo se contorceu dentro de seu intestino, enquanto Beckett se dava conta de que ele foi deixado com algumas escolhas, mas para abandonar seu companheiro. Kapaneus havia permanecido com ele, feito tudo que um Membro fosse capaz de fazer para se qualificar ao título de “amigo”. Beckett lutaria por ele, mas ele

apenas não estava preparado para morrer por ele, não com suas respostas tão próximas.

Ainda assim, ele se determinou a fazer tudo o que ele pudesse. Esperar até o último momento possível. Se eles pudessem derrubar os sangues-fracos *rápido*, ainda haveria uma chance. E se não, ele ainda poderia escapar depois, especialmente se os Assamitas e os sangues-fracos distraíssem um ao outro.

Beckett abruptamente agachou-se e apanhou algo de dentro do bolso de sua jaqueta. Mesmo que a primeira das balas voasse em seu caminho, e então arremessou o aparelho no meio dos sangues-fracos.

Três deles imediatamente se arremessaram para longe, com os braços subindo para proteger seus rostos. Para seu crédito, os outros três apenas recuaram, mas levaram uma fração de segundo para examinar o que exatamente era que eles estavam fugindo. Ainda assim, embora isto tenha tomado deles apenas um instante para perceber que Beckett tinha simplesmente arremessado seu telefone celular neles após arrancar fora a antena como um pino, este instante foi tudo que Beckett precisava para encurtar a distância entre eles.

Os dois primeiros sangues-fracos foram mortos antes deles sequer perceberem o que estava acontecendo, um decapitado, o outro esviscerado pelas garras afiadas feito navalha de Beckett. O terceiro compeliu o seu revolver para carregar e atirou. O som foi quase ensurdecedor a esta curta distância, particularmente para os ouvidos sensitivos de Beckett, mas ele conseguiu então bater no braço da mulher para o lado que a bala voou inofensivamente por ele e atingiu uma parede até certo ponto abaixo da quadra. Continuando o movimento giratório que começou quando ele atingiu o braço dela, Beckett girou completamente em volta e se jogou em um agachamento enquanto ele assim fazia. Ele colocou as suas mãos em forma de concha, com as garras para fora. O brim rasgou-se enquanto ele avaliava de ambos os sangues-fracos as rótulas de suas pernas com um estalo agudo.

Beckett ergueu-se parcialmente de seu agachamento e pegou a mulher mesmo quando ela estava caída. Os gritos dela não duraram muito; Beckett lançou ela com ele, usando ela para pegar a barragem de nove milímetros enviada no seu caminho por um dos dois inimigos ainda de pé. Ele investiu para aquele com o revolver, usando o corpo agora silencioso em seus braços como um ariete.

Todos os três foram para o chão. As garras de Beckett reluziram mais uma vez, e somente ele se ergueu. Seus olhos estavam arregalados, sua pele ruborizada e ele sentiu o deleite da Besta na manança. Foi uma resposta primal, uma que quase não incomodaria ele tanto quanto teria a meros meses atrás. Esse fato poderia ter perturbado ele, se ele tivesse notado.

Ele se virou bem a tempo de ver Kapaneus levantar o último de seus adversários do chão e literalmente torcer a cabeça do homem de seu corpo com absoluta força bruta.

“Bom”, disse Beckett, afastando-se. “Agora vamos dar o fora daqui —”

Como anteriormente, foi seus sentidos aumentados que o salvaram. Dessa vez foi o olfato, o cheiro penetrante dos óleos protetores que nenhum sentido mortal poderia possivelmente ter detectado. Beckett mergulhou para frente, e a ponta da lâmina cortou através de sua jaqueta e superficialmente na carne abaixo de seu pescoço, ao invés de decapitar ele. O aroma de seu próprio sangue estranhamente se misturou com aquele do óleo na lâmina, criando um estranho e surreal tipo de essência no ar em volta dele. Ele girou para encarar seu atacante, já certo do que ele veria.

Maldição! Você não podia ter esperado outros trinta segundos?!

A figura que tinha atacado Beckett parecia ser uma jovem mulher, talvez em seus vinte anos. Ela tinha cabelo longo, trançados para trás, e sua pele era de um tom escuro, não da cor de descendência Africana ou do Oriente Médio, mas quase negra como se polvilhada com carvão.

Somente os Assamitas ficam *mais escuros* enquanto eles envelhecem. Se o silêncio sobrenatural mais cedo não tivesse provado quem era depois deles, isso certamente teria.

Várias outros espalhavam-se através da rua, presumidamente vindos da casa com a primeira. Beckett não tinha ilusões sobre suas habilidades. Ele sabia que ele era resistente, bom numa briga. Nenhum desses Assamitas era negro, o que significa que nenhum poderia ser mais velho do que ele era. Apesar do treinamento deles, apesar das habilidades deles, apesar das estranhas habilidades que o clã possuía, Beckett tinha certeza de que ele poderia ter levado qualquer um deles.

Ele não estava *prstes* a desafiar quatro.

Havia simplesmente nenhuma forma possível para ele de conseguir passar pelos Assamitas para alcançar seu companheiro — e provavelmente era inteligente o suficiente para correr. De qualquer forma, havia nada mais que Beckett pudesse fazer por ele. Ele foi-se embora numa corrida para a rua lateral mais próxima.

Sob a maioria das circunstâncias, os Membros medianos não teriam a menor chance de deixar para trás um guerreiro Assamita. O clã oriental gabava-se de entre seus talentos uma velocidade sobre-humana, comparável à aquela possuída por muitos Brujah. Mesmo que os pés de Beckett atingissem o chão, ele escutava umas pancadas rápidas atrás dele, sabia que o inimigo estava se aproximando dele *rápido*.

Muito bem, então eles podiam correr mais rápido do que qualquer humano, e enquanto Beckett pudesse aumentar sua própria velocidade ao bombear o sangue através de suas pernas para aumentar sua força, ele possivelmente não podia combinar as suas habilidades.

Portanto ele simplesmente não seria mais humano. Ele brevemente considerou mudar para névoa, mas esta forma, enquanto imune a dano, era relativamente lenta. Melhor, se possível, se evadir dos Assamitas completamente, ao invés de conceder a eles a chance, entretanto desprezar isto seria, segui-lo mesmo em sua forma nublada e emboscá-lo quando ele retomasse sua forma natural. Ele poderia voar como um morcego, mas tão pequeno quanto ele era nesta aparência, um único bom tiro antes dele escapar poderia aleijar ele.

Beckett mergulhou para frente, como se pulando por cobertura. Entretanto, no momento que suas mãos atingiram o chão, elas não eram mais mãos. Elas eram patas.

Aumentado pelo poder do *vitae* vampírico por dentro, um grande lobo branco trotou através das ruas de Miskolc a mais de sessenta quilômetros por hora. Por onde ele passava, as pessoas gritavam, apontavam, saltavam para fora do caminho. Sirenes soaram, mas ele tinha desaparecido sempre antes das autoridades poderem chegar.

Mais importante, ele deixou para trás seus perseguidores, pelo menos por um tempo. Alguns dos Assamitas podiam correr até mais rápido do que o lobo, mas eles não eram capazes de manter tal velocidade por muito tempo; o custo em sangue era muito alto. Além disso, com os sentidos do lobo — aumentados além de seus usuais níveis inumanos — Beckett iria facilmente sentir a

aproximação até dos vampiros capazes de se mascarar da visão. Uma única faca arremessada atingiu o seu flanco enquanto ele escapava, mas como ela falhou em grande parte até para penetrar sua pele, ele foi capaz de se livrar dela.

Após quase uma hora de ziguezaguear por Miskolc, determinado a evitar não somente os Assamitas perseguidores, mas também as autoridades locais e quaisquer emboscadas adicionais dos sangues-fracos, Beckett encontrou-se espreitando debaixo de uma ponte larga. A água que fluía ao lado dele, um tributário do rio Sajo, provavelmente servia a cidade como uma coletora de águas pluviais, e ele tomou um tempo para ociosamente se perguntar quantas das malditas coisas ele estava indo se encontrar envolvido. Ele olhou de relance para cima, enviando um rápido impulso mental para acalmar os morcegos que se entocavam abaixo da ponte, assim eles não fugiriam de sua presença. Ele contemplou sobre mudar de voltar para sua forma natural e chamar o Cesare, para descobrir se o avião estava sob vigilância, mas lembrou-se abruptamente que ele não tinha mais seu telefone. Então, decidido a tomar algum tempo para descansar e recuperar suas orientações, ele se enrolou na terra enlameada ao lado do riacho e colocou sua cauda sobre seu focinho.

Ele passou várias horas deitado lá, certo de que ele deveria estar fazendo algo, mas não totalmente claro sobre o que era. Ele ainda estava se preocupando com o problema — mastigando num carrapicho mental, por assim dizer — quando seu sentido de olfato canino pegou um odor perigoso e perturbador. O pelo na costa e no pescoço do lobo se levantaram, e Beckett teve de lutar consigo mesmo para não se deixar soltar com um rosnado baixo. Malditos sejam todos, eles rastrearam ele, apesar de todos os seus esforços! Beckett se ergueu sobre suas patas, preparando-se para fugir em qualquer direção...

Ambas as quais foram cortadas. Vários Assamitas — ele reconheceu aquela que quase retirou sua cabeça de seus ombros — apareceram em *ambos* os lados da ponte. Os assassinos não estavam nem se incomodando de usar seus poderes de silêncio, como eles tinham usado mais cedo. Eles sabiam que ele estava encurralado, sabiam que ele podia senti-los se aproximando. Eles não estavam se convergindo ainda — uma sábia escolha, desde que os quadrantes apertados na margem significavam que eles podiam somente vir até ele um ou dois de cada vez. Eles estavam esperando que ele entrasse em pânico, tentar correr, e no processo, mover-se para um

terreno mais aberto onde eles teriam a vantagem da quantidade.

Como eles certamente precisavam de mais vantagens, pensou Beckett obstinadamente. Então, abruptamente, ele sorriu — ou representou o equivalente de lobo, deixando seu focinho se escancarar e sua língua pender para fora. Na realidade, *ele* tinha superado *eles*. Então melhor dar a eles o que eles queriam.

Beckett ergueu-se sobre suas pernas traseiras, as quais rapidamente se tornaram suas *únicas* pernas, e olhou em volta dele. Então com as mãos meio levantadas como se tentando se render (tão desesperada perspectiva quanto isto podia ser com os assassinos Assamitas), ele cuidadosamente escolheu seu caminho em direção ao grupo mais próximo.

Os Assamitas não eram estúpidos. Embora confiantes da vitória, eles mantinham seus olhos na figura se aproximando, com suas mãos em suas armas, completamente esperando um truque ou uma trapaça de algum tipo.

Bem, não queria desapontá-los.

Beckett ergueu suas mãos adiante — e então chamou em uma voz que os Membros não poderiam escutar, chamando seus aliados para virem lhe ajudar.

Com um som quase ensurdecedor, centenas de asas começaram a bater loucamente de uma vez, e uma verdadeira maré de morcegos se deixaram cair do lado de baixo da ponte para se precipitar através de Beckett e fora para o ar aberto. Por um instante os Assamitas recuaram, esperando os pequenos animais atacarem, mas os morcegos simplesmente passaram por eles e acima para o céu.

No momento que eles perceberam o que estava acontecendo, era tarde demais até para eles reagirem rápido o suficiente.

Beckett, com os morcegos tremulando em volta dele tão próximo que eles faziam sua jaqueta bater em zombaria de suas próprias asas, parecendo diminuir nele mesmo. Do ponto de vista dos observadores, isto deve ter parecido como se cada morcego de passagem mordiscou fora um pedaço dele, fazendo ele murchar. E então ele simplesmente desapareceu no meio do enxame, apenas outro morcego subindo rapidamente para as nuvens.

Sua audição era boa o suficiente, especialmente nessa forma, que ele escutava os Assamitas amaldiçoando longo e alto tanto em árabe quanto em persa enquanto ele tremulava seu caminho direto para a segurança.

Uma rotatória do centro Miskolc, Hungria

A muitas quadras distante, uma pequena fonte de pedra encontrava-se no meio de uma grande rotatória. Ela estava desligada, e a água parada em sua base refletia a embaciada cor preta da estátua que se erguia em seu centro. O precioso pequeno tráfego que passava a essa hora tardia. Ainda menos hoje à noite do que o normal, porque a polícia tinha isolado algumas ruas próximas em resposta a um tiroteio próximo do moedor de ferro e relatos de avistamentos de um lobo correndo a passos largos na avenida abaixo.

A falta de tráfego, entretanto, não significava que a interseção permanecia vazia.

Kapaneus encontrava-se logo ao lado da base da fonte, com os olhos quase casualmente tendendo da esquerda para a direita enquanto ele observava os três Assamitas que se aproximavam dele de diferentes ângulos. Esses eram vampiros treinados quase do momento do Abraço para destruir os da sua própria espécie, assassinos que uma raça inteira de predadores temia. Sua pele escura sugeriu que eles tinham décadas, se não séculos, de violência em seu favor.

Kapaneus sabia muito bem que ele não tinha ganho quaisquer inimigos em particular durante os meses que ele esteve livre de Kaymakli. As instruções deles deviam ter sido matar não apenas Beckett, mas qualquer um que viajasse com ele.

Quão inconveniente.

Eles *certamente* não eram amadores o suficiente para se arriscar a atacar um adversário desconhecido um por um. Dois deles abruptamente investiram de lados opostos, determinados a acertá-lo simultaneamente para que então ele não pudesse responder à ambos, enquanto que o terceiro esperou apenas um passo ou dois atrás, preparado para atacar a qualquer abertura.

Kapaneus relaxou, e deixou eles virem.

Aeródromo Regional de Miskolc Miskolc, Hungria

Pela terceira vez nesta noite, Cesare dedilhou seu telefone celular após receber nada a não ser uma mensagem de voz genérica da linha do Signore Beckett. Algo estava definitivamente errado.

Beckett certamente não estava à disposição de seu carniçal, mas ele geralmente frisava sobre fazer o check-in não muito tempo após Cesare deixar para ele uma mensagem. E isso era importante. Alguns dos sangues-fracos (ou pelos menos Cesare assumiu que era o que eles eram) não estavam apenas observando o avião, eles uma vez ou duas fizeram como se para embarcar, dissuadidos somente quando Cesare fez notar a sua presença. Eles provavelmente não estavam preocupados demais em chamar a atenção oficial — o aeroporto era pequeno, amplamente fechado à noite, e mesmo assim o avião de Beckett pousou na pista mais distante. Presumidamente eles se afastaram somente porque eles não sabiam quanta resistência o carniçal poderia colocar, ou se ele estava sozinho, e Cesare não tinha certeza de quanto tempo esta reticência iria durar. Ele realmente precisa do conselho de Beckett, ainda que seu mestre estivesse em lugar nenhum —

Cesare virou-se, e praticamente saltou de seu corpo com a visão do grande morcego negro suspenso de cabeça para baixo na lâmpada fluorescente da cabine atrás dele. Seja como fosse, ele quase não conseguiu suprimir um abrupto e estridente grito.

O morcego se deixou cair de sua posição elevada, e tinha dois pés humanos para ficar de pé no momento que pousou. Carrancudo, Beckett dolorosamente esfregando suas orelhas.

“Isto era realmente necessário, Cesare? Eu era um morcego, pelo amor de Deus! Isto foi *barulhento*”.

“Desculpe-me, Signore Beckett. Você me deixou surpreso”.

“Não. Sério?”

“Nós temos um problema aqui, Signore Beckett”.

Beckett escutou atentamente enquanto Cesare descrevia a situação para ele. Então, “Eu duvido que eles irão fazer qualquer coisa precipitada hoje à noite, Cesare. Está muito próximo de amanhecer. Tão logo o sol apareça, eu quero que você vá às compras para troca seu telefone celular. Então tenha o avião abastecido e pronto para decolar. Se parecer que eles estão prestes a atacar você com vigor, caia fora daqui. Pouse no aeroporto disponível mais próximo e esteja pronto para estar no ar novamente para vir nos buscar a qualquer momento”.

“Você não vai ficar no avião hoje à noite, Signore? Eu tenho a impressão ao olhar para você que a biblioteca também não é segura”.

“Não, não é, mas eu posso achar abrigo se eu tiver que achar. Eu estou indo ver se eu posso encontrar Kapaneus antes do amanhecer”.

“Signore, eu não posso lhe abandonar para —”

“Você não vai me fazer algum bem se você for morto, Cesare. Fique se você puder. Parta somente se você precisar”.

“Muito bem. Eu...”. Algo que seu mestre acabou de dizer finalmente penetrou o crânio do carniçal. “Trocar o meu telefone celular?”

Beckett se esticou, removeu o telefone de Cesare da braçadeira em seu cinto e o enfiou em seu bolso. “Neste momento, eu preciso disso mais do que você. Se você *tiver* que precisar me alcançar entre o agora e o amanhecer, use o laptop e me envie uma mensagem de texto”.

“Compreendi, Signore. Ah — eu posso perguntar o que aconteceu a vocês?”

“Eu irei lhe contar um dia desses. É engraçado, se você não estivesse lá”. Beckett se virou e vagou de volta para a sala segura com o refrigerador. Ele odiava utilizar seu suprimento de emergência, especialmente desde quando ele não tinha os contatos nessa comunidade médica da região para reabastece-lo, mas ele simplesmente não tinha tempo para caçar. Ele podia se alimentar do Cesare, é claro, mas ele queria o carniçal estivesse em alerta, em caso dos sangues-fracos *forem* atacar o avião.

Malditos sejam eles, de qualquer forma! A animosidade de Hardestadt ele podia pelo menos compreender. O que *diabos* Jenna Cross tinha contra mim?

Beckett espremeu dois sacos de plástico de sangue — merda, mas ele odiava beber essa coisa fria — cutucou sua cabeça para fora da porta do avião para ter certeza que ele não estava sendo observado naquele exato momento, e concentrou-se mais uma vez. Um instante depois, uma torrente esparsa de névoa fluiu escada abaixo e sobre a pista, onde ele misturou a invisibilidade com a crescente neblina que assinalava a eventual aproximação do amanhecer.

Uma rotatória do centro Miskolc, Hungria

Ele encontrou Kapaneus ainda sentado na fonte, um dos vários pontos de referência que eles anteriormente acordaram como um ponto de encontro se eles fossem separados. O acordo tam-

bém estipulava que eles permaneceriam em um local pré-definido somente se eles tivessem a certeza de que eles não tinham sido seguidos. Ainda assim, Beckett fez um breve circuito da interseção, sentindo sobre ele com os quais alguns sentidos ele mantinha como névoa, antes de se acumular no ar ao lado de seu companheiro e retomar sua forma normal. Se Kapaneus estava surpreso de ver Beckett se materializando para fora do nevoeiro, ele fez um trabalho bem melhor do que Cesare em escondê-lo.

“É bom ver que você sobreviveu, Beckett”, o ancião disse em cumprimento. “Eu tinha começado a me preocupar”.

“Você tem razão de se preocupar, Kapaneus. Mas sim, eu ainda estou aqui, mais ou menos. Você teve alguma dificuldade?”

“Digamos que nada. Os Assamitas me perseguiram brevemente após você ter fugido, mas eles desistiram num curto espaço de tempo. Minha hipótese seria que você, não eu, é o alvo deles, e eles tem pouco interesse em mim além do fato que eu viajo com você”.

“Sorte a sua. Vamos sair deste lugar. Não há razão para continuarmos”.

Kapaneus assentiu uma vez e se pôs de pé. “Para onde nós vamos? Eu estou certo de que a biblioteca estará sendo observada, se não na realidade ocupada”.

“Mais provavelmente”. Beckett olhou em volta. “É provavelmente seguro para nós achar um quarto de hotel para o dia. Os Assamitas e os sangues-fracos não podem *todos* eles estarem observando. Amanhã à noite — bem, nós veremos”.

A dupla de vampiros cuidadosamente fez seu caminho até a rua, direto para o limite da cidade. Beckett nunca notou uma camada de pó de cinza que flutuava acima da água na base.

Hotel Baradla Miskolc, Hungria

“Eu apenas não entendo isto”, reclamou Beckett uma vez que eles tinham ido para o hotel que eles tinham escolhido. “Eu quase nem *ouvi* falar de Jenna Cross antes dessa bagunça toda ter começado. Eu certamente nunca *fiz* qualquer coisa a ela que eu saiba.”. Sua voz estava tão baixa, que nenhum mortal conseguiria ter escutado ele mesmo a quinze centímetros distante. Kapaneus, entretanto, fez das palavras dele claros o suficiente.

“Quando você escava fundo o suficiente até a raiz”, respondeu o ancião, igualmente tão suavemente, “apenas duas razões existem para o ódio dessa magnitude. Em ambas você está de alguma forma no caminho dela, impedindo ela de algo que ela queira, ou ela teme você, teme você tão imensamente que ela poderá superar isto somente ao destruir você”.

“Eu não consigo imaginar em uma maldita coisa que eu tenha que ela possa querer”.

“Precisamente. Considere, Beckett. Ela estava preparada a se arriscar em matar você — eu — na sua própria casa, apesar do que tal movimento precipitado poderia causar à aliança dela com o pessoal da Lucita. Essa mulher travou guerra contra a Camarilla por meses, e impediu eles de retomar Los Angeles. Isso não é de uma pessoa propensa a fazer movimentos precipitados — exceto, o que parece, sobre onde você está preocupado”.

“Ela está com medo de mim, então. E muito”.

“É o que parece. Talvez anormalmente assim”.

Um carro de polícia passou, e a dupla agachou-se bem nas sombras, adiando qualquer resposta que Beckett pudesse ter feito. Somente quando as luzes traseiras tinham desaparecido totalmente na distância que eles continuaram.

“Você acha que mais alguém está usando ela contra mim?”

“Ela obviamente acredita que você seja o inimigo dela. Alguém deu a ela esta ideia”.

Salvo pelo latido alto de um cão quando eles passaram através da propriedade dos animais — latido que Beckett rapidamente silenciou com um comando abrupto — os próximos poucos minutos de caminhada passaram quietamente.

“Você sabe que tanto os Assamitas quanto os sangues-fracos vão se manter observando a casa e o avião, Beckett”, disse Kapaneus finalmente. “Nós não vamos ser capazes de fazer muita pesquisa”.

“Eu estava justamente pensando sobre isto”. Beckett olhou de relance para o céu à leste, então checkou a hora em seu telefone celular. “Eu acho que eu tenho uma ideia sobre isto, na realidade. É arriscado, chega quase a ser estúpido, mas esta combinação parece ter funcionado muito bem para nós recentemente. E se funcionar, isto deverá nos comprar pelo menos um par de noites”.

“Fantástico. Duas noites para localizar o que nós não conseguimos achar em quatro. Talvez, Beckett, nós devamos partir de Miskolc e retornar depois? Nós podemos tentar adquirir informações em outro lugar, e —”

Beckett congelou em seus passos. “Adquirir informação...” repetiu ele, quase como se em transe. “Num outro dia”. Seus olhos se arregalaram e ele arreganhou os dentes intensamente. “Kapaneus, eu poderia abraçar você”.

“Fiz o que havia de fazer. O que você se deu conta?”

“Apenas sobre como Vykos organizava a sua biblioteca. Kapaneus, ela *arquivava* os livros por data — não a data que eles foram escritos ou a data dos eventos descritos neles, mas pela data que eles foram *adquiridos*!”

“Você tem certeza?”

“Bem, não, não até eu voltar para a biblioteca. Porém, isto faz sentido. É algo que somente ela saberia, um sistema de arquivamento que ninguém mais conseguiria facilmente decifrar”.

“Você pode?”

“Nós vamos ver, não vamos? Primeiro, nós temos alguns fardos indesejados para lidar”.

Na noite seguinte, imediatamente após o despertar no antigo, mas escrupulosamente limpo quarto alugado, Beckett girou para encarar Kapaneus. O ancião na realidade deu um passo para trás. “Eu não acredito neste riso forçado, Beckett”.

Quando muito, o sorriso de Beckett se alargava mais. “Kapaneus, eu vi você desaparecer de vista mais de uma vez. Eu estaria correto em assumir que você também assume a aparência de outros?”

“Isto não é uma habilidade que eu pratique regularmente, mas sim, eu consigo fazer isso”.

“Boa. Aqui está o que nós vamos fazer...”

Centro Miskolc, Hungria

Mais uma vez, o lobo branco andava a passos largos através das ruas de Miskolc, deixando um rastro de pedestres apavorados em seu encalço. Em seu flanco esquerdo estava arranhado com uma mancha carmesim molhada, e ele corria com uma notável coxeadura em sua perna de trás. Era suficiente para retardar o lobo — e isto significa que a coterie de Assamitas em perseguição estavam fazendo um serviço muito melhor de acompanhar do que eles tinham feito na noite anterior. Eles tinham detectado ele, pa-

trulhando as ruas próximas ao solar da Vykos, e estavam determinados que ele não escaparia deles mais uma vez. Eles ainda não estavam por apanhar Beckett, mas ele não conseguia parecer perturbar eles também. Ainda assim ele corria, para ele sabia exatamente qual destino aguardava na loja para ele se eles o pegassem.

Os Assamitas estavam claramente sedentos por sangue — e não meramente como um meio de cumprir sua tarefa. Vários de seus companheiros haviam falhado em retornar na última noite, e isto podia apenas significar que eles também estavam incapacitados ou mortos. Eles estavam incertos de como ainda a presa tão perigosa quanto Beckett poderia ter massacrado três confrades deles com apenas um único ferimento a mostra por isto, mas eles não estavam prestes a deixá-lo fugir com isto.

O lobo estava seguindo para o aeroporto — disto eles não tinham dúvida. Se eles pudessem pegá-lo antes dele ter alcançado o avião era uma questão aberta; toda vez que eles pareciam estar prestes a diminuir o espaço entre eles, Beckett colocava uma nova explosão de velocidade e se puxava ligeiramente um pouco à frente mais uma vez. Eles estavam certos, entretanto, que uma vez no macadame, eles poderiam facilmente embarcar no avião antes que ele pudesse decolar, ou no mínimo causar dano a ele o suficiente para impedir ele de partir.

O lobo corria, batendo de lado em pedestres lentos, às vezes saltando em cima e sobre carros se movendo lentamente em sua pressa em escapar. Sirenes soavam atrás deles, e o lobo saía em disparada vielas abaixo muito pequenas para carros de polícia seguir. Era um movimento que até os Assamitas apreciavam; entretanto revelou-se que era melhor não envolver as autoridades mortais nisso.

Até finalmente, com um último salto de cerca, quatro patas bateram através do macadame, com vários conjuntos de pisadas humanas atrás. Enquanto Beckett se aproximava do hangar no qual, presumidamente, seu avião esperava, ele finalmente reduziu só um pouco, como se seu ferimento estivesse finalmente apanhando ele, permitindo aos Assamitas fazerem o mesmo.

O líder estava a um mero passo de trazer sua lâmina para portar quando o primeiro tiro despedaçou por detrás do hangar para atingir o Assamita bem no peito. Mesmo quando ele caiu para trás e assustado voltou a ficar de pé, seus companheiros estavam mergulho por cobertura enquanto bala seguia bala em um lento, mas constante barragem.

Meia dúzia de homens e mulheres emergiram por detrás do hangar. O homem que tinha atirado mantinha sua mandíbula cerrada, seu rosto torcido em raiva e ódio. Parecia estranho, então, que todos os seus companheiros pareciam chocados, aparentemente confusos por seu comportamento. A liderança Assamita, com seu ferimento no peito latejando, se perguntou brevemente se o sujeito louco pelo gatilho tinha se precipitado (então para falar), lançando sua emboscada antes do que ele deveria. Ele não sabia quem essas pessoas eram, não eram familiares com os sangues-fracos perseguindo Beckett, e francamente não se preocupavam.

Os Assamitas se aproximaram rapidamente, negando qualquer pequena vantagem que as armas de fogo poderiam ter dado a seus atacantes. Com o medo agora substituindo o choque em seus rostos, os outros recuaram, tentando manter distância suficiente para continuar atirando. O principal atacante, aquele que tinha aberto fogo, saltou para o lado enquanto os Assamitas avançavam e rolavam atrás de um galpão de equipamentos.

Foi curto, sanguento e brutal. Tinha sido uma simples luta direta, teria sido um massacre. Os sangues-fracos de Cross, entretanto, esperavam estar enfrentando Beckett, um vampiro conhecido por sua resiliência ao dano físico, e — ao contrário de seus companheiros os quais Beckett tinha combatido do lado de fora do solar — tinham a oportunidade de estocar as armas apropriadas. Com rifles de alto poder, pistolas pesadas e até alguns explosivos que eles tinham pretendido usar para emboscar Beckett no seu caminho para o avião foi ao invés virado contra os assassinos do oriente. Rápidos como os Assamitas eram, alguns dos tiros disparados na realidade caíram, mas aqueles que conseguiram foram devastadores.

No final, um único sangue-fraco sobreviveu para fugir de volta para a escuridão de Miskolc. Um dos Assamitas que ainda estava de pé fez seu caminho para trás do galpão, determinado a expressar seu desprazer em alguém que tinha lançado o ataque — e achou nenhum traço dele. Ele simplesmente se foi, como se ele nunca tivesse existido. O Assamita se virou, com seu rosto zangado, pronto para se reunir a seus companheiros...

E Beckett, na forma humana com garras estendidas, caiu sobre ele de cima do galpão. Suas roupas estavam vermelhas onde estava o sangue no couro do lobo — sangue que vinha não de qualquer real ferimento, mas do sangue de ratos que Kapaneus tinha respingado sobre ele, para fazer os Assamitas acreditarem que Be-

ckett estava ferido e explicar sua aparente lentidão. Em um reverso das usuais circunstâncias em volta dos Assamitas, o assassino morreu sem um barulho.

Se os três Assamitas remanescente ainda estavam com força total, Beckett teria considerado um ataque frontal ser suicida. Entretanto, um estava inconsciente, possivelmente em torpor; e dos dois ainda de pé, um estava seriamente ferido, com vários ferimentos de entradas e saídas grandes ainda abertos em seu corpo. Quando Beckett veio em torno do galpão com sangue em suas garras, com Kapaneus — ainda envolto na imagem do sangue-fraco que tinha começado o combate — se aproximando por detrás deles, e Cesare na entrada do avião com a pistola na mão, os Assamitas decidiram que eles tiveram o suficiente. Com o calor do sangue do assassino morto em suas mãos, Beckett, talvez contra o seu melhor julgamento, os deixou partir.

“Pelo menos algumas noites para se curar”, disse ele para Kapaneus enquanto o ancião retomava a sua aparência normal. “Mais longo se eles tiverem que esperar por reforços”.

“Então melhor nós voltarmos à biblioteca e começar, não acha?”

“Num minuto”. Beckett se virou para olhar o campo ao lado do macadame, ergueu ambas suas mãos e sua voz.

“Eu sei que você está aí fora!” Gritou ele. “Você que está rondando para ver o que aconteceu a seus amigos, e a mim! Bem, dê uma boa olhada, porra!” Beckett agitou suas mãos, enviando o sangue do Assamita e respingando através do chão. “Eu estou fazendo disso! Nós matamos mais pessoas nos últimos meses do que eu tenho em *anos*, e isto é sua maldita culpa! Eu não vou deixar mais você fazer isso a mim!

“Quantos de seu pessoal eu vou ter que passar por cima?! Você não era meu inimigo; nem Jenna Cross era, até você ter vindo a mim. Eu quero que você leve a ela uma mensagem. Você diga a ela que isto pare, agora. Que seu pessoal me deixe em paz a partir deste ponto, e eu não irei guardar ressentimentos. Se vocês não fizerem, Jenna realmente vai estar em minha lista negra. Seja o que for que ela *pense* o que eu esteja planejando fazer a ela, lembre ela que eu tive várias centenas de anos a mais do que ela tem para aprimorar minha imaginação”.

Beckett ajoelhou-se, raspou o resto do sangue fora de suas mãos na grama, e esgueirou-se para a escuridão.

Cesare observou seu mestre e o outro vampiro partir, e então começou a limpar a bagunça, coletando invólucros de cartuchos e ateando fogo aos corpos daqueles Membros que não eram velhos o suficiente para se decompor rapidamente por conta própria. Ele sabia que a polícia de Miskolc ainda estava lidando com o pânico que o lobo tinha causado no centro; ele sabia também que, a saída daqui no macadame particular a essa hora da noite, era possível que ninguém tivesse escutado o combate, barulhento como ele foi. Em nenhum dos casos estava ele disposto a assumir o risco. Se a polícia *aparecesse* aqui, ele não iria tornar fácil para eles encontrar alguma coisa. Assobiando para eles mesmo, ele foi pegar a mangueira que o aeroporto fornecia para limpar o avião e o virou ao invés sobre o macadame e gramado em volta.

Atrás dele, uma figura invisível para a maioria dos mortais e olhos mortos-vivos semelhantes rastejou-se sobre o avião. Ela arrastou-se em baixo, se fazendo tão confortável quanto possível na passagem de manutenção para o trem de pouso, clicou para abrir um laptop com um satélite moderno, e se acomodou para o que poderia se provar ser uma longa espera.

A biblioteca particular de Sascha Vykos Miskolc, Hungria

“Parece que eu estava certo”, explicou logo Beckett que a próxima noite após eles terem finalmente feito seu caminho de volta à biblioteca. O melhor que eles puderam determinar, a casa não estava mais sendo observada. “Arquivado aproximadamente pela data que Vykos pegou eles, da melhor forma possível que eu pude determinar”. Ele pegou um tomo e folheou através dele enquanto ele falava, embora seus gestos fossem feitos mais para enfatizar do que qualquer procura real.

“Eu entendo. E seus próprios livros? Aqueles que ela escreveu?”

“Isto faz parte do que me lançou. Veja”. Beckett começou a gesticular em vários tomos sobre as prateleiras. “Os livros que ela escreveu do seu próprio conhecimento, ela armazenou na ordem que eles foram escritos, sim. Mas as anotações que ela escreveu sobre os outros livros... Ela não os mantinha na ordem que ela os escreveu, ela os mantinha na ordem que ela recebia os textos *originais* nos quais ela estava comentando”.

“Ah”. Por um momento, Kapaneus ficou em silêncio. Então, “Perdoe-me, Beckett, mas eu não vejo como isso nos ajuda”.

“Sascha Vykos é — era”, emendou ele com um riso forçado, “— paranoica e egoísta o suficiente para fazer o resto de nós parecer confiantes como meninos de coral. Não é possível que ela teria deixado Milivoje ficar aqui sem algum tipo de pagamento. Eu estou apostando que o convidado de Vykos trouxe a ela alguns livros, ou pelo menos algum conhecimento que ela queria registrar. Nós sabemos quando Milivoje chegou. Portanto nós devemos ser capazes de localizar qualquer coisa que Vykos escreveu sobre esses livros — e, com alguma sorte, sobre o Membro que os entregou”.

Isto era *inteiramente* simples na execução; a tarefa ainda exigia horas de procura para localizar os textos apropriados, e passar o olho através deles na busca desesperada por qualquer coisa relevante. Finalmente, no rabisco manuscrito de Vykos, Beckett o achou.

Revelou-se ser um pouco mais do que um comentário de passagem, enquanto as revelações mais importantes são frequentes. Foi a primeira linha de uma passagem na qual Vykos gravou uma das experiências de Milivoje com Rayzeel — ainda outra discussão sobre profecia, conforme ela acontecia. O começo da narração, aparentemente copiado em verbatim das próprias palavras de Milivoje, revelou-se ser bem mais valiosa para Beckett do que qualquer coisa que pudesse ter seguido.

Nós sentamos no refúgio dela, escondidos na sombra do maior erro de seu senhor, onde ninguém pensaria em procurar por ela.

“Meu Deus”. Beckett levantou-se, fechou o livro com um estalo fraco. “Se eu estou interpretando isso apropriadamente... ela estava certa. É um lugar perfeito para se esconder. Quem diabos procuraria lá por uma Salubri?”

“Beckett?” Soou Kapaneus intrigado. “Você se importaria de explicar?”

“Você já ouviu falar de uma seita de Membros denominada de Baali?”

A boca do ancião virou abaixo em um sorriso de zombaria, talvez a expressão mais extrema que Beckett teria sequer visto dele. “Sim. Uma linhagem repugnante de depravados adoradores de demônios. Eles eram considerados o maior dos anátemas em meu

tempo. Várias tentativas foram feitas para apagar suas manchas da Terra”.

“Alguns quase obtiveram êxito. Eles não existiam em qualquer grande quantidade desde a Idade Média, e eu não ouvi um pio deles nos últimos cinco anos ou menos. Talvez alguém finalmente erradicou eles.

“Em qualquer evento, eu olhei para eles — não pessoalmente, eu lhe garanto, apenas historicamente — uma vez ou três. Eles tinham uma visão bem diferente da natureza dos membros, e eu era curioso sobre isto, se somente para que eu pudesse a salvo controlá-lo fora dos meus próprios estudos. Nessas investigações, eu me deparei com um pequeno punhado de mitos sobre de onde eles podiam ter vindo”.

Beckett começou a andar a passos largos na câmara, remexendo memórias antigas. “Embora eles discordem em muitos detalhes, a maioria dessas lendas alegam que eles se arrastavam de uma cova de imundice e carnificina em um lugar chamado Ash-Sharqab”.

Kapaneus piscou. “A cidade de Ashur?”

“Os Membros antes assim o chamavam, sim. Na geografia moderna, ela é uma pequena cidade chamada Qalat’at Sherqat, na nação do Iraque”. Beckett franziu a sobrancelha. “Não o mais fácil ou mais seguro lugar para viajar, essas noites”.

“O que tem isso a fazer com Rayzeel ou o senhor dela?”

Beckett franziu a sobrancelha. “Lembre-se, isto nunca foi provado”, disse ele lentamente, “e os Salubri da época fizeram um esforço combinado para encobrir tudo, mas enquanto as lendas não concordam sobre quem criou os Baali, um dos suspeitos a surgir em vários mistos é o próprio Saulot”.

“Mesmo?” Kapaneus pareceu honestamente surpreso. “Eu nunca teria imaginado... o quão certo você está para esse lugar que a Tzimisce se refere?”

“Não completamente. Saulot cometeu outros erros em seu dia. Aliás, um que poderia dizer que deixar-se ser sugado pelo Tremere foi um erro. Mas isso é apenas um que eu possa imaginar disto que seja bem como o *pior* erro, e não colocaria a beijoca da Rayzeel no meio do território inimigo. Se qualquer clã pudesse ser chamado de dominante no Iraque, este seria o dos Assamitas, e eles teriam contra ela se eles a descobrissem. Inferno, eles ainda compartilham um inimigo em comum nos Tremere”.

Beckett contraiu os ombros e colocou o livro de volta na prateleira após passar os olhos nele atrás de qualquer referência adicional. “Isto não é um raciocínio perfeito, Kapaneus, eu sei

disto. E nós vamos nos manter procurando enquanto nós pudermos. Mas isto é o melhor que nós conseguimos até agora, e isto certamente *parece* possível”.

Possível ou não, entretanto, esta foi a última peça de informação relevante que eles encontraram. Enquanto o relógio assinou depois da meia-noite na terceira noite seguinte ao encontro no avião, Beckett e Kapaneus relutantemente concordaram que eles simplesmente não poderiam se permitir tomar mais tempo.

“Se isto se provar ser uma pista falsa”, falou Beckett a ele resignadamente, “nós podemos sempre retornar”.

“Nós podemos?” Gesticulou Kapaneus nos fétidos e anormais acessórios da câmara. “Nós não devemos destruir essas abominações, libertar qualquer alma que possa ainda estar presa dentro?”

Beckett parou, deu uma olhadinha em volta dele, lutou consigo mesmo — e finalmente balançou sua cabeça. “Não. Me perdoe. Eu sei que nós devemos. Eu juro a você, quando isso estiver feito, se nós pudermos nós iremos voltar para cá e então fazer isto.

Kapaneus franziu as sobrancelhas, mas seguiu Beckett para fora da caverna. Ele não estava certo de qual era mais escuro, a caverna vazia atrás dele, ou os olhos do Membro que caminhava diante dele.

Decolando do Aeródromo Regional de Miskolc Miskolc, Hungria

“Beckett”, perguntou Kapaneus de repente enquanto o avião levantava voo, “você sente algo diferente?”

“Diferente? Como assim?”

“Remova os seus óculos escuros, por favor”.

Beckett piscou, e assim o fez. Kapaneus suspirou. “Eu não acredito que você vá precisar mais deles”.

“Meus olhos?”

“Normais, agora. Tal como suas mãos”.

“Hu”. Então ele contraiu os ombros. “Eu vou me preocupar com isto depois. Neste momento, eu estou um pouco preocupado sobre —”

“Signore Beckett?” Chamou Cesare da cabine.

“Sobre isto”, concluiu Beckett, e vagou para frente, com Kapaneus vindo atrás. “Sim, Cesare?”

“Como você esperava, era simplesmente impossível de obter autorização de voo para o Iraque. Nós vamos estar pousando no aeroporto de Diyarbakir. Eu temo que tenhamos que fazer o resto da jornada no solo”.

Beckett quase desmanchou-se a rir. Turquia novamente. Isto não era apenas um sentimento de frustração. Ele realmente *estava* andando em círculos!

Mas então, não era uma questão de rir. Turquia era a casa de mais do que alguns Assamitas. Eles iriam ter que observar suas costas ainda mais próximos do que antes.

“Bem, será feito, Cesare. Obrigado —”

“Signore, há mais. Na sua pressa de nos colocar em voo, eu não tive a oportunidade de lhe dizer”.

“Oh?”

“Conforme você solicitou, eu estive checando o e-mail e outras mensagens de Okulos durante o dia aqui. Ele deixou uma a não muito tempo, soando um nervosismo. Ele disse que ele tem escutado relatos de seletos anciões simplesmente desmoronando no meio do discurso. Alguns parecem ter caído em torpor, outros começaram instantaneamente a se decompor”.

“O murchamento?”

Cesare assentiu, embora o gesto fosse quase invisível por detrás dele. “Okulos assim acredita. Isto começou a matar”.

Beckett suspirou, desmoronando contra a parede e afundando em um meio agachamento. Nós não temos muito tempo, Kapaneus. Eu não sei o porquê de eu ainda não ter enfraquecido — ou o porquê de você não ter, aliás — mas isto vai acontecer. Minhas mãos, este intervalo estranho na Europa quando eu nunca estava com fome, agora meus olhos... é apenas uma questão de tempo antes do murchamento me atingir, e forte”.

Lentamente, ele se ergueu mais uma vez para ficar de pé. “Eu vou para trás para me limpar. Cesare, me avise se qualquer coisa mudar. Kapaneus...” Beckett franziu as sobrancelhas por um momento. “Se você é um homem religioso, eu não tomaria isto como inoportuno se você começasse a orar por mim”.

Kapaneus sorriu tristemente. “Com tudo que eu vi, Beckett, Deus e eu não mais nos entendemos como nós antes fazíamos. Você não precisa de minhas orações”.

Beckett olhou para o ancião por um longo tempo, então assentiu e fechou a porta para a cabine.

Refúgio de Jenna Cross no Vale de São Fernando Los Angeles, Califórnia

Cross estava sentada na mesa, com seus amigos e tenentes reunidos na sala em volta dela. Era a esta altura uma cena familiar, até uma rotina. Essas sessões de introdução e estratégia eram praticamente uma ocorrência noturna nesse ponto.

Enquanto isto ocorria por semanas, a cadeira diretamente à sua direita ficava vazia. Apesar de todos os esforços, e as procuras metódicas de seu melhor pessoal, ela tem sido incapaz de localizar até um único traço de Jack Sorridente desde seu desaparecimento no último mês. A palidez cerosa de seu rosto, mais pálida agora do que muitos vampiros várias vezes mais velho que ela, atestava à sua incapacidade de dormir; ela estava tão preocupada, que até o surgir do amanhecer não mais possuía apenas poder moderado sobre ela. Ela tem sido capaz de assim fazê-lo sem ficar queimada, ela manteve a busca até vinte e quatro horas por dia.

Infelizmente, o resto do mundo não estava adaptado a sua necessidade de encontrar seu mentor ausente.

“...com casualidades mínimas”, estava Tabitha relatando. “Com a ausência da Príncipe Tara e a ajuda dos sangues-fracos já residindo na cidade, nosso pessoal foi capaz de eliminar a primigênie e outros anciões sem muitos problemas”. Com um largo sorriso e um aceno de sua mão que beirava o melodramático, ela concluiu, “Jenna, você pode adicionar San Diego à lista de cidades que nós liberamos do domínio da Camarilla”.

Cross mal pode forçar um sorriso superficial enquanto a sala em volta dela irrompeu em aplausos. Eram boas notícias, sem dúvida. Disto. Nos últimos meses, outros sangues-fracos inspirados pelos sucessos de Cross em Los Angeles, ergueram-se em nome dela – e geralmente com a assistência daqueles que respondiam diretamente a ela – para reagir contra a opressão cada vez mais fascista dos anciões. Em várias cidades, tal como Dallas e Cincinnati, os sangues-fracos encontraram-se lutando lado a lado de células de combatentes da resistência conduzidos por Lucita e Theo Bell, apesar da falta de qualquer aliança formal entre eles. Ela nunca admitiria isto, mas Cross estava na realidade feliz que ela tenha falhado em matar Lucita quando ela tentou.

Em meia dúzia de cidades maiores, e várias vezes este número de povoados menores, os sangues-fracos claramente excediam em número os vampiros mais “puros” e eram também um dos maiores poderes ou estavam rodando o show vampírico completo. Até a própria Cross ficou chocada ao descobrir exatamente quantos vampiros sangues-fracos existiam no mundo. Sem dúvida que a Camarilla e oficiais do Sabá sobreviventes estavam totalmente atordoados. Entre aqueles que ela comandava diretamente e aqueles que lutavam sob sua bandeira e iria certamente saltar se ela os enviasse um pedido, Cross tinha literalmente centenas de vampiros em seu comando, com mais aparecendo a cada noite. Além disso, este pessoal dela estava lutando por mais de uma cidade, forçando a Camarilla a dividir sua atenção e seus recursos, tornando a batalha por cada cidade individualmente muito mais fácil.

Tudo isso significava, é claro, que era hora para a próxima tacada.

“Eu —” começou Toby do outro lado da mesa. Ele parou brevemente, limpando sua garganta, esperou pelos aplausos e congratulações mútuas se acalmarem, e começar novamente. “Me perdoem por trazer o ânimo para baixo, Jenna. Mas...”

Ela assentiu em encorajamento enquanto ele sumia. “Relatório”.

“O pessoal de Hardestadt se moveu para Alhambra, Leste de LA, Compton e Hawthorne. E eles retomaram LAX”.

A sala caiu completamente em silêncio.

LAX não era, por si só, uma surpresa. Os sangues-fracos e a Camarilla tinham passado o aeroporto de um lado para o outro como um futebol desde que o conflito começou. Cross tinha tomado ele quando ela e seu pessoal havia matado Tara, a Camarilla arrancou ele com seus vazamentos de gás, e desde então ele tem mudado de mãos novamente pelo menos três vezes mais. Entretanto, quando eles tomaram da última vez a área, Cross estava certa de que o controle deles era inquebrável, a posição deles incontestável.

Então novamente, ela também teve certeza de que o Leste de LA e Compton estavam firmemente defendidos também.

“Como?” Perguntou um jovem sangue-fraco chamado David, com sua voz tremendo.

Toby franziu as sobrancelhas enquanto ele falava. “Uma combinação de fatores. As usuais incursões policiais e outros pe-

ões municipais que a Camarilla ama tanto servindo como uma distração. Nossos próprios carnicais estavam ocupados lidando com eles quando...” os ombros do sangue-fraco caíram. “Eu tomo que nenhum de vocês se ligou nas notícias de hoje à noite, não foi?”

Os olhos de Cross piscaram em volta da mesa, então ela balançou a cabeça dela. “Nós praticamente viemos direto para cá do despertar, Toby”.

“Incêndio, Jenna, e mais do que alguns explosivos. Eu não apenas quero dizer um pouco de incêndio criminoso aqui e lá, eu quero dizer imenso. Bombas incendiárias, coquetéis molotov — parecia como o que eu havia escutado de um cerco Sabá, não uma operação da Camarilla.

“As autoridades estão chamando isto de uma série de ataques terroristas coordenados. Quarenta e sei pessoas — rebanho — foram mortos, quase três vezes disto de feridos. Os danos materiais estão estimados em dezenas de milhões”.

“Não é só aqui”, adicionou Steve do fundo da sala, com seus olhos grudados ao seu laptop. “São Francisco, Las Vegas, Sacramento... e nós começamos a ver sinais em outros lugares, como Dallas / Forte Worth. Esses fodidos na Beira Rio realmente retiraram todas as paradas. Como da última noite, nós estamos perdendo um território bem significativo, Jenna”.

Cross desmoronou para frente, com o rosto dela em suas mãos, e tentou desesperadamente não chorar na frente de seu pessoal.

Meu Deus, não devia ter acontecido assim! Isso era uma guerra de *Membros*. Por tudo que ela fez, toda a violência que ela concordou, ela fez o seu melhor para manter a população mortal fora disto. Talvez os anciões da Camarilla foram vampiros tempo o suficiente para que eles vissem as massas da humanidade como nada mais do que comida, mas Jenna não tinha este luxo. Ela e grande parte de seus irmãos não eram muito tempo além da espiral mortal. Para ela, o povo ainda eram — bem, povo.

E agora a Camarilla tinha aparentemente decidido que esmagá-la era mais importante do que — o que? Manter as cidades que eles queriam em boas condições? Do que a própria Máscara? Dúzias, talvez centenas de mortais estavam morrendo, e somente Deus sabe quantos sangues-fracos foram massacrados nesses últimos ataques.

Para não falar do fato que ela ainda não tinha ouvido falar —

“Cross?” Outro de seu pessoal enfiou sua cabeça na porta. “Jacob está ao telefone de Miskolc”.

Ela se pôs de pé instantaneamente. Não era simplesmente que ela esteve à espera de saber por noites, que ela sabia que seja o fosse que ele tinha a dizer seria importante. Ela também tinha de considerar que estava quase amanhecendo onde ele estava, e eles apenas tinham alguns minutos para conversar.

Quando ela retornou para a sala, nenhum dos vampiros reunidos teve de perguntar se as novidades eram boas ou más; a aparência no rosto dela era a resposta o suficiente.

“O time está morto”, ela anunciou em uma voz fraca após um prolongado momento de silêncio. “Todos menos Jacob. E ele tinha a certeza de que ele sobreviveu somente porque Beckett queria que ele entregasse uma mensagem para mim”.

“Filho da puta!” Falou Toby, mas o sentimento estava claramente compartilhado por todos na sala. “*Maldito* seja ele! Nós vamos localizá-lo, e rasgar sua bunda em um novo —”

“Não”.

Jenna pode literalmente sentir todos os olhos na sala perfurando nela. “Não?” Perguntou Tabitha, claramente incrédula. “O que diabos você quer dizer, ‘não’?”

A líder dos sangues-fracos, de talvez da maior facção de vampiros não Camarilla e não Sabá reunidos desde a Convenção dos Espinho, deu um profundo e totalmente desnecessário respiro. Ela jurava que ela pudesse quase ver Jack em pé ao lado dela, olhando por sobre os ombros dela e sorrindo gentilmente em aprovação. Por outro lado, ela não queria sequer imaginar a reação de Samuel; o mero pensamento de seu desprazer fez ela sentir dor por dentro, embora ela nunca teve a certeza do *porquê* sua aprovação significava tanto para ela.

Ainda assim, algumas coisas eram mais importantes até mesmo do que ele.

“Nós acabamos com Beckett por enquanto”. Isto foi como puxar seus próprios dentes, forçando essas palavras através de sua garganta. Todos os seus amigos que ele matou, o medo terrível que serpenteava em seu intestino do que pudesse acontecer a ela se ele dissesse justamente a palavra certa justamente na orelha certa, e os olhares fixos de raiva de seus companheiros todos gritaram para ela morder a língua dela ao invés de dar voz a tal pensamento.

Mas ela recebeu a mensagem de Beckett clara o suficiente — e apesar disto irritar ela a ter de admitir, pelo menos parte disto era suficientemente preciso. Se o que for que ele *pudesse* fazer a ela, era ela quem tinha lançado o primeiro ataque, ela quem continuou enviando seu pessoal atrás dele — para suas mortes, aparentemente. Não mais, pelo menos por hora. Ela ia perder amigos demais, soldados demais, para a Camarilla. Ela não iria sacrificar mais algum acalmar seus próprios medos. Se Beckett se provou uma ameaça para ela, ela lidaria com isto ela mesma. Até lá...

Até lá, se ela *devesse* enviar amigos para suas mortes, deixá-los morrer por alguma razão. Não, Samuel não ficaria feliz sobre isto — poderia até se recusar a ajudá-la mais adiante — mas então, ela não teria sido capaz de alcançá-lo por várias noites de qualquer jeito. Ela sentiu uma ligeira chama de preocupação por seu conselheiro, mas ela apenas a arquivou com todas as outras dificuldades que ela tinha de resistir pelo bem de seu pessoal.

Jenna Cross pressionou Beckett até onde ela pode de sua mente, e voltou sua atenção para planejar a defesa desesperada dela contra uma Camarilla que parecia ter totalmente abandonado qualquer semblante de seguir as regras

A Pousada Missão Beira-Rio, Califórnia

“Todos que concordam?”

“Todos que se opõe?”

“Moção rejeitada. Assembleia adiada.”

Hardestadt encostou-se para trás no espesso sofá de couro, com seu queixo em uma mão, a outra agarrando o controle remoto. Novamente, ele rebobinou a gravação por vários segundos; novamente ele observou um trio de anciões massacrados por uma força que eles — e ele — não conseguia sequer ver.

“Conforme vocês irão notar”, disse ele secamente para aqueles ocupando a sala atrás dele, “nós ainda temos outro problema”. Hardestadt se ergueu e virou, deixando a fita rodar mais uma vez na televisão de tela grande, focando ao invés nas outras faces.

Federico di Padua, com seu rosto agora tão repulsivo quanto nunca graças às cicatrizes de seu último encontro com os sangues-fracos da Cross, parecia incapaz de fazer mais do que balançar sua cabeça em descrença. Tegyrus ficou com suas mãos cerradas tão firmemente na costa de uma cadeira que a madeira a muito havia se estilhaçado. Os vários tenentes de Cock Robin e Hardestadt na guerra de LA exibiam sinais similares de consternação e desalento. Finalmente, a Justicar Ventrue Lucinde, a qual estava no Beira-Rio apenas brevemente em seu serviço como um dos maiores (e mais ocupado) agentes de campo sobreviventes do Conselho Interno, levantou uma pensativa sobrançelha, mas fora isso mostrou pouca reação sequer.

Hardestadt franziu as sobrançelhas enquanto seus olhos varria os Membros reunidos, notando a exaustão e ferimentos que danificou todos eles. Os sangues-fracos da Cross estavam fazendo muito bem. Ele se perguntou, não pela primeira vez, se alguém estava alimentando eles com informação. Ainda algo *mais* que ele tinha de lidar.

“Nós seríamos tolos”, comentou Lucinde, escovando seu cabelo castanho de seus olhos em um gesto mais apropriado à jovem mulher inocente que ela parecia ser do que à criatura antiga e sem remorsos que ela verdadeiramente era, “de ignorar a periodicidade desses eventos. Seja o que for que atacou o conclave em Lille, isto claramente reagiu violentamente à proposta de Pascek”. Ela virou seu olhar fixo para Tegyrus, o qual ainda fitava, fascinado, na tela de TV.

“E que tal isso, Tegyrus?” Perguntou Hardestadt. “Poderiam seus ex-irmãos serem responsáveis por isto?”

“Eu não vejo como”, apresentou-se o Assamita, puxando sua atenção da tela. “Até o próprio Ur-Shulgi não é tão ligeiro e tão furtivo que ele pudesse ser capaz de invadir um conclave inteiro de anciões poderosos e matar vários sem ser detectado”.

“Ainda assim, o assassinato repentino é mais sua área de expertise do que nossa”, apresentou-se Cock Robin em sua voz estranhamente arrastada. “Você tem alguma ideia do que possa ter causado isto?”

“Nenhuma. Sinto muito”.

Hardestadt poderia dizer sem sequer olhar que pelo menos metade daqueles presentes não acreditava nas alegações de ignorância de Tegyrus. Tensa como a situação estava, eles queriam alguém para culpar, e eles ressentiam-se com o Assamita por não fornecer um.

Eles estavam assustados, um monte deles. Até em seu orgulho, Hardestadt era forçado a admiti-lo. O murchamento estava agora matando, e nenhum ancião poderia estar certo da segurança. Eles ainda tinham chegado ao ponto de trazer vários neófitos estaqueados para dentro da suíte da porta ao lado — constantemente guardada, é claro — em caso de qualquer dos anciões presentes sentirem uma onda repentina de fraqueza vindo sobre eles. As várias instalações de internação através de todos os territórios conhecidos da Camarilla estavam tão cheias quanto as autoridades poderiam fazê-las, mas ainda não iria ser o suficiente. Hardestadt sabia — todos eles sabiam — que conforme o murchamento ficasse mais forte e os Membros mais fracos, eles iriam eventualmente ficar sem vampiros jovens sobre os quais se alimentarem. Menos de um Abraço em cinco eram agora um sucesso. Hardestadt sentiu-se ficando em pânico e o forçou a baixar, juntamente com uma repentina ânsia por uma das crianças no quarto ao lado. Ele não podia se permitir ceder a sua fome até ela ter ficado verdadeiramente esmagadora. Os Membros iam ter de racionar seus suprimentos, por assim dizer, até isto ter acabado.

De uma maneira ou de outra.

“Isto poderia ser algum tipo de magia do sangue, alguma manifestação taumatúrgica” comentou di Padua. “Sim, os Tremere parecem ter desaparecido, mas eles verdadeiramente se foram? Mesmo se eles se foram, poderia isso ser um efeito posterior do que fosse que eles pudessem ter feito para causar o murchamento?”

“Nem precisa ser os Tremere para ser magia de sangue”, colocou Lucinde suavemente. “Poderia ser os Tzimisce, embora eles pareçam ter desaparecido também. Os Giovanni. Os Precursores”. Ela não incluiu os Assamitas, mas ela deu uma olhada rápida de lado em Tegyrus deixando nenhuma dúvida de que ela ainda os considerava suspeitos viáveis, não obstante de seus protestos. Ele olhou com desconfiança de volta para ela.

“Isto”, disse Hardestadt para eles, “é um exemplo perfeito do porquê eu escolhi alterar minhas estratégias quando se torna uma rápida conquista de Cross e seus vermes”.

Ele começou a andar a passos largos, pelo menos até onde os muros da sala permitiam, dirigindo-se aos Membros reunidos como um general diante de suas tropas. “Nós estamos encarando talvez nosso maior desafio desde a Revolta Anarquista e a formação da própria Camarilla. O murchamento nos derruba por den-

tro. Estranhas entidades aparecem entre nós. Nós estamos lidando com pelo menos dois: a presença no conclave e a misteriosa escuridão que submergiu Milão quando o Príncipe Giangaleazzo desapareceu”.

Alguns dos presentes murmuraram um pouco nesta. Uma pequena, mas vocal minoria de oficiais da Camarilla, acreditava que o desaparecimento de Giangaleazzo no meio de uma escuridão Abissal indicava que ele tinha se tornado um manto mais uma vez, fugido de volta para o Sabá. Entretanto, dado o atual estado da Espada de Caim, Hardestadt sabia que eles eram improváveis de dar as boas-vindas a um novo ancião em suas fileiras, especialmente um a muito considerado um traidor à sua causa. Giangaleazzo era muitas coisas, mas Hardestadt sabia que ele não era estúpido. Não, algo tinha acontecido a ele, e esta entidade de sombra — possivelmente enviada pelo Lasombra Sabá — estava envolvida.

“Muitos de nossos irmãos e irmãs na Camarilla”, continuou Hardestadt, “tomaram todos esses sinais para significar que a Gehenna está sobre nós. Não apenas os neófitos, agora, mas muitos que deviam saber melhor. Anarquia e desordem espalham-se como um fogo incontrolável, e como uma chama eles irão consumir a todos nós se nós o deixarmos”.

“E agora nós devemos lidar com essa crescente pestilência de sangues-fracos também? Nós temos, pura e simplesmente, muitos itens em nosso prato. Nossa atenção está dividida, nossas forças incapazes de cobrir as frentes. É *vital* que nós superemos o primeiro destes obstáculos tão rapidamente e decisivamente quanto possível, para que nós possamos nos focar nos outros. Desde modo, Cross deve ser esmagada imediatamente.

“Nós não temos mais tempo para jogos, não mais tempo para pequenas escaramuças, infiltrações isoladas, manobras sutis. Embora isto me irrita em admitir, embora isto vá contra todos os instintos que eu possuo, nós devemos tomar emprestado uma página de nosso maior inimigo. Nós devemos instalar um cerco em LA, e as outras fortalezas dos sangues-fracos, como o Sabá faria à nós.

“Nós podemos?” Perguntou Lucinde a seu colega de clã quase casualmente. Até Hardestadt não podia estar certo se ela estava honestamente objetando, ou simplesmente atuando como advogada do diabo. “Nós temos os recursos? Os sangues-fracos estão em maior número do que nós, Hardestadt, e nós não estamos em nossa maior força neste momento”.

Os próprios sangues-fracos irão fornecer nossa força, en-

quanto nós nos alimentamos naqueles que nós não matamos completamente. Eles podem se gabar da quantidade, mas nós temos recursos. Nós sabemos onde eles estão, onde seus líderes se encontram, onde eles repousam”. Um fogo pareceu arder atrás dos olhos do Fundador enquanto ele falava. Apesar de séculos tenha se passado, a Besta dentro dele não tinha esquecido que ele foi uma vez um senhor da guerra e o filho de um senhor da guerra. A guerra não era nova para ele, não era seu inimigo. “Cross e seu pessoal tem adquirido interesse em causar danos mínimos a seu território, mas isso é uma preocupação que nós não podemos mais nos permitir ter”.

“Mais bombas?” Perguntou di Padua, com sua voz apreensiva. “Mais incêndios? Mais acidentes? E quanto à máscara?”

“Quanto a isto? Fitou Hardestadt o arconte. “Nós vamos atrair a atenção, verdade, mas os mortais não irão saber que eles estão no meio de qualquer coisa a não ser um conflito entre sua própria espécie. Dado a eventos dos passados últimos anos, eu duvido que eles sequer estarão todos assim surpresos com a ideia de mais ‘ataques terroristas’”. O Fundador se virou para Tegyrus. “Se você ou seus irmãos tiverem quaisquer carniçais nativos de sua terra natal, nós poderemos ter de toma-los emprestado, talvez até deixar um ou dois ser mortos e encontrados pelas autoridades. Vocês irão, é claro, ser compensados”.

A mandíbula do Assamita apertou firme o suficiente para fazer seus dentes doerem, mas ele nada disse. Ao invés, enquanto a sessão de planejamento de horrores do Hardestadt seguia para os detalhes, em uma discussão de qual o melhor para atacar em alvos específicos, ele se ergueu e pediu licença para sair dos procedimentos. Como Tegyrus não estava diretamente envolvido na guerra de LA, Hardestadt o permitia ir.

Tegyrus rondou da porta para a suíte vizinha por um momento, beligerante contra a tentação. Mas não, enquanto uma boa refeição faria ele se sentir melhor, ele não *precisaria* disto, e ele, assim como Hardestadt, reconhecia a necessidade de restrição. Logo estaria melhor. Logo eles teriam prisioneiros sangues-fracos de sobra sobre quais para saciar a sua sede. Até lá, a moderação em todas as coisas. Tegyrus afastou-se da porta e retornou para a sala que Hardestadt havia fornecido a ele pela duração de sua estadia no Beira-Rio. Ele passou por vários do pessoal do hotel — todos agora completamente e firmemente sob a influência dos Membros ocupantes — e fechou a porta para seu refúgio.

Ele congelou.

Algo estava no quarto com ele. Tegyrius não podia vê-lo, não podia escutá-lo, mas ele podia *sentir-lo*. Ele ressoava em sua alma, conectava a ele nas formas que ele nunca havia antes reconhecido, mas sempre sentia.

Um vento quente varreu através do quarto de hotel, virando os papéis, farfalhando as cortinas. Tegyrius quase ficou inebriante com o odor poderoso de sangue que o acompanhava. Isto, então, era o mesmo invasor que tinha interrompido o conclave, o assassino impiedoso cujo trabalho tinha aparecido no vídeo de Hardsadt mesmo se ele próprio não tivesse.

E Tegyrius o reconheceu pelo o que ele era.

Ele não fugiu, este poderoso ancião Assamita. Ele não ergueu suas mãos para lutar contra o inevitável. Ele não gritou.

Tegyrius ajoelhou-se no centro do seu quarto de hotel, com sua cabeça profundamente encurvada. Em árabe antigo, ele falou suas palavras finais.

“Eu desapontei você. Eu envergonhei você, e seu nome. Me perdoe”.

Por um instante, o vento soprou ferozmente, ruidosamente. Então ele partiu, deixando uma sala silenciosa, vazia a não ser por um amontoado de cinzas que jazia no chão na forma de um homem.

Aeroporto Internacional de Diyarbakir Diyarbakir, Turquia

“Signore Beckett”, disse de repente Cesare enquanto os vampiros estavam juntando suprimentos para a longa caminhada, “deixe-me acompanhar você”.

“O que?” Piscou Beckett, então cuidadosamente lançou isto para dar a ele um tempo para ter certeza de que ele tinha entendido seu carniçal corretamente. “Cesare, você é um piloto. Eu preciso de você com o avião”.

“Sob a maioria das circunstâncias, sim, claro que você precisa, Signore. Mas dessa vez, qual uso eu poderia possivelmente ser aqui? Não importa qual dificuldade você possa encontrar, eu não poderei vir buscá-lo. Eu nunca poderia obter permissão para voar por sobre a fronteira, e isto faria a nenhum de nós algum bem eu ser abatido. Além disso, os Assamitas são completamente predo-

minantes aqui, na Turquia. Eu não poderia possivelmente me defender contra eles, deveria eles decidirem eliminar sua capacidade para escapar. Com você, eu poderia pelo menos ser outro par de olhos — olhos que, gostaria de lhe lembrar, podem permanecer abertos durante a luz do dia — e talvez outra arma se você vier a correr perigo. Além disso, eu mesmo sou *menos* vulnerável em atacar com você do que por conta própria”.

“Ele pode ter razão, Beckett” apresentou-se Kapaneus quando Beckett continuou a fazer uma expressão carrancuda. “Se nada mais, ele estará disponível para dar de alimentar em uma emergência”.

“Umm — sim, é claro”. O rosto de Cesare pareceu cair um pouco com esta ideia.

Por um longo tempo, Beckett continuou carrancudo, tentando teimosamente encontrar alguma boa razão para objetar. Ele não *gostava* de Cesare, não gostava que o carniçal lembra-se dele disso, quando ele tinha que, ele tinha que brincar com as vidas de mortais como qualquer outro Membro. Embora, no final, ele consentiu. Se nada mais, isto impediria o carniçal de vir atrás deles por sua própria conta. *Isto* iria quase certamente fazer com que ele morresse. “Mas você vai ter de carregar as provisões”, alertou ele a seu carniçal, com sua voz de raiva. “Se eu for ter de cuidar de você, você pelo menos vai se fazer útil”.

Meros minutos após eles partirem, uma pancada fraca soou quando a figura invisível caiu do trem de pouso. Isto era ainda melhor do que ele esperava! A presença do carniçal poderia bem fornecer a ele todos os tipos de interessantes oportunidades...

Ele não conseguiria manter o ritmo deles, é claro. Ele teria de adquirir um veículo, mesmo quando ele sabia o que eles iam fazer, e ele não poderia ficar próximo o suficiente para arriscar deles descobrirem ele. Isso não era um problema, no entanto.

Ele sabia exatamente onde eles estavam indo.

No Sudeste das Montanhas Taurus Próximo a Sirnak, Turquia

Então eles viajaram, com Beckett carregando uma nova bolsa com todos os seus suprimentos padrões, Cesare carregando um

refrigerador leve contendo várias garrafas de água, carne-seca e frutas secas, e um punhado de sacolas de plasma de dentro da geladeira do avião.

Conforme eles tinham antecipado, foi fácil o suficiente para adquirir um caminhão — não inteiramente tão boa quanto o jipe que Beckett tinha obtido ano passado, mas não tinha de carregá-los tão longe. De fato, apenas tinha de levá-los o mais longe ao sul possível quanto Sirnak. Em tempos mais quietos, eles poderiam ter dirigido, ou talvez tomado o trem, de lá para o Iraque. Entretanto, como as coisas estão agora, viajar pela fronteira estava *severamente* restrito. Sirnak estava na encosta leste do Vale de Tigris, cercada pelas Montanhas de Taurus e a uma curta distância de ambos o Iraque e a Síria. Três exércitos e várias milícias encaravam-se pouco à vontade um para o outro aqui através da fronteira tripartida. Eles teriam de cruzar a pé, evitando a passagem da fronteira bem guardada de Habur. Felizmente, Beckett não achava que se provaria muito difícil de achar meios alternativos de transporte uma vez no próprio Iraque; ele *não* apreciava a ideia de caminhar em torno de cento e sessenta quilômetros da fronteira para Qalat'at Sherqat.

Uma vez a pé, eles usaram rodovias e os trilhos das rodovias como guias, andando em paralelo, mas na realidade nunca usando eles, viajando a sudeste de Sirnak. Beckett poderia ter feito a viagem bem mais rapidamente e facilmente como um morcego ou um lobo, mas ele não ia deixar Kapaneus para trás neste estágio. O ancião tinha se provado um inestimável e — muito mais notável — leal companheiro. Ele merecia ver isto até o fim se possível. E havia o Cesar a considerar.

A viagem deles estava lenta ainda mais pela necessidade de se esconder das patrulhas. O jipe que passou dirigindo sobre a rodovia a apenas algumas dúzias de metros à esquerda deles era muito parecida com a que Beckett tinha usado para chegar em Kaymakli meses antes, quando ele era muito mais um ignorante, mas ainda mais um vampiro contente. Entretanto, ao *contrário* daquele que Beckett tinha dirigido, esse estava cheio de soldados turcos, todos eles estavam armados com armas bem grandes. O mesmo era verdadeiro para o jipe após esse, o jipe após esse, e os vários caminhões que se seguiram. O rugido do comboio era praticamente ensurdecedor, e a terra tremia muito levemente com seus movimentos.

Beckett e seus companheiros permaneceram em baixo, agachados entre as rochas. Ele não tinha certeza se este destacamento de soldados estava equipado com óculos de visão noturna, mas ele

não ia assumir o risco. A patrulhas militares que observavam o sul da Turquia por incursões de renegados ou iraquianos ou curdos eram um nervoso e tenso bando — por uma boa razão — e Beckett particularmente não sentia vontade de levar um tiro esta noite.

Embora o terreno nesta área em particular não fosse especialmente montanhoso — não em relação a outras partes da Turquia, de toda maneira — ele se vangloriava dos suficientes picos e colinas menores que Beckett não tinha dúvida de que eles seriam capazes de achar abrigo do sol. Na realidade, sua maior queixa neste ponto era que o grupo perdia mais de uma hora de viagem toda noite porque eles tinha de começar a procurar por uma caverna ou outro abrigo bem antes do amanhecer, apenas para ter certeza de que eles localizavam um a tempo.

Após várias noites de viagem, eles se encontraram brevemente bloqueados pela atual linha de cerca na fronteira, a qual tinha um tanto quanto sido dramaticamente reforçada durante e após as recentes hostilidades. Beckett sabia que ele poderia facilmente abrir seu caminho ou sobre ou através da concertina barreira de arame com facilidade, e Kapaneus tinha exibido força e resiliência suficientes para que ele provavelmente pudesse escalá-lo sem ficar muito retalhado. Entretanto, conforme Beckett havia esperado, Cesare ia se provar um problema.

No final, após vários minutos de debate, Beckett tremulou pelo alto como um morcego, fez seu caminho para o posto de controle militar mais próximo, e botou fogo em um caminhão. A distração atraiu a atenção dos itinerantes patrulheiros tempo o suficiente para ele retornar, na forma humana, para o local da cerca do lado oposto de seus companheiros. Lá, Kapaneus tencionou e pessoalmente arremessou o carniçal por sobre o arame farpado. Beckett esmagou uma súbita tentação de deixar Cesare enfiar a cara na areia como uma lição e apanhá-lo. Kapaneus seguiu um tempo depois, movendo-se em absoluto silêncio apesar da instabilidade e do tencionamento da cerca sob de seu peso. Ele tinha, quando terminou, nem um único corte nele. No momento que as patrulhas curdas e americanas retornaram a suas rondas — agora alertas para sabotadores, desde que eles ainda não tinham certeza de como o fogo começou — Beckett e os outros a muito que se foram embora.

Bem como uma antiga picape, confiscada durante a guerra, mas os soldados não notaram isto até vários dias depois.

O Vale Tigris

Noroeste de Qalat'at Sherqat, Iraque

De todas as coisas consideradas, esta caverna era a melhor que Beckett poderia esperar. Ainda assim, ele se sentiu inquieto. Kapaneus, Cesare e ele estavam instalados e seguros do sol por hora, a apenas uma hora antes do amanhecer e a algumas noites a mais de caminhada de Qalat'at Sherqat. As coisas estavam seguindo tão próximas do plano quanto Beckett poderia esperar e alguns instintos diziam a ele que isto era um mal sinal.

A viagem a partir da fronteira havia passado como o esperado. Com exceção da mudança nos uniformes e idiomas, os soldados de um lado da fronteira pareciam muito mais com aqueles do outro lado, tanto quanto Beckett e seus companheiros estavam preocupados: obstáculos para se evitar. Infelizmente, isso nem sempre era possível — viajar de caminhão requeria que eles se metessem nas estradas e em três ocasiões diferentes, os homens com as armas bem grandes haviam sinalizado para eles. Nas primeiras duas paradas, Beckett e seus companheiros foram capazes de falar por si próprios — viagens civis na região não era na realidade incomum, e as pessoas associavam com a reconstrução dos oleodutos locais e outras peças da infraestrutura nacional que estavam fazendo com uma certa rapidez, se fossem negócios arriscados. Uma certa quantidade de dinheiro estado unidense também ajudava a moderar as precauções de segurança.

A terceira parada, infelizmente, tinha sido num posto de controle mais formal e os soldados haviam insistido em ver alguns formulários da documentação. Kapaneus foi capaz de obscurecer as mentes dos soldados de pé ao lado do carro, mas ele não pode fazer o mesmo com o resto a alguns metros abaixo da estrada. O trio teve de fugir para o deserto, deixando o caminhão para trás. Eles então prosseguiram para Mosul a pé, tomando tempo para caçar lá e reabastecer os suprimentos eles podiam. Desde então, eles têm seguido para Tigris. Encontrar abrigo havia ficado progressivamente mais difícil conforme o terreno ficava menos montanhoso, mas eles conseguiam. Ainda assim, Beckett estava preocupado.

Pelas várias noites passadas, esta preocupação tinha se tornado focada sobre Cesare. O carniçal parecia estar aguentando muito bem para as dificuldades físicas da jornada, mas ele havia caído em silêncio em grande parte, falando com Beckett e os outros somente quando diretamente abordado. Além disso, ele tendia a

ficar para trás enquanto viajavam, se mantendo a pelo menos alguns metros entre ele e o resto do grupo. Quando Beckett havia questionado ele sobre isto, Cesare respondeu, “Você não pode se permitir dar do seu sangue neste momento, signore. Portanto eu fico atrás, onde isto não chama por mim ou me tenta”. Francamente, Beckett não estava convencido de que era tudo isto — ele estava convencido que algo mais estava incomodando o carniçal — mas ele apenas não tinha isto nele para se preocupar neste momento.

Beckett estava discutindo ao perguntar à Kapaneus se ele havia notado qualquer coisa errada com o carniçal, quando o ancião, reclinado contra uma parede, abruptamente ergue-se, com a cabeça inclinada como se ouvindo. Ele fungou duas vezes. Beckett observou ele por um tempo, então também se ergueu. “Problema?”

“O que?” Piscou Kapaneus. “Ah, não, de modo algum. Eu apenas — reconheci este lugar. Eu estive aqui antes, a muitos séculos atrás”.

“Aqui, nesta região? Ou você na realidade se refere aqui nesta caverna?”

“Definitivamente esta área. Eu não tenho certeza...” Kapaneus abruptamente se virou direto para a saída. “Eu acho que eu irei olhar em volta, ver se alguma coisa a mais é familiar. Eu devo retornar antes do amanhecer, não se preocupe”.

“Por que eu não vou com —”

“Beckett”, disse Kapaneus com um sorriso, “pela primeira vez desde que você me libertou de Kaymakli, eu pude encontrar algo que eu conheça. Permita-me um pouco de tempo para a nostalgia sozinho. Por favor”.

Beckett olhou de relance para Cesare, o qual simplesmente contraiu os ombros, e então assentiu. “Tudo bem, Kapaneus. Seja cuidadoso, então. Nós ainda temos pessoas atrás de nós, e por tudo que nós sabemos, parte da área lá fora está minada.

“Eu irei. Procure por mim dentro de uma hora”. Então o ancião se foi. Deixando um Beckett vagamente intrigado atrás dele.

O Vale Tigris

Noroeste de Qalat’at Sherqat, Iraque

Fora no deserto, a alguns metros longe da principal estrada que andava em paralelo ao Tigris nesta área, uma monstruosidade criada pelo homem arruinava a imaculada vastidão do deserto. Uma casca enegrecida que já foi uma vez um tanque iraquiano encontrava-se chamuscado e despedaçado sobre as areias. Um vampi-

ro verdadeiramente sensitivo poderia bem ter sido capaz de sentir o persistente cheiro de sangue dos homens que morreram dentro e em volta dele, não importa o que aconteceu a algum tempo atrás.

Entretanto, nenhum destes vampiros estava particularmente preocupado com o tanque. Eles simplesmente aconteciam por acaso de estar passando por ele.

Mais de meia dúzia não era nascido do sobrenatural, embora certamente poderia ter sido, a não ser simplesmente ano após ano de treinamento e experiência. Eles eram quase invisíveis também, novamente não devido a qualquer dom do sangue, mas simplesmente ao conhecimento de como usar as sombras da noite em volta deles. A maioria deles, que eram escuros o suficiente de pele que eles em grande parte desapareciam da visão contra o horizonte noturno, certamente não prejudicariam qualquer de seus esforços, também. Os predadores do deserto, cobrar e escorpiões, fugiam de seu caminho. Eles sabiam dos maiores dos caçadores quando eles os viam.

Tinha Beckett sido presenteado, ele pode reconhecer vários dos Assamitas de Miskolc. Eles haviam seguido por todo o caminho desde a Hungria, apanhando reforços no caminho. Ao contrário dos sangues-fracos que tinham perseguido Beckett, eles não confiavam na inteligência considerando o avião ou destino de sua presa. Eles rastrearam através de meios místicos, guiados pelos feiticeiros de seu clã os quais, agora que os Tremere haviam partido, eram muito provavelmente os maiores remanescente no mundo. Graças aos talismãs concedidos a eles por esses mágicos de sangue, eles sabiam tanto da direção quanto da distância para a sua presa. Beckett estava a menos do que uma hora distante, e havia cessado de se mover. Abrigado para o que estava por vir, sem dúvida. Os Assamitas iriam alcançá-lo momentos antes do amanhecer. Ele seria incapaz de fugir e, encurralado, morreria. Eles tomariam vantagem do abrigo que ele tão convenientemente localizou para eles, e partiriam na noite seguinte. Eles tinham sido tão incapazes de chegar a Tegyrus e relatar, mas ele sem dúvida ficaria satisfeito uma vez que eles finalmente contatassem ele.

O líder da coterie Assamita era o primeiro em torno da cascata queimada. E lá, do outro lado, alguém estava esperando por ele.

Por um longo minuto os assassinos congelaram, avaliando a situação. Claramente, para todas as suas furtividades, eles foram detectados. Já a figura esperando não havia lançado um ataque no estante que eles apareceram. Com alguns gestos sutis de mão, o líder deu as suas ordens. Seus companheiros se espalharam para se aproximar do recém-chegado de vários ângulos enquanto o próprio líder dava um passo à frente.

“Eu estou impressionado”, disse ele em inglês pesadamente acentuado, escolhendo esse idioma porque era um que ele sabia que os outros falavam. “Poucos de fato poderiam de modo algum nos detectar chegando, quanto mais de uma distância tão grande”.

Kapaneus assentiu. “Eu, também, estou impressionado. Poucos teriam a habilidade ou a tenacidade para nos seguir por todo o mundo desse jeito”. Ele olhou de relance, preguiçosamente, para os Assamitas movendo-se para cercá-lo. “Vocês tentaram me matar em Miskolc”.

“Nós tentamos. Nós falhamos, que não é algo para o qual nós estamos acostumados”. O líder começou a andar a passos largos ligeiramente — um movimento calculado, pretendido a manter os olhos de Kapaneus atraídos para ele de modo que ele não pudesse tão facilmente acompanhar o dos outros. “Ainda assim, você não é o nosso alvo. Você deveria escolher em partir agora, nós iremos permitir que você se vá. Eu não posso prometer a você que você irá encontrar abrigo antes do sol nascer, mas você terá melhores chances em procurar do que você tentar nos parar”.

“De fato.” Soou Kapaneus notavelmente despreocupado. “Deixe-me informá-lo, Khalid, do que irá dentro em breve acontecer”.

“Como você sabe o meu —”

“Você e seus irmãos”, continuou Kapaneus, recusando-se a ser interrompido, “vão partir. Vocês irão regressar, vocês irão partir do Iraque, e você irão cessar quaisquer tentativas a mais para matar Beckett e seus companheiros”.

“De fato?” O líder Assamita, Khalid, ergueu a sua mão em preparação ao sinal de ataque. “E por que nós vamos fazer isto?”

Kapaneus sorriu. “Estou muito feliz por você ter perguntado”.

Por longos minutos o deserto ficou mortalmente silencioso, quebrado somente pelas palavras de Kapaneus, não mais falando em inglês, mas em uma língua antiga que os Assamitas não deveriam ter conhecimento, mas de alguma forma vagamente entendiam. As palavras pareciam ser direcionadas não para os próprios Assamitas, mas para suas Bestas — e as Bestas recuaram em terror.

Até o vento ainda estava mortal, como se o próprio mundo se esforçasse a escutar a voz do ancião.

E enquanto Kapaneus falava, ele de alguma forma sutilmente mudava. Não era uma transformação física. Ao invés, ele revelou só o suficiente de seu verdadeiro eu para sustentar suas palavras.

Debaixo de suas peles escurecidas pela idade, os impiedosos assassinos Assamitas empalideceram. Quando o ancião finalmente cessou de falar, eles se viraram como um e fugiram de volta para o deserto de onde eles vieram. Não haveriam mais atentados à não vida de Beckett, pelo menos não de qualquer Assamita alinhado à Camarilla.

Com uma peculiaridade de seu lábio que podia ter sido um riso forçado, Kapaneus se virou e fez seu caminho de volta direto para a caverna.

Qalat'at Sherqat, Iraque **Primeiro Local da Cidade de Ashur**

Os últimos dois dias foram completamente miseráveis. Incapaz de encontrar caverna nas quais se abrigar, Kapaneus foi forçado a se enterrar na areia. Cesare se cobria com as camisa de seus companheiros, de forma a evitar os raios diretos do sol palpitante. Beckett, graças a seu dom como um Gangrel, foi capaz de simplesmente se misturar com a terra, mas isto não tornava as coisas mais fáceis para seus companheiros. No momento que eles viram os primeiros traços de Qalat'at Sherqat diante deles, eles ficaram todos agradecidos por estar fora da vastidão árida.

A própria cidade, lar para talvez quatro mil almas, parecia muito como qualquer outra comunidade do deserto. Mesmo após o cair da noite, as pessoas se vestiam de tudo. De camisetas e cáqui a xadores pretos vagando pelas ruas nesta ou naquela incumbência. Muitos tinham aparências atormentadas e assustadas em seus rostos, e eles contornavam para fora do caminho de estranhos — incluindo Beckett e seus companheiros.

A maior parte da cidade era feita de casas construídas com pedra. Algumas estavam em ruas que eram na realidade pavimentadas, mas outras — particularmente em direção aos subúrbios do povoado — estavam alinhadas ao longo de estradas de terra. Outras edificações, escritórios e negócios, enfatizavam as casas aqui e ali, e muitas estavam juntas em uma área central que dificilmente se classificaria no termo “centro”.

Muitas sessões da cidade estavam também em ruínas, crateras enegrecidas e montes de destroços onde as pessoas haviam uma vez morado e trabalhado. Qalat'at Sherqat não era um alvo militar, mas ele foi atingido várias vezes durante a guerra devido a uma alegada fábrica de armas especiais escondida dentro. Beckett a muito tinha parado de prestar atenção à maioria das guerras humanas, mas tinha seguido o curso dessa por preocupação às áreas históricas dentro do país. Ele não sabia se esta fábrica tinha verdadeiramente existido ou não, mas se ela tivesse, certamente tinha desaparecido agora.

Qalat'at Sherqat não mais possuía qualquer remanescente real de sua glória anterior. Atacada e reconstruída e escavada várias vezes através do milênio, começando já no século sete AC, quaisquer estruturas antigas ou pontos de referência e monumentos históricos a muito tinham desaparecido.

Mas em *algum lugar* dentro das edificações ou dos escombros havia um buraco, um buraco que supostamente levava não apenas para as profundezas da terra, mas em algumas formas para as profundezas da própria depravação, as profundezas do Inferno. E se Beckett era verdadeiramente sortudo, em algum lugar próximo estava a mulher que ele tinha vindo de tão longe para encontrar.

Agora o que todos eles tinham de fazer era descobrir onde diabos era isto. As probabilidades eram de não haver algum vampiro nativo para perguntar. Um povoado desse tamanho poderia, sob condições normais, vangloriava-se de nenhum Membro sequer — no máximo um ou dois. E qualquer vampiro não teria fugido de Qalat'at Sherqat em antecipação às bombas americanas. Mesmo se Rayzeel estivesse aqui, era altamente improvável que qualquer outro membro estivesse.

Beckett, fluente em Árabe, começou a perguntar em volta. Ele explicava que ele era um antropólogo, esperando preservar a cultura local, para garantir que ela não fosse perdida no esforço de reconstrução. E que ele neste momento, disse ele, estava estudando superstições e mitos locais. Havia, perguntou ele, qualquer parte do povoado considerada de má sorte? Qualquer lugar que as pessoas não iriam a não ser que elas fossem forçadas a assim fazê-lo?

Ele recebeu algumas respostas no início. A maioria das pessoas aqui, por razões certamente óbvias, estavam nervosas a volta de estrangeiros. Nem a maioria deles tinha grandes quantidades de tempo livre para falar sobre assuntos insignificantes.

Ainda assim, no final, apesar disto exigir dele repartir algum dinheiro americano e várias garrafas de água do Cesare, Beckett descobriu o que ele precisava saber.

Havia uma tal parte do povoado, um lugar com um rumor dos dias antigos de ser assombrado pelo *gênio* ou outros espíritos maliciosos, um lugar onde poucos trabalhavam e somente os mais pobres viviam.

Se se Beckett tinha realmente pensado sobre isto, ele provavelmente teria adivinhado onde ele estava. Isto tudo fazia todo o sentido.

Beckett, Kapaneus e Cesare ficaram no limite do pior da destruição, olhando fixamente para um monte de destroços quase do tamanho de uma quadra de cidade. Essa foi o ponto zero, como ele era, o local onde aviões de guerra haviam jogado uma bomba de duas toneladas sobre uma renomada fábrica de armas. Beckett sabia, entretanto, que algo bem pior do que qualquer fábrica tivesse sido enterrada nos escombros.

Isto possivelmente não poderia ser coincidência. Certamente que a natureza suja do próprio buraco havia atraído a violência para ele. Certamente nenhum dos generais que planejaram destruir a área, os pilotos que levaram a cabo, ou — se eles fossem reais — os homens que escolheram o local para a construção das armas hediondas, haviam se dado conta que eles foram conduzidos pelo instinto tanto quanto a proficiência militar. A escuridão chamada para a escuridão, e este lugar que gerava os Baali atrairia tanto os desejos mais sujos e o ódio mais intenso da humanidade.

“Você não supõe, Signore Beckett”, perguntou Cesare enquanto o trio impotentemente olhava fixo para os vários amontoados de destroços que uma vez tinha sido uma quantidade de casas e prédios, “que a mulher se encontra enterrada debaixo de tudo isso?”

Isso tinha, é claro, sido o primeiro pensamento de Beckett. Ele precisava de um momento para se acalmar, para silenciar a Besta que ansiava uivar de frustração e fúria, para se alimentar em todos aqueles próximos dela, antes que ele pudesse responder.

Alguns segundos de pensamentos racionais deram resultado.

“Não me parece, Cesare. Ela queria ficar confinada, onde ninguém pensaria procurar por ela, mas ela não queria estar bem no topo disto. Mesmo assumindo que o lugar em si não tivesse algum tipo de influência corruptora, ele é uma recordação feia que ela não queria ter de acordar toda a noite. Não, ela está em algum

lugar próximo daqui. Tudo o que nós temos a fazer é encontra-la”.

“Assumindo”, salientou Kapaneus suavemente, “que ela não saía daqui a muito tempo. O relato do Tzimisce *era* de muitos anos”.

“Nem sequer comece comigo, Kapaneus. Eu irei queimar esta ponte quando eu for a ela”. Ele olhou de relance em volta cautelosamente, ignorando os olhares fixos voltados para ele pelos mais pobres dos pobres de várias janelas próximas. “Vamos, o amanhecer está se aproximando, e nós temos uma longa noite à frente de nós amanhã”. Há edifícios suficientemente abandonados em volta daqui; eu tenho certeza de que uma delas tem um porão ou uma sala contida que nós possamos usar.

“Cesare, durma enquanto você precisar, mas tente sair pelo menos uma vez durante o dia, veja se você consegue descobrir alguma coisa”.

“Signore, eu não falo árabe”.

“Pelo amor de Deus, pessoas o suficiente aqui fala inglês, Cesare. Eu não estou pedindo a você para entregar Rayzeel embrulhada em um grande laço rosa. Apenas veja se você consegue descobrir *algo* útil”.

“É claro, signore. Eu irei fazer o que eu puder”.

“Bom. Agora vamos achar um porão antes de nós começarmos a nos bronzear”.

Uma casa abandonada Qalat’at Sherqat, Iraque

“Beckett? Beckett!”

Ele não quis abrir seus olhos. A luz iria feri-los. “Vá embora. Dormindo”.

Embora ele não pudesse ver, ele de alguma forma sabia que a figura que ele sentiu se ajoelhar ao lado dele era Anatole.

“Beckett, você precisa acordar”.

“Você não tem mais alguém que você possa assombrar?” Resmungou Beckett irritantemente, arrombando seus olhos apenas o suficiente para ver o rosto do Malkavian, rodeado com cabelo loiro. Ele não podia claramente curtir as características de seu velho companheiro. A luz brilhando de trás dele estava muito luminosa. “Certamente que você tem outros amigos que também dormem ocasionalmente?”

“Beckett, este é um lugar ruim”.

“Bem, é claro que este é um lugar ruim. Por isso que nós estamos aqui. Este –”

“Beckett, este é um lugar ruim para você. E você precisa acordar!”

“Anatole, ainda está de dia, eu –”

“ACORDE!!”

Surpreso e mais do que um pouco assustado pelo grito inumanamente alto e a forma distendida da mandíbula de Anatole, Beckett forçou seus olhos a ficarem bem abertos. Ele se sentiu lento, lerdo, como se ele estivesse tentando se mover através do cimento meio seco. Sua cabeça martelava, a Besta se enrolava e lamuriava em suas vísceras. Ele não podia fazer isto, não podia ficar acordado durante o dia. Ele sentiu suas pálpebras começarem a pender...

E então, logo antes dele desaparecer no esquecimento mais uma vez, ele sentiu a carne se rasgar debaixo de suas presas, sentindo o gosto de cobre do sangue em sua língua.

Beckett veio de repente e completamente a acordar, encarando com horror para a mulher – pouco mais do que uma menina – ele se agarrou nos seus braços. Neste ângulo ele não conseguia ver o rosto dela, apenas o cabelo dela, orelha dela, pescoço dela...

A Besta se ergueu do intimidado para o controle em um instante. Beckett se sentiu como uma marionete com cordas torcidas – seus braços se recusavam a obedecer seus comandos de largar, sua boca e garganta continuavam a engolir por vontade própria. Ele literalmente. Ele tremia com o esforço, mas ele simplesmente carecia de força de vontade para parar. Somente quando ele se encontrou sugando estranhamente o ar perfumado que era tudo que restou nas veias esvaziadas que ele pode arremessar o corpo distante de si mesmo com um grito furioso. O corpo da moça voou com a força de sua raiva para frouxamente bater com violência contra a parede mais distante.

Em volta dele, sujando o chão, estava o resto da família da menina: uma mulher mais velha; um homem com uma perna aleijada, provavelmente de lutar na guerra; um menino pequeno, provavelmente o irmão dela. Eles estavam mortos, todo eles, drenados do sangue mais do que Beckett poderia possivelmente ter precisado mesmo nos espasmos do frenesi. Eles devem ter perambulado para dentro do prédio por alguma razão. Talvez eles fossem

sem-teto, acostumados a se abrigar aqui do calor do dia. Mas como havia ele...?

Beckett olhou em volta dele para o quadro sombrio, e se deu conta com um choque repentino de horror que ele estava em pé a poucos centímetros da porta da frente do prédio. Pura sorte e as tábuas sobre as janelas eram tudo o que permaneciam entre ele e o sol minguante — mas ainda completamente letal.

Ele não havia simplesmente agarrado transeuntes em seu sono e se alimentado deles. Ele tinha vindo do porão pelas escadas, andou por um curto corredor...

E se seu sonho não tivesse despertado ele, e depois? Em seu estado sonambulo, teria ele aberto essa porta e imolado a si mesmo sem sequer estar totalmente acordado?

Tinha de ser o buraco, disso ele de modo algum não tinha dúvida. Mesmo agora, enterrado debaixo de toneladas de escombros, as emanções imundas desse lugar profano torciam e re-torciam em sua mente como um veneno. Que isto ainda estava misticamente ativo não o surpreendia, mas que isto podia possuir tal poder sobre um recém-chegado, que isto poderia afetá-lo tão depressa, não era apenas chocar-se; isto era aterrador.

Beckett correu de volta escadas abaixo. E quanto aos outros? Haviam eles...

Não, Kapaneus permanecia no canto que ele tinha escolhido, morto para qualquer exame que os mortais pudessem inventar. Se devido ao sangue mais potente ou vontade mais forte do que a do próprio Beckett, ele permanecia não afetado pelo buraco, pelo menos até agora. Cesare estava sentado de olhos cansados contra a parede, o esforço da jornada claramente se mostrava em sua face transpirando.

Com um breve aceno a seu carniçal, Beckett sentou no chão em frente a Kapaneus, e por uma hora e meia fitou se olhar para a escuridão, com sua mente e alma assoladas com imagens da família dos corpos em cima. Ele não dormiu novamente neste dia.

Uma casa abandonada Qalat'at Sherqat, Iraque

Beckett tinha praticamente acabado de dizer a Kapaneus sobre o que havia acontecido, quando Cesare retornou, talvez uma

hora após o pôr do sol. Ele parecia de alguma forma extenuado, e quando questionado somente dizia que apesar de seus melhores esforços, ele foi tinha sido capaz de descobrir nada de qualquer valor. Já se sentindo profundamente frustrado, e determinado a não passar outro dia neste lugar esquecido por Deus, Beckett vagou para fora, seguido por seus companheiros.

“Isto é inacreditável”, resmungou ele para Kapaneus enquanto eles se encontravam na rua, observando pedestres esporádicos passarem por eles. “Nós sabemos que ela está na cidade. Inferno, nós sabemos que ela provavelmente está na vizinhança. Mas nós não sabemos como achá-la!”

“Esta é uma mulher que não deseja ser encontrada, Beckett. Ela não vai tornar isto fácil para nós. Eu estou certo de que nós podemos localizá-la eventualmente, mas isso vai exigir ficar aqui por muitas noites. Eu não acredito que nós possamos nos permitir fazer isso”.

Mas Beckett havia parado de ouvir após a primeira sentença. Ao invés disso, com um brilho em seus olhos que quase se uniram ao brilho vermelho que tinha recentemente desaparecido, Beckett saiu para o meio da rua.

“Eu”, disse Kapaneus suavemente para Cesare, “não acredito nessa expressão”.

O carniçal assentiu tristemente. “Eu temo que Signore Beckett esteja prestes a fazer algo claramente insensato”.

“Rayzeel!” Kapaneus e Cesare ambos pularam levemente ao volume do grito de Beckett. “Rayzeel, eu sei que você está aqui! Nós apenas queremos conversar!”

Antes dos ecos desaparecerem, os companheiros de Beckett estavam com ele na rua. “O que você está *fazendo*?! Kapaneus sussurrou para ele. “Você ficou louco?”

“Você mesmo disse, Kapaneus. Esta é uma mulher que não quer ser encontrada. Então ela tem uma boa razão para sair e me calar, não tem? Rayzeel!” Nós precisamos falar com você!”

“Ocorreu a você”, continuou Kapaneus, perseguindo ao lado de Beckett, “que ela poderia bem escolher métodos menos amigáveis do que a fala para silenciar você?”

Beckett encolheu os ombros. “Ela ainda tem de se mostrar para fazer isto. Rayzeel!”

Apesar dos protestos de Kapaneus, isto continuou por vários minutos, e abaixo de várias ruas, apenas quando Beckett estava puxando ar para gritar mais uma vez, que uma voz silvou para ele das sombras. “Basta!”

“Eu realmente deveria ter esperado isto”, rosnou Beckett, com as mãos cerradas em punhos tão apertados que eles tremiam. “Eu estou surpreso que ela ainda esteja viva; você não devia estar aqui por muito tempo”.

“Eles não estão aqui para me prejudicar”, explicou a mulher vestida de burca num inglês pesadamente com sotaque. “Eles buscavam apenas falar comigo — como você, ou então você falou com todos com as orelhas”.

“Sério, Beckett”, ralhou Lucita, com seus olhos estreitos indicando que ela achou isto não mais divertido do que ele havia. “Gritando nas ruas? Até *você* é capaz de mais sutileza do que *isso*”.

“Você sabia onde ela estava?” Rosnou Beckett, com os olhos travados em sua ex-companheira. “Quando nós conversamos no avião, você sabia?” El deu um passo à frente, com as mãos agora abertas, as garras surgindo da ponta de seus dedos.

“Para trás, Beckett”, advertiu Theo Bell, também dando um passo à frente.

“Não, Beckett, eu não sabia”, disse Lucita a ele. “Mas eu tinha uma *ideia* de como encontra-las”.

“E você disse *nada*, sua vaca!”

“Por que eu me importaria em *te* ajudar? Você não tem interesse em parar isto, em salvar tudo pelo o que nós trabalhamos! Você apenas quer seus preciosos esclarecimentos! Eu tinha usos mais importantes para a informação do que ajudar você a justificar sua existência inútil!”

“Maldita seja, você me custou semanas, talvez meses!” A Bستا regozijou-se na raiva da voz de Beckett, adicionou a ela com a sua própria. “Me dê uma razão para que eu deva deixar você ir embora daqui para me foder outra vez!”

“Fique à vontade para tentar me parar!” Rosnou Lucita, com seus próprios olhos flamejando. A escuridão em volta dos pés dela começou a rodopiar.

“Meus amigos”, começou Rayzeel, “por favor...”

Mas Beckett e Lucita estavam ambos além de escutar, e tudo o que Bell podia fazer era se arremessar de lado enquanto as garras de Beckett lampejavam através do espaço que ele ocupava no seu caminho em direção a carne de Lucita. Um fino tentáculo de sombra ergueu-se e aparou, atingindo de lado a mão de Beckett a poucos centímetros do peito da Lasombra. Beckett girou com ímpeto, lançando um chute giratório, mas foi um movimento que ele havia aprendido da própria Lucita. Ela facilmente saltou por sobre ele, chutou ele depois do ar na cabeça, pousando em um agachamento baixo e bateu fora na perna remanescente de Beckett de baixo dele com um segundo chute ligeiro. Ele atingiu o chão com um pesado baque. Lucita aproximou-se para mantê-lo no em baixo, e mal pulou para trás depressa o suficiente para evitar uma pancada que teria removido pelo menos um de seus pés pelos tornozelos. Beckett rolou levantado, e o par se encarou mais uma vez, com as mãos erguidas.

“Beckett”, chamou Kapaneus, tentando atravessar, “isto não está ajudando!” Ao mesmo tempo, Bell gritou com sua própria companheira, “Lucita, pare!” Rayzeel apenas balançava a sua cabeça tristemente, desesperada que nada sobre os Membros havia mudado em seus muitos séculos de torpor.

Mas Beckett e Lucita não aproveitaram a chance para atacar um ao outro novamente. Mesmo quando eles se retesaram, cada um se preparando para fazer o próximo movimento, um repentino guincho estridente, como uma broca de dentista enferrujada, rompeu a noite. Através da extensão e largura de Qalat’at Sherqat, homens e mulheres olhavam em horror direto para o centro do povoado, de onde o horrível som veio. Os vampiros, tão próximos da fonte, ficaram praticamente ensurdecidos pelo som.

Lucita reconheceu primeiro ele, não como o grito de qualquer coisa viva, mas como o rugido de um vento Abissal, uma força que tenha nenhum corolário no mundo físico. Ela tinha ouvido falar deles antes, embora nunca alguém que soasse precisamente como este.

De três quadras acima, do mais escuro dos lugares escuros, do buraco enterrado debaixo de camada sobre camada de destroços, a escuridão irrompeu como um gêiser na noite do deserto.

Pedaços de pedra e ossos velhos arremessados para o lado enquanto uma força maior do que qualquer um Baali pudesse sequer ter esperado concentrar atravessou o local de nascimento e o destruiu como um brinquedo de criança. Uma coluna de sombra ergueu-se como uma árvore profana, com sua copa se expandindo para tapar a lua, as estrelas, a totalidade do céu noturno. Os tentáculos de escuridão chicoteavam de um lado para o outro. Onde eles pousavam, as edificações desmoronavam. Onde eles pousavam, as pessoas morriam.

A sombra elevou-se sobre Qalat'at Sherqat, e especificamente sobre os vampiros reunidos na rua.

E na escuridão obscurecendo o céu, onde nenhuma luz natural poderia penetrar, a Estrela Vermelha brilhava.

Mesquita do Centro Islâmico El Paso El Paso, Texas

Fátima se ajoelhou, encarando o Leste e orando. Lentamente, ela abaixou sua testa no tapete, o tempo todo louvando o nome de Allah. Ela buscava orientação. Ela buscava proteção. Mas acima de tudo, ela buscava a coragem para encarar o que ela sabia que estava vindo.

Por horas ela havia orado, como ela havia por muitas noites anteriores. Ela sabia que ela não seria interrompida. A esta hora da noite, as instalações estavam vazias, salvo por uma pequena equipe de zeladores, e ela tinha vindo para algo de um entendimento com eles quando ela chegou primeiro em El Paso.

A presença que ela havia sentido por tanto tempo pesou muito na mente dela. Tinha viajado temporariamente além da capacidade dela para segui-lo. Isto ela sabia, sem saber *como* ela sabia. Então em vez de persegui-lo em volta do globo, ela havia escolhido esperar.

Levou semanas, mas ela havia finalmente sentido ele se aproximando mais uma vez. Ela havia começado a persegui-lo, viajando ao norte para os Estados Unidos, e então pensou melhor. Enquanto estivesse em El Paso, ela havia tropeçado quase por acidente através do Centro Islâmico. Além disso, o peso da presença em sua mente, e na sua alma, estava ficando gradualmente maior. Ela sabia que ela já não perseguia ele. Ele estava vindo até ela. E se

Allah havia guiado ela para este lugar sagrado, então este era onde ela iria ficar.

Então ela havia esperado, orando noite após noite após noite.

Ela sabia, mesmo antes do vento começar a soprar, que ela não mais iria esperar.

Um vento quente varreu o espaço, despenteando o cabelo dela, deslocando alguns dos carpetes e decorações suspensas da mesquita. Fatima sentiu o odor de sangue, forte como qualquer assassinato recente. Encarando bem à frente, relutando a futilmente perseguir o vento em volta da câmara, ela ergueu-se para ficar de pé.

“Tudo o que eu fiz”, começou ela, suavemente, mas firmemente, em árabe, “eu fiz em nome de Allah, mas também, quando possível, no seu. Tudo por Sua glória, mas por sua também”. Ela sentiu sua voz tremer. A mortífera assassina Assamita não havia estado verdadeiramente assustada no que ela não podia recordar a quanto tempo. Bem, se aquele a quem ela falou iria usar isso contra ela, então que seja. Ela seria uma tola em *não* temer.

“Eu amei meus irmãos, amei meu clã, das minhas noites mais jovem. Eu teria alegremente sacrificado minha existência por eles mil vezes, morreria uma nova morte por toda a noite que eu caminhei nesta Terra. Eu amei você.

“Mas eu não iria, não poderia trair meu Deus, mesmo a pedido de Ur-Shulgi, seu arauto. Nem, eu acho, teriam seus antigos ensinamentos verdadeiramente me requerido. Legalistas a Ur-Shulgi me chamam de traidora. Eu digo que por permanecer verdadeira à Allah, e a mim, eu permaneci verdadeira a meu clã.

“Puna-me como desejares. Mas eu não pedirei desculpas”.

No talvez maior ato de coragem que ela havia sequer cometido, Fatima resistiu ao instinto de tanto do corpo quanto da Besta de fechar seus olhos. Ela iria ver ele chegando. Ela iria olhar a morte no rosto, como ela havia sempre feito, uma última vez.

O vento quente soprou...

E desapareceu.

Fatima al-Faqadi havia sido julgada, como havia tantos antes dela. E ela sozinha ficou.

Lágrimas de sangue caíram de um Membro que não chorava. Elas eram lágrimas de alívio, sim, mas principalmente lágrimas de alegria. Qualquer dúvida que ela ainda sequer sentia foi removida nessa rajada final de vento do deserto, pelo maior de todos os

julgamentos que apenas o próprio Allah teria declarado o valor dela. Deixado a morte dele ou até a Gehenna vir amanhã, e ela o encararia com um sorriso.

“Obrigada, Avô Haqim”, sussurrou Fatima, suavemente para a escuridão. Então, como um fantasma, ela se foi.

No meio do caos

Qalat’at Sherqat, Iraque

Os mortais aterrorizados corriam gritando ou ficavam imóveis, petrificadas de medo, enquanto as estrelas acima simplesmente piscavam para desaparecer, enquanto as luzes na rua e até nas suas casas desapareciam, rasgavam e morriam. Beckett e os outros se arremessaram para os abrigos mais próximos, terminando dentro de várias salas já ocupadas por rebanhos horrorizados. Beckett praticamente saltou por sobre um jovem em seu caminho e pousou no centro da sala se colocando em pé ao lado de Kapaneus e Lucita. Onde os outros poderiam ter terminado, ele não tinha certeza.

Um estranho odor preencheu o ar. Não, não um cheiro, mas uma *falta* de cheiro. O odor do suor dos mortais em volta dele, o sangue pulsando através de suas veias, a poeira e pedra que constituíam a cidade — tudo isto simplesmente se *foi*.

A escuridão fluíu para dentro da rua do lado de fora. Partes dela pareciam solidas, entrando através das janelas abertas, debaixo das portas. Outros pedaços da grande sombra pareciam, entretanto, insubstancial, aparecendo através das paredes como se eles fossem nada além de ilusão.

Aqueles mortais que fugiram da sombra invasora foram ignorados; aqueles que congelaram foram consumidos, seus corpos e almas engolidas por uma escuridão bem pior do que qualquer coisa que a escuridão pudesse ocultar. Ela ergueu-se tanto acima da cidade quanto contra o teto acima da cabeça de Beckett, com ondas e tentáculos e formas abstratas de escuridão, um Rorschach em larga escala através da face do mundo.

Em todos os seus anos, Beckett havia visto nada nem remotamente como isto. Lucita havia, e a destemida predadora dos predadores tremeu violentamente com o horror do que ela encarava. Ela havia confrontado pesadelos Abissais antes, mas nunca um

desse tamanho, nunca um que exsudava tanto puro poder. E pior, em formas que até seu senhor Monçada nunca havia feito, ele se sentia conectado a ela.

Ele se sentia paternal.

Como se para confirmar a horrível realização dela, Lucita sentiu qual força ela havia deixado drenar do corpo dela como se alguém tivesse literalmente puxado um plugue. Os músculos dela ficaram flácidos, o sangue dela afinou, até a carne dela de repente pareceu encolher contra os ossos dela, deixando-a uma imitação macilenta do que ela havia sido. Os joelhos dela se curvaram, e foi apenas os reflexos rápidos de Kapaneus que pouparam ela de desmoronar no chão.

Mas não era Lucita por quem a sombra desejava. Contraindo-se como os tentáculos venenosos de uma água-viva, filamentos de escuridão se esticaram para Beckett.

Membros de sombra com a força física para estilhaçar prédios e o poder místico para envergonhar os maiores mágicos de sangue remanescente no mundo golpeavam para fora e para baixo, e ainda que tinham eles não golpeado com a velocidade da luz, Beckett tinha nenhum lugar para ir. Ele de todo nada podia fazer salvo encolher-se para o lado enquanto os tentáculos chicoteavam em direção a ele...

E passavam diretamente através deles como se ele fosse um fantasma. Ele sentiu um estranho e doloroso frio correr através de sua alma, e ele sentiu a Besta encolher-se dentro dele, mas nenhum mal aconteceu a ele.

Por um momento longo e potencialmente fatal, Beckett nada podia fazer, então chocado estava ele em ainda estar inteiro. Com os olhos arregalados ele deu uma olhada em volta dele, encontrando o igualmente olhar fixo intenso. Se Lucita, agarrada no punho do ancião, havia visto o que aconteceu, faltava a ela até a força para reagir.

A sombra empinou como um cavalo assustado, passando parcialmente através do teto. Novamente e novamente os tentáculos golpeavam, e em cada vez eles passavam através de Beckett, ou se acabavam em volta dele como colunas de fumaça.

“Lucita?! Beckett?! O chamado vinha do lado de fora, segundos antes da porta se despedaçar debaixo de um ponta pé. Bell ficou de pé na entrada, com a espingarda na mão. “Vocês estão bem? Nós não sabíamos onde vocês foram e *puta que pariu!*” Bell saltou para o lado enquanto um tentáculo errante, apontado quase negligentemente em sua direção, bateu violentamente no local que ele havia ocupado.

Foi o suficiente para tirar Beckett de seu atordado torpor. “Kapaneus, mexa-se!” Mesmo quando ele gritou, ele foi correndo para a porta, rasgando a camisa de Bell e puxando ele atrás dele enquanto ele atravessava. Kapaneus, com Lucita jogada por sobre seu ombro em um carregamento de bombeiro, estava apenas a alguns atrás. Rayzeel e Cesare aguardavam em uma entrada do outro lado da rua, encarando para cima na turva escuridão que era agora a totalidade do céu noturno.

“*Maldição!*” Beckett estava tão enlouquecidamente furioso enquanto ele escorregava para fora sobre a rua com os outros, que temporariamente superou seu medo. “Por que todo mundo está tentando me matar?! Por que caralho isto está atrás de mim?!”

“Talvez”, sugeriu Rayzeel suavemente, “nós devamos nos preocupar com isso mais tarde, e em alguma localização alternativa?”

“Eu estou com ela”, anunciou Bell.

“Sim”, respondeu Beckett, “exceto que por qualquer razão, isto não parece ser capaz de me machucar. Eu queria saber o porquê, mas isto significa que tudo o que isto pode realmente fazer é tentar me amedrontar para —”

A porção da sombra que havia atacado Beckett emergiu do prédio, uma grande baleia rompendo uma superfície de pedra. Enormes pedaços de rocha e concreto, peças de mobília e partes de corpos deslizaram para fora pelo céu noturno e caíram por sobre a cidade de Qalat’at Sherqat. Até as bombas que haviam caído na cidade durante a guerra que foram menos assustadoras, para esses pelo menos não foram tão completamente aleatórios, nem tão inexplicáveis. Toneladas de tentáculos pousavam nos prédios, nas casas, nos carros. Dúzias morreram no dilúvio, centenas ficam feridas.

Beckett se arrastou de baixo de uma antiga banheira, contraindo-se enquanto seu braço esquerdo se dobrava em algum lugar entre o cotovelo e o pulso quando ele o usou para se firmar contra uma prancha de concreto próxima. Ele ignorou a dor, forçou seu corpo a bombear apenas sangue o suficiente para o ferimento para fortalecer o braço e nada mais. Ele podia depois curar ele completamente — neste momento, ele esperava que ele tivesse que precisar de sua força para outras coisas.

Kapaneus ajoelhou-se debaixo do abrigo da entrada do outro lado da rua, Rayzeel ao lado dele, Lucita ainda sobre seu om-

bro. Como ele tinha chegado lá tão rápido, Beckett não sabia. Cesare encontrava-se na rua gemendo, com sangue em seu escalpo e um corte aparentemente doloroso através de sua barriga, mas aparentemente com nenhuma necessidade imediata de ajuda.

Um grande pedaço de destroço moveu-se e Theo Bell, com o sangue correndo abaixo em seu rosto e o assassino em seus olhos, apareceu nos escombros. “Eu acho”, rosou ele na direção de Beckett, “que essa coisa com certeza *pode* machucar você”.

“Beckett”, chamou Kapaneus da entrada, com sua voz ilusoriamente calma, “eu acho que eu tenho esse Plano B que você perguntou em Miskolc.

“Corra como se fosse o amanhecer e nós iremos nos defrontar com o Oeste?”

“Seria esse, sim.”

“Estou à sua frente.” Olhou Beckett para cima na escuridão a pairar, a qual parecia ter cessado de fazer mais nada após obliterar o prédio no qual eles haviam tomado abrigo. “Vamos sair daqui antes que esta coisa descubra que ela tenha outra arma em seu arsenal e —”

Com um guincho de metal reforçado e um fracionamento de pedra, o topo dos dois andares de uma estrutura próxima simplesmente se desintegraram em uma saraivada de projéteis mortais enquanto um tentáculo de sombra mais grosso em torno do meio do que um ônibus urbano batia através dele. Novamente metal e rocha e vidro e corpos — alguns dos quais gritavam até o momento de eles atingirem o chão — caíam em cima de Beckett. Desta vez, entretanto, não era uma queda acidental de um ato aleatório e caótico. Desta vez, estava direcionado. Beckett sentiu um corte doloroso se abrir em sua lateral esquerda, sua perna direita quebrou no joelho em pelo menos dois outros lugares, e seu ombro direito deslocou antes de sua visão ter sido ofuscada pela tela estalante de uma antiga televisão. Então houve o impacto, e então uma escuridão tão completa quanto a entidade de escuridão que tomou ele.

O Vale Tigris Oeste de Qalat’at Sherqat, Iraque

Beckett veio abruptamente. Era um aspecto da condição de Membro que ele podia às vezes ter passado sem isto, a abrupta mudança de esquecimento a consciência. Ele estava acordado du-

rante o dia, ele podia ter ficado grogue, meio acordado — e podia ter tido tempo para lentamente assimilar tudo acontecendo em volta dele. À noite, um vampiro ficava tanto totalmente acordado quanto inconsciente. Exceto o sangue contaminado de drogas ou alguma forma de influência sobrenatural, nenhum meio-termo existia.

A dor atingia ele primeiro — uma dor aguda em sua perna direita, ambos os braços, seu peito, sua cabeça. Tudo tinha a sensação familiar de ferimentos apenas parcialmente curados através da aplicação instintiva de sangue do corpo. Ele podia se mover, podia provavelmente até correr por curtas distâncias se ele assim tivesse, mas isto não seria divertido.

Beckett manteve seus olhos fechados, procurando com seus outros sentidos para determinar o que estava acontecendo. Um vento soprou através de seu rosto. Levemente quente, agitado, cheirando a rocha e areia. Deserto, definitivamente. O rugido bem à frente dele e o fato que ele estava esbarrado e empurrado sugeria um carro, e pela força do vento, um que se locomovia em alta velocidade.

E sangue. Mesmo dentro do estojo que Cesare carregava, mesmo embrulhado em plástico, ele podia sentir o cheiro do sangue. Beckett abriu seus olhos.

Ele encontrava-se sem cerimônia esparramado na traseira de uma antiga pick-up laranja maltratada. Lucita encontrava-se lado a lado dele, parecendo pior do que ele se sentia. Se ele não conhecesse bem ele teria confundido ela com um cadáver verdadeiro, de tão abatida tinha ela se ficado. Cesare sentava-se ao lado deles, com seus joelhos enfiados no seu peito e seus braços envolvidos em torno deles. Kapaneus também estava na traseira, descansando de joelhos na porta traseira, olhando atrás deles. Isso provavelmente pôs Bell no volante e Rayzeel no banco do lado dele, assumindo que todos ainda estavam juntos. Beckett ergueu-se dolorosamente para uma posição sentada para ver...

E viu o que estava atrás deles. Ele prontamente esqueceu de checar a cabine.

A distância, ele podia ainda ver Qalat'at Sherqat, colunas de poeira e fumaça erguiam-se para o céu noturno onde vários prédios — bem mais do que as duas que ele havia tido a experiência enquanto consciente — haviam sido simplesmente obliterados, apagados da cidade como um frustrado modelo de criança. O deserto rochoso sacolejava e rolava por debaixo deles enquanto o pequeno caminhão engasgava e resfolegava em seu caminho através do terreno que ele simplesmente não estava equipado para lidar.

E o ar atrás deles ebuliu uma nuvem de pura sombra. Ela se estendeu da própria cidade e rolou através do céu como uma tempestade. Tentáculos se lançavam para fora e abaixo como raios, rasgando pedaços de areia e pedra do chão do deserto. O céu a frente deles estava cheio de estrelas e uma lua luminosamente brilhante; o céu atrás, uma inexpressiva vastidão de preto.

Pior, sombras atacavam na frente e ao lado do caminhão também, procurando pegar as rodas ou senão parar o veículo. A grande força Abissal atrás deles não se esticava tão longe. Para a escuridão a frente também os atingir significava que a coisa não era meramente do Abismo, ela conseguia *controlar* o Abismo como o próprio Lasombra.

Beckett se arremeteu através da carroceria do caminhão, causando um surpreso ganido agudo de Cesare, e arrancou fora o refrigerador. Como um animal ele cavou dentro até ele achar os poucos sacos remanescentes de sangue. Ele drenou um em um instante, espremendo o saco para forçar o sangue para fora mais rápido. O segundo ele bebeu um pouco mais lentamente; o terceiro e último ele deixou para o que fosse que pudesse vir.

“Beckett”, gritou Kapaneus acima do bramido do vento e do motor, “você está bem? Você estava muito —”

“Depois!” Beckett trabalhou em seu caminho para frente, certificou-se de que ele tinha uma boa aderência na cabine, e tendeu tão para frente que seu rosto ficou ao lado da janela lateral do motorista. Com certeza, Bell estava no volante, Rayzeel, com sua cabeça ainda em grande parte coberta, ao lado dele. Mesmo do ângulo dele, Beckett podia ver fios suspensos de baixo do painel onde alguém — seja Bell ou Cesare, quase com certeza — havia feito ligação direta no caminhão.

“Você de volta entre os vivos?” Perguntou Bell, com seus olhos focados no deserto afrente deles.

“Fofinho. Nós não vamos seguir mais depressa que esta coisa, Bell”.

“Percebeu isso, foi? Você tem uma ideia melhor, então? Nós podemos enfrentá-la. Nos mostrou isso bem o suficiente lá atrás na cidade”.

“Claro que podemos. Siga para uma área tão vazia quanto você puder encontrar, e aqui vai o que nós vamos fazer...”

Quando ele atravessou, Bell na realidade *tinha* tirado seus olhos fora do que se passava na estrada. Ele olhava fixamente

como se em Beckett tivesse crescido uma segunda cabeça. “Você é um fodido de um maluco”.

“Provavelmente. Você tem uma ideia melhor, agora está mais do que na hora”.

Bell balançou sua cabeça e rangeu seus dentes. “Apenas diga quando”.

Beckett se puxou para trás para olhar para aqueles na carroceria do caminhão. A escuridão estava apenas a algumas dúzias de metros atrás deles agora. “Pessoal, quando eu disser – pulem”.

Sua recompensa foi mais dois olhares fixos incrédulos. Até Lucita, que não tinha se movido há algum tempo, conseguiu agitar os olhos dela na direção dele.

“Me perdoe”, disse Kapaneus, “você poderia repetir isso?”

“Quando eu der o comando, pulem. Para fora do caminhão. Kapaneus, você terá de carregar a Lucita novamente”.

Os olhos de Cesare ficaram ainda mais arregalados. “Signore, o que nós vamos –”

“Calado e faça o que eu lhe disse”. Beckett deslizou para trás da carroceria, com as mãos agarrando firmemente na porta traseira, e olhou nervosamente enquanto a escuridão ficava mais próximo.

E mais próximo.

O aroma do deserto desapareceu, substituído pela completa ausência de odor que pressagiava a aproximação da sombra. O vento que soprava através deles mudou de direção, enquanto que os ventos Abissais ficavam mais fortes do que o deslocamento para frente do caminhão. Beckett, com seu corpo morto-vivo normalmente não se incomodava com extremos de temperatura, tremia violentamente no frio anormal e entorpecedor de alma.

E então ele estava sobre eles. Um tentáculo chicoteou para fora da escuridão e não falhou. Ele se envolveu em torno da roda traseira e o atirou como uma uva. O caminhão guinou, torcendo selvagememente por um instante até Bell ter conseguido recuperar o controle. Lucita bateu duro contra a lateral da carroceria com um impacto triturador de ossos. Cesare tombou a cabeça por cima dos calcanhares para pousar ao lado dela, e somente os rápidos instintos de Beckett permitiram que ele evitasse de ser arremessado da carroceria ao afundar suas garras no metal. Apenas Kapaneus, previsivelmente, parecia ter nenhuma dificuldade em manter seu equilíbrio.

O segundo tentáculo se envolveu em torno do caminhão inteiro, logo atrás da cabine. Ele retesou, de alguma forma lembrando Beckett de um cabo industrial, e começou a erguer. O cami-

caminhão imediatamente inclinou-se para frente, desequilibrado pelo peso do motor, enquanto ele erguia-se acima do chão do deserto.

“Agora!” Gritou Beckett — não que ele realmente precisasse fazê-lo. Teria sido difícil de pressionar ele em *impedir* seus companheiros de abandonar o caminhão naquele ponto.

Cesare arqueou sobre a beira da carroceria do caminhão, enquanto Kapaneus apanhava Lucita e saltava a uma distância suficiente. Beckett escutou, mas não viu, ambas as portas se abrirem, e ele sabia que ele tinha claramente de se arremessar antes de Bell prosseguir com a segunda parte deste plano lunático.

Beckett retesou para saltar — e o mundo virou do avesso. Ele sentiu-se nauseado, mais doente do que ele já esteve como um mortal, deixado sozinho desde de seu Abraço. Um tremor correu através de seus membros enquanto seus músculos todos contraídos um contra o outro e lentamente se soltaram, deixando para trás uma dor fraca. Até seu coração, morto por séculos, bateu uma vez e somente uma vez, esse flácido músculo dando um último espasmo ao longo com o resto dele. Sua visão embaçou brevemente, se alinhou, embaçou novamente, clareou novamente, tudo em um espaço de tempo. A força pareceu drenar-se de suas pernas. Ele não ficou exatamente fraco; ele ainda estava bem mais em forma do que a maioria dos mortais, e muitos outros Membros. Mas ele sentiu-se exausto, sentiu que uma pequena, mas significativa porção de sua própria vitalidade foi sugada dele. Seu salto falhou, e ele bateu violentamente suas costelas na lateral da carroceria e caiu para trás no caminhão.

Agora, na pior altura, Beckett havia perdido sua vantagem, perdeu seja qual fosse a dádiva que havia mantido ele seguro. Agora, finalmente, o murchamento o tinha também.

Deitado logo no ângulo onde a carroceria se encontrava com a cabine, Beckett olhou para cima na pura e inquebrável escuridão. Mesmo que ele se aproximasse do esquecimento, ele vagamente escutava vários estalos da espingarda de Bell em baixo. O ex-arconte estava seguindo o plano; ou ele não sabia que Beckett tinha falhado em saltar para a liberdade, ou ele não estava — sabiamente — permitindo que o parasse.

“Não chateia”, cuspiu Beckett na sombra ameaçadora acima dele mesmo quando o caminhão tremeu com o primeiro impacto. Então, reunindo todos os últimos pedaços de força que ele tinha restando, Beckett esgaratou desajeitadamente com seus pés — um feito impressionante, dado a constantes mudanças e sacudidas do caminhão — e saltou mais uma vez.

O tanque de gás explodiu mesmo quando os pés de Beckett deixaram o metal.

O céu deserto foi abruptamente iluminado, o ar abalado por um som que não havia sido escutado na região desde que o bombardeio havia finalmente cessado. Temporariamente cegado, ensurdecido e queimado, Beckett sentiu-se arremessado através do ar bem mais distante do que qualquer salto seu que pudesse possivelmente ter carregado ele. O chão ergueu-se para encontra-lo e ele colidiu forte, cavando um sulco na areia áspera do deserto.

Dolorosamente, piscando seus olhos para clarear, Beckett rolou sobre suas costas e olhou para trás na conflagração. Os tentáculos de sombra contorciam-se em agonia enquanto a casca da pick-up continuava a queimar. Um lamento ruidoso furou seus ouvidos — não, não seus ouvidos, o grito soou diretamente em sua mente. A criatura de sombra arremessou esta fonte de dor com tudo que ela podia; ainda queimando, o caminhão deslizou para a escuridão e desapareceu atrás de uma duna de areia.

Beckett lentamente se colocou de pé mesmo quando seus companheiros se juntaram em volta dele, todos eles olhando fixamente para a besta Abissal. Eles haviam ferrado ela, talvez, mas foi somente isso. Se a erupção de chamas havia causado a ela algum dano duradouro, eles certamente não conseguiam vê-lo.

“Boa tentativa, Beckett”, disse Bell suavemente. “Mas eu acho que era tudo o que nós tínhamos”.

“Afastem-se todos”.

“O que?”

Beckett fez uma careta. “Eu disse afastem-se todos. Agora”.

Hesitantemente, eles obedeceram, movendo-se talvez uma dúzia de metros distante. Beckett ficou de pé sozinho no deserto vazio enquanto que a escuridão se reunia em volta dele.

“Eu não sei o que você é”, disse Beckett, com sua voz apenas carente de um grito. Na realidade, isso foi apenas parcialmente verdade; Beckett tinha uma ideia muito boa do que essa coisa *podia* ser, e a noção aterrorizava ele como anda antes havia feito. Se ele cedeu, mesmo por um instante, a Besta dentro o teria em fuga precipitada — e dessa forma encontraria o suicídio.

Não que a tentativa de reduzir a coisa oferecia chances muito melhores, mas era sobre tudo o que tinha restado nele para se tentar.

O Vale Tigris

Oeste de Qalat'at Sherqat, Iraque

A criatura estava gritando na escuridão, e a escuridão a reconhecia. *Isto* era aquele. Estava nesta pequenina e deplorável entidade que a escuridão conseguia sentir a mácula das energias que a despertou, as energias se lançavam quando a barreira foi derrubada. Havia sido como esta patética criatura já foi, quando ela tinha um nome que sacodia os pilares do mundo sempre que ele era falado. Coisas de matéria, coisas de energia, estes eram dolorosos. Essa pequenina criatura o havia trazido de volta para este mundo doloroso e iria destruí-lo primeiro.

“Eu realmente não sei sequer se você consegue me compreender”, a pequenina coisa continuou, “mas eu sei que você é mais inteligente do que você aparenta. Então preste atenção! Eu não sei o porquê de você querer me matar. Neste momento, eu não me importo. Seja por qual razão, você não pode me ferir diretamente. Nós vimos isso lá atrás em Qalat'at Sherqat. Bem, nós estamos fora no meio do nada agora. As planícies do deserto do Iraque. O que você vai fazer, arremessar pedregulhos em mim? Você poderia ir agarrar um rochedo em algum lugar, mas eu seria uma névoa ou me fundir com a terra antes de você retornar”.

Acima de Beckett, a escuridão se contorceu. A pequenina entidade estava de pé diante dele, como se oferecendo a si mesmo. A frustração fez os tentáculos de sombra tremerem, fez elas vibrarem como cordas de violino. Ela tinha a criatura à sua mercê, mas não podia tocá-la! Algo — algo mais do que as energias contaminadas, algo verdadeiramente poderoso — o protegia. Por todo o seu poder, a sombra não conseguia tocar a pequenina entidade enquanto ela estivesse protegida.

Mas haviam outros aqui, outros que ela *poderia* tocar. Outros que ela *conhecia*. Lentamente, como uma espessa massa de uma tigela, porções da escuridão começaram a se amontoar no chão atrás da entidade que continuava a tagarelar, inconsciente do que estava acontecendo entre ela e seus companheiros.

“Nós temos um empate aqui”, estava Beckett dizendo. “Dado a sua reação ao fogo, eu vou apostar que você não gosta mais do sol do que eu. Eu posso me fundir com a terra nos meus pés. Você pode? E se assim for, e depois? Você apenas vai pairar em

volta aqui fora no deserto até eu decidir sair? Você não tem nada melhor a fazer, mais em lugar nenhum você precisa estar?

Ela *podia* esperar, é claro. A pequenina entidade diante dela não compreendia. Ela pensava que ela conhecia a paciência, pensava que ela conhecia a imortalidade, mas ela nada sabia da verdadeira eternidade. A coisa do Abismo poderia esperar tanto tempo quanto ela precisasse esperar, e por mais tempo.

Mas por que ela deveria? Por que esperar, quando ela tinha outras e mais imediatas opções?

A sombra no chão atrás de Beckett ergueu-se, e enquanto ela assim fazia ela começou a assumir uma forma. A escuridão verteu sobre a escuridão, criando dobras e saliências que rapidamente assumiram a aparência de pneus de um humano gordo. Na base da forma que ela se separou, até ela ter parecido a duas pernas humanas de pé. Mais sombra pingava abaixo do topo e se pendurava, formando braços. E no topo, como uma crescente pústula, a escuridão expelia uma forma que rapidamente formava uma cabeça.

Ainda assim a escuridão se contorcia, se deformava e se moldava, até o que se colocava entre Beckett e seus aliados fosse a silhueta perfeita de um homem.

Ou um vampiro. Um vampiro particularmente obeso.

E Lucita, pela primeira vez desde esta última grande fraqueza que havia arrebatado sobre ela, reagiu: ela gritou, como se a alma dela tivesse sido destruída por dentro.

O Vale Tigris

Oeste de Qalat'at Sherqat, Iraque

Beckett girou, o grito agudo por trás dele primeiro alertou que algo estava acontecendo. Mesmo de trás, mesmo com nenhum detalhe a não ser a silhueta, ele reconheceu imediatamente o que estava acontecendo, o que esta coisa de sombra havia feito.

“Ai meu *Deus...*”

Ignorando Beckett, ignorando todos os presentes a não ser a própria Lucita, a figura deu um passo à frente, bamboleando com a estranha mistura de lado a lado do morbidamente obeso. E impossivelmente, a sombra falou.

“Faz muito tempo, minha filha. Eu tive saudades de nossas conversas”.

Para os ouvidos de Beckett, a voz tinha uma qualidade estranha e de dupla camada para isto — como se ela ecoasse no mesmo momento que ela soou primeiro. A primeira voz foi normal, física, tingida com um pequeno sotaque espanhol. A outra era inumana, de outro mundo, e reverberava nas mentes dos ouvintes mesmo quando a primeira soou nos seus ouvidos.

“Você se foi...” soluçou Lucita, caída na posse de Kapaneus, suspensa flacidamente no braço dele. “Você se foi!”

Ainda embora largamente indefinido, a sombra que comportava a forma e a voz de Ambrósio Luís Monçada sorriu. Os observadores puderam notar simplesmente pela flexão de suas bochechas e mandíbula. “Minha linda filha, eu lhe ensinei melhor do que isso. Certamente você não achava que eu pudesse ser levado deste mundo tão facilmente? Eu, o qual conhece o plano de Deus e meu próprio lugar dentro dele? Eu lhe disse que nós tínhamos um propósito na ordem divina, Lucita. Claramente você não acreditou. Mas agora você acredita”.

Novamente a figura deu um passo para mais próximo, até que ela estivesse dentro de quatro metros ou mais de Lucita e os outros. Bell, com um “Foda-se isto!” Rosnado abriu fogo na escuridão se aproximando. As balas passavam através do fantasma Monçada como se ele fosse nada mais do que a sombra do qual ele era feito, e Beckett tinha se arremessado para o lado para evitá-las. Recolhendo-se, ele viu o corpo maior da criatura Abissal pairando imóvel, com sua atenção aparentemente devotada inteiramente à marionete que se mostrava brincando diante dela.

“Lucita!” Levantou-se Beckett para ficar de pé, fazendo careta enquanto ele varria a areia das queimaduras infligidas explosão do caminhão. “Lucita! Isto não é o Monçada! Isto não é o seu senhor! Não pode ser!”

“Eu não posso ser?” Avultou Monçada por sobre sua filha, e lentamente as características faciais começaram a aparecer na escuridão anteriormente vazia. “Você não me vê tomado abaixo, consumido pelo Abismo, lá para se juntar com todos os nossos irmãos que vieram antes? E agora nós não havíamos, todos nós, erguido novamente das profundezas da escuridão para retomar nosso lugar na criação de Deus?”

“Não... não...” chorou Lucita lágrimas de sangue que ela não pode se privar, incapaz de encontrar o olhar fixo da coisa. Ela pressionou suas mãos em seus ouvidos, mas voz dele continuou em sua mente.

“Você ainda duvida, querida Lucita. Deixe-me mostrá-la, nas formas que eu nunca pude antes quando eu era meramente Monçada, o que você tem a ganhar ao aceitar seu lugar de direito”.

O vento frio soprou da escuridão, e Lucita estremeceu como se atingida por um choque poderoso. A força inundou o corpo dela, a força que ela não havia sentido em meses. A carne dela instantaneamente perdeu muito de sua palidez e se preencheu mais uma vez. Ela sentiu a sua conexão com o Abismo ficar forte, mais forte do que já foi. Tudo o que ela havia perdido para o murchamento retornou, e mais ainda.

Lucita se afastou de Kapaneus para ficar de pé por conta própria. Por onde ela olhava, as sombras dançavam nos meros pensamentos e caprichos dela, não exigindo concentração nenhuma. Ela girou em torno para observá-los, e a velocidade dela levantou uma tempestade de areia. Ela desapareceu completamente da vista, reaparecendo segundos depois a uma dúzia de metro distante, retornando com a mesma rapidez. Se ela se esforçou, ela pode escutar o baque de cada grão individual de areia enquanto ele caía de volta para a terra. No assombro e não num pequeno medo ela olhou para a coisa que alegava ser seu senhor.

“Você não é Monçada”, insistiu ela, mas mesmo agora, mais forte do que ela já foi, sua voz tremeu.

“Você sabe melhor do que isso. Eu sou Monçada, pois sou tudo que veio antes. Você me conhece, Lucita. Agora me sirva, como você sempre foi destinada. Apenas submeter-se a sua função irá trazê-la a felicidade e o contentamento que você procurava.

Como um verme enterrando-se, a voz se insinuou para dentro da alma de Lucita, embrulhou-se envolta do cérebro dela como se ela fosse uma coisa física. Ela havia dado três passos à frente do “senhor” dela antes dela estar sequer ciente do movimento dela. “O que...” parou ela, limpando a garganta dela da poeira e areia. “O que você quer que eu faça?”

Monçada muito deliberadamente virou sua cabeça para olhar fixamente em volta de cada um dos companheiros dela, prolongando mais tempo em Beckett. Que ele tenha virado sua cabeça completamente em torno para assim fazê-lo pareceu não o incomodar nem um pouco.

“Não”. Lucita puxou-se para cima. “Eu não irei”.

“Minha querida, eu não pediria a você para matar seu antigo companheiro. Não no início. Nós trabalharemos para isto, comece com um dos outros. Eles são nada para você, afinal”.

“Eu não irei”.

“Sua criança estúpida!” A voz de Monçada acudiu o céu da noite, reverberou quilômetros através do deserto. Beckett, Rayzeel e Bell caíram de joelhos, agarrando suas cabeças em dor. Cesare sentiu a sua costa na areia e contorceu-se. Lucita teria se juntado a eles, mas os tentáculos de escuridão agarraram-na de pé. “Você verdadeiramente se esqueceu de *tudo*!?”

“Eles são nada, minha cria. Você é nada, e sempre se mostrou ser nada sem mim. Eu defino você, Lucita. Eu sempre o fiz, se por sua resistência ou por sua submissão. Mas o tempo para jogos infantis acabou. Tome o seu lugar de direito, Lucita. Retorne para mim — e traga a cabeça do negro com você”.

Lucita não pôde ver o deserto pela sombra que enchia os seus olhos. Ela não pôde ouvir seus companheiros pela voz do fantasma em seus ouvidos. Ela não pôde sentir qualquer coisa, pensar qualquer coisa, para o senhor dela que havia tomado conta da alma dela. Nada havia restado para o mundo. Monçada era tudo. Nenhum deserto existia, nem Beckett, nem Bell.

Nem Lucita.

Com os olhos brancos e cegos, ela se virou para a forma amontoada de Theo Bell, o qual ainda estava tentando sacudir a dor de sua cabeça. Ela se colocou acima dele, e as sombras vieram ao seu chamado, formando uma lâmina que pairou sobre o pescoço exposto do Brujah...

E Beckett, com seu corpo inteiro tremendo com a dor, sangue pingando de sua orelha esquerda, se colocou de pé. “Lucita!”

Ela se virou instintivamente ao som de seu nome.

“Ignore-o, criança!” Comandou Monçada. “Faça conforme eu instruí!”

“Quantas vezes, Lucita”, perguntou Beckett, “você procurou conforto, consolo e iluminação nos ensinamentos de Anatole? Quantas vezes você teria retornado à Monçada sem o suporte dele?”

“Silencie-o, minha filha!” Tentáculos de sombra do tamanho de árvores contorceram-se no céu noturno, mas Beckett recusou-se a se virar.

“Se você fizer isto, Lucita, você provará que Monçada estava certo. Tudo pelo o que você lutou foi uma mentira. *Tudo que Anatole sempre lhe disse foi uma mentira!*” Olhou Beckett fixamente para

ela, encontrando seus olhos vazios. “Você verdadeiramente odeia tanto assim Anatole, que você apagaria sua influência de sua existência num só golpe?”

E por um instante — apenas um único e passageiro momento — os olhos de Lucita clarearam.

Ela gritou mais uma vez, nenhuma lamúria de medo desta vez a não ser um primitivo grito agudo de fúria do tipo que até a maioria dos vampiros seria incapaz. Numa fração de segundos Lucita estava atrás de Beckett e saltando, não no reflexo escuro de Monçada, mas no coração da sombra que o gerava. Conforme ela se chocava na sombra, sua pele pareceu desaparecer enquanto ela convocava seu devolvido domínio do Abismo para assumir uma forma de sombra. Asas de escuridão impulsionavam ela para o centro da coisa das profundezas, garras de escuridão cortavam em sua substância de uma forma que nenhuma arma material poderia.

“Lucita!” Ecoou a voz de Monçada na mente dela, mas a sentiu distante agora, longe. “Lucita, pare isto de uma vez!”

“Ninguém me possui!” A resposta dela foi mental, emocional, não físico, mas ela sabia que ele escutava. Surrando em torno, ela rasgou pedaços de escuridão da sombra em volta. “Nem Monçada! Nem ninguém!”

Dessa vez, quando a voz veio, ela soou não como um par de tons, mas como mil, todas reverberando dentro da cabeça dela.

EU POSSUO VOCÊ! PARA VOCÊ QUE É DE MIM, COMO MONÇADA ERA. EU SOU AQUELE QUE FOI E AQUELE QUE SERÁ! E VOCÊ NÃO PODE DESOBEDECER!

Embora ela não tivesse atributos remanescente para mostrar, Lucita sorriu. “Observe-me, seu bastardo”.

A sombra que era Lucita golpeou em todas as direções. Asas, garras, presas — qualquer coisa que ela pudesse atacar, ela o fazia. Pedaços de escuridão caíam, apenas para serem consumidos imediatamente pelo todo maior. Se o escuro era o que ele alegava ser — e ela sabia, no que restava de sua alma, que ele era — ela não poderia destruí-lo. Mas foda-se, ela tentaria.

E ela não sucumbiria.

Nem mesmo para o próprio Lasombra.

A pressão batia em sua mente enquanto a coisa buscava reafirmar o controle, mas se era a força de vontade de Lucita ou

simplesmente a loucura de um frenesi que ela nunca havia imaginado que ela tivesse entrado, a coisa não conseguia força-la a parar. Ela se sentiu elevada, apoiada, como se mais alguém estivesse segurando-a no alto e oferecendo a ela a força para resistir apenas por mais alguns instantes. A mente de um ancião lavava sobre ela como uma maré, mas não conseguia se apoderar dos pensamentos dela.

Sua recém-descoberta força drenava dela como sangue de uma ferida. Entre um segundo e outro ela se encontrou fisicamente mais uma vez, incapaz de manter a transformação para sombra. Ela ainda atacou, mas foi um exercício de pura futilidade. Mesmo que ela tivesse o poder para atingir com qualquer força — poder que ela estava rapidamente perdendo — a sua forma sólida era simplesmente incapaz de causar dano à escuridão.

A força dela desvaneceu até que ela tivesse nada restando para dar, e ainda assim a drenagem não parou. A visão dela — o que pouco disto existia no meio desta escuridão — obscureceu. Os pensamentos corridos dela começaram a se reduzir. Até a doar dela, sua última âncora para a não vida, desapareceu.

Aqui, no final, ela perderia a sua independência antes da morte. Ela seria absorvida para dentro desta coisa monstruosa, e a ela faltava qualquer força remanescente para parar isto. Ela —

“Olá, Lucita.”

Com o último pedaço dela de mobilidade, Lucita girou a cabeça dela para olhar fixamente em chocado reconhecimento ao som dessa voz. Ela olhou para cima, não para a escuridão, mas para um rosto emoldurado de loiro pela luz, e chorou suas lágrimas finais. E elas foram lágrimas de alegria, para ela que havia vencido.

Lucita se esticou para pegar a mão de Anatole, deixando o corpo dela atrás para ser absorvido pela sombra que não podia mais feri-la, e desapareceu.

O Vale Tigris **Oeste de Qalat’at Sherqat, Iraque**

A entidade Abissal pairava por sobre o deserto. Por um tempo, ela simplesmente parava de se mover de todo. Os tentáculos e membros de sombra pairaram imóveis, se arrastando nas areias. As estrelas permaneceram apagadas, mas a escuridão parou de se expandir, para de se mover.

Para a escuridão que não compreendeu. Nessa porção de sua mente ainda capaz de confusão, ela ponderou sobre o que havia acabado de ocorrer. Era inconcebível. A coisa de sombra não podia mais aceitar isto de que um humano pudesse ter compreendido se um de seus próprios membros tivesse se virado contra ela.

Ela contemplava por apenas um breve momento antes dela rejeitar suas preocupações completamente e virar sua atenção de volta para o assunto em questão. Mas um “momento” para uma entidade que era imortal mesmo antes dela se tornar um com a escuridão abaixo é longo, e quando ela estava mais uma vez ciente de suas imediações, o deserto estava vazio. Ainda assim, ela sentiu o puxar daquele que ela procurava, de volta na direção da qual eles tinham vindo.

Ela também sentiu o peso crescente do céu, e soube que o brilho não estava distante.

Lentamente, a sombra afundou nas areias. Amanhã à noite, ela capturaria mais uma vez a criatura esquiva. E então ela iria embora, pois ainda havia muito a fazer antes dos outros acordarem...

Uma casa em desuso Qalat’at Sherqat, Iraque

Na noite após a morte de Lucita, Beckett acordou sobre uma cama dobrável em uma casa sem uso nos subúrbios da cidade. Espancados, derrotados, cansados e chocados até as profundezas de suas almas pelo sacrifício de Lucita, ele e os outros haviam fugido da cena no instante que a grande sombra parou de se mover, e alcançaram os subúrbios de Qalat’at Sherqat a apenas uma hora antes do amanhecer. A cidade tinha sido agitada com a sombria atividade: times de resgate e civis preocupados escavando através dos escombros com ferramentas insuficiente e mãos ensanguentadas para resgatar qualquer um que estivesse preso dentro; bombeiros pobremente equipados lutando para conter os vários incêndios que haviam reaparecido no meio da devastação; paramédicos carregando os feridos para hospitais que mal tinham os requisitos suprimentos para cuidar deles.

Beckett e os outros haviam ignorado tudo, procurando somente abrigo do sol rapidamente se aproximando. Felizmente Rayzeel tinham levado eles para uma área nos subúrbios onde eles

foram provavelmente encontrar várias casas abandonadas por aqueles desalojados durante a guerra. Beckett tinha falhado, fraco e ferido, ao mesmo tempo, tomado a algumas respirações profundas, e determinado do odor de que nenhum mortal havia estado dentro por meses. Ele e seus companheiros haviam então tropeçado para dentro do porão e desmaiado em repouso enquanto o amanhecer raiava.

Agora, Beckett dolorosamente abriu suas pálpebras e viu Rayzeel agitada em torno da sala em volta dele. Cesare e Kapaneus permaneciam contra a parede, observando cautelosamente. Bell estava em nenhum lugar para ser visto, e Beckett imaginou (corretamente, enquanto isto acontecia) que o Brujah estava fora observando.

Rayzeel havia removido a sua burca e vestia-se apenas com uma simples saia e blusa. Beckett, pela primeira vez, deu uma boa olhada nela. Ela era linda, de uma forma estranha e ligeiramente fora de ordem. Suas características eram distintas, o seu cabelo um rico castanho café. Ela com certeza tinha a aparência de alguém de uma era anterior, embora Beckett não pudesse dizer precisamente o *que* sobre as características dela que marcavam ela como uma relíquia andante. Ele também notou, e ele quase não conseguiu reprimir o estremecer mesmo quando ele tinha esperado isto, o terceiro olho que fitava, raramente piscando, do centro de sua testa. Ela viu o seu movimento, soube que ele estava acordado, e sentou gentilmente ao lado dele sobre a cama dobrável.

“Descanse,” disse ela a ele. “Você ficará cansado por tempo ainda.”

“Cansado? Por que?” Ou pelo menos, ele *tentou* perguntar. Ele estava surpreso de ouvir as palavras saindo arrastadas, para perceber que ele estava praticamente afundado na cama dobrável com uma exaustão que de longe superava a fraqueza que ele havia tido a experiência quando o murchamento finalmente tomou conta.

“O que...” Ele tentou novamente, falando cada palavra deliberadamente e lentamente. “O que você fez comigo?”

“Não fique com raiva de Rayzeel,” disse Kapaneus, dando um passo à frente. “Nós todos concordamos que isto era necessário.”

“Kapaneus,” disse Beckett, com as palavras vindo mais rápido e mais fácil enquanto ele continuava a falar, “eu vou me puxar para fora dessa cama dobrável e começar a quebrar pescoços se alguém não me disser sobre *o que diabos você está falando!!*”

“Eu purifiquei você,” disse Rayzell suavemente, com seu terceiro olho brilhando muito fracamente.

E com olhar horrorizado de Beckett, Kapaneus assentiu. “Você permaneceu em repouso tempos depois de nós, devido muito provavelmente a seus ferimentos.” Algo em seu olhar dizia a Beckett que ele sabia que era mais do que isso. Kapaneus sabia que o murchamento havia finalmente reivindicado Beckett também. Por respeito, talvez, ele disse nada sobre isto para os outros. “Nós sabíamos que a grande escuridão estaria sobre nós mais uma vez, e nós sabíamos que ela estava atrás de você. Rayzeel e eu examinamos a sua aura, atentamente, e nós encontramos a sua alma contaminada.”

“Nós acreditamos,” pegou a Salubri onde Kapaneus parou, “que era esta mancha que atraía a sombra para você. Eu pensei que eu pudesse ser capaz de limpar a mancha, para proteger você — todos nós. Mas eu não podia esperar até você ter acordado para pedir permissão.”

Beckett ergueu-se e fitou a mulher. Ele sabia o suficiente da Salubri para saber o que desse processo deve ter exigido. “Então sem perguntar, você apenas sugou minha maldita alma de meu corpo e remexeu em volta com ela?! O que mais você fez a mim, você sua maldita —”

“Beckett!” Trovejou a voz de Kapaneus através da sala. Cesare pulou, Beckett recuou para traz contra a parede, e até Rayzeel pareceu chocada. Beckett estava na realidade surpreso de ver que o grito do ancião não tinha abalado a poeira das paredes. “Você de todas pessoas sabe melhor para ser vítima de tolas tagarelices supersticiosas. Se Rayzeel tivesse ‘remexido’ com a sua alma, você não seria capaz de questioná-la. Esta mulher — a qual você passou meses tentando encontrar, eu posso lembrá-lo — pode bem ter salvo você.”

Beckett assentiu, lentamente, e se virou para trás para Rayzeel. “Me perdoe,” disse ele, e se ainda houvesse raiva em seus olhos, ele o escondeu de sua voz. “Eu sou um caco — assolado, neste momento.”

“Eu compreendo. Meu povo é acostumado a temer os outros.”

Beckett se perguntou se isto faria ela sentir-se melhor ao saber dos Tremere — o flagelo dos Salubri e o flagelo da maioria dos odiados que haviam caído sobre eles por séculos — tinha aparentemente desaparecido. Ele decidiu que, pelo menos neste momento, isto provavelmente não iria.

“Então,” disse ele ao invés, “como nós sabemos se isto —”

“Atenção!” Escutaram eles o grito, e passos pesados na porta acima deles e os degraus levando para baixo, antes de Bell emergir na sala, com a espingarda em posse pronta. “Ela está de volta!”

“...funcionou?” Finalizou Beckett sem graça.

Rayzeel olhou para ele com todos os três olhos. “Nós esperamos.”

Por vários minutos, caiu o silêncio. Então, infiltrando-se através das ruas acima, eles escutaram gritos, e mais gritos. Primeiro eram gritos de medo, enquanto a escuridão ondulante se aproximava. Então o chão tremeu e o ar ficou abalado com os constantes rugidos enquanto os membros de sombra esmagavam prédio atrás de prédios. Então não eram apenas gritos de medo, mas de dor. Os sons vinham primeiro desta direção, então dessa, com nenhuma rima aparente ou razão.

“Está atacando aleatoriamente!” Chiou Beckett.

E então, sem mais nem menos, os sons e o tremor passaram por eles e desapareceram.

Desta vez quando Beckett se virou para Rayzeel, sua raiva havia bem e verdadeiramente desaparecido. “Obrigado,” sussurrou ele.

A Salubri sorriu. “De nada. Mas eu acho que isto não era o porquê de você ter me procurado.”

Beckett enrolou-se em volta até ele estar sentado de pernas cruzadas sobre a cama dobrável. Rayzell ficou próxima da porta, Kapaneus em oposto a ela contra a parede. Bell e Cesare deixaram a sala para manter um olho na parte de cima, por via das dúvidas.

“Kapaneus me contou um pouco de sua busca,” disse Rayzeel a ele. “Embora francamente, ele dificilmente precisasse. Dado a busca de Lucita, eu suponho que o de vocês seja similar.”

“Não precisamente. Lucita queria parar a Gehenna. Ela...” sua voz sumiu. “Eu não posso acreditar no que ela fez.”

Kapaneus assentiu lentamente. “Eu me orgulho da minha habilidade para julgar os outros, e isto me surpreendeu também, Beckett. Ela não fez isto por nós, você compreende.”

“Eu sei. A necessidade dela de ser livre. Ainda assim... eu não sei se eu conseguiria ter feito isso.”

Por um longo tempo, ninguém na sala teve nada a adicionar.

Ao longo de uma rua em ruínas Qalat'at Sherqat, Iraque

Cesare ficou olhando fixamente em uma enorme pilha de escombros que antes foi um prédio — um prédio onde pessoas viviam, riam. Agora ele era uma tumba, um monumento para monstros. O carniçal amava seu mestre, não conseguiria ter feito menos, mas as vezes, ele se ressentia com Beckett também, se ressentia com ele por mostrar à Cesare o mundo como ele verdadeiramente era.

Ele era grato, realmente, que Bell tivesse sugerido em se separar para cobrir mais áreas, tinha ido por um caminho diferente. Cesare não queria realmente estar em volta de vampiros neste momento.

Infelizmente, não lhe foi dada a opção.

Mãos poderosas, bem mais fortes para o poderoso carniçal combater, envolveram em volta dele por trás e eficientemente estalaram o seu pescoço. Cesare, com sua cabeça torcida quase completamente em torno, morreu com a visão de seu próprio assassino preenchendo a sua visão.

Um assassino que usava um rosto que parecia exatamente como a própria do Cesare.

Bell, após um breve circuito da área, havia assumido sobre si mesmo de guardar a entrada da casa na qual seus companheiros se recuperavam. Ele observava com olhos imperturbáveis enquanto a fumaça vagava para o céu noturno das fogueiras ardendo através de Qalat'at Sherqat, observava enquanto aquelas poucas pessoas ainda habitavam nesta parte do povoado faziam o que elas podiam para pescar sobreviventes dos escombros.

Quando Cesare apareceu a partir da rua e pincelou após o ex-arconte com um breve aceno de saudação, Bell quase nem percebeu ele.

Uma casa em desuso Qalat'at Sherqat, Iraque

Em baixo, o silêncio se arrastou, nem Rayzeel nem Kapaneus desejavam perturbar as rumações de Beckett. Finalmente como se ele nunca tivesse parado, disse ele, “Então, ela queria

parar a Gehenna, mas eu não acreditava que pudesse ser feito. Eu apenas queria compreender o propósito dos Membros antes do fim.”

A Salubri gargalhou, mas foi uma leve gargalhada com nenhuma zombaria nela. “Você não pede muito, não é?”

Beckett sorriu palidamente. “O mundo está prestes a acabar, ou pelo menos o nosso está. Não há razão para não seguir para o gosto.”

“E por que você acredita que eu possa ajudar você nisto?”

Muito por causa de seu senhor, eu suponho. É dito que Saulot foi o mais sábio e o mais iluminado dos Antediluvianos. Suas escritas são conhecidas por todo o mundo como a mais precisa e maior das profecias da Gehenna. E é dito por alguns que ele foi o preferido de todas as crias de Caim. Eu suponho que eu apenas imaginei que se *alguém* pudesse me ajudar a encontrar minhas respostas, este seria ele — e, por representação, sua cria.”

“Eu compreendo.” Rayzeel pareceu ponderar isto por um tempo. “Eu não posso dar a você quaisquer respostas específicas.”

Beckett sentiu seu coração morto afundar.

“Eu não sei os pensamentos de Deus, ou de Cain, não mais do que você. Mas eu *posso* falar com você sobre estes assuntos à extensão que meu pai os discursava comigo. Talvez, do conhecimento de Saulot, você possa puxar as suas próprias respostas.”

Beckett não pôde evitar. Ele gargalhou.

Rayzeel piscou. “Isto é engraçado?”

“Não, não de todo. Me desculpe. É que apenas — você me diz que você me oferece os conhecimentos de Saulot como se isto fosse algum presente menor. Não é, Rayzeel. Meu Deus, você pode estar apenas me oferecendo o conhecimento para tornar minha completa existência significar alguma coisa.”

“E você acha que sua existência não tinha significado antes de agora, Beckett? Eu acho isso difícil de acreditar. Mas se isto é tão importante para você...”

“É.”

“Então eu fico encantada em ajudar.” Rayzeel sorriu mais uma vez enquanto ela falava, e seus olhos pareceram se ascender.

E então eles realmente se *fizeram* ascender.

Um repentino som crepitante preencheu a câmara, seguido rapidamente por um baque encharcado. A luz tingida de vermelho fluíu da boca aberta de Rayzeel, de seus olhos, até de suas narinas, e uma fumaça emergiu de trás da cabeça dela. O olhar horrorizado de Beckett encontrou o dela, e ela pareceu levemente perplexa, como se ela tivesse perdido sua linha de raciocínio.

E então a filha de Saulot, a qual havia carregado o conhecimento e o amor de seu senhor por bem mais do que mil anos, caiu em um amontoado no chão, seu antigo corpo se decompondo em cinzas antes mesmo dele pousar. Rayzell pereceu, e com ela toda a sabedoria que ele podia ter concedido.

Beckett pode somente olhar fixamente, parecia chocado com a rapidez do que havia acabado de acontecer.

Na entrada, atrás do local onde Rayzeel havia ficado, Cesare ficou agachado, com um pé nos degraus. Na sua mão esquerda havia uma pistola pesada; na sua direita, uma pistola de sinalização usada. Ele preguiçosamente o arremessou para o lado.

“Isso,” ele disse em uma voz que soou nada como a de Cesare, “devia praticamente fazer isto.”

“Quem... quem é você?” Beckett achou que mesmo falando era um esforço. “Você não é Cesare.”

“Não, eu não sou.” A imagem do carniçal de Beckett tremeluziu brevemente, como uma miragem de calor, e então alguém mais se colocou em seu lugar. Ele não era alto, mas era largo de ombros. Ele vestia uma camisa de flanela, e seu rosto estava coberto em uma barba crescida grossa. Ele era, imaginou Beckett, o homem que ele tinha visto no trem e nas ruas de Viena.

“Eu me chamo Samuel.” Ele sorriu forçadamente. “Prazer para você em me conhecer.”

“Eu não conheço você.” O mundo inteiro de Beckett pareceu inclinado quarenta e cinco graus para a esquerda. “Por que você faria isto a mim? Ou a ela?”

“Você não me conhece, não. Mas *eu* conheço *você*, Beckett.”
“Cesare?”

Samuel gesticulou para as cinzas em decomposição. “Como ela. Bem, menos a rápida decomposição, é claro. Eu —”

Beckett deu um grito agudo, e deliberadamente convocou a Besta para a frente. Ele tinha estado na sua besta, ele teria ido através da sala com as suas garras nas vísceras de Samuel antes que o outro pudesse provavelmente ter se movido. Ferido como ele estava, e pego nos estágios iniciais do murchamento, levou ele apenas um instante a mais para atravessar a distância.

Um instante era tudo que Samuel precisava. Sua pistola ati-

rou três vezes numa sucessão rápida, batendo Beckett para trás e levantando-o do chão. Ele rolou para cima, preparado para dar carga novamente — mesmo a tempo de ver Samuel desaparecer da vista.

Quando Bell finalmente chegou, atraído pelo grito de Beckett e o som de tiros, ele encontrou o Gangrel enrolado no centro da sala, soluçando por sobre uma pilha de cinzas — cinzas que representavam não somente a morte de Rayzeel, mas a chance final de Beckett.

Armazém Wexler & Filhos **Long Beach, Califórnia**

O armazém estava parcialmente queimado, tendo sido a vítima a vários meses atrás de um incêndio começado por dois empregados descuidados e um cigarro aceso. A edificação em si ainda estruturalmente firme, mas a perda da mercadoria dentro havia levado os proprietários a fechar seu negócio e fugir da cidade antes de seus credores vierem clamar por reembolso. O armazém tinha sido abandonado, até seus atuais ocupantes — bem diferente dos proprietários anteriores — se mudarem.

Em um escritório no andar de cima, em uma mesa pesada que tinha sobrevivido ao incêndio com apenas danos mínimos, Jenna Cross sentava-se com a sua cabeça em suas mãos. A sua mente estava girando com os eventos das semanas anteriores.

Era inacreditável. Por todo o mundo, vampiros estavam enfraquecendo-se, até morrendo. O murchamento estava agora afetando praticamente a população inteira de Membros, exceto os sangues-fracos, e não havia garantia que eles não seriam os próximos. O estranho e inexplicável fenômeno surgiu em todo lugar. Ela havia escutado contos de um vento quente que destruíra aqueles por sobre quem ele passava, de uma nuvem ondulante de escuridão que deixava pânico e cadáveres atrás dela. E ela escutava outros rumores, menos vastos, mas não menos perturbadores: algo estranho havia se erguido dos antigos esgotos de Londres e comido todos os Nosferatu; uma massa de cadáveres havia se erguido e se contorcido através do centro de Manhattan; algo mais estava fazendo todos os Membros do Cairo a fugir ou enlouquecer. Era

o suficiente para fazer até Cross, a qual havia sempre dispensado as profecias de Jack como delírios lunáticos (e maldição, ela sentia falta dele agora!), perguntava-se se talvez havia mais desta coisa de Gehenna do que ela havia pensado.

E apesar disso tudo, com todo o mundo desabando em volta dela, a Camarilla continuava a focar-se em seus sangues-fracos!

Eles haviam ficado alucinadamente insanos, Hardestadt e os outros. Era a única explicação possível. Nas últimas semanas, as tropas de assalto haviam eliminado qualquer pretensão de sigilo. Ah, eles ainda defendiam hipocritamente a Máscara, mas qualquer noção de abrigo de guerra havia desaparecido. Cross ainda se lembrava com um estremecer a explosão que havia abalado as paredes e chocalhado seus dentes uma manhã um pouco antes do amanhecer. Ela lembrou-se de tomar abrigo no porta-malas de um carro enquanto o amanhecer se aproximava, observando através de lágrimas ensanguentadas enquanto o lar dela era reduzido a cinzas, ao longo com todos os outros sangues-fracos que possuíam casas na quadra. Ela não havia apenas perdido uma casa nessa manhã. Ela havia perdido amigos, pessoas que haviam sido tanto incapazes de escapar da conflagração quanto daqueles que haviam conseguido encontrar abrigo nos minutos que eles tinham antes do sol nascer.

As quantidades superiores de sangues-fracos tinham significado nada diante de um inimigo que simplesmente parou de seguir as regras. Havia nada que eles pudessem fazer, em lugar nenhum eles podiam revidar. Cross não estava preparada para destruir a sua própria cidade para ficar com ela, mas a Camarilla aparentemente tinha nenhum desses escrúpulos. Após a terceira noite seguida de bomba incendiária, o governo havia dado uma ajudinha. A polícia e unidades militares patrulhavam as ruas dia e noite, e centenas se não milhares de pessoas foram pegas por questionar baseado em nenhum critério mais forte do que a proximidade aos ataques ou a origem de seus pais errados. E ainda assim os ataques tinham continuado, para Hardestadt e os outros líderes da Camarilla que tinham orelhas suficiente no governo e militares para continuar seguindo com as patrulhas e atacar enquanto eles estavam em outro lugar. LA queimou, vizinhanças inteiras foram evacuadas, pessoas se amontoavam aterrorizadas em suas casas, e ainda continuavam.

E Cross perdeu, quando ela soube no momento que isto começou que ela devia.

Em meras semanas, ela e seu pessoal haviam perdido quase todos os ganhos que eles haviam conseguido em meses de luta. Alguns poucos bolsões de resistência sangue-fraco remanesciam em Los Angeles, mas a maioria do pessoal dela havia recuado para cidades menores e vizinhas. O “quartel” dela, este decrépito e antigo armazém em Long Beach, foi a sua terceira desde a destruição de sua casa. Provavelmente não seria a última, também, mas por pelo menos algumas noites ela deveria ficar segura.

Permitindo-se ao luxo de somente porque ela sabia que ninguém do seu pessoal estava na parte de cima com ela, Jenna chorou pela perda de amigos e sonhos perdidos.

“Acredite em mim ou não,” uma rouca, mas suave voz disse atrás dela, “eu compreendo.”

Cross se colocou de pé, com a Glock na mão, antes da última lágrima atingir a mesa. Três passos rápidos para trás levaram ela para fora do alcance de quem fosse que pudesse estar lá de pé — não que ela não tivesse reconhecido a voz — e em posição de se jogar tanto pela porta quanto atrás da mesa.

“Beckett,” ela rosnou. Então ela piscou. “Você está um lixo.”

Beckett assentiu. Seus olhos estavam afundados, sua pele pálida. Ele olhava como se ele não tivesse se alimentado por noites. Suas roupas estavam desgrenhadas, e ele carregava as cicatrizes de várias queimaduras que ainda não tinham se curado completamente. Que ele havia abandonado seus óculos escuros em algum lugar ao longo do caminho perdeu-se em Cross; ela tinha apenas visto ele uma vez, e nunca havia conhecido o *porquê* de ele usar as sombras a esta hora. “Você não está parecendo-se especialmente em ordem.”

“Você está aqui para tomar vantagem disso?” Ela demandou com algo de seu antigo fogo. “Está aqui para finalizar o serviço afinal de contas?”

Beckett suspirou e sentou em um canto da mesa. “Cross, você *recebeu* minha mensagem, certo?”

“Sim. Entregue pelo único de meu pessoal que você não *matou* em Miskolc.”

“Pessoal que você enviou para *me* matar, se me recordo. Não espere quaisquer desculpas por isto.” Então, balançando sua cabeça, ele continuou, “Cross, eu não vim aqui como seu inimigo. Se eu tivesse, eu teria tirado a sua cabeça fora por detrás sem sequer revelar que eu estava aqui. Eu estou mais fraco do que eu estava,”

ele admitiu, vendo como o quanto ele não podia precisamente esconder o fato, “mas eu ainda sou mais do que rápido o suficiente e forte o suficiente para isso.”

Cross olhou com desconfiança, mas ela abaixou a pistola. “Como você chegou aqui, afinal? Uma vez que nós descobrimos sua artimanha na casa, nós instalamos detectores de fumaça dentro e próximo de quase todas as portas ou janelas em cada edificação que nós tomamos. Você não deveria ser capaz de entrar sorrateiramente como névoa.”

“Eu não estou inteiramente convencido que funcionaria, Cross. Eu tive de realmente fazer um esforço para pairar em volta do detector longe o suficiente para não o ativar.” Beckett encolheu os ombros. “Mas como isto acontece, eu apenas me tornei um morcego e peguei uma carona na mochila que algum de seus meninos usam para carregar seu AK por aí. Então eu apenas esperei até ele entrar e eu me esgueirei até aqui.”

“Tudo bem, então por que? Se você não aqui para me matar — e eu não aceito completamente isso, ainda, a propósito — por que você *está* aqui?”

“Hã-hã. Seu turno primeiro. Como você me rastreou até Miskolc?”

Cross debateu-se em recusar-se a responder, ou mentir, e então mentalmente encolher os ombros. Por que se incomodar? “Consegui os números da ID de seu avião de um contato.”

Beckett assentiu. “Este contato, ele não seria talvez o mesmo cara que tem envenenado você contra mim, seria ele?”

“Envenenar? Dá um tempo, Beckett. Ele me falou *tudo* sobre você. Eu sei precisamente o que você faria a mim para descobrir mais sobre sua preciosa Gehenna — ou o que os outros fariam, se você até insinuasse a eles que eu era quem você acha que eu sou.”

“Eu não dou a mínima para quem você seja. Era este o mesmo homem?”

Ela cruzou seus braços e nada disse.

“Companheiro barbudo?” Beckett pressionou. “Camisa de flanela? Chama a si mesmo de Samuel?”

“A rebeldia escoou do rosto de Cross. “Como você conseguiu...?”

“Você tem sido manipulada, Jenna. Desde o começo. Se isto lhe fizer sentir melhor, eu também.”

Por vários minutos Beckett falou. No começo, Cross interrompia frequentemente, questionando esta afirmação ou desafiando

do-a. No final, entretanto, ela havia desmoronou para trás na cadeira dela, balançando a sua cabeça não em negação, mas em desespero e uma quantidade de raiva.

“Eu sou uma idiota,” ela disse por fim.

“Podia ser,” Beckett respondeu não comprometedoramente. Então, em resposta ao brilho da mulher, ele adicionou, “Ou podia ser algo mais do que isso. Cross, por que você acredita neste homem?”

“Ele é um aliado. Um amigo. Ele me advertiu sobre a Camarilla, sobre a Príncipe Tara. Ele nunca havia me guiado errado.”

“Exceto quando veio a mim. Por que você acredita nele?”

“Eu...” Cross na realidade lutou com as palavras. “Eu não tenho certeza,” ela admitiu finalmente.

Outro aceno de Beckett. “Condicionamento. Imagino que você nunca tinha visto ele há algum tempo, ou isto seria muito mais forte. Você tem sorte que tudo que ele fez foi fazer você de boba.”

Cross fitou ele. “Tudo bem, Beckett. Assumindo que você esteja certo — por que veio até mim com isto?”

“Por que eu havia tido um mês de merda, eu estou ficando sem tempo, e eu tenho de recomeçar completamente do zero. Eu não tenho nem o tempo nem a energia para continuar me esquivando de seu pessoal ou da Camarilla.”

“Bem, você não teria de se preocupar conosco por muito mais tempo,” Cross falou para ele, e Beckett pode quase ouvir a voz dela interromper. “Nós estamos apenas esperando o relógio agora. A Camarilla tinha mais ou menos nos esmagado.”

Ela tentou afastar o olhar, para esconder a emoção em seus olhos, mas o olhar fixo de Beckett segurou o dela. “Você não ouse desistir agora.”

Cross piscou. “Por que caralho *você se importa?*”

“Cross, o que você acha que o *murchamento seja?*”

“Eu — nunca havia pensando sobre isto, eu suponho.”

“Eu não sei precisamente também, mas tem algo haver com o fim. Talvez seja os próprios Antediluvianos, drenando a força e vida de suas progênes. Supõe-se que eles se ergam e alimentem-se na Gehenna. Talvez isto seja assim.”

“Você acredita neles?”

“Cross, eu *vi* um deles. De qualquer forma, o ponto é, seja o que estiver acontecendo, começou no topo — nos anciões — e

operou o seu caminho a baixo. Os únicos membros não afetados de longe são os sangue-fracos. Você e os seus.

“Eu não sei se algum de nós vai sobreviver a Gehenna, Cross. Provavelmente não, para ser honesto. Mas se *alguém* conseguir, este vai ser você. E isso significa que caberá a você a recriar.”

“Oh, Deus, sem pressão lá.”

“Não fique irritada. Você provavelmente morrerá antes de chegar a isso.”

Cross apenas olhava para ele. “Isto é você tentando me animar?”

“Isto é eu lhe dizendo como é isto. Você provavelmente sobreviverá apenas um pouco mais tempo do que o resto de nós, se tanto. Mas apenas talvez, você permanecerá. E isso significa que você tem de continuar *agora*. Não desistir.”

“Grande discurso, treinador. Como nós fazemos isto?”

“Você e eu temos dois inimigos em comum, Cross. Um, eu vou te ajudar a lidar. O outro...” Beckett levantou-se e apontou para fora da janela. Cross seguiu o gesto dele, e viu uma figura se posicionando sobre o telhado próximo. Um homem negro grande, com uma jaqueta de couro e um boné de baseball.

“O outro,” Beckett continuou com um sorriso, “requer um especialista.”

“Esse é quem eu acho que é?”

“Provavelmente. Diga para seu pessoal deixá-lo entrar, e nós conversaremos.”

Pela primeira vez em semanas, Jenna Cross sorriu.

Apartamentos Parque Lincoln Chicago, Illinois

A batida na porta foi alarmante, não somente porque o proprietário do apartamento estava perdido em pensamento, mas porque ele nunca recebia visitas. Nunca. Cautelosamente ele se levantou da mesa de computador na qual ele estava sentado e ergueu um pesado revolver Smith & Wesson de um gabinete próximo da porta. Um momento de concentração fez sua forma embaçar e desaparecer até que ele estivesse, para todos os efeitos práticos, invisível à vista mortal (e a maioria dos imortais). Então e somente então ele inclinou-se para dar uma olhada fora no olho-mágico.

Por um longo tempo ele simplesmente olhou fixamente. Ele não tinha pensado em ver a pessoa no salão — pelo menos não em pessoa — por algum tempo considerável. Então, chegando a uma decisão, ele se permitiu ficar visível mais uma vez, enfiou a arma de volta no gabinete e abriu a porta.

“Beckett!” Ele disse com um sorriso bem forçado, dando um passo para o lado permitindo seu amigo entrar. “Isto é completamente uma surpresa. Por favor, entre.”

Por um tempo, entretanto, Beckett fez nada do tipo. Ao invés, ele simplesmente fitou. “Bem,” ele disse afinal, balançando sua cabeça em deslumbramento, “isso explica muito.” Ele finalmente entrou e bateu a porta atrás dele. “Como você está, Okulos?”

“Muito melhor. Como você pode ver, os ferimentos estão todos a muito curados.”

Beckett fitou seu amigo no rosto. “Isso não é tudo o que mudou, pelo visto.”

Ele correu uma mão sobre sua mandíbula. “Você gosta?”

Okulos, um Nosferatu antigamente tão feio quanto um pesadelo feito de carne, agora parecia quase humano. Ele tinha sido bonito — inferno, ele nunca tinha sequer alcançado os patamares da “média abaixo” — mas suas características haviam se realinhado, sua carne perdeu muito de seu tom hostil. Na iluminação fraca ou em uma rápida olhada, ninguém pensaria nela qualquer coisa a não ser um homem pouco atraente.

“O murchamento? Beckett perguntou.

Okulos assentiu. “Eu sou um dos — bem, sortudos, você poderia dizer. Somente alguns do meu clã haviam sido afetados desta maneira. Mesmo poucos foram mudados tão cedo no processo quanto eu fui. Eu aparentava como esse bem antes de eu começar a ficar fraco.”

“Estou a ver. Sortudo.” Beckett vagou através do apartamento até ele se encontrar pela janela. Ele puxou as cortinas de lado e deu uma olhada para fora por sobre as luzes piscantes de Chicago.

E lá ele ficou, como se esperando. Finalmente, logo quando Okulos abriu sua boca para perguntar, Beckett falou.

“Foi a pistola de sinalização que empurrou tudo no lugar, Okulos.”

Okulos piscou uma vez. “Desculpa?”

“A pistola de sinalização. Você sempre praguejou por eles. Ainda assim tinha o bandoleiro quando eu encontrei você em

Kaymakli.” Beckett continuou a olhar para fora da janela. “Devia ter usado algo mais quando você derrubou Rayzeel.”

“Uma quantidade de Membros usa pistolas de sinalização, Beckett.”

“Certo. Mas é raro o suficiente de ser memorável, e foi o suficiente para me pegar pensando. Eu não conhecia o ‘Samuel’, mas ele claramente me conhecia. Me conhecia bem o suficiente para seguir-me até Viena. Para manter Jenna Cross informada do meu progresso, dar a ela o número de identificação do meu avião. Para seguir-me até o Iraque. Conhecia Cesare bem o suficiente para enganar Theo Bell com uma personificação; Bell não conhecia bem Cesare, mas ele era observador por natureza. Exatamente uma pessoa no mundo poderia ter feito tudo isso, Okulos.”

Beckett finalmente se virou. Seu velho amigo estava olhando fixamente para ele com olhos meio tampados, posicionando-se relativamente imóvel no centro da sala.

“Diga-me uma coisa, Okulos. Por que assassinar Victoria Ash? Eu havia escutado que Hardestadt fixou isso em minha lista de crimes; suponho que isso foi obra sua.”

“Porque ela ajudou você. Ela apontou você direto para os Tremere, e eu não ia deixá-la fazer isso novamente. E mais, ela ainda se preocupava com você em algum lugar naquele coração negro dela.”

“E Cross? Como você fez Cross embarcar?”

“Sólidos conselhos táticos. Eu ainda tenho inteiramente alguns contatos nos escalões da Camarilla, o suficiente para mantê-la competitiva com Hardestadt e sua junta. E um exagero pouco judicioso de alguns medos e inseguranças.”

“Para não falar de um pouco de manipulação mental.”

“Isso também.”

Beckett assentiu. “Isto certamente explica o porquê de você ter podido encontrá-la quando Hardestadt não podia, não é?” Ele balançou a sua cabeça, em admiração relutante. “Isto tudo não pode ter sido fácil, com o murchamento. Você deve ter ficado aterrorizado que a máscara de Cesare poderia cair.”

“Isto foi preocupante, sim” Okulos ainda soava casual, como se eles estivessem discutindo resultados de baseball. Beckett imaginou que ele estava revelando seus segredos tão facilmente porque ele *queria* que Beckett compreendesse o que ele havia feito. “Mas é impressionante o que alguém pode fazer quando alguém

tem a motivação apropriada. Eu apenas tinha de segurar isto tempo o suficiente para passar por aquele bruto tosco.”

“E você não ficou preocupado de alguém ver através da máscara do seu ‘Samuel’ porque não era sobrenatural.” Beckett balançou sua cabeça. “Barba falsa?”

“Junto com outras maquiagens.”

“Certo. E desde que você pareceu menos monstruoso agora, uma barba grossa cobriria quaisquer traços remanescente de desumanidade.” A compostura de Beckett quebrou-se levemente e ele falou com expressão carrancuda, com um rosnado baixo se formando em sua garganta. “Do lado de fora, pelo menos.”

O olhar fixo de Okulos mudou brevemente para a arma no gabinete. Beckett balançou sua cabeça novamente. “Nem sequer tente.”

“Por que eu iria? Mate-me se quiser, Beckett. Isto não mudará alguma coisa agora. Meu propósito aqui nunca foi matar você, apenas garantir que você nunca encontrasse o que você estava procurando. E agora, agora é tarde demais. O caos move-se através da sociedade dos membros. Uma das maiores seitas se desintegrou, enquanto que o outra ameaçava tombar com a mais leve cutucada. Criaturas do tipo que nós não poderíamos sequer imaginar neste momento ano passado estão entre nós. Não há outra forma de você pode encontrar suas respostas antes do fim, Beckett, não agora que eu forcei você a começar de novo do zero. Então mate-me, se você desejar. Isto apenas significa que eu morrerei alguns meses mais cedo. Eu ainda vencerei.”

O silêncio na sala ficou rijo, quase quebradiço enquanto os dois vampiros encaravam-se um ao outro. Claramente, Okulos estava esperando por algo, pela pergunta específica que ele a muito havia ansiado em responder.

Beckett se recusou a perguntá-la. Ele não tinha. Ele sabia o porquê que Okulos tinha feito isto, deveria ter imaginado isto muito antes.

Na única noite que ele passou em Kaymakli, as aparições e as imagens que eles causavam sobre ele haviam infectado e distorcido seus sonhos como uma doença. Ele tinha visto eventos passados através de um filtro de raiva, de ódio, de culpa. E em um desses sonhos, o aprisionamento de Okulos não foi acidente, mas o resultado de um ato deliberado de sabotagem.

Uma noite. Okulos tinha sido aprisionado naquele lugar horripilante por anos, os sonhos constantes chocando-se com suas memórias até que nenhuma quantidade de esforço pudesse possivelmente ter separado eles. Somente Deus sabia o que ele pensava

que Beckett tinha feito, ou o porquê. Somente Deus sabia quais remorsos Okulos alimentava. Talvez ele pensasse, que ele havia se libertado, que ele podia ter obtido êxito onde Beckett falhou, podia ainda ter encontrado alguma forma de impedir o fim antes dele ter começado. Somente Deus sabia a quanto tempo atrás ele havia verdadeiramente ficado louco, desde que os desejos mesquinhos e vingativos da Besta haviam começado a governar até sua mente consciente. Entretanto, isso ele culpava Beckett por seu aprisionamento, era claramente óbvio.

E o que foi pior, Beckett tinha vindo para uma realização horripilante quando ele descobriu quem Samuel era. De uma forma, Okulos estava certo.

Não, ele não havia deliberadamente orquestrado o cativeiro de seu amigo. Mas ele tinha *realmente* feito tudo que ele pode para libertá-lo, como ele havia jurado que ele faria? Pela maior parte dos anos que se passaram, seus esforços para libertar Okulos tinham ocupado apenas seu tempo livre, apenas quando ele nada mais tinha a fazer que ele estava perseguindo mais ativamente.

Mas o que tinham aquelas outras ocupações alcançadas? Encarar a própria Gehenna, ele não estava nem mais próximo de suas respostas do que ele tenha estado, e o pouco que havia realizado tinha acontecido após Okulos estar livre. Certamente ele poderia ter, *deveria* ter, passado mais de seu tempo trabalhando no quebra-cabeça que era Kaymakli. Se ele tivesse, se ele tivesse feito como ele prometeu ao invés de perder seu tempo, poderia Okulos ter caminhado livre mais cedo? Poderia ele ter caminhado livre antes dos sonhos dos mortos ter levado ele ficar louco?

Beckett podia não ser culpado do pecado para o qual Okulos tinha punido ele, mas suas mãos estavam longe de estar limpas.

Nenhuma delas significava, é claro, que Beckett teria sequer perdoado o que Okulos tinha feito desde então.

“Okulos,” Beckett disse, “olhe para mim.”

“Eu estou. E eu gosto do que eu vejo. Um quebrado, derrotado —”

“Não. Olhe.”

Okulos já teve as habilidades perceptivas quase iguais aos do próprio Beckett. Mesmo agora, enfraquecido como ele estava, ele era mais do que capaz de ler auras.

Com um vingativo riso forçado, Beckett observava a expressão enrugada do Nosferatu. “Não pode ser...” Okulos ficou chocado, na realidade recuando um passo.

A aura que ele viu cintilando em volta de Beckett brilhou com o leve brilho de completa calma, completo contentamento.

Onde estava a raiva fervilhante, a frustração paralisante, o profundo desânimo da falha?

“Você apareceu muito tarde, Okulos,” disse Beckett para ele, cada palavra um golpe que parecia atingir Okulos fisicamente no intestino. “Você impediu Rayzeel de me dizer o que eu precisava saber, mas não antes dela ter mencionado os nomes dos outros irmãos dela com quem ela havia compartilhado o conhecimento dela. Foi simples o suficiente para localizá-los depois que você desapareceu. Eu sabia que você não estaria me observando por mais tempo.”

“Não. Não!”

“Sim. Eu apenas queria que você soubesse.” Beckett roçou para adiante do Nosferatu gaguejando e abriu a porta. No salão, ele parou e olhou brevemente por sobre seu ombro. “Mate-me se você quiser, Okulos,” disse ele suavemente. “Não importa. Eu venço.”

A porta batendo quase não silenciou inteiramente os gritos agonizados de Okulos.

Do lado de fora dos Apartamentos Parque Lincoln Chicago, Illinois

Kapaneus encontrava-se no estacionamento, seu rosto uma máscara de concentração. Atrás dele, atrás longe o suficiente que eles pudessem não entreouvir qualquer conversa sussurrada, esperava Jenna Cross e acima uma dúzia de seus companheiros mais próximos.

Somente quando Beckett pisou para fora da escuridão antes dele ter feito o ancião permitir sua concentração cair. Com uma expressão cansada, ele olhou para cima no recém-chegado. “Funcionou?”

“Parece que sim. Estou surpreso que você não escutou o grito daqui.”

“Eu estou contente. Mascara a própria aura de alguém é uma tarefa simples o suficiente. Mascara a de mais alguém... eu não tinha certeza de que eu pudesse mantê-la uma vez que você deixou minha visão.”

“Você se saiu bem, Kapaneus. Okulos na realidade acredita que eu não seja uma ruína desesperadamente depressiva.”

“Isto é uma coisa cruel que você está fazendo a ele, Beckett. Você sabe disso.”

“Sim. Esse é o porquê de eu estar fazendo isto. O bastardo merece sofrer por um longo tempo pelo o que ele fez. Infelizmen-

te, nós não podemos deixá-lo sofrer todo esse tempo. Ele pode decidir vir atrás de mim novamente, uma vez que ele supere o choque. E existem outros caras que tem um rancor ou dois a resolver.” Beckett se virou e acenou para os outros.

“Apartamento 316,” disse ele à Cross uma vez que os sangue-fracos se aproximaram. “Ele tem um revólver próximo da porta, e ele provavelmente tem pelo menos uma pistola sinalizadora escondida em algum lugar no apartamento.”

“Não se preocupe, Beckett. Esse bastardo bagunçou com a minha mente, enviou-nos atrás de você, e fez uma quantidade de meus amigos morrer. Eu *espero* que ele ofereça resistência.”

“Você tem certeza de que está pronta para isto, Cross? Ele é mais velho do que os dez de vocês combinados. E nós não sabemos com certeza que ele não tenha colocado outras proteções na sua cabeça. O fato que você era capaz de ver através das mentiras dele é um bom sinal, mas isto não prova que você esteja livre e limpa.”

“Eu não me preocuparia.” Jenna Cross sorriu sordidamente e gesticulou para várias das bolsas que seus amigos carregavam. “Eu não planejo chegar perto o suficiente para ele dizer alguma coisa para mim. E o que nós estamos carregando poderia derrubar *você*.”

Beckett assentiu, e Jenna Cross entrou no prédio para ter algumas palavras finais com “Samuel”. Beckett e Kapaneus esperaram no estacionamento até o tiroteio parar — apenas para ter certeza — e então desapareceram pela noite.

A Pousada Missão Beira-Rio, Califórnia

Hardestadt nunca o viu chegando.

Ele estava perambulando pelos salões da Pousada Missão, profundamente perdido em pensamentos, retornando a seus quartos privados após outra sessão estratégica com aqueles anciões que ainda não haviam sido massacrados, desaparecidos ou tolamente sucumbido ao murchamento. Sua lista de aliados estava diminuindo a um ritmo prodigioso — o que não era necessariamente uma coisa ruim. Ele não precisa realmente deles para manter o assalto sobre os sangues-fracos; inferno, isso era quase todo o seu plano para começar. E os poucos anciões que restassem, menos competição ele tinha para o sangue dos prisioneiros, e o mais fácil seria

remodelar a nova ordem totalmente para seus próprios propósitos. Ele desejava saber o que havia acontecido com Tegyrus, por curiosidade, mas ele não sentia falta especialmente do homem.

Num momento, Hardestadt estava abrindo a porta para seu quarto privado, preguiçosamente contemplando outra viagem para o mais próximo centro de encarceramento. No outro, a dor lançada através de seu corpo como várias balas, lançadas com um silvo de uma 45 com silenciador, entrou em suas vísceras.

A poucos meses atrás, Hardestadt poderia provavelmente ter conseguido se sair de tal ataque. A maioria dos Ventrue era abençoada com a mesma resiliência e tolerância para ferimentos que os Gangrel, e um tão antigo quanto este poderia ignorar completamente o que iria, até sobre outros Membros, se provar um ataque fatal. Agora, enfraquecido como ele estava, o ataque arremessou ele contra a parede, a dor afundando ele mais do que o suficiente para impedi-lo de se defender ou até de gritar.

Com seu rosto uma máscara de fúria e agonia, Hardestadt olhou para cima. Ele viu vários indivíduos por todo o espaço, todos armados com ambas armas de fogo e lâminas. Ele focou-se naquele que estava de pé diretamente diante dele, aquele quem havia atirado. Com seus olhos bem abertos enquanto ele olhava em um rosto de pele escura acima de uma jaqueta de couro pesada.

“Eu não esperava vê-lo por aqui novamente,” apresentou-se Hardestadt, com sua voz firme o suficiente para ocultar seu sofrimento.

“O que eu posso dizer? Respondeu Bell. “Eu sou imprevisível desta maneira. Jenna Cross diga oi, a propósito. E adeus.”

“Você acha que é assim fácil, traidor? Você sabe melhor do que qualquer outro, este lugar está se *arrastando* com guardas. Ao primeiro som de combate e eles estarão aqui em segundos.”

Isto tomou de Hardestadt um tempo para reconhecer o profundo e retumbante som vindo de seu ex-servo como uma gargalhada. “Nenhum dos guardas desse andar vai nunca mais escutar qualquer coisa, Hardestadt. Como você acha que eu sequer cheguei aqui? Eu conheço a sua segurança melhor do que você, e eu tenho esse time inteiro de pessoal da Cross —” e aqui ele gesticulou para outros em volta dele, “— os quais ficaram apenas muito felizes em me apoiar nisto.”

Bell casualmente enterrou a pistola que ele carregava na cinta de sua calça jeans, e lançou sua tradicional espingarda de sobre o seu ombro.

“Olhe por outro lado, Hardestadt,” disse Bell a ele. “Olhe o quão bem sucedidamente a Camarilla fugiu uma vez que seu senhor foi morto.”

Seu senhor? Beckett deve ter dito à Bell a verdade, aquele bastardo!

“Então apenas imagine,” continuou o ex-arconte, “o quão melhor será com *você* ido embora. Inferno, eu podia até estar desejando me inscrever de volta.”

Qualquer resposta que Hardestadt podia ter feito era silenciar-se para sempre na explosão ensurdecadora de um calibre doze.

Em outro lugar

Do Iraque, a grande sombra que era o Lasombra — da mesma fora que era Monçada, Leviatã e todas as outras manchas que haviam alimentado e modelado o Abismo — fluiu para fora. Ela fez seu caminho através dos países, através até de continentes, de acordo com nenhum plano ou padrão que qualquer mente de ser vivo poderia reconhecer. Ela virou aqui, vagou lá, como se escolhendo sua direção com capricho. Desaparecia durante a noite, apenas para reaparecer a milhares de quilômetros e até oceanos inteiros de distância. Conforme as novidades do estranho fenômeno viajavam através do globo, o pânico se espalhava antes dele como uma onda de choque. Os alertas de terror estavam se elevando, unidades militares e de controle de doenças misturavam-se. Diante da escuridão, as pessoas fugiam. Dentro da escuridão, as pessoas oravam, e várias delas morriam.

Onde a escuridão tinha passado, a Estrela Vermelha brilhava, brilhava tão claramente que ela ficava finalmente visível até para mortais olhos nus. E na luz da Estrela Vermelha, as pessoas começaram a *ver*. O olhar fixo deles perfurava as sombras que até a luz do sol não poderia nunca penetrar.

Em eras passadas, muitos tinham conhecimento das coisas que dividiam a noite com eles, mas eles tinham sido feitos para esquecer. Sempre, alguns sabiam, mas eles tinham sido silenciados ou ignorados. Nos anos recentes, alguns tinham tanto visto quan-

to sido imbuídos com a capacidade de reagir, mas muitos desses haviam ficado loucos. Entretanto, os poucos que não ficaram, espalhavam a palavra.

Sob a luz da Estrela Vermelha, e em quantidades ainda maiores, os vivos verdadeiramente viram o que havia sido em volta deles desde o princípio.

epílogo:
Aurora

*Não há salvação em matar
Nem fazer o Amaldiçoado esquecer*

– Os Fragmentos de Erciyes, “Profecias”



Boate ElaZtic

Algum lugar na América do Norte

“Eu apenas não tenho certeza do que eu possa fazer por você, Beckett. Você sabe como as coisas estão agora. Eu não fico com a minha cabeça abaixo do radar, eu provavelmente o perdi, sabe?”

Os dois estavam sentados em uma cabine escondidos no canto da boate, e Beckett tinha se inclinado para frente e mantido um olho constante nos lábios do outro vampiro para distinguir suas palavras. A música explosiva — uma cacofonia de ruídos eletrônicos reunidos por alguém chamado de DJ Antraz — que bombeava tão ruidosamente a edificação sacudia com o baixo, e Beckett se retraía com a dor enquanto ela assaltava sua enfraquecida, mas ainda aumentada, audição. A pista de dança estava menos cheia do que uma vez podia ter sido, porque muitas pessoas haviam ficado com medo de se reunir em grandes grupos, mas aqueles presentes batiam e ondulavam para a música com um abandono que teria deixado as ménades orgulhosas. A maioria estava bêbada ou alta, e as mesas da boate estavam tão atulhadas com pós e seringas quanto elas estavam com petiscos. Ninguém se preocupava. A polícia coisas *bem* melhor para fazer com o tempo dela, se ela estivesse sequer fazendo alguma coisa.

O espaço parecia flutuar diante dos olhos de Beckett, balançando e inchando no tempo com a música. Ele se deu um tapa mental e se forçou a focar. Tempo suficiente para entrar em colapso depois. A essência, a combinação de álcool e café e doce e sangue contaminado com droga, não estava ajudando.

“Veja... Richard,” disse Beckett ao Membro vestido de couro diante dele, quase nem capaz de lembrar seu nome de contato, “Eu não estou pedindo para você fazer alguma coisa perigosa. Eu apenas preciso encontrar o Archimedes. Eu sei que ele está aqui, mas o Nosferatu foi tão longe no subterrâneo que eu não saberia sequer onde procurar. Se você pudesse apenas me apresentar ao príncipe, eu tenho certeza que ele —”

“Esqueça isto. De jeito nenhum.”

A cabeça de Beckett flutuou. Ele agarrou o assento do lado dele, debaixo da mesa onde Richard não pudesse ver, para se man-

ter firme. “Por que não?”

“Qual é, cara! A única razão pela qual eu não estou pendurado em uma das prisões do príncipe é porque eu me fiz útil quando eu pude, e fiquei —” Richard parou tempo o suficiente para acenar para uma garçonete parecendo assolada (e doidona) que estava tecendo o caminho dela através da pista de dança em direção a eles. “— nas sombras quando eu não podia,” concluiu ele um tempo depois. “Merda, por todas as razões, eu deveria estar reportando que você está na cidade, Beckett. Um vampiro da sua idade é uma fodida de uma iguaria. Mas nós vamos voltar muito longe para isso.”

O que significava que Richard iria esperar até que ele estivesse fora da vista, e *então* reportar ele. Beckett fez uma careta.

“Você realmente acha que você vai provavelmente acabar no cardápio do príncipe? Você é a cria de um primogênito, pelo amor de Deus.”

“Beckett, você esteve com seus olhos *abertos* enquanto você esteve viajando? Agora é cada lambedor por si lá fora. A Camarilla está praticamente em colapso por completo, e você sabe muito bem disto. Desde a morte de Hardestadt — diga, eu não ouvi falar que você tinha algumas negociações com ele não muito antes dele ter morrido?”

Beckett simplesmente acenou desdenhosamente.

“Certo. Bem, você praticamente tem agora os seus príncipes locais e ninguém sobre eles com o chicote. Os príncipes fazem o que for que eles achem que eles têm de fazer para manter suas cidades funcionando e sua força em alta, e não há ninguém vaiando sobre isto. Neste momento, cara, a *última* coisa que você quer fazer é atrair um aviso do príncipe. E merda, de qualquer forma o Nosferatu que você está procurando provavelmente a muito já se foi.

“Agora eu vou sair daqui. Pelo amor dos velhos tempos, Beckett, eu irei lhe dar um conselho. Seja o que for que você esteja procurando, desista. Desapareça de Dodge, e mantenha-se longe. Não há mais um monte de Membros da sua idade, e você não tem um monte de aliados. Isso não torna você um jogador. Isso torna você uma pizza com *vitae extra*.”

Beckett observou enquanto Richard deslizou da cabine e fez seu caminho em direção à porta, olhando de relance nervosamen-

te para ele enquanto ele saía. Um tempo depois outra figura caminhou da multidão para sentar no lugar de Richard.

“Nenhuma sorte, eu presumo,” observou Kapaneus.

“Nada. Novamente.” Beckett desmoronou e colocou sua cabeça em suas mãos, esperando ainda por outro ataque de tontura passar.

Ele se perguntava, inutilmente, o quanto do caos era sua culpa. Hardestadt tinha sido o único ancião sobrevivente da Camarilla, mas aparentemente ele de alguma forma havia sido na mesma um elemento decisivo. Sua destruição nas mãos de Theo Bell e os sangues-fracos da Cross havia soado a badalada da morte para a seita. Outros anciões rapidamente desapareceram, e enquanto alguns foram sem dúvida se esconder ou entrar em torpor, muitos mais tiveram certamente caído para vampiros mais jovens encorajados pelo sucesso de Cross. Príncipes ainda governam em nome da Camarilla, mas Beckett sabia bem que não havia ninguém no leme.

Ele havia descoberto em primeira mão, nas suas viagens desde o confronto com Okulos, que os territórios do Sabá estavam ainda piores, embora não por muito. Nada mais mantinha os vampiros mais jovens desta seita em cheque, e eles ainda não tinham a memória da Máscara para refreá-los. A cidade do México era um enxame de caos e violência como nada visto no mundo moderno e havia estado por meses. E essa violência estava se espalhando. Até os territórios da Camarilla haviam ido bem além de “tumultos e conflitos de gangues”. Pessoas morriam às dúzias em uma base semanal na maioria das grandes cidades, enquanto que vampiros enfurecidos se alimentavam indiscriminadamente ou brigavam um com o outro. A grande sombra varria através dos continentes, e a estória oficial de que era uma arma biológica não autorizada do Oriente Médio era apenas muita conversa fiada. Agora os mortais através do mundo fechavam portas e janelas, e aparafusavam crucifixos e outros ícones nessas portas e janelas. Grupos haviam assumido a patrulha de suas ruas a noite, armados para tirar um exército invasor — e não apenas com armas de fogo, mas com lâminas e até estacas de madeira. Nenhuma mídia respeitável havia ainda usado a palavra “vampiro”, mas o rebanho havia finalmente despertado para a noção de que *algo* espreitava na noite, algo que

se alimentava de seu sangue e temia o aproximar do amanhecer. Inferno, era somente que a população vampírica estava murchando e se diablerizando em direção ao esquecimento numa velocidade arriscada que preservava em nada mesmo que remotamente como a Máscara.

A maioria dos contatos de Beckett estavam agora mortos ou desaparecidos, mas o pouco que ele ainda escutava disse a ele que as coisas haviam se espalhado além dos Membros. Ele havia escutado mais histórias de monstros selvagens, assombrações e visitas angelicais nos últimos meses do que a década anterior. Algo havia mexido as coisas que até vampiros temeram — lupinos e semelhantes.

E através disto tudo, apesar do caos crescente e do alastramento do fogo, Beckett havia continuado sua busca. O mundo em volta dele ficou aterrorizante, mas ele não iria sucumbir. Ele não mais conseguia se focar, não podia contar com a força de seu sangue. Inferno, a não ser que ele tivesse Kapaneus ou alguém para conversar, ele acharia isto difícil até para ordenar seus pensamentos. Ele não conseguia pela não vida dele lembrar-se de quanto tempo havia se passado desde que ele havia chegado perto de suas respostas com Rayzeel, ou até dizer com algum grau de certeza em qual cidade ele estava. Ele se lembrou que ele procurava um Nosferatu guardião chamado Arquimedes, e que ele havia escutado que Arquimedes tinha vindo nessa direção, mas foi só isso. E agora, agora a informação era inútil; mesmo se o Nosferatu estivesse aqui, Beckett não tinha como encontra-lo.

“Eu escutei algo interessante,” disse Kapaneus, e embora sua voz estivesse baixa, Beckett de alguma forma escutou ele claramente sobre a batida pulsante. “Aparentemente a violência em Los Angeles drasticamente se acalmou.” Ele gesticulou em direção ao jovem homem em uma mesa próxima, um jovem homem com um rádio. “De acordo com as notícias, a polícia lá foi ajudada por um grande bando de voluntários civis.”

“Então? A polícia irá receber ajuda de qualquer um que eles

puderem conseguir nestes —”

“De acordo com o relatório, o líder deste bando em particular é uma jovem mulher com o nome de Jenna Cross.”

Beckett ergueu sua cabeça e fitou incrédulo para seu companheiro.

“Eu suponho que isto faça algum grau de sentido,” continuou Kapaneus atenciosamente. “Qualquer um com olhos pode ver que é apenas uma questão de tempos antes que os mortais nos descubram. Talvez Cross sentiu que seria melhor se apresentar primeiro, para tornar seus sangue-fracos úteis ao invés de deixar os mortais virem a descobri-los como inimigos.”

“Você acha que ela falou às pessoas a verdade?”

“Eu imagino que a polícia esteja trabalhando lado a lado dela e seu pessoal deve saber que tem algo de incomum sobre eles. Meu palpite seria que ela se revelou para certas autoridades civis e ofereceu seus serviços.

“Esta pode ser a decisão mais sábia que ela poderia ter feito, Beckett,” o ancião comentou enquanto Beckett balançava a sua cabeça. “Se algum deles sobreviver a Gehenna, eles terão estabelecido aliados no governo. Eles serão capazes de ajudar a controlar a propagação da informação sobre nossa espécie. Eles podem ser a melhor esperança para os Membros.”

“Não há esperança para os Membros, Kapaneus, e você sabe muito bem disto!” Beckett estava gritando, de repente despreocupado com quem poderia escutá-lo; felizmente, a música impedia sua voz de ser carregada. “Você sabe tão bem quanto eu que a Gehenna é o fim. Eu duvido que *algum* de nós irá sobreviver a isto, *certamente* não o suficiente de nós para se preocupar com uma ‘nova sociedade’. Cros e os outros estão brincando com eles mesmos.”

“E ainda assim você é aquele que disse a ela que ela deve se empenhar para isto.”

“Eu menti. Eu precisava da cooperação dela.”

Kapaneus contraiu os ombros. “Uma falsa esperança ainda é melhor do que nenhuma.”

“Não, não é.” Os ombros de Beckett caíram. “Olhe para mim, Kapaneus. Eu estive caçando falsas esperanças por vários meses, e eu não estou perto das minhas respostas do que eu já estive.

Eu perdi a minha única chance com Rayzeel, e nós dois sabemos disto. Agora... agora eu estou apenas contando o tempo até o fim.”

“E o que você ao invés estaria fazendo, Beckett? Agarrando-se desesperadamente a glórias passadas e pode decadente, como os príncipes fazem? Alimentando-se e matando arbitrariamente, como os neófitos fazem? Lutando para deter a maré de violência lado a lado com os sangues-fracos? O que você faria, se não procurar suas respostas?”

Os olhos de Beckett arregalaram-se, como se ele tivesse sido esbofeteado. “Eu nunca pensei nisto dessa forma, eu suponho.” Ele suspirou uma vez. “Você sabe que eu não vou encontrar minhas respostas.”

“Mas você continuará tentando.”

“Mas eu continuarei tentando.” Beckett sorriu palidamente. “Por tanto tempo quanto eu puder aguentar.”

“Eu irei lhe ajudar, Beckett. Eu —”

“Caim!”

Piscou Kapaneus. “Desculpa-me?”

“Caim deve estar lá fora em algum lugar!” Falou Beckett excitadamente. “Eu nunca pensei sobre isto, porque eu estou tão acostumado a pensar nele como mito! Mas se a Gehenna está verdadeiramente sobre nós, e os anciões estão realmente despertando, Caim deve estar perambulando por aí também, certo? Se *alguém* poderia me dizer o que eu preciso saber —”

“Não seria ele,” disse Kapaneus suavemente. “Pense, Beckett. Pense em tudo que você sabe do Primeiro Vampiro. Eu presumiria que ele, de todas as pessoas, teria discutivelmente o *último* entendimento do que foi tudo aquilo. Lembre-se, de acordo com o mito, ele nunca acreditou que ele tenha feito algo de errado.”

Beckett pareceu murchar. “Você está certo, é claro.” Ele balançou sua cabeça. “Além disso, não é como se eu tivesse tido a menor pista de como encontrar ele.” Beckett piscou enquanto seus olhos ficaram desfocados mais uma vez. Ele sentiu-se fraco, nauseado. O espaço parecia girar e torcer com cada batida dos alto-falantes.

“Eu aposto que ele poderia parar tudo isto,” disse ele, mais por necessidade de se manter falando, se manter distraído da dor do murchamento, então fora de qualquer real desejo para conver-

conversar. “Se ele quisesse, é claro.” Beckett deu uma risada. “O que você supõe que ele anda fazendo, por todos esses anos?”

“Caim?” Os olhos de Kapaneus ficaram distantes. “Se eu tivesse de adivinhar, Beckett... eu imagino que Caim teria a muito se cansado de observar as brigas de seus descendentes entre si e atormentar o rebanho sobre quem eles alimentam. Eu imagino que ele teria a muito tempo procurado um lugar de solidão, algum lugar que ele pudesse esperar as noites finais sem temer ser perturbado.”

Beckett deu uma risada. “Como você fez, você quis dizer.” E então, abruptamente, o fundo do estômago de Beckett saiu.

“Ele pode ter deixado a caverna ocasionalmente,” disse Kapaneus, ainda olhando para o espaço, “enviando para fora seu espírito para observar e até ocasionalmente falar com os outros, com aqueles poucos com os olhos para vê-lo nessa forma. Mas fisicamente, ele teria esperado lá por séculos. Esperou até ele ter sido encontrado por alguém, alguém que ofereceria a ele uma última oportunidade de ver o mundo, de ver o que havia se tornado os seus descendentes antes deles não mais existirem.”

Os olhos de Beckett incharam, e pensou que ele podia desmaiar. Tinha de ser o murchamento. Ele estava simplesmente entendendo mal o que Kapaneus parecia estar dizendo. *Tinha* de ser isto.

“Ele teria acompanhado este alguém,” disse Kapaneus, “permitindo ele conduzir a sua própria busca, interferindo somente quando houvesse nenhuma outra opção.

“E eu acho,” disse o ancião, olhando diretamente para Beckett pela primeira vez, “que ele pode ter aprendido algumas coisas sobre a natureza da raça que ele tinha gerado. Coisas que ele podia caso contrário não ter conhecido. Este jovem vampiro e seus companheiros podem bem ter ensinado ele, o mais antigo de todos nós, algo sobre perseverança e devoção. Algo que o mais antigo, para sua vergonha, a muito havia esquecido.

“E finalmente, quando eles tinham nada mais a aprender um do outro — quando o jovem vampiro tivesse suas respostas,

mesmo se ele pudesse não as ver — eu acho então, e somente então, iria Caim seguir em frente.”

Beckett olhou fixamente em completa incompreensão por um longo tempo, olhou fixamente para o sorriso gentil de Kapanus. E então a música parou, o fedor do clube desapareceu, e tudo ficou escuro.

Um estacionamento

Em algum lugar da América do Norte

Ele acordou lentamente, bem lentamente, apenas verdadeiramente ciente de sua própria consciência quando ele percebeu que a luz estava ferroando seus olhos mesmo através das pálpebras.

Ele não havia realmente esperado acordar. De alguma forma, ele estava quase desapontado que ele tivesse; isto teria sido tão mais fácil...

Ele pode sentir a terra debaixo dele, sujeira seca, um pouco de grama moribunda. Cacos de vidro quebrado, curvados — provavelmente de uma garrafa de algum tipo. Ele cheirava a lixo, lixo nessa pútrida e líquida forma que apenas se solidificaram na base de contentores de lixo. Ele cheirava a urina, vômito, álcool...

Fumaça...

Beckett abriu seus olhos.

Ele estava, como ele suspeitava, no estacionamento atrás da boate, estirado no limite da propriedade. O que ele *não* havia esperado era o fogo, queimando alegremente ao lado de um antigo tambor de metal, que crepitava a meros centímetros de seu rosto. Mais provavelmente começou por algum homem sem-teto procurando se aquecer, algo que como o tinha derrubado, cobrindo uma porção do estacionamento com detritos flamejantes que ainda não haviam queimado por conta própria.

Beckett já tinha puxado o fôlego para gritar, lançar seu braço para proteger seus olhos, antes de ocorrer a ele que ele realmente não sentia a necessidade. Aqui estava esta labareda dançante não mais do que a alguns centímetros de onde ele se encontrava, ele ainda sentiu não a menor sugestão de pânico, não o primeiro traço da Besta por dentro batendo violentamente em torno de sua jaula, procurando escapar. No mínimo, o aquecimento era senão prazeroso.

Tirando a poeira de solo de seus joelhos — esquecendo que suas calças já estavam tão encrustadas com sujeira que isto possivelmente não poderia fazer alguma diferença — Beckett levantou-se para ficar de pé. Ele estava atônito com o quão fácil isto era. Ele havia sido tão fraco, antes dele finalmente entrar em colapso por dentro, dificilmente capaz de levantar um dedo ou falar uma palavra. Mas agora que ele se sentia forte, mais forte do que ele havia sido há muito tempo.

Isso é o porquê de o barril de fogo ter sido derrubado? Havia a Besta se rompido, alimentando-se indiscriminadamente dos homens e mulheres sem-teto que provavelmente haviam estado se aquecendo em volta dele? Seria tão fácil no meio do frenesi arremessar um cadáver contra ele ou senão bater violentamente nele sem sequer perceber. Mesmo agora, no final, ele tinha mais mortes em suas...?

Não. Não, não era isto. Beckett sentiu por dentro, procurando pelas profundezas de sua alma, e encontrou não mais do que traços de uma enfurecida ou raivosa Besta do que ele tinha de um alguém assustado. Para não falar nada do fato que o estacionamento estava completamente vazio de cadáveres ou sinais de carnificina.

Por apenas um instante, ele pensou que ele havia se recordado de uma impressão, a impressão de alguém meio que direcionando ele, meio que carregando ele para fora da boate após seu colapso. Kapaneus? Sim, poderia apenas ter sido ele. Beckett ainda podia sentir a sensação do braço de outro homem dando suporte a ele; seu ombro, onde o ancião havia deitado sua mão, ainda formigando, como uma queimadura bem menor.

Beckett sentiu o mundo girar em volta dele novamente, mas este era emocional, não os efeitos do murchamento. Ele havia pensando — esperado — que a realização do que ele tinha vindo para a boate havia falhado, o ridículo e risível resultado de sua fraqueza e exaustão. Mas ele sabia agora, sem inteiramente saber como ele sabia, que não era isto.

Não, ele não tinha se alimentado. Kapaneus — Beckett recursou-se firmemente a pensar no ancião por qualquer outro nome — havia garantido a ele a força que ele agora sentia. Tal, Beckett de repente percebeu, como Kapaneus havia protegido ele do murchamento por tão tempo, até mesmo o ancião não poder mais protegê-lo. Isto era, em retrospecto, a única resposta que fazia

sentido. Beckett tinha permanecido salvo do murchamento por tanto tempo porque ele havia sido escolhido. Ele apenas havia estado errado sobre *quem* havia escolhido ele, e para que.

Então por que agora? Por que havia o ancião garantido a ele este último pedaço de força, firmado ele — mesmo se apenas temporariamente — contra o pior do murchamento?

O que era que Kapaneus ainda queria que Beckett fizesse?

Próximo a um parque de cidade Em algum lugar na América do Norte

Ele tinha de descobrir logo. O sol estaria no alto muito antes, e ele tinha certeza disso, um sentido aparentemente recém-descoberto de calma a parte, ele provavelmente ainda não reagiria particularmente bem quando isto ocorresse.

Por horas ele tinha caminhado a esmo, seus pés escolhiam o caminho de seu próprio acordo. Embora ele não mais sentisse qualquer traço de fraqueza, seu passo estava teso, desajeitado, como um sonâmbulo.

Como o morto vivo, Beckett pensou de si mesmo, e então teve de morder seus lábios até eles sangrarem para impedi-lo de dar risadinhas maniacamente.

A boate estava bem atrás dele agora, embora tivesse ele olhado para trás, ele poderia provavelmente ainda ter visto uma fina e repulsiva coluna de fumaça do incêndio que ele havia deixado arder a fogo lento no estacionamento de trás da boate.

Não que ele precisasse se esforçar para ver os sinais de destruição. A cidade estava iluminada por mais do que um punhado de conflagrações bem maiores do que aquela que ele tinha acabado de deixar. Sirenes lamuriavam-se incessantemente na noite, e as pessoas na rua, bem menos numerosas do que o normal, se apressavam em seus caminhos, seus rostos retorcidos em máscaras de desespero e medo.

Beckett não mais sabia precisamente o que estava acontecendo no mundo. Ele tinha somente se lembrando parcialmente de partes de rumores que ele havia apanhado em suas viagens.

Ainda assim, ele sabia o suficiente. Isto havia finalmente se espalhado por sobre o rebanho, e se eles ainda não compreenderam a enormidade do que estava por vir, era certamente apenas uma questão de tempo antes do suficiente deles descobrir.

E isto, Gehenna ou não, Antediluvianos ou não, seria o fim.

Beckett balançou sua cabeça. De uma forma ou de outra, estava acabado para os membros. Eles morreriam em segredo, como eles haviam sobrevivido a estes muitos milênios, ou eles morreriam em um paroxismo de fúria e medo da humanidade, como eles haviam quase feito antes.

Ambos eram adequados, realmente.

De uma forma, Beckett se pegou invejando Lucita. A morte dela não poderia ter sido prazerosa, mas foi ligeira, rapidamente. E no final, mesmo se as intenções dela não tivessem sido altruístas ou nobres, o sacrifício dela tinha significado. A morte de Beckett nem sequer iria...

Ele congelou na calçada, desenhando um leve curso enquanto um pedestre apressado quase colidiu com ele. Seus olhos ficaram arregalados com o choque — e então, quase a despeito dele, Beckett começou a rir.

Realmente *foi* assim simples, não foi? Deixe isto com ele, deixe isto com os Membros, para complicar ainda mais as coisas.

A sua mente corria — agora não aleatoriamente ou desesperadamente, mas em direção a um destino muito específico — Beckett caminhou mais uma vez. Ele precisava encontrar apenas o certo —

Lá.

Um parque de cidade. Não bem conservado, mas cheio de jornais, páginas de revistas, guardanapos usados... um único escorregador permanecia acima de uma caixa de areia rasa, um enfileirado carrossel de propulsão manual ao lado dele. Insignificante, sombrio, sujo. Mas serviria.

Embora, não ainda. Ele tinha de vê-lo, pelo menos os começos disto. Uma última vez, ele tinha de vê-lo.

Lentamente, rigidamente, Beckett virou para encarar o leste.

E agora, não caminhando, não procurando, apenas esperando, ele nada pode fazer a não ser pensar, sua mente finalmente se estabelecendo sobre as conclusões que haviam sido estendidas por tanto tempo.

Ele havia estado certo — e tão terrivelmente errado. Era a

Gehenna; era o fim, sim. Ele nunca iria novamente ter a oportunidade de procurar suas respostas, mas isso não importava mais. Havia *nenhum* significado escondido por trás disto, nenhum propósito glorioso, nenhuma resposta final.

E isto era sua culpa.

Todos os seus frenéticos esforços das noites passadas, ao invés dos longos anos de sua busca, e isto era somente as palavras de um misterioso ancião e as ações finais de alguém que havia abandonado a sua humanidade, que levou a qualquer revelação, qualquer verdade do propósito dos membros. E era apenas isto:

Isto não importava.

Não importava o que Deus havia pretendido quando ele chegou em baixo e bateu em um fazendeiro que havia derramado o sangue do homem. Fez nenhuma diferença o que Deus havia pretendido ser a descendência de Caim. Uma lição, uma praga sobre a humanidade, um catalisador para forçar as nações da humanidade a trabalharem juntas – nada disto importava.

Para os Membros, enquanto amaldiçoados, ainda haviam desfrutado o maior de todos os presentes de Deus. O livre arbítrio. A capacidade para escolher, como Lucita fez, com todo o seu próprio propósito, o seu próprio significado.

Eles nunca haviam.

Seus líderes haviam brigado um com o outro, vendo apenas o que eles *queriam*, não o que *era*. Seus jovens haviam compreendido apenas o poder que eles agora tinham, e nenhuma das consequências. Seus eruditos, incluindo o próprio Beckett, eram os piores do tipo, por eles terem olhado somente para o passado por respostas, nunca procurando criar as suas próprias.

O céu começou a clarear no Leste, e Beckett – quem não havia, por razões óbvias, visto um nascer do sol a centenas de anos – não conseguia dizer o quanto do matiz vermelho da aurora vinha dos poluentes no ar, e o quanto das lágrimas de sangue que embaçavam a sua visão e corriam incontroladas por seu rosto abaixo. Sem sentido, sem sentido...

Exceto pelo significado que ele poderia dar *agora*, no final, como Lucita havia feito.

Este era o fim de seu mundo — talvez também o fim do mundo dos mortais. Era inteiramente possível, até provável, que não haveria amanhã.

Mas apenas talvez houvesse. Talvez alguma coisa, algum pequeno pedaço do mundo, iria sobreviver. Sobreviver, e crescer, e começar novamente.

E ele estaria lá. Por Deus, ele agora compreendia, e ele iria fazê-los ver que enquanto eles olhassem para os céus por respostas, eles nunca poderiam ver o mundo na frente deles. Eles iriam fazer o certo afinal.

Ou não. Mais provavelmente que, estes eram seus últimos momentos, e qualquer outra esperança era uma ilusão, um falso sonho tal como aquele que Jenna Cross perseguia em LA. Mas pelo menos, ele sabia. Ele sabia da resposta agora, mesmo se ele pudesse provavelmente nunca a usar.

E Kapaneus havia estado certo depois de tudo. Uma falsa esperança era melhor do que nenhuma.

Como a alegria de uma criança encantada, a risada de Beckett ressoou através do pequeno parque, ecoando para fora das árvores e do instável escorregador. Pela última vez, ele sentiu o poder do sangue fluir através dele enquanto ele concentrava a sua força, o sentia pulsando como se, por apenas um momento, seu coração batesse mais uma vez.

Enquanto o sol erguia-se na noite final dos Membros, Beckett chamou o poder garantido a ele por um fazendeiro excessivamente imponente, afundou lentamente na terra, e dormiu.



sobre o Autor

Ari Marmell esteve escrevendo mais ou menos constantemente pelos últimos dez anos, embora ele tenha apenas sido pago por isto pelos últimos três. (Se isso faz dele um determinado ou simplesmente cabeça-dura é uma questão de perspectiva). Ele é o autor de vários suplementos de jogos de interpretação, tanto para o Mundo das Trevas quanto para o sistema de jogo de fantasia favorito de todos. Ele gosta muito de ambos, e não se importa que você não goste. *Vampiro: Gehenna*, *A Noite Final* é sua primeira novela. Ari vive em Austin, Texas, com sua esposa George, dois gatos e sete neuroses diferentes. (Se você gostaria de adotar uma das neuroses, eles estão procurando por boas residências).

Reconhecimentos

O que você diz — a quem você agradece — em sua primeira novela publicada? Se Philippe me deu um capítulo inteiro para isto, eu não tenho certeza que eu pudesse dizer tudo o que eu queria. Então, em resumo, ou breve quanto eu puder, os sinceros agradecimentos: para Ryan, Ron, Gary, ambos os Jasons, Jamie e Jerel, os quais jogaram comigo por mais de um ano e me encorajaram a escrever se era o que eu queria fazer. Para minha mãe, Carole, por todas as razões do tipo de mãe. Para minha irmã, Naomi, pela honestidade brutal (e finalmente útil). Para a minha esposa, George, pela paciência acima e além do pedido. Para Philippe Boulle, pelo encorajamento o qual foi bom e ajudando a corrigir o que era — bem, menos bom. Para o Professor Robisson (o qual nunca irá ver isto e não irá de qualquer forma se lembrar de mim, mas eu estou fazendo isto porque eu disse a ele que eu iria), por ser honesto e por estar errado.

Por todos estes, e muitos mais, significa mais para mim do que eu possa dizer. Mas como isto é minha primeira novela publicada, há alguém que realmente precisa de atenção especial.

Para meu pai, Howard, o qual me ensinou desde de criança que histórias vem de algum lugar. Que elas não têm de terminar quando os créditos rolam ou a cobertura fecha. Sem ele, e as lições que ele ensinou sem (eu acho) sequer perceber que ele estava ensinando, Deus sabe o que eu estaria fazendo neste momento — mas não seria escrevendo.



50799



E
A
N
13

GEHENNA

THE FINAL NIGHT



VAMPIRE

uma Raça contra o armagedom

Por um milênio, os vampiros se alimentaram dos vivos, escondidos nas sombras da sociedade mortal. As lendas dizem que os mortos-vivos descendem de Caim, o primeiro assassino retratado na Bíblia, o qual transmitiu a sua maldição através de seu sangue. Essas mesmas lendas falam de um acerto de contas final, quando Caim e suas crianças malucas irão levantar-se do repouso e consumir todos os mortos-vivos. Os vampiros chamam isto de agora da Gehenna.

Para o vampiro Beckett, um pesquisador entre os mortos-vivos, significa a última oportunidade para compreender os mistérios da ruína de Caim – e em exceder os seus próprios pecados.

Vampiro: Gehenna, A Noite Final é o primeiro ato do Tempo do Julgamento, contando a estória de um abrangente Armagedom entre as entidades sobrenaturais do Mundo das Trevas®.

Ato um de três



dark fantasy

ISBN 1-58846-855-0
\$7.99 US WW11910



UPCA

0 99379 11910 4

GEHENNA
THE FINAL NIGHT

1

